



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ALEXANDRE MANUEL TEIXEIRA MOREIRA

**A Santidade: porta do Céu, calendário da vida.
O Ministério Episcopal da Santidade em D. António
Francisco dos Santos (2006-2017).**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

Porto
2020

«A santidade de vida sacerdotal é o nosso primeiro e imprescindível testemunho evangelizador.

O importante da nossa vida sacerdotal (...) é (...) encontrar a alegria da vocação e a santidade do ministério que santifique igualmente aqueles a quem somos enviados e dê sentido e beleza às nossas comunidades».

D. António Francisco dos Santos
(09/04/2009)

«A santidade, procurada ao longo da nossa existência terrena, é a porta do Céu e o início da bem-aventurança marcado no calendário da vida pela hora do nosso regresso a Deus».

D. António Francisco dos Santos
(04/06/2014)

RESUMO

A santidade – vocação universal de todos os filhos de Deus (cf. Ef. 1, 4; GS. n.º 34) –, constitui-se como um progressivo e decisivo caminho na vida e no ministério dos pastores da Igreja (cf. LG. n.º 39-42). A partir da Escritura, passando pela Patrística e pela vivência ministerial, a santidade apresenta-se, verdadeira e autenticamente, como a alta medida da vida cristã, percebida e apreendida desde a vivência quotidiana. Este modo de se ver, viver e conviver na vida assume e encontra o seu ideal no testemunho dos santos e santas de Deus, daqueles que se oferece(ra)m aos outros sem (pre)ocupações, que se entrega(ra)m na totalidade da sua existência e da sua vocação.

Para além dos santos aos quais a Igreja reconhece as suas heroicidades, são muitos os que, no anonimado das suas vidas, se entrega(ra)m totalmente aos outros enquanto autêntico sacramento de Cristo Bom Pastor. São inúmeros os testemunhos, extensos e imensos os momentos, gratificantes, belas e memoráveis as (record)ações. Isto mesmo se pode afirmar de D. António Francisco dos Santos: um pastor que se deu, serviu e amou a todos e a cada um, na total descrição da sua vida e na plena disponibilidade que Deus procurou, em cada dia e em cada momento, tornar presente – porque fazendo-Se presença – no seu coração. Dele advém um verdadeiro testemunho de santidade; nele reflete-se um autêntico e sincero sinal de Cristo pobre, humilde e sofredor; com ele permanece um genuíno sinal de santidade que, calendarizada e experimentada na terra, encontrou no coração de Deus a sua (e)terna morada no Céu.

Palavras-chave: Deus, Vocação, Santidade, Santos, Pastor, António Francisco dos Santos.

ABSTRACT

Holiness – is the universal aim of every son of God (cf. Eph. 1, 4; GS. n.º 34) – it constitutes a progressive and decisive path in the life and ministry of the pastors of the Church (cf. LG. n.º 39-42). From Scripture, through Patristic and ministerial experience, holiness presents itself, truthfully and authentically, as a high standard of Christian life, perceived and apprehended from everyday experience. This manner of seeing, living and coexisting in life assumes and finds its ideal(s) in the testimony of the saints of God, of those who offer themselves to others without (pre)occupations, who give themselves to the totality of their existence and their vocation.

In addition to the saints to whom the Church recognizes their heroics, there are many who, in the anonymity of their lives, give themselves completely to others as an authentic sacrament of Christ the Good Shepherd. There are countless testimonies, extensive and immense moments, rewarding, beautiful and memorable (reminders of these) actions. This can be said of D. António Francisco dos Santos: a pastor who gave himself, served and loved each and every one, in the total discretion of his life and in the full availability that God sought, in each day and in each moment, make it present – because by being present – in your heart. From him comes a true testimony of holiness; it reflects an authentic and sincere sign of the poor, humble and suffering Christ; with him remains a genuine sign of holiness which, calendared and experienced on earth, found in his heart God his eternal abode in heaven.

Keywords: God, Vocation, Holiness, Saints, Pastor, António Francisco dos Santos.

SIGLÁRIO

SIGLA	DISCRIMINAÇÃO	SIGLA	DISCRIMINAÇÃO
Bíblia			
<i>Antigo Testamento</i>		<i>Novo Testamento</i>	
1Res.	Primeiro Livro dos Reis	1Cor.	Primeira Carta aos Coríntios
1Sam.	Primeiro Livro de Samuel	1Jo.	Primeira Carta de João
2Cron.	Segundo Livro das Crônicas	1Pe.	Primeira Carta de Pedro
2Sam.	Segundo Livro de Samuel	1Tes.	Primeira Carta aos Tessalonicenses
Dan.	Livro de Daniel	1Tim.	Primeira Carta a Timóteo
Dt.	Livro do Deuteronómio	2Cor.	Segunda Carta aos Coríntios
Ex.	Livro do Êxodo	2Tes.	Segunda Carta aos Tessalonicenses
Ez.	Livro de Ezequiel	2Tim.	Segunda Carta a Timóteo
Gen.	Livro do Génesis	Act.	Atos dos Apóstolos
Hab.	Livro de Habacuc	Ap.	Livro do Apocalipse
Is.	Livro Isaías	Col.	Carta aos Colossenses
Jer.	Livro de Jeremias	Ef.	Carta aos Efésios
Jos.	Livro de Josué	Fil.	Carta aos Filipenses
Num.	Livro dos Números	Gal.	Carta aos Gálatas
Sab.	Livro da Sabedoria	Heb.	Carta aos Hebreus
Sir.	Livro do Eclesiástico ou Ben-Sirá	Jo.	Evangelho de João
Slm.	Livro dos Salmos	Lc.	Evangelho de Lucas
Os.	Livro de Oseias	Mc.	Evangelho de Marcos
Zac.	Livro de Zacarias	Mt.	Evangelho de Mateus
		Rom.	Carta aos Romanos
		Tit.	Carta a Tito

Metodologia		Outros Documentos	
AA.VV.	Autores Vários	<i>AAS</i>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
Cap.	Capítulo	<i>AH</i>	<i>Adversus Haereses</i>
Cf.	Conferir	<i>CdIC</i>	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
Col.	Coluna	<i>GC</i>	<i>Grande Carta</i>
Dir.	Dirigido	<i>PG</i>	Patrologia Grega
<i>Ibidem</i>	Refere-se à obra da nota anterior	<i>PL</i>	Patrologia Latina
IDEM	Refere-se ao autor da nota anterior	<i>RB</i>	Regra de Bento
N.º	Número	<i>RM</i>	Regra do Mestre
Org.	Organização	<i>SCh</i>	<i>Sources Chrétiennes</i>
Red.	Redator		
V.	Versículo		
Vol.	Volume		

Dicionários Teológicos

<i>DSp</i>	VILLER, Marcel; CAVALLERA, Ferdinand, GUIBERT, Joseph de (et al.) – <i>Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire</i> . Paris: Beauchesne, 1937-1995, 17 vol.
------------	--

INTRODUÇÃO

A santidade é a porta do Céu que possibilita o encontro com Deus em Cristo pela ação do Espírito Santo (cf. Ex. 15, 11; Is. 6, 3; Sab. 9, 3; Jo. 6, 69.15, 26; 2Cor. 3, 17-18.5, 21; Gal. 4, 6.5, 22-23.6, 4; Flp. 2, 12-13; 1Tim. 2, 8; Heb. 4, 13; 1Ped. 1, 15-16; Ap. 4, 8). Todavia, assumi-la enquanto a urgência (a)própria(da) do agir pastoral¹, tornando-a no calendário para a vida de todos e de cada dia é que se torna em algo que não se adquire verdadeiramente, isto é, genuinamente. Isto, dever-nos-ia levar a uma questão basilar: o que significa, para nós cristãos e, de modo particular, para os ministros ordenados, a realidade e atualidade dos santos?² Ainda que professemos que Deus é verdadeiramente o santo e a fonte de toda a santidade (cf. Ex. 15, 11; Lev. 11, 44; 2Sam. 22, 31; Slm. 99, 3; Is. 40, 25; Mt. 5, 48; 1Jo. 1, 5; Ap. 15, 4), na vida quotidiana esta realidade torna-se (n)um aspeto comprometedor de todo o homem, ele que fora criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gen. 1, 26) e que, por conseguinte, é chamado ao mesmo ideal do Criador (cf. Lev. 19, 2b; Heb. 12, 14)³.

Na contemporaneidade, podemos assumir uma dupla valência de vida a que se assiste na sociedade: ou se toma a “pedagogia dos heróis” (assumida na crescente centralidade antropológica que se reflete em sentimentos como a ignorância, a ganância e/ou a soberba) ou se assume a “pedagogia dos santos” (enquanto modelos de adesão e cumprimento do projeto de Deus que encarna em sentimentos de bondade, serviço e/ou amor). Todavia, “ser santo” é decididamente diferente de se “ser bom”: alguém que “é bom” pode ser absolutamente devoto, fervoroso, entre muitas outras (boas) características, mas produz e reproduz, para aqueles que o rodeiam, sentimentos de culpa, frustração, infelicidade – vive “santamente”, mas faz os outros sentirem-se piores em

¹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Inuente*, n.º 30-31. (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 287-288.

² Cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *El credo, hoy*. Santander: Sal Terrae, 2012, p. 185-190. Atentemos que no Sínodo sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento vocacional (realizado entre o dia 03 e 28 de outubro de 2018) foi sublinhada, dentro daquilo que são as características de um acompanhante, a procura constante pela santidade: cf. Papa Francisco – *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos Jovens e a todo o Povo de Deus, n.º 246. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

³ Aqui se enquadram as belíssimas palavras do Papa Francisco dirigidas a cada jovem: «não deixes que te roubem a esperança e a alegria, que te narcotizem para te usar como escravo dos seus interesses. Ousa ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa; não precisas de ter nem de parecer. Podes chegar a ser aquilo que Deus, teu Criador, sabe que tu és, se reconheceres o muito a que estás chamado. Invoca o Espírito Santo e caminha, confiante, para a grande meta: a santidade. Assim, não serás uma fotocópia; serás plenamente tu mesmo»: Papa Francisco – *Cristo Vive*, n.º 107; cf. Papa Francisco – *Querida Amazônia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, n.º 77. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.

relação aos próprios; por contrário, alguém que “é santo” faz sentir o outro melhor do que o próprio “eu”, ajuda os outros a serem “mais e melhor”, ajuda os outros a sentirem-se eles próprios, onde nunca o “ego” se sobrepõe e impõe aos outros.

Aos nossos dias, um *verdadeiro e autêntico santo* é aquele homem que ajuda os outros a verem coisas novas neles próprios; coisas que os próprios nunca tinham (a)notado – o santo, porque de Cristo, está no mundo e implica-se no mundo sem ser mundano (cf. Slm. 16, 3). Os *santos* não vivem obsessivamente ofuscados e interessados por si mesmos; antes olham para os outros enquanto “iluminados por uma luz nova”. Os *santos*, numa paisagem, descobrem sempre uma perspectiva diferente, uma ótica desafiante e uma interpretação cativante⁴.

A vida não é monocromática; pela variedade de cores de cada dia permite-se que exista sempre algo de diferente, sendo essa *a* diferença quotidiana que permite ao homem ver e rever a beleza da sua vida e, nas pequenas coisas do dia-a-dia, adorar a Deus no permanente serviço amoroso aos irmãos⁵.

Ao homem, vocacionado desde sempre e para sempre a tomar parte na herança dos santos na luz divina (cf. Col. 1, 12), cabe-lhe a certeza de que a sua vida é um meio, permanente e sempre presente, de santificação (cf. Heb. 12, 12-17). Confiados na autêntica certeza de que a verdadeira vontade de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – é a santificação do homem (cf. Rom. 1, 7; 1Tes. 4, 3), este deve procurar, em todos os momentos da sua vida, ser modelo da verdadeira e genuína vocação cristã, ou seja, de autêntica vocação à santidade. A vocação à santidade, enquanto dom de Deus que é intrínseco à própria natureza humana (cf. Ef. 1, 4; 1Tes. 4, 7), apresenta-se como uma certeza de cada vida dada, recebida e agradecida; a sua recusa toma-se e torna-se (n)uma negação da própria vida de todos os dias, dado que ao se recusar a santidade enquanto

⁴ Cf. VON BALTHASAR, Hans Urs – Teologia e santidade. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. 4:6 (1987) 491; WILLIAMS, Rowan – *Ser Discípulo: rasgos esenciales de la vida cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019, p. 78-83.85. Nesta sequência, R. Williams defende que uma pessoa verdadeiramente santa é como um grande pintor, músico ou poeta: estes ajudam a ver o que, sem eles, nos passaria ao lado. Contudo, nem todos os artistas são santos: o santo é alguém que teve a capacidade de criar uma obra de arte a partir da sua própria vida para que pudesse admirar uma nova luz e, dela, se iluminar uma nova paisagem. Romano Guardini refere isto mesmo: «os santos não só estão na história, mas criam história sagrada. São caminhos novos (...) para circunstâncias novas. O abanico de possibilidades da santidade não tem limites. (...) para os santos, não há um caminho fixo»: GUARDINI, Romano – *Fe, Amor e Santidad*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2017, p. 136.

⁵ Cf. TAGLE, Luis Antonio – *Aprendi com os últimos: a minha vida, as minhas esperanças*. Lisboa: Paulus Editora, 2017, p. 74.

possibilidade, recusam-se todos os dias da própria vida «porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós como possibilidade»⁶.

Esta investigação, no término curso do *Mestrado Integrado em Teologia*, tem como propósito estudar a vocação universal de todo o homem à santidade e, posteriormente, concretizar tal vivência humana (e santa) na quotidianidade da vida, através, de modo particular e a partir de certo momento, da figura de D. António Francisco dos Santos. Para isto mesmo direcionamos a nossa investigação; com este fim procura(re)mos estudar tal temática neste trabalho a que elegemos denominar de *A Santidade: porta do Céu, calendário da vida. O ministério Episcopal da Santidade em D. António Francisco dos Santos (2006-2017)*.

A escolha desta temática e, posteriormente, da figura eclesial atrás sinalizada, prende-se com a busca de elementos que de forma autêntica nos mostrem como é que, no quotidiano da vida, se pode compreender um real e autêntico *dom* de Deus (cf. Sir. 36, 4; 1Cor. 3, 16) enquanto serviço de purificação e de perfeição aos demais em busca de um ideal de santidade. Para isto, procuramos ter em conta um estudo sistemático de todo o significativo percurso da compreensão da “virtude” da santidade nos seus mais singulares e diversificados momentos e, posteriormente, ver como é que tal *dom* se pode (con)firmar na realidade de cada dia.

Por tudo isto, compreende-se a necessidade de que «o tempo que vivemos, apesar da crise cultural e social dramática (...), magoado pela violência, pelo terrorismo e pela perseguição dos mais frágeis exige dos cristãos disponibilidade para o silêncio contemplativo de Deus, coragem evangelizadora no anúncio profético da Boa Nova da salvação e eficaz pedagogia na construção da justiça e da paz»⁷. É através da interpretação da Escritura por meio da vida dos santos que todos podem aprender e apreender o

⁶ MENDONÇA, José Tolentino – *Uma Beleza que nos Pertence*. Lisboa: Quetzal, 2019, p. 177; cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Por Amor*. Cascais: Lucerna, 2019, p. 86.

⁷ Homilia na Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, no 50º Dia Mundial da Paz (01/01/2017). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 15:43 (2017) 64. A este respeito, diz-nos Hans Urs von Balthasar que «uma testemunha que critica aquilo de que deve dar testemunho, com a sua contradição deixa de ser testemunha. (...) Não há para os cristãos outra propaganda que o testemunho o mais total possível; e quanto mais puro ele for, mais ativo será pela graça de Deus e não pela sua força persuasiva humana. (...) A testemunha cristã não dá a sua vida por uma ideia, por um programa, etc., mas sim pela Testemunha-por-excelência, que com o Seu sangue deu testemunho de que “Deus é o Amor” – o que, de outro modo, não teria sido testemunhável»: VON BALTHASAR, Hans Urs – Teologia e santidade. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. 4:6 (1987) 491.

verdadeiro e absoluto sentido da adesão a Cristo como o Evangelho radical e ao Seu evangelho como mensagem fundamental; isto é, à Sua Boa Nova na Sua Pessoa⁸.

Para a realização desta investigação contribuíram de forma significativa todos os documentos que se encontram elencados na bibliografia e que foram estudados de forma sistemático-indutiva. Em toda a pesquisa, procurou-se fazer uso de uma bibliografia que fosse, dentro dos possíveis, recente, para que, situados num tempo concreto, se conseguissem encontrar elementos-chave da espiritualidade sacerdotal que, com uma nova “roupagem”, permitissem o atualizar das grandes linhas orientadoras da espiritualidade dos ministros ordenados. Contudo, no que diz respeito ao estudo do ministério episcopal da santidade em D. António Francisco, sinalizam-se duas principais fontes de documentação – o livro *In manus Tuas*⁹ e a revista *Igreja Portucalense*¹⁰ – que foram decididamente importantes para que pudéssemos compreender toda a dinâmica espiritual do bispo. Ambas as obras possuem as homilias, mensagens e/ou, entre outros textos, notas pastorais a que pudemos ter acesso e que foram usadas como fontes primárias de pesquisa para o nosso estudo: de uma primeira leitura foram elencados os diversos temas referidos pelo bispo e que aqui apresentamos tratados. Salientamos que, para além de todas as fontes sem indicação inicial de autor serem da autoria de D. António Francisco dos Santos, o facto de se terem elencado citações sucessivas acerca de um mesmo assunto foi feito com o objetivo de revelar a polimorfia textual de D. António.

Procuraremos ainda seguir, em todo o nosso texto, a norma portuguesa 405 (NP 405), ainda que, sempre que se justifique, procederemos a ligeiras adaptações metodológicas. Contudo, a coerência metodológica fora sempre o nosso maior propósito aquando da elaboração deste mesmo trabalho de investigação.

A Santidade: porta do Céu, calendário da vida. O ministério Episcopal da Santidade em D. António Francisco dos Santos (2006-2017). Do título dividimos a respetiva investigação em duas partes.

Na primeira parte – *a Santidade: porta do Céu, calendário da vida* – temos três capítulos. No primeiro capítulo iremos abordar a questão da vocação universal à santidade desde a Sagrada Escritura. Aqui, num primeiro ponto, procuraremos estudar o fenómeno vocacional apreendido a partir de uma leitura da Escritura – tendo como base de estudo

⁸ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Por Amor*, p. 12.

⁹ SANTOS, António Francisco dos – *In manus Tuas*. 2ª ed. Aveiro: Tempo Nova Edição, 2018.

¹⁰ *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 12:34-15:45 (2014-2017).

algumas personagens bíblicas –, a vocação no (per)curso soteriológico cristão – partindo dos evangelhos como escolas de Iniciação cristã, passaremos pelos ministérios na vida cristã até à compreensão da estrutura da vocação cristã – e a Palavra de Deus enquanto verdadeira porta de encontro com Deus no caminho com os irmãos – a Palavra de Deus como Palavra, Realidade e Dinamicidade, o ser ouvinte e fazer(-se) discípulo(s) da Palavra de Deus (desde a escuta ao discipulado por meio da Palavra [escrita] de Deus e pelos testemunhos [quali]ficados da Palavra de Deus), o ministério da Palavra enquanto *diakonia* da evangelização, a Palavra de Deus e a santificação como um caminho de “servir o pão e a palavra” (onde se partirá do presbítero enquanto modelo do rebanho até se chegar à santificação e à Palavra de Deus por meio da santificação e da mundanidade). No segundo ponto pretendemos estudar a compreensão da vivência da santidade nos próprios Escritos Sagrados. Tendo como mote a expressão do *Livro do Levítico* – «sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev. 19, 2b) –, procuraremos apontar quais são os principais elementos para se compreender a vocação à santidade na Escritura; por conseguinte, e partindo do estudo da santidade na Palavra de Deus, pronunciar-nos-emos acerca da santificação do presbítero como a chave da essência do Sacramento da Ordem.

O segundo capítulo é referente ao estudo do período patrístico. Partindo da obra judaica – ou, mais provavelmente, proveniente de um ambiente de cristãos derivados do judaísmo – *Odes de Salomão* e dos Padres Apostólicos, procuraremos traçar, sistematizando, alguns elementos que se compreendem como importantes para o entendimento da vivência da santidade na vida quotidiana de todos os homens. Posteriormente ao estudo antes anotado – onde analisaremos a alegria como via da santidade que as *Odes* apresentam, a relação entre escatologia e perfeição, o martírio e a santidade e a dinâmica das “duas vias” que nos é apresentada pela *Didaché* –, seguiremos o nosso estudo e centrar-nos-emos na correspondência entre perfeição e gnose: aqui autores como Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria serão considerados de forma essencial (e, em todos eles, procuraremos ver como se pode interpretar a parábola do jovem rico do *Evangelho segundo Mateus*). O ponto seguinte toca a correspondência entre o monaquismo e a perfeição – desde os antecedentes do monaquismo, passando pela primeira geração monástica, transporemos o estudo até ao grande século V (onde, de entre vários autores que estudaremos, sinalizaremos, por

exemplo, Agostinho de Hipona) e, por fim, assumiremos outros marcos patrísticos sobre a santidade¹¹.

A terminar esta primeira parte estudaremos, num terceiro capítulo, a santidade na vivência sacerdotal a partir do II Concílio do Vaticano (1962-1965): do chamamento universal à santidade a partir da vida ordinária – onde se tornam presentes temáticas importantíssimas como o batismo, a centralidade cristológica e a realidade pessoal e comunitária –, compreenderemos, por conseguinte, a passagem da “santidade comum dos fiéis” à “santidade ministerial” e, desta articulação, terminaremos este capítulo falando da santidade ministerial “encarnada” em algumas categorias singulares e definitivamente centrais: o *character indelebilis* e sinal de humildade, *imitamini quod tractatis*, a santidade como serviço aos outros e *de por vida*.

Naturalmente que entre o período patrístico e o II Concílio do Vaticano se compreende um longo tempo que não foi estudado. Na verdade, durante o período medieval e moderno deu-se, progressivamente, a separação entre a verdade *dogmática* e a vida. Efetivamente, estes, na mútua complementaridade, afirma(va)m a vivência da santidade: quer no período antigo, quer, mais recentemente, na época contemporânea como teremos oportunidade de ver¹². Por isso mesmo, e atendendo ao propósito da investigação que fora realizada, não se considerou o estudo do período de tempo referido.

Na segunda parte – *O ministério Episcopal da Santidade em D. António Francisco dos Santos (2006-2017)* – temos, mais uma vez, três capítulos. No primeiro capítulo procuraremos esboçar a biografia de D. António Francisco dos Santos (1948-2017) dividida em três partes, referentes aos períodos da sua vida: “o brilho feliz e o olhar complacente de ser padre”, “*In Manus Tuas*: o chamamento a uma entrega maior” e “o desejo de a todos servir como Deus quer e ama”.

¹¹ É de salientar que as fontes bibliográficas usadas para o estudo do período patrístico – ou seja, no II capítulo, desde o ponto 1 ao ponto 3 (inclusive) – foram retiradas do *DSp*.

¹² No período antigo privilegiava-se a unidade entre o *saber* e a *vida*. Durante os primeiros séculos da Igreja, os grandes santos era aqueles que articulavam, de forma verdadeira, a dogmática com a própria vida. Em razão disso, alguns dos “teólogos santos” dessa época são Ireneu de Lyon, Cipriano de Cartago, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Agostinho de Hipona, Isidoro de Sevilha, entre outros – todos eles, verdadeiras “colunas da Igreja”, são “pessoais universais”: o que ensinam vivem, com uma unidade absoluta. Aquando da rutura da filosofia com a teologia no período medieval (por influência do aristotelismo), transita-se o acento da vivência da fé para a própria experiência interior, passando a dimensão dogmática para segundo plano. Aqui, nesta época, aparecem alguns dos grandes místicos: desde Inácio de Loyola (1491-1556), Pedro Canísio (1521-1597), João da Cruz (1542-1591), Roberto Belarmino (1542-1621), Francisco de Sales (1567-1622) até Alphonsus Maria de’ Liguori (1696-1787) nenhum deles tem o centro da sua vitalidade na verdade dogmática, mas antes numa forte experiência de encontro com Deus na vida: cf. VON BALTHASAR, Hans Urs – Teología y santidad. In IDEM – *Ensayos teológicos*, vol. 1: *Verbum Caro*. Madrid: Encuentro, p. 195-208.

No segundo capítulo, procuraremos, partindo das fontes primárias que acima foram sinalizadas, elencar algumas marcas que são constitutivas e que perfazem uma autêntica espiritualidade sacerdotal a partir daquilo que foi o ministério episcopal de D. António Francisco dos Santos: começando pela vocação e missão – assumida na própria essência da vocação, na Igreja, e na Eucaristia enquanto *caritas pastoralis* que se torna sinal de Cristo –, passaremos pela vi(d)a de gratidão como um caminho de discernimento de (cor)ação (que se apre[e]nde desde a gênese da vocação, nos sacerdotes enquanto sinal de louvor, comunhão e de gratidão, na diocese – enquanto lugar de profecia de uma humanidade viva e de um mundo justo – e que tem o seu cume em Deus, naturalmente a origem e o fim da gratidão), pela fraternidade presbiteral – que se constrói “do presbitério ao pastor” (assente desde o seminário enquanto sinal de compromisso de formação e de comunhão de amor, passando pelo presbitério – lugar dos “sacerdotes do Senhor” e dos “ministros de Deus” –, pela Igreja como comunidade pastoral e rosto de misericórdia, pela Eucaristia enquanto refeição de família, banquete de festa e verdadeiro sinal de Páscoa e pelo presbítero enquanto pastor da comunidade e servo de comunhão) –, seguindo-se as Bem-Aventuranças – sinal visível do Reino de Deus na plena (consagr)ação do ministério (como projeto de Deus, ideário em Cristo e meta para o homem, como evangelho para o nosso tempo e padrão na vida ministerial) –, até se chegar à oração – como escola do amor – e a Maria – verdadeira escola e absoluto modelo de discipulado.

No terceiro capítulo, tendo como pressuposto o capítulo anterior, procuraremos sistematizar tudo o que se compreendera mediante duas linhas condutoras fundamentais de um pastor (e de um pastoreio) missionário: o serviço/doação de vida aos outros e a bondade enquanto espelho da caridade. A santidade do ministério do pastor na doação de vida assume-se no serviço amoroso do pastor como caminho de santificação, tal qual a imagem do modelo de Pastor que se traduz no autêntico sentido de pastoreio (que é o espelho de um caminho de santificação pessoal) mediante a vivência das Bem-Aventuranças, modelo da verdadeira encarnação de um peregrinar na (santific)ação, dada a firme esperança do pastor que deseja a santidade e que procura que tudo isso se traduza no dinamismo santificador da sua própria missão e na correspondente vivência e fraternidade presbiteral enquanto lugar primordial e essencial de vivência da santidade.

A bondade, que é generosidade e espelho da verdadeira santidade medi(a)da pela caridade, toma-se desde a compreensão do verdadeiro ministério enquanto sinal de

caridade concretizada numa verdadeira cultura do encontro que é, enquanto caminho de santidade (carit)ativa, celebrada na Eucaristia, porta de santidade pela caridade pastoral. Por fim, no último bloco deste terceiro capítulo, estudaremos a paixão evangelizadora como missão universal de santidade: desde a ótica eclesiológico-missionária que D. António apresenta, procuraremos, mediante o seu estudo, compreender a sua linha enquadratória naquilo que é a eclesiologia missionária a partir do Vaticano II e, na posterioridade, apresentar uma proposta contemporânea que vai na linha daquilo que é a história eclesiológica apresentada e que partilha, em certa medida, do pensamento de D. António Francisco dos Santos: de entre os vários autores possíveis, escolhemos Gabino Uríbarri Bilbao, um teólogo jesuíta espanhol, que projeta um ensaio eclesiológico a que chama de “teologia de olhos abertos”.

Para o estudo do ministério episcopal da santidade em D. António tiveram-se em conta, muito particularmente, as homilias que eram direcionadas à temática das vocações e do clero. Contudo, conforme se poderá verificar, fora realizada uma leitura atenta e pormenorizada de toda a “obra homilética” do bispo, de modo a que houvesse uma maior corroboração das temáticas que foram (re)tratadas. Ainda de mencionar que o período escolhido fora aquele em que ele era bispo titular residente de uma diocese, ou seja, de Aveiro (2006-2014) e do Porto (2014-2017), abdicando-se do estudo das suas intervenções enquanto bispo-auxiliar de Braga (2004-2006).

É com este contexto e a partir deste pano de fundo que pretendemos abordar a vivência ministerial da santidade desde os escritos de D. António Francisco e tendo como fundamento teológico tudo aquilo que se compreende como parte integrante da Tradição da Igreja: a Sagrada Escritura, a Patrística e os documentos conciliares e/ou pontifícios.

Na vida de todos os dias «fizemos da santidade uma coisa tão extraordinária, abstrata e inalcançável que quase não ousamos falar dela»¹³. O que pretendemos com esta investigação é (de)mo(n)strar que, contemporaneamente, existem modelos de verdadeira configuração, e por isso encarnação, do Santo Evangelho, modelos de permanente e sempre presente identidade de discipulado, modelos de serviço, de doação, de plena comunhão com o Santo de Deus, o Verbo de Deus Encarnado, Cristo Jesus; no fundo, mostrar que, nos nossos dias, existem verdadeiros modelos de santidade que são autênticos “mestres do Amor de Deus”.

¹³ MENDONÇA – *Uma Beleza que nos Pertence*, p. 177.

O que desejaremos com este estudo é, não só elencar algumas das mais importantes noções e condições de santidade, mas concretizar e (de)mo(n)strar que, aos nossos dias, os verdadeiros e genuínos santos aparecem de forma e de modo silenciosos, mas deliciosos¹⁴. O que queremos com este ensaio é, decisivamente, corporizar um (de entre muitos possíveis) modelo(s) de vida, um (de entre vários prováveis) paradigma(s) de vivência (per)feita do Evangelho, um (de entre muitos praticáveis) exemplo(s) de fidelidade no dia-a-dia que se espelha e se reflete em cada um dos irmãos, um modelo de absoluta, verdadeira e autêntica santidade!

A terminar, uma breve nota de agradecimento a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que, aos poucos, se chegasse ao fim deste (per)curso.

Em primeiro lugar, na pessoa do reitor do Seminário Maior do Porto, D. Vitorino José Pereira Soares, agradeço a todos os formadores e colegas que, comigo, caminham neste processo de crescimento e discernimento vocacional tendo em vista a vivência do ministério ordenado.

Agradeço também a todos os professores da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – *Campus Foz* – pelo apoio manifestado nesta caminhada que, por estes dias, tem o seu término. Sem eles, todos eles, não chegaríamos a este objetivo. Tal agradecimento estende-se, naturalmente, a todos os colegas de curso.

A findar, agradeço ao José Almonte Jesús pela duradoura e desafiante companhia de investigação e à Isabel Maria Rodrigues de Sousa pela atenção que demonstrou para que se fizessem, sempre que necessárias, as devidas revisões redaccionais.

A todos e a cada um, muito obrigado.

¹⁴ Diz Hans Urs von Balthasar: «para estar à altura de uma tarefa tão sobre-humana [refere-se à mediação da Igreja], terá necessidade não só de teólogos (também deles), mas sobretudo de santos. Não só de decretos e ainda menos de novas comissões de estudo, mas de figuras pelas quais, como faróis, nos possamos orientar. (...) Não é verdade que nada podemos fazer para ter santos»: VON BALTHASAR, Hans Urs – *Córdula ou o momento decisivo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p. 119.

PARTE I

A SANTIDADE: PORTA DO CÉU, CALENDÁRIO DA VIDA

CAPÍTULO I – «FALA, SENHOR, QUE O TEU SERVO ESCUTA» (1Sam. 3, 9d)

Verdadeiramente escolhidos e amados por Deus, enquanto santos e prediletos (cf. Col. 3, 12), a vocação universal à santidade de todos os batizados surge fundada e fundamentada pela Sagrada Escritura, enquanto Palavra de Deus revelada aos homens¹. Neste primeiro apartado, procuraremos estudar como é que, na Bíblia, nos aparece a vocação enquanto encontro primeiro² de toda a criatura humana; tentaremos, por isso, perceber como é que se deu o fenómeno vocacional em Abraão, Moisés, Samuel, Jeremias e nos retratados Evangelhos Sinóticos. Por conseguinte, ainda dentro do primeiro ponto, falaremos da realidade vocacional no (per)curso soteriológico cristão e da Palavra de Deus como porta de encontro com Deus no caminho com os irmãos. Num segundo apartado tentaremos compreender como é que a santidade se apresenta na Sagrada Escritura: «sede santos porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev. 19, 2b). Por fim, e ainda dentro desde segundo bloco, apresentaremos a santificação do presbítero – como consequência da leitura da santidade na Escritura – como a chave da essência do Sacramento da Ordem. Por fim, procuraremos compreender a vivência da santidade dentro da convivência sacerdotal ministerial; para isso, iremos partir do chamamento universal à santidade desde a vida quotidiana e, fazendo a ponte entre a vivência do sacerdócio de Cristo na Igreja, chegar à vivência da santidade no ministério sacerdotal.

1. «Porque eu levava o teu Nome» (Jer. 15, 16c): a vocação na Escritura

No fenómeno vocacional, podemos abarcar três etapas que conduzem a uma maior compreensão da vocação e, desde aqui, se possa alcançar o que Deus espera de cada um. Numa primeira realidade, aquando da compreensão do fenómeno vocacional, a fonte

¹ Cf. Papa Francisco – *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos Jovens e a todo o Povo de Deus, n.º 3.248-249. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019; Papa Francisco – *Querida Amazônia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, n.º 93. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.

² Tornam-se, neste contexto, decididamente sábias as palavras de Bento XVI: «*nós cremos no amor de Deus* – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»: IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Deus Caritas Est*, n.º 1. (Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005). *AAS*. 98 (2006) 217. Numa outra passagem, diz Ratzinger: «ser cristão é passar da morte para a vida. O cristianismo é portanto um movimento, um caminho; não uma teoria, nem um conjunto de doutrinas; o Cristianismo é vida, é um impulso vital que nos leva à verdadeira vida e, por conseguinte, abre também os nossos olhos para a verdade, que não é pensamento puro mas força criadora fundamentalmente idêntica à caridade»: RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Por Amor*. Cascais: Lucerna, 2019, p. 9.

teológica torna-se decididamente imprescindível para a leitura da história da salvação. A vocação, como realidade dialógica, assume-se na obra trinitária; obra esta que compete a cada uma das Pessoas Divinas na sua especificidade, mas que não prescinde da comunhão *inter-divina*. Assim, com o contexto da presente ponderação, as ações de Deus assumem-se como sendo a eleição, o chamamento, a missão e a assistência³. Numa segunda nascente, sinalizamos a realidade eclesial. Apenas na realidade eclesial se dá resposta à vocação. Ela, a Igreja, aparece como mediadora do Único Mediador (cf. Jo. 14, 6; Rom. 8, 27.38-39; 1Tim. 2, 5; Heb. 8, 6.9, 15)⁴. Por fim, na terceira parte, a dimensão antropológica arroga-se como importante para a compreensão da dimensão vocacional. Na realidade eclesial, a visão “vocacional” do homem apresenta-se como a origem e o fim transcendente, como a unidade corpóreo-espiritual (sempre tendo em conta a liberdade humana), como a perspectiva da redenção perante a ferida do pecado; a experiência “existencial” da vocação na realidade eclesial torna-se na capacidade de discernimento, na decisão de dar respostas (assumindo um ideal concreto), tendo em vista a vivência de um projeto de vida, assente e presente numa vocação específica. A noção e a presença da fidelidade apresentam-se como um aspeto ímpar, dinâmico e que requer a ligação ao contexto onde se encontra o homem, numa permanente capacidade de “docilidade interior”.

A vocação como realidade de natureza Teândrica, isto é, de convergência da obra criacional de Deus para com a criatura, apresenta-se mediada pela ação da Igreja e, nela, com a presença de cada homem. Estas duas dimensões vocacionais unificam-se na pessoa concreta através do seu projeto de vida⁵, apresentando-se a vocação como uma complementaridade entre a realidade pessoal e universal: como concretização é decididamente universal, isto é, comunitária⁶; mas como chamamento, assume-se como

³ Cf. LLANOS, Mário Óscar – *Servir as Vocações na Igreja: Pastoral Vocacional e Pedagogia da Vocação*. Porto: Edições Salesianas, 2009, p. 18-33.

⁴ A este propósito, Bento XVI refere que «recorrendo a uma imagem, podemos comparar o universo com uma partitura, um “livro” – diria Galileu Galilei – considerando-o como “a obra de um Autor que Se exprime através da ‘sinfonia’ da criação. Dentro desta sinfonia, a determinado ponto aparece aquilo que, em linguagem musical, se chama um ‘solo’, um tema confiado a um só instrumento ou a uma só voz; e é tão importante que dele depende o significado da obra inteira. Este ‘solo’ é Jesus (...). O Filho do Homem compendia em Si mesmo a terra e o céu, a criação e o Criador, a carne e o Espírito. É o centro do universo e da história, porque n’Ele se unem sem se confundir o Autor e a sua obra”»: IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Verbum Domini*, n.º 13. (Exortação Apostólica de 30 de setembro de 2010). *AAS*. 102 (2010) 694-695.

⁵ Cf. LLANOS – *Servir as Vocações na Igreja*, p. 17.

⁶ Como nos refere o Catecismo da Igreja Católica, «a vocação da humanidade é manifestar a imagem de Deus e ser transformada à imagem do Filho único do Pai. Esta vocação reveste-se de uma forma pessoal, pois cada um é chamado a entrar na bem-aventurança divina. Mas diz também respeito ao conjunto da

uma vocação específica em todo o enquadramento histórico-salvífico. Por isso mesmo, a vocação deve ser um projeto que se deve cultivar durante a vida de modo a que se possa configurar sempre com os desígnios de Deus⁷.

1.1 Uma leitura vocacional da História Bíblico-Salvífica

A via mais fácil de aproximação à realidade vocacional é a história. Se o fenómeno vocacional é constante na História da Salvação, na História da Igreja e na nossa própria história, podemos dela perceber que se compreendem vários modos de se relacionar com Deus dentro de um contexto histórico próprio. Desde o contexto histórico, abrangemos a realidade vocacional de diversos modos, de perspetivas diversas, mas que convergem para um único fim: o encontro com Deus. Nesta história vocacional encontramos, nas suas mais diversas e diversificadas fases, uma continuidade: desde a trajetória vocacional de Abraão, Moisés, Jeremias e Paulo, podemos dizer que tal caminho continua com Inácio de Antioquia (†108), com Agostinho de Hipona (354-430), Bernardo de Claraval (1090-1153), Tomás de Aquino (1225-1274), Inácio de Loyola (1491-1556), entre outros, até se chegar aos nossos tempos⁸.

1.1.1 Abraão: a instabilidade de uma chamada

O denominado “céu” de Abrão (cf. Gen. 11, 27-25, 11) pode ser dividido numa série de episódios que se cruzam; neste “céu” podem-se encontrar várias fontes: *Jahvista*, *Elohista* e *Sacerdotal*⁹.

No Novo Testamento, encontramos algumas passagens em que se torna a vocação de Abraão presente: Rom. 4, Gal. 3 e Heb. 11. Serão elas, em complementaridade com o *Livro do Génesis*, que nos podem ajudar a compreender a vocação do “amigo de Deus” (cf. Is. 41, 8).

comunidade humana. Todos os homens são chamados ao mesmo fim, que é o próprio Deus. Existe uma certa semelhança entre a unidade das pessoas divinas e a fraternidade que os homens devem instaurar entre si, na verdade e no amor. O amor ao próximo é inseparável do amor a Deus»: IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO INTERDICASTERIAL PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica (CdIC)*. 2ª ed. portuguesa. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999, n.º 1877-1878.

⁷ Cf. *Verbum Domini*, n.º 77. AAS. 102, 750-751.

⁸ Cf. MARTINI, Carlo Maria – *La Vocación en la Biblia: De la vocación bautismal a la vocación presbiteral*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013, p. 36.

⁹ Cf. *ibidem*, p. 41.

Desde os escritos neotestamentários, vemos que o que se sucede com Abraão não é uma “chamada” no sentido específico do termo¹⁰. Segundo António Couto, Deus instaura em Abraão uma novidade: a “eleição”. A eleição é concebida como a grande diferença em que o eleito, enquanto único, fica face ao universal. Esta oposição é requerida pelo conceito de eleição, dado que a eleição apenas tem sentido se remeter para a totalidade¹¹. Partindo do episódio da eleição de Abrão (cf. Gen. 12, 1-3) – «note-se que o primeiro “judeu” é um pagão escolhido do meio do pecado universal das nações»¹² –, introduz-se a questão do “um”, onde Deus quer que o todo seja abençoado através do único¹³. Deus opta por conceder a Sua bênção a um eleito. A eleição significa que Deus não fará a salvação do homem sem o homem.

Tendo assimilada a dimensão da eleição, apontam-se algumas *nuances* que se devem ter em conta¹⁴: é necessário que o eleito não encare a eleição como um privilégio em favor de si próprio; é necessário que o eleito se liberte do mundo da posse; do eleito é necessário ainda a requerida confiança – a confiança precede o eleito, dado que «ao endereçar-lhe aquela palavra, Deus já está a depositar confiança nele. Inaudita confiança, pois Deus vai até ao ponto de deixar nas mãos do eleito o seu projeto de bênção para todos»¹⁵. Todavia, a eleição apresenta-se como uma armadilha e uma tentação para o não-eleito. Somos falsamente levados a pensar que aquilo que é dado ao outro foi tirado a nós mesmos, desejando ter aquilo que não estava destinado para nós: «Deus confia nos homens, no eleito e nos outros, escolhendo entregar-se a eles para que possam ser eles a acolher e a oferecer a alegria da salvação»¹⁶.

Para clarificar a “vocação” de Abraão são ainda utilizados outros termos como o de “juramento” ou “promessa” (cf. Lc. 1, 72-73; Act. 7, 17; Gal. 3, 16), de onde se conclui que, na experiência de Abraão, a iniciativa parte de Deus – Deus é Quem jura e Quem promete¹⁷. Existe um outro termo – “antepassado” – que ajuda a perceber que Deus se

¹⁰ Cf. *ibidem*, p. 41-42.45.

¹¹ Cf. COUTO, António – *Pentateuco: caminho de Vida Agraciada*. 2ª ed. 1ª r. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005, p. 276.

¹² *Ibidem*, p. 276.

¹³ O eleito, o único, é abençoado sem condições (Gen. 12, 2 – «“Eu farei de ti um grande povo, e abençoar-te-ei; tornarei famoso o teu nome, de modo que se torne uma bênção”»), sendo as “famílias” da terra abençoadas sob condição, a de abençoarem o eleito (Gen. 12, 3 – «“Abençoarei os que te abençoam e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Em ti, todas as famílias da Terra serão abençoadas”»).

¹⁴ Cf. COUTO – *Pentateuco*, p. 277-278.

¹⁵ *Ibidem*, p. 277.

¹⁶ *Ibidem*, p. 278-279.

¹⁷ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 43.

manifesta a Abraão (cf. Act. 7, 2). No Novo Testamento, quando se faz referência a Abraão, o que ressalta é a sua fé (cf. Gal. 3, 6-7) e ainda, em sentido inverso, as provações a que está sujeito (cf. Heb. 11, 17-19). Contudo, na *Carta aos Hebreus* aparece um versículo que se toma e torna singular para a compreensão desde chamamento: «pela fé, Abraão, chamado por Deus, obedeceu e partiu para um lugar que deveria receber como herança. E partiu sem saber para onde» (Heb. 11, 8). Aparecendo como chamado por Deus à obediência, Abraão parte para um lugar que recebera como herança, mas que não conhecia; neste versículo, resume-se tudo o que se pode dizer acerca da eleição de Abraão¹⁸. No Antigo Testamento não se vê a vocação de Abrão desde a perspectiva da chamada porque o verbo “chamar” não aparece em todo percurso de Abrão como forma de expressar uma ação de Deus consigo próprio¹⁹. De facto, na sua história, nunca se disse “Deus chamou a Abrão”, mas antes, “Deus disse/dirigiu-se a Abrão” (cf. Gen. 12, 1.15, 1.17, 1); quer isto dizer que a vocação de Abrão se encontra sob o sinal da Palavra de Deus. Posto isto, se queremos compreender a vida e a vocação de Abrão – vendo-a como uma “chamada” – temos de ter em conta a Palavra de Deus como categoria fundamental para se situar a realidade vocacional²⁰. De entre vários significados que a Palavra de Deus pode ter, em Abrão o que vinga é o carácter imperativo dessa mesma Palavra, sendo que ela «preside à história de Abraão»²¹.

«“Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrar”» (Gen. 12, 1). Deus, referindo algumas realidades que são identitárias do homem – aspeto geográfico, cultural e o lugar de onde se é natural – “chama” Abrão desde o fundo da sua identidade, mostrando que a vocação abarca toda a essência da pessoa – a Palavra de Deus é, pois, uma palavra total, absoluta, à qual não se permitem reservas. Aquando da chamada de Deus, verificamos que não existe esperança na vida de Abrão (cf. Gen. 11, 30-31.12, 5). Por isso, tal vocação adquire uma singularidade muito pessoal, própria da identidade do chamado. Abrão surge(-nos) como o primeiro modelo de “vocação missionária”, sendo ele a “referência” de toda a vocação: «“Eu sou o Senhor,

¹⁸ Cf. *ibidem*, p. 45.

¹⁹ O uso do verbo “chamar”, referido à vocação, aparece pela primeira vez no *Livro de Isaías*, no cântico do Servo de YHWH: «“Eu, o Senhor, chamei-te para a justiça, tomei-te pela mão, dei-te forma, e coloquei-te como aliança de um povo e luz para as nações”»: Is. 42, 6.

²⁰ Cf. *Verbum Domini*, n.º 77-85. AAS. 102, 750-757.

²¹ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 45. Tal modo de se conceber a Palavra de Deus já aparece aquando da criação: «Deus disse»: cf. Gen. 1, 3.6.9.11.14.20.24.26.28.29.

o Deus de teu pai Abraão e o Deus de Isaac”» (Gen. 28, 13)²². Chamado de forma muito particular a duas coisas – a um povo e a uma terra (cf. Gen. 12, 1-3) –, pessoalmente é chamado, como indivíduo, a confiar, a esperar.

Peculiarmente, em Abrão temos uma vocação dirigida a uma pessoa específica, singular, com a promessa de que a sua descendência será bendita em toda a Terra (cf. Gen. 12, 3). Do carácter pessoal da vocação, vemos que a sua finalidade apresenta uma universalidade muito concreta. Daqui concluímos²³:

a. A finalidade de toda a vocação é a realização da vocação universal a que todos os filhos de Deus estão chamados.

b. Em Abraão sinalizamos o “carácter genérico” da sua vocação. Na sua vida, verificamos que, dentro de certos aspetos, ele não tem de fazer propriamente “nada”; tem de, “apenas e só”, confiar. É-lhe prometida descendência e uma terra²⁴; todavia, é tudo ainda muito “subjetivo”.

c. Na chamada de Abraão, poder-nos-íamos perguntar se é um “convite” ou uma “obrigação”. Se é verdade que não estamos diante de um mandamento nem muito menos de um preceito, encontramos a Palavra de Deus que se propõe como guia de caminho pessoal que se concretizará na dimensão (com)unitária.

d. Na vocação, e em particular na de Abraão, verificamos, de entre alguns aspetos que se podem sinalizar, que é notória a rutura com o passado. Desde a promessa de Deus que o desígnio de Deus em si toma a importância assente no futuro e não com o passado.

1.1.2 Moisés: uma vocação em vários tempos

Ao falarmos de Moisés e da sua vocação, perguntamos: “a vocação de Moisés, é uma vocação por etapas?”. Evidentemente que a perspectiva acerca da vocação de Moisés

²² Refere Joseph Ratzinger que «Abraão alude, antecipadamente, ao que está para vir; é peregrino não só saindo do país das suas origens para a terra prometida, mas também enquanto sai do presente para se encaminhar rumo ao futuro. Toda a sua vida aponta para a frente, possui uma dinâmica que o faz caminhar pela estrada do que há de acontecer»: RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*. Cascais: Princípia Editora, 2012, p. 12. Por tudo isto, na *Carta aos Hebreus*, ele é apresentado como “peregrino da fé”: cf. Heb. 11, 10.

²³ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 49-54; *Verbum Domini*, n.º 6-21. AAS. 102, 688-702.

²⁴ «E já não te chamarás Abrão (*‘abram*), mas o teu nome será Abraão (*‘abraham*), pois farei de ti o pai de muitas nações»: Gen. 17, 5. “Abraão” significa “pai de uma multidão” – tanto em grande número de descendentes como também em plenitude de bênção sobre os mesmos descendentes: cf. Gen. 13, 2-3; HAAG, H.; VAN DER BORN, A.; AUSEJO, S. de. – *Diccionario de la biblia*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, col. 11; SCHILLING, Othmar – Abraão. In *Diccionario de teologia biblica*. Dir. por Johannes B. Bauer. São Paulo: Edições Loyola, 1979, vol. 1, p. 1.

assenta na certeza de que de a sua vocação é uma evolução progressiva; ele é o protótipo de uma vocação que se vai consolidando, fomentando mediante e mediada pela ação de Deus no tempo e no espaço concretos²⁵. Esta não se refere ao “objeto” da vocação, mas principalmente à (progressiva) consciência que tem de si mesmo. Para se compreender a história da Economia da Salvação, o exemplo de Moisés é um dos mais claros para a apreensão da mediação entre a criatura e o Criador²⁶.

Partindo do *Livro dos Atos dos Apóstolos* (cf. Act. 7, 20-40), podemos abarcar alguns aspetos relativos à vida de Moisés: inicialmente temos a sua “educação” (cf. Act. 7, 20-22); depois perspectiva-se a “generosidade e a desilusão” de Moisés (cf. Act. 7, 23-29); por fim, temos o “descobrir da (sua) vocação” (cf. Act. 7, 30-40). De formação refinada (cf. Act. 7, 22), a dimensão “externa” faz falta a Moisés – nem, muito menos, projeta um futuro para o seu povo. Apesar de, durante o período formativo aprender métodos, técnicas de oração e de diálogo – de apostolado, poderíamos dizer –, o que lhe faz falta é o contato com a vida real²⁷. A grande vantagem desta formação é compreendida pela grande variedade de possibilidades que tem ao seu dispor; o grande aspeto negativo assume-se já na referida falta de contato com a vida social, tal qual ela é. O perigo reside no facto de, apesar da apreensão teórica de conteúdos, poder não ser capaz de os transpor para a vida concreta, em tudo o que de bom e/ou mau essa mesma experiência é portadora.

Numa perspectiva de compreensão da realidade, Moisés, querendo pôr-se em contato com a vida, resolve visitar os seus “irmãos” (cf. Act. 7, 23); aqui dá-se conta da enorme discrepância entre a realidade concreta e o (seu) mundo das ideias – o entusiasmo rapidamente se dissipa e os seus projetos se esfumam. Este momento é aquele em que a vida de Moisés se situa diante do verdadeiro e do autêntico mundo que para ele é surpreendentemente negativo. Desta desilusão – tornada presente na irrelevância de tudo o que aprendeu na sua formação – repara que «todos os seus sacrifícios e esforços não significam nada precisamente para aqueles que defende com o risco da sua vida»²⁸. Por isso mesmo vai viver para terra estrangeira²⁹.

Moisés como que se submerge à vida privada, deixando de lado a vocação a que foi chamado, não querendo «saber de nada dos problemas dos demais, do seu povo; o que

²⁵ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 56-57.

²⁶ Cf. *ibidem*, p. 67.

²⁷ Cf. *ibidem*, p. 59.

²⁸ *Ibidem*, p. 61.

²⁹ «Ao ouvir isto, Moisés fugiu e foi morar na região de Madiã»: Act. 7, 29. Biblicamente falando, viver em “terra estrangeira” significa deixar de viver como ser humano.

o preocupa são os seus problemas pessoais, centrando-se na busca de paz e do seu bem-estar pessoal»³⁰. Durante quarenta terríveis anos, teve dificuldades em discernir, assimilar e orientar tudo o que lhe tinha acontecido³¹. Desta atitude de discernimento, de espera e de assimilação, ele adota um sentimento de permanente espera, purificando a consciência dos seus métodos. Começando a perceber que apenas as palavras não são suficientes para se crescer, procura ter em conta uma maior capacidade de envolvimento com os outros para que se possa fazer frutificar a realidade. Moisés começa, assim, a ter uma renovada ideia acerca desta realidade³². Então percebe que não pode realizar nada sozinho – é esta consciência que o vai preparar, definitivamente, para uma maior e melhor compreensão da chamada e da missão que Deus lhe tem destinado: «“agora vem cá, pois Eu quero mandar-te ao Egito”» (Act. 7, 34c). Realmente, na «trajetória de Moisés está experimentando uma volta radical. As coisas que ele considerava óbvias não o são; tudo é radicalmente distinto daquilo que pensava»³³.

Em tudo isto, Moisés descobre algo fundamental em toda a vocação divina: a chamada é iniciativa de Deus. Depois de um longo período de orgulho pessoal, amargura e desilusão, Moisés descobre agora que a iniciativa salvífica pertence a Deus e que a sua pessoa é o instrumento da preocupação de Deus para levar ao término o Seu plano soteriológico-salvífico para a criatura humana³⁴.

Moisés apresenta-se como um *servidor* do povo. Esta particularidade não pode ser revista na figura de Abraão, que era uma pessoa solitária, ainda que tenha, posteriormente, dado (indiretamente) origem a um povo. A profunda experiência vocacional que Moisés transmite mostra-nos a imensa e intensa identificação entre aquele que é chamado e as pessoas que o Senhor Deus coloca ao Seu redor – esta realidade é o *cume* do diálogo entre Deus e Moisés³⁵. Este último apresenta-se igualmente como o *servo* de Deus. Colocando de lado a hipótese de que foi Moisés que retirou o Povo da escravidão do Egito³⁶, dizemos

³⁰ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 62.

³¹ Um aspeto é de se ter em conta: apesar dos fracassos experimentados, Moisés não tem receio de se perguntar, durante o tempo em que está fora, os motivos para tal situação que vivera. A este propósito, leia-se: GREGÓRIO DE NISA – *Vida de Moisés*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.

³² Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 64.

³³ *Ibidem*, p. 65.

³⁴ Cf. *ibidem*, p. 66.

³⁵ Cf. *ibidem*, p. 68.

³⁶ Evidentemente que a primeira coisa que vem à cabeça quando se pergunta a finalidade vocacional de Moisés é a ação de libertar o Povo da escravidão do Egito: cf. Ex. 3, 16-20. Contudo, se analisarmos mais ao detalhe esta passagem, verificamos que foi Deus quem retirou o Povo do Egito: cf. Ex. 19, 3-4; Slm. 136, 10-14.

que ele foi chamado a servir. Apenas e só servir. Servir³⁷. Gregório de Nissa (± 335-394), na obra *Vida de Moisés*, aponta-nos para o ideal do serviço como a grande e única missão de Moisés³⁸. Mas, em que consistiu o *serviço* de Moisés? Compreendemos, neste sentido, algumas realidades para discernir acerca do “serviço” na vocação de Moisés:

a. O seu primeiro serviço é o “do pão e da água” (cf. Ex. 15 [particularmente versículos 22-24].16, 2-3).

b. O segundo serviço compreende-se como “serviço da responsabilidade” (cf. Dt. 1, 12) – a experiência diaconal de Moisés consiste em ter em conta e compreender que servir é principalmente ter em atenção os outros: nas suas necessidades, respeitar cada um como é. A sua vocação de serviço assume-se na concretização das necessidades do Povo.

c. Superando o “serviço da responsabilidade”, aparece o “serviço do conforto”: Moisés é um homem que transmite valor, que anima (cf. Ex. 14, 13-14).

d. Por fim, assumimos o “serviço da oração e da intercessão”. Este é o sublinhar daquilo que se torna definidor e característico da vocação de Moisés (cf. Ex. 17, 11.32, 31-32). O serviço de interseção assume-se como o coroar da vocação de Moisés; serviço este que tem a sua concretização plena e definitiva no “serviço da Palavra” de Moisés; ele é, sobretudo, aquele que leva ao Povo a Palavra de Deus: «então Moisés subiu à montanha de Deus, e o Senhor chamou-o dizendo: “Diz à casa de Jacob e anuncia aos filhos de Israel o seguinte”» (Ex. 19, 3).

Todos estes aspetos fletem e refletem a *diakonia* de Moisés: um homem que de forma particular se pode denominar como *servidor de Deus*, dado que, ao passar por cada um dos “graus” de serviço, chega ao mais alto e supremo estado de doação na ação: ser *servidor da Palavra de Deus*.

A vida cristã, configurada segundo o Evangelho, assume-se e caracteriza-se pela sua dimensão serviçal em prol dos irmãos. É uma chamada ao serviço e que tem estas matrizes: é uma chamada total (porque implica toda a pessoa) e ao serviço do homem na sua totalidade³⁹. A existência diaconal do cristão não pode reduzir-se a serviços concretos,

³⁷ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 72-73.

³⁸ GREGÓRIO DE NISA – *Vida de Moisés*, n.º 305-318.

³⁹ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 80. Diz Robert Sarah que o serviço do homem consiste em servir a humanidade, falando-lhe de Deus: cf. SARAH, Robert – *Deus ou nada: entrevista sobre a fé*. Cascais: Lucerna, 2016, p. 91-92.

determinados e mínimos; deve ser uma plena configuração ao serviço da Palavra ou da Oração ou da Consolação – o serviço que abarca a totalidade da essência humana. Logo, Moisés apresenta-se como uma figura modelar, um verdadeiro e autêntico exemplo de vivência de todas estas “virtudes diaconais”⁴⁰.

A existência humana pode assim ser definida como “existência diaconal”, onde se distinguiriam dois escalões: numa primeira realidade, um processo na formação da *diakonia*; depois, uma gradualidade sucessiva no exercício do mesmo serviço⁴¹. Se considerarmos a *diakonia* como substrato da formação cristã, distinguimos-lhe duas fases que são fundamentais⁴²: a educação na humanidade; o progredir na rigorosa exigência de fidelidade à Palavra divina acolhida no coração até ao “abandono” total em Deus. Todavia, existem outros aspetos que devem ser tidos em conta na formação diaconal do crente⁴³. Tudo isto está relacionado com o ser humano, evidentemente, mas encontra-se refletido em Moisés: o serviço do Consolo, da Oração e da Palavra. São estas *diakonias*, profundamente evangélicas, que fundam o serviço ministerial.

1.1.3 Samuel: a consciência de um povo

Quando falamos do profeta Samuel, surge-nos a famosa expressão que narra a chamada de Deus, durante a noite, ao jovem Samuel: «o Senhor apresentou-se e chamou-o. Então Samuel respondeu: “Fala, que o teu servo escuta”» (1Sam. 3, 10). Verdadeiramente, estamos diante de um típico modelo de chamada por parte de Deus⁴⁴: trata-se de uma chamada íntima, que chama pelo nome, como que interpelado pessoalmente o sujeito humano. Contudo, esta passagem não é a única que importa referir. Para isso, elegeram-se quatro partes que se consideram importantes para compreender a vocação de Samuel⁴⁵:

⁴⁰ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 81.

⁴¹ De modo particular, a experiência diaconal aparece em Lucas. Pode ler-se este evangelho desde a perspetiva assente na formação progressiva que Jesus reporta aos seus apóstolos até convertê-los em *servidores da Palavra*. A característica geral – ora dos milagres, ora das palavras de Jesus – assenta numa pedagogia que intentam a educar o cristão para ser cuidadoso com o próximo, numa capacidade de se compadecer e de ter plena compaixão com o irmão. Evidentemente que a formação diaconal se dirige, sobretudo, para a necessidade de se aprofundar a humanidade.

⁴² Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 84.

⁴³ Por exemplo, o aspeto serviçal cristão como serviço “a partir da fé”. Evidentemente que a formação que o cristão recebe para estas realidades conduzem a uma segunda realidade diaconal; não se trata de um serviço que nasce da fé, mas antes um serviço que é a própria “*diakonia* da fé”.

⁴⁴ Por três vezes repete-se o nome daquele que é o escolhido por Deus (cf. 1Sam. 3, 10), de modo a ser-lhe confiada uma missão especial.

⁴⁵ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 89.

a. Momento da preparação (cf. 1Sam. 1-2): Samuel, puro dom de Deus, constitui-se como fruto da oração, vindo a alegrar a vida de Elcana e de Ana, seus pais, na relação com Deus, na doação e consagração do seu filho a Deus (cf. 1Sam. 1, 25-28).

b. Momento da chamada (cf. 1Sam. 3): uma peculiaridade desta chamada é a celeridade e a intimidade que a Palavra de Deus tem incidência em Samuel. No meio de tudo o que o envolve está a eleição, claramente com argumentos transcendentais, que Deus faz desde que Samuel é menino tendo em vista uma missão decididamente profética (cf. 1Sam. 3, 20).

c. Primeira fase da atividade de Samuel (cf. 1Sam. 7): é um homem no qual o povo se reencontra, captando o melhor de si mesmo e convida à vocação livre e digna daqueles que foram (con)vocados por Deus junto ao Sinai; é também um fiel administrador da justiça no meio das dificuldades que atravessavam Israel (cf. 1Sam. 7, 9-17). Por isso mesmo, em Samuel temos um líder/guerreiro e um juiz⁴⁶.

d. Transição e decadência (segunda fase da atividade) (cf. 1Sam. 11, 12-15, 35): Samuel é um homem de transição da época dos juízes para a época da monarquia. Porém, é um homem de transição com um grande sofrimento; durante a sua vida, constatamos que ela discorre de uma dicotomia entre a exaltação e a amargura (cf. 1Sam. 15, 10). Samuel não abandona a “vida pública” de forma gloriosa⁴⁷. Ele é uma figura que, aquando da realização da missão profética de Deus, desaparece de forma nobre (cf. 1Sam. 12, 1-5), mas de modo doloroso. A sua vocação é típica de uma vocação inserida no pleno da complexidade da história da salvação: o homem (profeta) cumpre os desígnios de Deus, aparecendo e desaparecendo de acordo com tais desígnios.

Atentando à vocação de Samuel, elencamos alguns aspetos que se destacam na chamada por parte de Deus: a chamada de Deus chega-lhe desde a sua família, por meio da oração de Ana, sua mãe (cf. 1Sam. 1, 9-11.2, 1-10); esta chamada acontece pela preparação “remota” da vocação em que Deus deseja externar a sua forma de atuar; quem chama a Samuel é a Palavra de Deus (cf. 1Sam. 3, 1b.19b.4, 1a): na história de Samuel, a iniciativa de Deus ocupa sempre o primeiro plano – Samuel aparece como um

⁴⁶ Cf. *ibidem*, p. 90-91.

⁴⁷ A partir do capítulo 7 deixa de ser considerado como a “personagem principal”.

instrumento de unidade para o Povo⁴⁸. Isto é fundamental para a compreensão de qualquer vocação ao ministério ordenado: Samuel é chamado a reunir o povo por meio da administração direta (justiça) e por meio da oração e da súplica.

Samuel é um homem completamente dedicado a interpretar a vontade de Deus para o Povo, onde toda a sua atividade se centra no esforço para entender a vontade de Deus e para a transmitir ao Povo, tentando que ele o assuma como guia de vida⁴⁹. A sua missão é para todos. Aqui volta-se a refletir acerca das vocações ordenadas: uma vocação pessoal ou uma vocação para todos? Esta dialética entre indivíduo concreto-grupo está presente no Novo Testamento – é a dialética de Deus.

1.1.4 Jeremias: «a tua palavra era festa e alegria para o meu coração» (Jer. 15, 16b)

No curso e percurso vocacional de Jeremias, distinguem-se duas etapas: a fé recetiva da “primeira infância” e a fé oblativa da “segunda infância”⁵⁰. Será a partir daqui que iremos tentar compreender a dimensão vocacional que o profeta apresenta, sempre com a tónica de Deus presente em todo o caminho de discernimento vocacional.

No livro deste profeta encontramos algumas expressões próprias da fé “recetiva”; para ele, Deus é, em primeiro lugar e sobretudo, a razão de ser de tudo o que ele tem:

«“Antes de te formar no ventre de tua mãe, Eu te conheci; antes que fosses dado à luz, Eu te consagrei, para fazer de ti profeta das nações”. Mas eu respondi: “Ah, Senhor, eu não sei falar, porque sou jovem”. O Senhor, porém, disse-me: “Não digas ‘sou jovem’, porque irás àqueles a quem Eu te mandar e anunciarás aquilo que Eu te ordenar. Não tenhas medo deles, pois Eu estou contigo para te proteger – oráculo do Senhor”» (Jer. 1, 5-10).

A vida de Jeremias só pode ser pensada tendo em conta a precedente vocação divina. A compreensão da sua vocação apresenta-se como um dom total, absoluto e pleno, cujo começo e fim estão, não nas suas mãos, mas nas mãos de Deus. Todavia, em Jeremias, ao verificarmos que se refletem dois extremos de uma única vivência (cf. Jer. 20, 14-18), dizemos que ele passa por uma dupla experiência: por um lado, a recetividade que vive quando sofre provas purificadoras, que não pretendem rompê-la nem negá-la (a experiência de encontro), mas antes purificá-la das suas expectativas ingénuas; por outro

⁴⁸ Naturalmente, a *preparação* da reunião do Povo de Deus começa com a vocação de Abraão, a quem Deus promete que será o pai de um grande povo: cf. *CdIC*, n.º 762.

⁴⁹ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 97-98.

⁵⁰ Cf. GALBIATI, E. – *La fede nei personaggi della Biblia*. Milano, 1979, p. 5. Apud MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 103-104.

lado, desta experiência retém-se a consolidação que necessita na vocação, dando-lhe provas da sua fundamentação: «o Senhor, porém, está ao meu lado como valente guerreiro. Por isso, aqueles que me perseguem tropeçarão e não conseguirão vencer; eles ficarão profundamente envergonhados, porque não terão êxito, e a sua ignomínia será eterna e inesquecível» (Jer. 20, 11).

Posteriormente, aquando da adolescência, numa vivência oblativa da fé, Jeremias começa a dar-se conta de que se sacrificar e se comportar de maneira fiel, poderá vir a ter uma vida digna e condigna. Apenas a insistência na necessidade de uma «energética reforma da conduta moral»⁵¹ pode levar à construção do “homem novo” – este aspeto é muito singular em toda a vida de Jeremias, dado que ele anuncia com frequência os castigos causados pela infidelidade do Povo, que é incapaz de cumprir os seus deveres e obrigações. Evidentemente, esta atitude pode conduzir a riscos morais; dois deles são: o de construir uma religião que tenha a base na observância de regras e no mérito que delas se retira quando são cumpridas; já em chave antropocêntrica, o de o homem, enganando-se, só se relaciona consigo mesmo. Partindo da Sagrada Escritura, verificamos que Jeremias reage a este bloqueio da dinâmica religiosa:

«Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: “Juntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios, e comei essas carnes. Pois quando tirei do Egito os vossos antepassados, não disse nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios. A única coisa que lhes disse e ordenei foi isto: ‘Obedecei-Me e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. Andai sempre no caminho que eu vos indicar, para que sejais felizes’”» (Jer. 7, 21-23).

Aqui encontramos o *cume* da vocação profética de Jeremias: ajudar o povo a passar de uma religiosidade de obras para uma religiosidade de um trato pessoal com Deus: «de uma religiosidade cultural a uma religiosidade de coração, que culmina e clarifica todas as experiências religiosas anteriores num encontro pessoal com YHWH que se revela com amor»⁵². A missão de Jeremias assenta na proclamação de que Israel só sobrevirá através do amor misericordioso de Deus (cf. Jer. 31, 3-6). A experiência de fé assume-se agora numa relação de contato, de proximidade, de relação pessoal e personalizada com Deus, que se manifesta através do Seu amor. É através do reconhecimento do Amor de Deus que surge a capacidade de não se cair nos erros que apontamos anteriormente; observar a lei é importante, mas quando se (re)conhece o amor de Deus, nasce uma nova relação com Ele (uma aliança), superando toda a simples

⁵¹ MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 109.

⁵² *Ibidem*, p. 112.

observância da(s) Lei(s); aliás, como o próprio Jesus refere: «não penseis que Eu vim revogar a Lei (...). Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento» (Mt. 5, 17). Jeremias passa ao *cume* da vocação quando o Povo ultrapassa a experiência da observância da lei e alcança a promessa de um novo encontro, de uma nova relação de proximidade e de dinamismo pessoal com Deus⁵³, o qual intervém em todas as vicissitudes humanas, sejam elas pessoais ou comunitárias (cf. Jer. 30, 2-4).

Jeremias representa a trama que existem entre a experiência no conhecimento gradual com Deus e a experiência concreta de passar e comunicar esta mesma experiência. Na trajetória vocacional, compreende-se que as dificuldades surgem como formas e modos de crescimento; só assim é que se cresce.

À medida em que o Novo Testamento vai surgindo no nosso horizonte de estudo, percebemos que a fusão perfeita de todos os aspetos encontra a sua máxima e perfeita concretização humana na figura de Maria – ela vive a aventura da sua fê numa estreitíssima relação com a sua história vocacional⁵⁴.

1.1.5 A vocação desde os Evangelhos Sinóticos

De per si, a temática da vocação, no Novo Testamento é especificamente paulina; Paulo aplica-a à Criação (cf. Rom. 4, 17), à História da Salvação (cf. Rom. 8, 30) e à vocação mais “especificamente” cristã (cf. 1Cor. 1, 8-9). Contudo, procuraremos aqui estudar a vocação nos evangelhos sinóticos, identificando neles a essência da vocação⁵⁵.

Seguindo de perto o Cardeal Martini (1927-2012)⁵⁶, podemos compreender que nos sinóticos existem cinco grupos de textos que abordam o tema da vocação: textos referentes aos Doze (cf. Mc. 3, 13; Mt. 10, 1); textos sobre as chamadas concretas (cf. Mt. 4, 18-22; Mc. 1, 20; Lc. 5, 1-11); textos em que a chamada se dirige aos pescadores (cf. Mc. 2, 17; Lc. 5, 29-32; Mt. 9, 10-13); textos cujo tema é o convite ao banquete das bodas (cf. Mt. 22, 3-4; Lc. 14, 16-17); um texto dos *Atos dos Apóstolos*, paralelo ao *Evangelho segundo Lucas* (cf. Act. 13, 2).

⁵³ Paulo cumprirá a mensagem de Jeremias. A relação pessoal de Jeremias com o Deus da Aliança é, no Novo Testamento, a relação pessoal de Paulo de Tarso com Deus.

⁵⁴ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 116. Evidentemente que a comunhão mais perfeita encontra o seu expoente máximo em Jesus de Nazaré; Ele é O chamado por excelência, Aquele que vive a sua experiência com Deus – a Sua fê e a Sua vocação são a vocação e a fê do Pai: cf. Jo. 10, 30.14, 9.

⁵⁵ Não obstante, o *Evangelho de João* não toca no tema da “chamada” como vocação; ele assume a categoria de “envio” do mandato: «Jesus disse-lhes novamente: “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”»: Jo. 20, 21.

⁵⁶ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 118.

Marcos – paralelamente a Mateus – apresenta-nos o relato da instituição dos Doze: «Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram ter com Ele» (Mc. 3, 13).

Tendo em conta o contexto precedente e conseqüente do evangelho (cf. Mc. 3, 7.20), observamos que, olhando ao ambiente em que a instituição dos Doze é realizada, a existência de necessidades humanas e religiosas é grande, pelo que o contexto estava cheio de doentes, endemoniados, entre outros. Acima de tudo, Marcos quer deixar claro que os Doze não são chamados para cumprir uma missão, mas para “estarem com Jesus”. Os apóstolos devem estar atentos ao que Jesus realizava, vivendo com Ele intensamente, para que depois pudessem comunicar a “Sua presença” aos demais crentes. A vida dos escolhidos deve ser um «contínuo falar com Ele, um sinal humano evidente da sua presença»⁵⁷.

Abraão é chamado a crer, a primeiramente (con)fiar-se e depois a possuir uma terra; Jeremias é chamado para edificar, para clarificar, para anunciar um Deus que se faz amor; Moisés devia formar um povo e dar-lhe unidade; os Doze são chamados, essencialmente, para “estarem com Jesus”. Jesus é agora a fonte da missão e da vocação. A vocação no Antigo Testamento era uma relação direta entre Deus e o homem; agora, esta relação verifica-se unicamente por intermédio de Jesus⁵⁸. Por conseguinte, a missão dos Doze concretiza-se no mundo: «o mundo é como um imenso hospital, uma necessidade superlativa, uma expectativa inquietante. Neste contexto situa-se a chamada e a missão dos Doze»⁵⁹.

A vocação e a missão neotestamentárias nascem da realidade pastoral, de serviço aos povos; trata-se de levar a essas pessoas a Salvação, isto é, Cristo. O ponto de partida é assumido sempre por Jesus; percebendo as necessidades, Ele toma a iniciativa. Assim, a vocação neotestamentária consiste em compartilhar a compaixão pastoral de Jesus e ajudá-Lo na Sua missão de servir as necessidades mais imperiosas dos povos. Verificamos assim a estreita relação entre a Pessoa e a vocação de Jesus: a vocação é conhecer Jesus, reproduzindo as suas ações, imitando as suas obras. É esta precisamente a missão que todos, mas de forma muito particular os presbíteros, devem ter em conta para si próprios e levar a cabo, na Igreja, em nome de Jesus Cristo⁶⁰. Ao entrar no Povo

⁵⁷ *Ibidem*, p. 124.

⁵⁸ Cf. *ibidem*, p. 125.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 127.

⁶⁰ Cf. *CdIC*, n.º 2030.

de Deus, através da fé e pela porta do Batismo, todo o crente participa na única vocação deste mesmo povo, a vocação *sacerdotal*: «Cristo Senhor, sumo-sacerdote escolhido de entre os homens, fez do povo novo “um reino de sacerdotes para o seu Deus e Pai”. Na verdade, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, os batizados são *consagrados* para serem uma casa espiritual, um sacerdócio santo»⁶¹.

A terminar, sinalizam-se as sábias palavras de Bento XVI:

«É estupendo observar como todo o Antigo Testamento se nos apresenta já como história na qual Deus comunica a sua Palavra: de facto, tendo estabelecido aliança com Abraão (cf. Gen. 15, 18), e com o povo de Israel por meio de Moisés (cf. Ex. 24, 8), revelou-Se ao Povo escolhido como único Deus verdadeiro e vivo, em palavras e obras, de tal modo que Israel pudesse conhecer por experiência os planos de Deus sobre os homens, os compreendesse cada vez mais profunda e claramente, ouvindo o mesmo Deus falar por boca dos profetas, e os difundisse mais amplamente entre os homens (cf. Slm. 21[22], 28-29.95, 1-3; Is. 2, 1-4; Jer. 3, 17). Esta condescendência de Deus realiza-se, de modo insuperável, na encarnação do Verbo. A Palavra eterna que se exprime na criação e comunica na história da salvação, tornou-se em Cristo um homem, “nascido de mulher” (Gal. 4, 4)»⁶².

1.2 A Vocação no (per)curso Soteriológico Cristão

A (id)entidade fundamental de cada cristão está situada na pertença a Cristo por meio do Batismo, tendo evidentemente a vocação presbiteral a mesma raiz teológica que as demais vocações. Conscientes de que a espiritualidade da Igreja é una e única, nela podemos compreender várias instâncias: a vida animada pelo Espírito Santo, fundada no Batismo, alimentada com a Palavra de Deus e com os Santos Sacramentos⁶³. Para isso, tentaremos compreender os Evangelhos como escolas de iniciação cristã, os Ministérios nessa mesma vida cristã e, conseqüentemente, ensaiaremos uma possível estrutura da vocação cristã.

1.2.1 Os Evangelhos como escolas de Iniciação Cristã

No mistério da vida cristã, discernimos quatro etapas ascendentes (situadas nos Evangelhos) que nos transportam desde o Batismo até à dimensão sacerdotal⁶⁴.

A primeira é a etapa do catecumenado, correspondente ao *Evangelho segundo Marcos*, o “Evangelho da iniciação catecumenal”. Sendo o mais antigo, a Igreja utilizou-

⁶¹ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n.º 10. *AAS*. 57 (1965) 14; cf. *CdIC*, n.º 784.

⁶² *Verbum Domini*, n.º 11. *AAS*. 102, 691-692.

⁶³ Cf. BIANCHI, Enzo – *Ser Presbíteros Hoy*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, p. 71.

⁶⁴ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 136.

o como a pregação *kerygmática* para os não-crentes. É o Evangelho que contém a experiência batismal, que prepara o catecúmeno para a conversão (cf. Mc. 1, 11-12). A segunda etapa denomina-se “iluminação” ou de “Batismo”, mais associada ao *Evangelho segundo Mateus* ou o “Evangelho da Igreja”, dado que contém o que os novos batizados precisam de saber para se inserirem na comunidade. Neste Evangelho, Mateus ajuda o “catequista” a passar ao recém-batizado uma “doutrina” ordenada, sistemática e orgânica do mistério cristão, oferecendo ao novo batizado toda a instrução necessária para a sua inserção na vida comunitária (cf. Mt. 28, 29-20) e, nessa mesma comunidade, a descobrir Jesus (cf. Mt. 10, 40.18, 20.25, 40) para ser um membro vivo na vida eclesial. A terceira etapa é a etapa da “evangelização” ou do testemunho, que está confinada ao *Evangelho segundo Lucas* e aos *Atos dos Apóstolos*, que contém tudo o que é relacionado com a tarefa do evangelizador. O *Evangelho segundo Lucas* (com o *Livro dos Atos*) nasce de uma experiência de evangelização itinerante, transmitindo as palavras e as ações de Jesus, permitindo que se adquira a sensibilidade necessária para a missão, com tudo o que de bom e de exigente que lhe está inerente. Se no *Evangelho segundo Mateus* a pergunta inicial se pode formular perguntando: “como devo viver em Igreja para nela encontrar o Senhor?”; aqui ela pode ser elaborada da seguinte forma: “como transmitir a Palavra a quem não a conhece?”⁶⁵. O *Evangelho segundo Lucas*, juntamente com os *Atos dos Apóstolos*, serve de ajuda para que o cristão passe de uma situação de “*kerygma* verbal”, sem vida, a um “*kerygma* real”, onde a força evangelizadora se encontra. A quarta etapa, a etapa do “presbiterado” ou do “cristão maduro”, está mais na linhagem apresentada pelo *Evangelho segundo João*, dado que lá se encontra tudo o que é necessário para se educar para uma fé madura, para o “presbiterado cristão”. O *Evangelho segundo João* fala da formação dos responsáveis das comunidades cristãs, daqueles que percorreram um longo caminho de maturação⁶⁶. Por isso mesmo, este Evangelho é um escrito contemplativo: «ora a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo. 17, 3). Mediante símbolos que se repetem num movimento constante, o núcleo evangélico está bem compreendido: a experiência cristã radica no que o Pai revelou ao Seu Filho e naquilo a que o homem é chamado a responder a essa revelação com fé e amor; se objetivamente sobressaem os valores da verdade, da

⁶⁵ Toda esta problemática pode ser lida em Lc. 24: desde o sepulcro vazio e o anúncio da ressurreição (cf. v. 1-12), passando pela aparição do ressuscitado aos discípulos de Emaús (cf. v. 13-35) e aos onze (cf. v. 36-43) até à apresentação da missão dos discípulos e à Ascensão de Jesus (cf. v. 44-53).

⁶⁶ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 140.

manifestação de Deus em Cristo, subjetivamente há que ressaltar a importância dada à fé e à caridade como atitudes que compreendem e englobam a totalidade da experiência cristã. Reside aqui o que o Cardeal Martini define como «o essencial do mistério cristão, o *simples dives*, “a simplicidade sumamente rica”»⁶⁷.

1.2.2 Os Ministérios na Vida Cristã

Evidentemente que primeira fase da iniciação cristã não tem um pensamento próprio, dado que é um estado de “passividade”; é como que um estado “pré-batismal”. A segunda etapa apresenta-se como a iniciação eclesial. É onde surge com clareza os ministérios e, em consequência, também, de um certo modo, as chamadas particulares. Nesta etapa perfilam-se de maneira evidente dois sacramentos – Batismo e Eucaristia⁶⁸ – e, de maneira conjunta a eles, um ministério de testemunho. A *diakonia* surge como própria da terceira etapa; aqui, existe um sacramento associado ao ministério: a Confirmação. A Confirmação é a “porta pública” do testemunho; «este ministério do testemunho»⁶⁹ vai unido de forma profundamente lógica, sapiencial e racional às verdades que se proclamam e que têm muito a haver com a Teologia. Teologia e evangelização nascem neste e deste momento de reflexão cristã. A quarta etapa compreende a experiência da simplificação contemplativa; esta etapa assenta-se numa verdade: a manifestação de Deus ao mundo por meio de Jesus Cristo (cf. Jo. 17, 11). A nível sacramental, este lugar aparece como o ideal da Eucaristia, como sacramento da unidade; sacramento que simplifica tudo em símbolos, sinais, realidades tão densas e fecundas que abarcam tudo o resto. Tudo o que se pode dizer acerca do Cristianismo e do Evangelho tem o seu centro no Mistério Eucarístico; centro este que reflete “duas *diakonias*” específicas: a *diakonia* presbiteral e o sacerdócio.

Delimitando o lugar existencial do “sacerdócio ordenado”, compreendemos que o sacerdote aparece como alguém que tem uma experiência profunda e radical de conversão, que vive (n)uma realidade comunitária, cultivando(-se) em si mesmo a orientação e a respetiva capacidade evangelizadora tendo em vista a mesma comunidade e, nela, tentar (re)descobrir a responsabilidade de ter e manter a mesma comunidade unida e, pela união, ser «sinal do único Corpo de Cristo que todos recebem»⁷⁰. É nesta “etapa

⁶⁷ *Ibidem*, p. 141.

⁶⁸ Cf. *ibidem*, p. 144-145.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 146.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 149.

presbiteral” onde se incide a “responsabilidade presbiteral” sobre os demais irmãos. Compreendemos, neste sentido, dois pontos que, interrelacionando-se mutuamente, se tornam fundamentais para a compreensão desta “responsabilidade presbiteral”:

a. A existência de uma estreita relação entre a capacidade de assumir responsabilidades e de cultivar uma dimensão contemplativa; dimensão de contemplação esta que leva que se reconheça o essencial como algo “essencial” e o que se torna periférico como realmente algo “periférico”: «esta é (...) uma capacidade “política” que o presbítero deve possuir»⁷¹.

b. A capacidade de evangelizar: o presbítero como aquele que possui a capacidade de evangelizar e de ser o elo fundante da unidade entre a Palavra e o Sacramento⁷².

O *cume* da experiência cristã – assente na íntima relação entre evangelização e responsabilidade e entre contemplação e eucaristia – torna-se verdadeira realidade no presbiterado. O presbiterado é um dos *cumes*⁷³.

É denotar que no Novo Testamento encontramos exemplos de distintas classes de orações. Uma oração tipicamente pré-batismal é a invocação do cego Bartimeu: «“Mestre, eu quero ver de novo”» (Mc. 10, 51d; Mt. 20, 24-28; Lc. 22, 24-27). Uma outra oração claramente eclesial é a que encontramos no *Evangelho segundo Mateus*: «“Pai Nosso”» (Mt. 6, 9b; cf. Lc. 11, 2-4). Oração evangelizadora é a que aparece frequentemente nas cartas de Paulo: «e sempre, nas minhas orações, rezo por todos com alegria, porque cooperastes no anúncio do Evangelho (...). Tenho a certeza de que Deus, que em vós começou esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo» (Fil. 1, 4-6). Como oração contemplativa, surge-nos a chamada “oração sacerdotal” de Jesus no *Evangelho segundo João* (cf. Jo. 17).

⁷¹ *Ibidem*, p. 150.

⁷² Evidentemente que o “evangelizador” não tem de ser necessariamente presbítero. Existem, como sabemos, muitas pessoas que estão bem preparadas para cumprir a missão de evangelizar, de dar testemunho. A este propósito, veja-se: *Verbum Domini*, n.º 72-89. AAS. 102, 746-762.

⁷³ Também o matrimónio pode ser compreendido como “sacramento de unidade”; ele é, indubitavelmente, outra forma de “maturidade cristã”, serviço e carisma de unidade, capacidade de se “ser responsável pelo outro”: cf. NASCIMENTO, Ariosto dos Santos – *O Matrimónio Cristão como Sacramento da Fé: Uma leitura teológico-pastoral do pensamento de Walter Kasper*. Dissertação de Mestrado Integrado em Teologia. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2016, p. 79-81.

1.2.3 A estrutura da Vocação Cristã

Realizado este percurso, apontamos, como define Carlo Maria Martini, «uma quadruple estrutura da vocação cristã»⁷⁴. Em primeiro lugar, o perfeito chamado é só um: Jesus Cristo. Ele, vocacionado desde sempre e para sempre, é Quem chama a todos, no Pai, a uma missão. Missão esta que se assume na vocação de cada um em particular e de todos, como comunidade, em geral, mas que não se limita em dar-se e doar-se pelo outro. A vocação deve ter uma matriz de serviço ilimitado. Uma segunda ideia a apontar é que toda a pessoa é chamada a “ser” e a “servir” em Cristo. A vocação fundamental de todo o homem apenas se entende mediante a ligação a Cristo. Todos, sem exceção, estão chamados a viver n’Ele, d’Ele, por Ele e para Ele mediante a porta batismal. É assim que, desde a comunhão com Cristo, aparecem as «mediações para as chamadas mais particulares»⁷⁵: a comunidade, o evangelizador e o presbítero⁷⁶. Esta assume-se como a terceira fase. Por fim, num quarto ponto, compreendem-se algumas das vocações se apresentam com um carisma muito particular; outras, em sentido inverso, revelam um carácter não tão particular. Contudo, todas elas se apresentam com elementos válidos, apesar de serem histórias distintas⁷⁷, para que se possam concretizar no mundo e deixar a marca de Cristo no coração das pessoas⁷⁸. De tudo isto, torna-se como (pré-)adquirido (de) que a vocação é Cristo e que tudo tem sempre como finalidade última instaurar todas as coisas no Messias (cf. Ef. 1, 7-10), de modo a que se depreenda sempre que a finalidade e o conteúdo essencial de toda a vocação humana e cristã é ser “Cristo”, formando parte integrante do Seu corpo que é a Igreja (cf. Ef. 4)⁷⁹.

1.3 A Palavra de Deus: porta de encontro com Deus no caminho com os irmãos

Conscientes de que o «primado da santidade e da oração só é concebível a partir duma renovada escuta da palavra de Deus»⁸⁰, procuraremos compreender a realidade e a

⁷⁴ MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 153.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 154.

⁷⁶ Algumas das mediações da chamada podem ser apreendidas desde a compreensão dos Evangelhos como escolas de Iniciação Cristã.

⁷⁷ O facto de se “ser Igreja” apresenta esta riqueza: participada por maneiras distintas, ela é unidade na pluralidade, sem que seja tomada pela uniformidade.

⁷⁸ Cf. Mc. 16, 15; *Verbum Domini*, n.º 16. *AAS*. 102, 697-698.

⁷⁹ Cf. LLANOS – *Servir as Vocações na Igreja*, p. 23.

⁸⁰ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Inuente*, n.º 39. (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 293.

atualidade da Palavra de Deus para a vida do comum dos fiéis e, conseqüentemente, para a vivência do ministério ordenado. Para isso, faremos uma abordagem à Palavra de Deus como palavra, realidade e dinamicidade, como capacidade de atrair a si discípulos, como *diakonia* da evangelização e, por fim, como ação de santificação.

1.3.1 Palavra de Deus como Palavra, Realidade e Dinamicidade

Atendendo que falar de “vocação” significa apontar para um “convite”, concebemos que a vocação está inserida no fenómeno geral da Palavra de Deus. Daí que a concretização desta Palavra de Deus no chamamento se torne decididamente importante para a nossa compreensão da categoria da “vocação”:

«Todo o homem aparece como o destinatário da Palavra, interpelado e chamado a entrar, por uma resposta livre, em tal diálogo de amor. Assim Deus torna cada um de nós capaz de *escutar e responder* à Palavra divina. O homem é criado na Palavra e vive nela; e não se pode compreender a si mesmo, se não se abre a este diálogo. A Palavra de Deus revela a natureza filial e relacional da nossa vida. Por graça, somos verdadeiramente chamados a configurar-nos com Cristo, o Filho do Pai, e a ser transformados n’Ele»⁸¹.

A Palavra de Deus é comunicação⁸², manifestada enquanto revelação de Deus que é em si mesma sagrada. A palavra humana, por seu lado, é comunicação daquilo que o homem é e daquilo que o mesmo homem deseja.

Quando se fala da Palavra de Deus, podemos-lhe compreender algumas funções⁸³: a primeira é a Palavra de Deus enquanto palavra, como a difusão, como revelação de Deus; a segunda função é a força que a mesma Palavra aciona, a sua capacidade de despertar para forças “vitais”; por fim, temos a Palavra como mensagem, como proclamação da realidade. A vocação tem, principalmente, a haver com a segunda função definida: a Palavra como chamada, como criação⁸⁴, como Palavra que estimula, que convida, indicando, um caminho a seguir, como Palavra dirigida ao “tu”, concreto e concretizado na criatura humana. Contudo, os três aspetos referidos anteriormente devem estar sempre presentes – só se pode compreender Deus como Palavra que chama quando essa mesma chamada comunica algo de Si mesmo, propondo uma mensagem salvífica.

Evidentemente que temos diante de nós a Palavra de Deus como realidade; e uma realidade que se revela constantemente e continuamente. Assim, quais são os significados

⁸¹ *Verbum Domini*, n.º 22. AAS. 102, 703.

⁸² Cf. *ibidem*, n.º 6. AAS. 102, 686-687.

⁸³ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 18-19.

⁸⁴ Bento XVI define esta relação como *creatura Verbi*: cf. *Verbum Domini*, n.º 9. AAS. 102, 690.

fundamentais que a Palavra de Deus assume nos diversos planos da realidade? Tendo como ponto de partida o Quarto Evangelho, intuímos: «no começo havia a Palavra: a Palavra estava voltada para Deus e a Palavra era Deus» (Jo. 1, 1).

O Verbo de Deus é o que torna possível que Deus se comunique, sendo Ele a raiz e a matriz de todo o nosso conhecimento e de toda a nossa capacidade de compreensão daquilo que a Palavra de Deus quer dizer. Por isso mesmo, o primeiro significado da Palavra de Deus na Bíblia e na Tradição é a Palavra como “Verbo”, entendida como Vida íntima de Deus⁸⁵; o segundo significado prende-se com a Pessoa de Cristo, o Verbo de Deus feito carne, manifestação histórica e concreta do Pai – este é o sentido mais profundo e geral que a Palavra de Deus pode ter nos homens; por fim, a terceira realidade apresenta-se na concretização das palavras pronunciadas pelos Apóstolos e pelos Profetas; as palavras dos Profetas e dos Apóstolos revestem-se da presença do plano de Deus, sendo como que “autocomunicações de Deus”. A estes três significados da “Palavra de Deus”, poder-mos-ia enquadrar neles um quarto elemento: todas as palavras que, escritas, formam o conjunto de livros que conhecemos com o nome de Bíblia⁸⁶.

Todavia, se atendermos ao estudo da compreensão da “Palavra de Deus” no Novo Testamento, verificamos que é uma realidade muito mais ampla: investigamos que a Palavra de Deus pode-se aplicar a realidades distintas das palavras dos Profetas, de Jesus Cristo ou dos Apóstolos. No Novo Testamento, a Palavra de Deus pode ser compreendida também como predicação cristã (cf. Act. 19, 10; 1Tes. 2, 13), como palavra pela qual a Igreja anuncia o Mistério de Deus. Toda esta diversidade reflete verdadeiramente o autêntico fenómeno da Palavra de Deus.

Jesus é a plenitude da Revelação; verdadeiramente, Ele surge-se-nos como o rosto visível do Pai (cf. Jo. 14, 8-9), o Verdadeiro Filho de Deus que encarna para se tornar *tempo* e, para nesse mesmo *tempo*, conduzir o homem para a *Eternidade*:

«No devido tempo, [Deus] chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo (cf. Gen. 12, 2), povo que, depois dos patriarcas, ele institui por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; assim preparou Deus através dos tempos o caminho do Evangelho. Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu filho (cf. Heb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cf. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado “como homem para todos os homens”, “fala,

⁸⁵ Cf. *Verbum Domini*, n.º 7.17. AAS. 102, 687-688.699.

⁸⁶ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 22-24.

portanto, as palavras de Deus” (Jo. 3, 34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo. 5, 36.17, 4)»⁸⁷.

«O próprio Filho é a Palavra, é o *Logos*: a Palavra eterna fez-Se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-Se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós». Desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma *voz*; agora a Palavra tem um *rostro*, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré»⁸⁸.

Contudo, Deus continua a revelar-se à Criação⁸⁹ através da leitura orante da Escritura em relação com a Tradição⁹⁰, da presença na vida da Igreja⁹¹ e nos “sinais dos tempos”. A Igreja, através da sua doutrina, da sua vida e do seu culto⁹², faz chegar «a palavra como veículo da Revelação»⁹³ a todas as pessoas⁹⁴.

Reflexo da dinamicidade da Palavra de Deus enquanto “contínua revelação” é a ressonância que a mesma tem no Magistério, nos Papas, nos Concílios, em todas as predicções oficiais e magistras das verdades, tal como a nível litúrgico-sacramental⁹⁵. Também ressoa nas homilias, nas catequeses e no ensino da teologia – em todas elas se pode constatar e se deve considerar parte do fenómeno da Palavra de Deus. Num “último nível”, mas não menos importante, falamos da dimensão da assimilação pessoal. A Palavra de Deus toca-nos no mais íntimo de nós mesmos: é como que uma semente depositada no nosso coração. Não se tratando de uma palavra que está à margem de uma palavra da liturgia ou do sacramento, ela ocupa um lugar muito particular na compreensão da presença de Deus nos crentes que importa ter em conta. É por isso mesmo que é tão importante a comunidade cristã enquanto o lugar onde se resume de verdade a Palavra de Deus, dado que, de outro modo, seria impossível conceber uma “vocação”. Torna-se importante a presença da Palavra de Deus na vida e nas atividades de uma comunidade para que se possa nutrir, deixar frutificar e, depois, colher os frutos que essa mesma palavra pode deixar no coração de cada crente de forma muito particular, mas, de modo geral, na comunidade – lugar de unidade na diversidade⁹⁶.

⁸⁷ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n.º 3-4. *AAS*. 58 (1966) 818-819.

⁸⁸ *Verbum Domini*, n.º 12. *AAS*. 102, 692-693.

⁸⁹ Cf. *Dei Verbum*, n.º 3.6. *AAS*. 58, 818.819-820.

⁹⁰ Cf. *ibidem*, n.º 8-9. *AAS*. 58, 820-821.

⁹¹ Cf. *ibidem*, n.º 8. *AAS*. 58, 821.

⁹² Cf. *ibidem*, n.º 2.7-8. *AAS*. 58, 818.820-821.

⁹³ Cf. PINHO, Arnaldo de – *Teologia e Interpretação*. Santa Maria da Feira: Letras e Coisas, 2012, p. 179-196.

⁹⁴ Cf. *Verbum Domini*. *AAS*. 102, 681-787.

⁹⁵ Cf. *Dei Verbum*, n.º 10. *AAS*. 58, 822.

⁹⁶ Cf. MARTINI – *La Vocación en la Biblia*, p. 28-29.

A concluir, apontamos seis aspetos que mostram que a Igreja se funda sobre a Palavra de Deus, nascendo e vivendo dela⁹⁷:

- a. A Revelação é “autocomunicação”⁹⁸.
- b. Convergência cristológica: Jesus Cristo é o mediador e a plenitude⁹⁹.
- c. O princípio católico da Tradição: a Escritura na Igreja¹⁰⁰.
- d. A recuperação teológico-litúrgica do primado da Palavra de Deus¹⁰¹, tendo presente a “dupla mesa” da relação entre Escritura e Eucaristia¹⁰².
- e. «O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. O magistério não está acima da Palavra de Deus, mas antes ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido»¹⁰³.
- f. Os evangelhos são testemunhos fiéis, dado que comunicam autenticamente a verdade sobre Jesus¹⁰⁴.

1.3.2 Ser ouvinte e fazer(-se) discípulo(s) da Palavra de Deus

A grande maioria dos católicos desconhece a Sagrada Escritura; retêm pouco mais do que alguns dos textos que são proclamados e explicados na eucaristia dominical¹⁰⁵. Os católicos não têm consciência da necessidade imperiosa e decididamente preciosa da Palavra de Deus como alimento da fé, fonte de todo o comportamento cristão. Todavia, cabe a todos os cristãos – e certamente de modo muito particular aos ministros ordenados,

⁹⁷ Cf. *Verbum Domini*, n.º 3. *AAS*. 102, 683-684.

⁹⁸ Cf. *Dei Verbum*, n.º 1.2.4.7.8.14.17. *AAS*. 58, 817.818.818-819.820.820-821.824-825.826; *Lumen Gentium*, n.º 1-8. *AAS*. 57, 5-12; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Ad Gentes*, n.º 9. *AAS*. 58 (1966) 957-958; *Verbum Domini*, n.º 22. *AAS*. 102, 703.

⁹⁹ Cf. *Dei Verbum*, n.º 2.4.7.17. *AAS*. 58, 818.818-819.820.826; *Lumen Gentium*, n.º 5. *AAS*. 57, 7-8; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n.º 10.22. *AAS*. 58 (1966) 1032.1042-1044; *Verbum Domini*, n.º 7.11-13. *AAS*. 102 687-688.691-695.

¹⁰⁰ Cf. *Dei Verbum*, n.º 7-10. *AAS*. 58, 820-822; *Verbum Domini*, n.º 17-18. *AAS*. 102, 699-700.

¹⁰¹ Cf. *Dei Verbum*, n.º 1.10.24. *AAS*. 58, 817.822.828-829; *Verbum Domini*, n.º 54-55. *AAS*. 102, 733-734.

¹⁰² Cf. *Dei Verbum*, n.º 21. *AAS*. 58, 827-828; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n.º 48.51. *AAS*. 56 (1964) 113.114; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n.º 18. *AAS*. 58 (1966) 999-1001; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Perfectae Caritatis*, n.º 6. *AAS*. 58 (1966) 705; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Optatam Totius*, n.º 6. *AAS*. 58 (1966) 717.

¹⁰³ *Dei Verbum*, n.º 10. *AAS*. 58, 822; *Lumen Gentium*, n.º 25. *AAS*. 57, 29-31; *Verbum Domini*, n.º 45. *AAS*. 102, 724.

¹⁰⁴ Cf. *Dei Verbum*, n.º 11-12.19. *AAS*. 58, 822-824.826-827.

¹⁰⁵ Cf. URIARTE GOIRICELAYA, Juan María – *Servir como pastores: Claves de la espiritualidad sacerdotal*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 2019, p. 55.

«discípulos qualificados e testemunhos autorizados da Escritura»¹⁰⁶ – a ousadia de acolher e a certeza de transmitir a Palavra de Deus, conscientes de que, na Bíblia e na história, «todo o transmissor é, ao mesmo tempo, recetor»¹⁰⁷: «alimentar-nos da Palavra (...) é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja ao início do novo milénio»¹⁰⁸. Para que se decorra da Palavra de Deus com atenção e dedicação, requer-se a disponibilidade para a escuta, na certeza da concretização dessa mesma escuta num testemunho que seja qualificado pela Palavra de Deus. Tentaremos (de)mo(n)strar isso.

1.3.2.1 Da escuta ao discipulado pela Palavra de Deus

O testemunho cristão pressupõe a capacidade de ouvir – e certamente de discernir – a Palavra de Deus em toda a sua envolvência: “somos ouvintes antes de evangelizadores”. Assim, a capacidade de ouvir – de se fazer discípulo da escuta – torna-se como a comum condição que é compartilhada por todos os cristãos. Mesmo os pastores, têm em comum com os demais batizados a capacidade de serem, antes de tudo, ouvintes autênticos da Palavra.

Uma prática muito frequente de exercitar a audição e o discipulado para com a Palavra de Deus, pode ser a *lectio divina*¹⁰⁹. Porém, o “ouvido” pode ser exercitado tendo em conta também Maria, um dos modelos mais excelsos para o discípulo de Cristo¹¹⁰: «no Magnificat (...) vê-se como Ela Se identifica com a Palavra, e nela entra; neste maravilhoso cântico de fé, a Virgem exalta o Senhor com a sua própria Palavra»¹¹¹.

Compreendendo toda a envolvência que a escuta da Palavra tem de soar e ecoar na vida ministerial, podemos, segundo Juan María Uriarte, elencar três categorias que perfazem os discípulos qualificados sobre a Palavra Divina¹¹²:

- a. Sensibilidade diante da Palavra de Deus (cf. Jer. 15, 16.20, 7-9; Ez. 3, 1-3.50, 4-5): a sensibilidade para com as Escrituras toma-se de forma muito particular; nas palavras do bispo emérito de San Sebastián, «a sensibilidade para com a Escritura

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 56.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 56.

¹⁰⁸ *Novo Millennio Inuente*, n.º 40. AAS. 93, 294.

¹⁰⁹ Para uma compreensão do esquema da *lectio divina*, veja-se: *Verbum Domini*, n.º 86-87. AAS. 102, 757-760.

¹¹⁰ Cf. Lc. 1, 26-38.45.2, 19-52.11, 27-28; Jo. 2, 5.19, 2; Act. 1, 14; URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 67-68.

¹¹¹ *Verbum Domini*, n.º 28. AAS. 102, 707.

¹¹² Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 58-60.

é para os sacerdotes algo análogo ao que é o ouvido fino para um compositor, um diretor, um cantor»¹¹³.

b. Familiaridade com a Palavra de Deus Revelada¹¹⁴: a familiaridade com a Sagrada Escritura, juntamente com a Caridade Pastoral, aparece como o fundamento da espiritualidade do ministro.

c. Docilidade à Palavra de Deus (cf. Slm. 119, 103): «quando ouviram isto, todos ficaram de coração aflito e perguntaram a Pedro e aos outros discípulos: “Irmãos, que devemos fazer?”» (Act. 2, 37).

Contudo, a estes três traços que identificam o discípulo “qualificado” pela Palavra de Deus, podemos-lhe apontar outras atitudes do ouvinte que são, de certo modo, difundidas pela Palavra de Deus¹¹⁵:

a. Reconhecimento: reconhecimento da soberania da Palavra de Deus, dado que ultrapassa a dimensão humana; o humilde reconhecimento da Palavra enquanto Revelação Divina e a docilidade na escuta atenta da mesma Revelação são categorias conaturais a uma Palavra que, Encarnada, se dá aos homens.

b. Agradecimento: Deus, de certo modo, não nos “devia” a Sua Palavra; a gratuidade reclama, evidentemente, uma atitude de ação de graças – «nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles»¹¹⁶.

c. Acolhimento incondicional: a Palavra de Deus é palavra de Salvação, medida necessária para a salvação do homem; uma Palavra que se denota como tão fundamental para a criatura humana tem de ser, evidentemente, colhida de forma e de modo especial, incondicional.

d. Consciência atenta: a Palavra de Deus, sempre atual, é uma realidade sempre dinâmica, que apresenta novas interpretações de acordo com a leitura de cada ser humano, tornando-se o cumprimento da vontade de Deus (cf. Lc. 4, 17.20-21); a atualidade da Palavra requer do homem uma consciência atenta, uma consciência

¹¹³ *Ibidem*, p. 59.

¹¹⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastor Dabo Vobis*, n.º 26. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 25 de março de 1992). *AAS*. 84 (1992) 697-700.

¹¹⁵ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 60-65.

¹¹⁶ *Dei Verbum*, n.º 21. *AAS*. 58, 827.

capaz de discernir em todos os tempos, lugares e modos o que Deus quer dizer à criação.

e. Esperança: «é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual»¹¹⁷. A Palavra de Deus, sendo eficaz (cf. Heb. 4, 12), reclama esperança: devemos olhar a Sagrada Escritura sempre como fonte de edificação da esperança (cf. Act. 20, 32; 1Tes. 2, 13).

f. Admiração acrescida: sendo palavra que se molda pela Palavra (cf. Jo. 1, 1-18), a Sagrada Escritura é para os crentes sinal de profunda reverência e de admiração.

g. Oração: «a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem»¹¹⁸.

h. Compromisso vital: a Palavra de Deus, sendo interpeladora e dinâmica, requer o cumprimento (cf. Tg. 1, 22-25).

1.3.2.2 Testemunhos (quali)ficados da Palavra de Deus

Assumida a capacidade de se ser ouvinte e de, conseqüentemente, se fazer discípulo da Palavra do Mestre, cabe-nos agora tentar compreender a veracidade da compreensão e da aquisição da realidade divina assumida na palavra humana como intrinsecamente unida ao homem (cf. 2Tim. 4, 1-4), tornando-o num testemunho qualificado dessa mesma Palavra de Deus.

A prioridade do ministério da Palavra de Deus fundamenta-se desde a Sagrada Escritura: Paulo afirma que anunciar o Evangelho é, para si, um dever¹¹⁹. Assim, tal como nos aponta o decreto *Presbyterorum Ordinis*, «os presbíteros (...) têm, como primeiro dever anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que realizando o mandato do Senhor: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas” (Mc. 16, 15), constituam e aumentem o Povo de Deus»¹²⁰. Por conseqüência, constatamos que o “serviço”, o “ministério” da Palavra assume uma dignidade muito própria, muito singular na identidade do ministro.

¹¹⁷ *Ibidem*, n.º 21. AAS. 58, 828.

¹¹⁸ *Ibidem*, n.º 25. AAS. 58, 829.

¹¹⁹ «Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta! Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!»: 1Cor. 9, 16.

¹²⁰ *Presbyterorum Ordinis*, n.º 4. AAS. 58, 995-996.

O carácter da testemunha da Escritura é assumido como uma realidade intrínseca ao homem; o testemunho é resultado daquele que viveu um encontro verdadeiro e autêntico com o Senhor (cf. Act. 9, 1-9.22, 4-21.26, 2-23; Gal. 1, 11-17): «este é o sentido “forte” da palavra “testemunho”. (...) A Palavra de Deus está no início, no decurso e na maturidade da formação do testemunho»¹²¹.

As atitudes do “ser testemunha” da Palavra de Deus podem ser compreendidas dentro de algumas realidades humanas¹²²:

a. Responsabilidade (cf. Ap. 3, 1-6): o homem é transmissor de uma palavra salvífica; nela realiza-se a salvação do homem.

b. Humildade (cf. Jo. 1, 19-23): Deus torna-se Palavra por meio da palavra humana; contudo, apenas por causa da sua “implicação” é que a palavra humana gera “seguimento”, “amor”. O homem é a “voz da Palavra” (cf. Jo. 1, 19-28); contudo, «o timbre, o nosso timbre, é um instrumento necessário para dar corpo à Palavra, mas não é salvífico em si»¹²³.

c. Fidelidade (cf. 1Cor. 4, 1-2): fidelidade a Cristo, a Palavra pessoal – e incarnada – de Deus.

Servos de Deus por meio de Cristo Jesus, surgem alguns postulados da Palavra de Deus que se tornam como que diretrizes para os crentes e, de modo muito particular, para os ministros ordenados:

a. O homem não é dono nem servidor da Palavra de Deus (cf. Rom. 1, 1): é necessário compreender, passar e trespassar a totalidade/integridade da Palavra de Deus, reconhecendo-lhe total e plena soberania.

b. A Palavra de Deus é, antes de tudo, anúncio, mas também denúncia (cf. Mt. 13, 44; Ap. 3, 1-2): o anúncio é necessário, mas a denúncia também é necessária.

c. A Palavra de Deus implica e complica a vida do seu mensageiro (cf. Jer. 20, 7).

¹²¹ URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 70-71.

¹²² Cf. *ibidem*, p. 71-73.

¹²³ *Ibidem*, p. 72.

1.3.3 O Ministério da Palavra, *diakonia* da evangelização

Passado o II Concílio do Vaticano (1962-1965), a relação entre Palavra de Deus e Ministério teve grande impacto no mundo eclesial¹²⁴: o ministro aparece compreendido como “ministro da Palavra” (cf. Act. 6, 4), como ministro ao serviço da Palavra que evangeliza e que se torna esperança para todos aqueles que nela habitam (cf. 1Ped. 3, 15). Ser ministro da Palavra Revelada requer, desde bem cedo na vida ministerial, a capacidade de ser assíduo na escuta da Palavra de Deus, permanecendo habitados por ela (cf. Mc. 4, 20; Jo. 5, 38): «a Palavra que o presbítero anuncia, inclusive quando predica, ressoa-lhe para ele como discípulo, de maneira a que renove a sua fé e o confirme na sua adesão ao Senhor»¹²⁵. O sacerdote pode ser compreendido como «*diákonos Christou*»¹²⁶, como aquele que se converte no verdadeiro servidor de Cristo.

Para Enzo Bianchi, «a homilia é *diakonia* do Evangelho, mas também é fonte de vida espiritual do presbítero»¹²⁷; nas palavras do Papa Francisco, «um pregador que não se prepara não é “espiritual”: é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu»¹²⁸. A pedagogia de serviço que na homilia deve ser refletida toma em conta alguns princípios¹²⁹: o culto da verdade, a personalização da Palavra, a leitura espiritual, a escuta do povo e os recursos pedagógicos.

No *Livro dos Atos*, Paulo, saudando os seus colaboradores, confia os ministros à Palavra e não o contrário: «agora, pois, eu entrego-vos ao Senhor e à Palavra da sua graça, que tem o poder de edificar e de vos dar a herança entre todos os santificados» (Act. 20, 32). Paulo, ao confiar os ministros à Palavra, mostra que os seus destinatários têm a missão de a pregar: antes de ser encomendada a Palavra ao ministro, ele é encomendado à Palavra, sendo dele a responsabilidade de a manter viva e de a tornar presente não apenas na vida da Igreja, como também no mundo¹³⁰; Palavra esta que é uma realidade viva e operante (cf. Heb. 4, 12), capaz de comunicar a sabedoria que leva à salvação (cf.

¹²⁴ Cf. BIANCHI, Enzo – *A Los Presbíteros*. 5ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012, p. 21.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 22.

¹²⁶ RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría: Teología y espiritualidad del sacramento del Orden*. 3ª r. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018, vol. 12, p. 579.

¹²⁷ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 22. Para uma melhor compreensão da arte pastoral da homilia enquanto um serviço à Palavra de Deus e à assembleia, veja-se: ALDAZÁBAL, José (Org.); ROCA, Josep – *A Arte da homilia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.

¹²⁸ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013 – (Francisco) – *Evangelii Gaudium*: n.º 145. (Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013). *AAS*. 105 (2013) 1080.

¹²⁹ Cf. *Evangelii Gaudium*, n.º 146-159. *AAS*. 99, 1080-1087.

¹³⁰ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 23; GRESHAKE, Gisbert – *Ser Sacerdote Hoy: Teología, praxis pastoral y espiritualidad*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010, p. 243-244.

2Tim. 3, 15-17), de edificar e de conduzir à herança prometida com todos os santos de Deus (cf. Act. 20, 32), e que, como Evangelho Vivo, é poder de Deus (cf. Rom. 1, 16). Ratzinger, a este propósito, ressaltava que «ele [o sacerdote] está aí [no mundo] para que a Palavra de Deus permaneça, e está aí [no mundo], desde a Palavra de Deus, para se ocupar dos homens»¹³¹.

O facto de o ministro ser confiado à Palavra deve-se afirmar como um motivo de compromisso à sua frequência: uma assiduidade feita e refeita de escuta e de discernimento de modo a que o ministro, enamorado pela mesma Palavra, atue em conformidade com Cristo (cf. 1Cor. 2, 16). Apenas e só deste modo é que se cumpre – e se difunde (cf. 2Tes. 3, 1) – a finalidade da Palavra de Deus até chegar à vida concreta de todos os crentes (cf. 1Tes. 2, 13). Este propósito foi afirmado por Joseph Ratzinger¹³² e por João Paulo II¹³³.

Da relação com a Palavra de Deus é que se alimenta a vivência de um verdadeiro e autêntico ministério: dela depende a vida espiritual, a identidade ministerial, a eficácia do ministério. Enzo Bianchi resume deste modo: «se o vosso ministério (...) é humilde, obediente, perseverante, edificará a comunidade do Senhor e será para vós mesmos a confirmação na fé e fonte de santificação»¹³⁴.

1.3.4 A Palavra de Deus e a Santificação: um caminho de “servir o pão e a palavra”

Na vida ministerial, a Palavra de Deus torna-se numa realidade e atualidade que sempre tem influência na vivência quotidiana. Todavia, o presbítero, como autêntico pastor, deve ser o reflexo primeiro desse enamoramento pela Palavra de Deus. Daí que se compreenda o presbítero como modelo (humano) do rebanho de Deus. Sendo o presbítero modelo do Pastor, tem-se de compreender, conseqüentemente a articulação entre a mundanidade e o caminho de santificação que ele próprio – e com a comunidade – realiza. Por fim, abordaremos a própria realidade da Palavra de Deus, no decorrer do ministério, enquanto caminho de santificação ministerial.

¹³¹ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 667.

¹³² Cf. *ibidem*, p. 578; RATZINGER, Joseph – *Consilium Conferentiarum Episcopaliun Europae*. Roma, 2001. Apud BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 26-27.

¹³³ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 26.47. *AAS*. 84, 697-700.740-742; *Novo Millennio Inuente*, n.º 39. *AAS*. 93, 293-294.

¹³⁴ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 29.

1.3.4.1 O presbítero, modelo (humano) do rebanho

«Eu (...) sou apenas um homem» (Act. 10, 26). «Nós (...) somos homens mortais como vós» (Act. 14, 15). Partindo do *Livro dos Atos dos Apóstolos*, compreendemos que os presbíteros são, primeiramente, humanos; esta humanidade reflete-se na pobreza, na fragilidade, na indigência interdependente¹³⁵. O presbítero que “deixa” que o Espírito Santo derrame sobre si a força da Graça tem de estar ciente e consciente de que é homem; e porque é homem, a «sua vida deve ser humana e humanizada»¹³⁶. O presbítero, como pastor do rebanho de Deus, deve ser imagem de uma humanidade assente na Revelação e que, desde ela, procura guiar o rebanho de forma e de modo autêntico e verdadeiro: «cuidai do rebanho de Deus que vos foi confiado, não por imposição, mas de livre e espontânea vontade, como Deus quer; não por causa de lucro, mas com generosidade; não como donos daqueles que vos foram confiados, mas como modelos para o rebanho» (1Ped. 5, 2-3).

A santidade cristã é a santidade dos homens e de mulheres concretos, é a santidade no espírito, na alma, no corpo (cf. 1Tes. 5, 23), na totalidade constitutiva de cada criatura humana. A cada uma das criaturas humanas Deus perdoa-a, justifica-a, torna-a santa; e a Igreja é uma «solidariedade de pecadores»¹³⁷ que Cristo purifica continuamente e que converte em Esposa Santa e Imaculada (cf. Ap. 19, 7-8.21, 2.9). A humanidade não tem que ser superada; a santidade não está fora da humanidade, mas antes deve ser vivida dentro dela: «o caminho de santificação é também caminho de humanização»¹³⁸.

1.3.4.2 A santificação e a mundanidade

Comprometidos no mundo, os presbíteros devem ser vigilantes para que, dentro da(s) comunidade(s) cristã(s), não sejam mundanos no exercício da autoridade, do pastoreio¹³⁹. Não raras vezes, os pastores realizam a sua missão tendo como mote o mundo e as influências que dele recebem, moldando as estruturas eclesiais de acordo com o que o mundo tem e retém como o melhor para a humanidade. Esta forma de ser e de agir tem o seu culminar numa burocratização das instâncias eclesiais, constituindo a Igreja

¹³⁵ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 713-720.

¹³⁶ BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 86.

¹³⁷ Cf. *ibidem*, p. 87.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 87; cf. Col. 1, 15-17.

¹³⁹ Cf. *ibidem*, p. 84.

como uma organização corporativa ou assistencial¹⁴⁰: «uma Igreja que empregaria as regras do mercado religioso, que apenas e só se fixaria no que pede o consumismo religioso ou na oferta que vende (...) acabaria (...) por perder a própria identidade e, com ela, a relevância»¹⁴¹.

A santidade dos presbíteros emerge quando são capazes de edificar a comunidade (no verdadeiro e autêntico sentido de “Igreja”) como um lugar de confiança, de comunhão, como um lugar onde seja possível viver as relações de forma autêntica, de forma recíproca, sem juízos nem prejuízos. O estilo do presbítero é decididamente singular e importante para que os homens e as mulheres vejam verdadeiramente a Igreja como «casa e escola de comunhão»¹⁴², como o lugar do seguimento de Cristo Jesus. No modo de “ser Igreja”, vem ao de cima o modelo perfeito de Cristo, o Bom Pastor (cf. Jo. 10, 11.14); d’Ele, com Ele e para Ele, todo o presbítero deve viver, tendo em conta a sua vocação ministerial, numa permanente configuração a Cristo, e que, neste caminho de discernimento e crescimento (pessoal e comunitário), o seu comportamento seja atrativo, que converta, que seja resultado de um amor dado, porque recebido e agradecido: «esta é a santidade decisiva do ministério»¹⁴³.

1.3.4.3 A santificação e a Palavra de Deus

O presbítero é um homem encomendado à Palavra (cf. Act. 20, 32), para que ela o converta num «homem de Deus» (1Tim. 6, 11; 2Tim. 3, 17)¹⁴⁴. Se o presbítero é “servidor da Palavra”, tem de viver esta (permanente e dinâmica) condição como uma oportunidade para maturar na fé e, desde ela, santificar-se:

«O sacerdote deve ser o primeiro “crente” na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas d’Aquele que o enviou. Desta Palavra, ele não é dono: é servo. Desta Palavra, ele não é o único possuidor: é devedor relativamente ao Povo de Deus. Precisamente porque evangeliza e para que possa evangelizar, o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado»¹⁴⁵.

¹⁴⁰ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 472.592; BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 84.

¹⁴¹ BILBAO, Gabino Uríbarri – *Teología de ojos abiertos: Doctrina, cultura y evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2018, p. 111.

¹⁴² *Novo Millennio Inuente*, n.º 43. AAS. 93, 296.

¹⁴³ BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 86.

¹⁴⁴ Ratzinger refere que na vivência da vocação sacerdotal o âmago do “seguimento” advém da única palavra que Paulo de Tarso dirigiu a Timóteo como «homem de Deus» (1Tim. 6, 11): cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Os Sacramentos: sinais de Deus no Mundo*. Cascais: Lucerna, 2020, p. 104.

¹⁴⁵ *Pastor Dabo Vobis*, n.º 26. AAS. 84, 698.

Do sacerdote, toda a comunidade cristã é convidada a participar neste processo de crescimento rumo à santificação; este processo de santificação está sempre dependente do equilíbrio entre a Palavra escutada e as muitas palavras ouvidas e ditas¹⁴⁶: «o testemunho, pois, deve em primeiro lugar *ser* algo antes de *fazer* algo; ele [o presbítero] deve ser amigo de Jesus Cristo para não só transmitir conhecimentos de segunda mão, mas [para] ser testemunho verdadeiro»¹⁴⁷.

Para que se dê, aconteça a santificação pela escuta e prática da Palavra de Deus, torna-se particularmente importante a «santificação do tempo»¹⁴⁸: ter a capacidade de disciplinar o tempo que se tem, de modo a que se tenha tempo para ler a Palavra, para a escutar, para a pensar, para a rezar¹⁴⁹. Assim, o caminho de santificação que se fundamenta desde a Palavra de Deus requer, exige e precisa de aplicação de tempo ao estudo da Sagrada Escritura (cf. 1Tim. 4, 13), para que, mediante a santificação pessoal de cada um – e de modo muito particular dos pastores (cf. Act. 20, 28) – se alcance a santificação de todos em Cristo¹⁵⁰.

2. A Santidade na Sagrada Escritura: uma vocação a partir da (Revel)ação

Assumida e compreendida que toda a criatura humana é, desde o nascimento, chamada a uma vocação celeste (cf. Heb. 3, 1), a santidade aparece-nos como a vocação universal a que toda a criatura é chamada por Deus (cf. 1Ped. 1, 15-16). Esta santidade surge-nos apresentada na Sagrada Escritura e, desde a sua compreensão, é apreendida como a chave essencial do Sacramento da Ordem (cf. 1Ped. 2, 9).

¹⁴⁶ Cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 81; RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 467-768.

¹⁴⁷ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 475; cf. KASPER, Walter – *El Sacerdote: Servidor de la Alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009, p. 104-106.

¹⁴⁸ BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 83.

¹⁴⁹ Na obra *Os Verbos de Deus*, Martini alerta para a questão do ordenamento do dia na vida ministerial; diz ele que «muitas pessoas têm uma certa *desordem no horário*. (...) Penso que é sinal de desordem o facto de que um padre *não tenha tempos de repouso*. (...) Hoje há que acrescentar outras coisas: um pouco de *ordem no uso da televisão*, no *zapping*, um pouco de ordem nos serviços da internet. (...) Pode haver uma desordem no vestir. (...) Depois, alguns padres estão mesmos abandonados e isso é uma coisa muito dolorosa»: MARTINI, Carlo Maria – *Os Verbos de Deus: com reflexões sobre os milagres de Jesus e sobre o sonho de uma existência alternativa*. Lisboa: Paulus Editora, 2019, p. 27-29.

¹⁵⁰ Greshake aponta-nos como constituintes dos elementos do estilo da vida espiritual, para além da oração, do tempo livre e da relação e convivência entre os sacerdotes, o estudo, a leitura espiritual e a assistência/acompanhamento espiritual como verdadeiramente determinantes para uma vida espiritual frutífera para o próprio e para os demais: cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 443-461.

2.1 «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev. 19, 2b)

Leão Magno (± 400-461), a propósito de qual o dia mais adequado para se celebrar a ordenação sacerdotal, compreende o dia do Senhor como a única resposta: «neste dia, no qual se manifesta (*advenit*) o Espírito Santo prometido pelo Senhor aos Apóstolos (...) é quando devemos celebrar a ordenação sacerdotal, pois nela confere-se-nos o dom completo da Graça»¹⁵¹. O Domingo, dia eclesial por excelência, conecta desta forma o ministério presbiteral com a sua origem cristológica (memorial do acontecimento pascal), situando-o no seio da comunidade eclesial à qual o presbítero, sob a proteção do Espírito Santo, será constituído guia interior para levar a cabo a santificação. Percebemos assim que a santidade de uma comunidade – e de cada um de modo muito particular – não é apenas fruto de movimentos ascéticos ou de autoaperfeiçoamentos constantes; a santidade¹⁵² é participação na Santidade de Deus revelada no Seu Filho e transmitida a cada um dos crentes mediante o dom do Espírito Santo (cf. Rom. 1, 4)¹⁵³. Existe um vínculo íntimo entre a santidade e a ressurreição de Cristo¹⁵⁴ e, desde aqui, a possibilidade de alcançar a santidade de vida, mediante e mediada pela configuração ao rosto vivível do Pai (cf. Jo. 14, 9), sempre pelo Batismo, participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo Jesus; Ele que se torna no sinal indelével do Dom de Deus, configurando-se como a «exigência de santificação»¹⁵⁵ repetida quer pelo Antigo Testamento como pelo Novo Testamento: «“Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo”» (Lev. 19, 2b; cf. Lev. 11, 45.20, 26.21, 8; 1Pe. 1, 16).

Tendo presente a lógica do desenrolar da Revelação, da Eleição e da Aliança, assim se compreende, no Antigo Testamento, o mandato de “ser santo”: «Eu sou Deus, e não um homem. Eu sou o santo no meio de ti» (Os. 11, 9). Na literatura

¹⁵¹ LEÃO MAGNO – *Carta 9*, 1. Apud BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 68-69; cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 78-79.

¹⁵² Convém ter em conta a distinção entre “santidade” e “perfeição”. A santidade é o dom primeiro e fundamental que constitui o “ser cristão”, o mistério da Graça que faz, de uma simples criatura humana, uma criatura celeste, filho no Filho (cf. Fil. 1, 1); estamos na ordem do ser. A perfeição situa-se na ordem das obras e das operações, designando melhor a evolução do dito ser e incluindo, como consequência, uma certa plenitude de vida (cf. Mt. 5, 48). Contudo, nos nossos dias, fala-se de modo indistinto entre “santidade” e “perfeição”: cf. *Lumen Gentium*, n.º 5. *AAS*: 57, 7-8; ANCILLI, E. – *Santidad Cristiana*. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1984, vol. 3, p. 346.

¹⁵³ Cf. Santo. In *Diccionario de la Biblia*. Org. de Serafin de Ausejo. Barcelona: Editorial Herder, 1967, col. 1803; ANCILLI – *Santidad Cristiana*, p. 348.

¹⁵⁴ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 69. Enzo Bianchi, a este propósito e neste mesmo local, aponta para uma compreensão de “santidade” muito singular: «recordamos que a santidade (...) [é] a vitória de Deus e da Sua misericórdia sobre o pecado do próprio homem».

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 69; cf. ANCILLI – *Santidad Cristiana*, p. 347.

veterotestamentária, o termo “santo” é pertencente de forma muito particular a Deus¹⁵⁶. O Deus, que se revela porque se desvela, conduz o Seu povo até à santificação: «“Vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”» (Ex. 19, 6; cf. 1Pe. 2, 9). A santidade compreende-se como um “movimento de separação” ou de “distinção”: em hebraico, *santo* (שִׁדְדָּךְ [*qadoch*]) e *santidade* (שִׁדְדָּךְ [*qodech*]) aplicam-se não só a Deus, mas também à cidade santa e/ou templo¹⁵⁷; contudo, na língua e na cultura hebraica, *santo* introduz e refere uma categoria de separação¹⁵⁸. A santidade revela-se como um carácter divisório; apresenta-se como uma realidade apartada e molda-se por um caminho dispare¹⁵⁹. No entanto, a santidade não é só distinção; é também obediência: «se a vocação do homem é “ser santo”, cada um realiza a sua vocação quando se reconhece criado à imagem de Deus e se conforma à Sua imagem»¹⁶⁰. Nos cânticos de Moisés (cf. Ex. 15, 11) e de Ana (cf. 1Sam. 2, 2), podemos constatar que a santidade de Deus está descrita como inatingível e intangível, dado que está por cima de toda a criação; da mesma forma se pode destacar a absoluta santidade de Deus – «Eles clamavam uns para os outros: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos, a sua glória enche toda a Terra”» (Is. 6, 3). O *triságion* é o testemunho veterotestamentário mais importante sobre a Santidade de Deus. O cenário da visão, a função dos serafins, as palavras repetidas, servem para colocar em relevo a designação da essência de Deus, sinónimo de sublimidade e poder, de glória¹⁶¹.

Deus chama a Si mesmo porque a Sua natureza é santa (cf. Lev. 11, 44.19, 2.20, 26.21, 8; Slm. 99, 3.5.8). Esta santidade é um atributo tão próprio de Deus que apenas Ele pode “santificar-Se” a Si mesmo, mostrando-se e permitindo que o homem se possa santificar. Por isso mesmo é Deus Quem estabelece a santidade ao Povo de Israel (cf. Ez. 20, 12.37, 28), declara o sábado como dia santo (cf. Gen. 2, 3) e santifica os homens, como Moisés (cf. Ex. 19, 10.14), Josué (cf. Jos. 7, 13), Job (cf. Job. 1, 5) ou Samuel (cf.

¹⁵⁶ Cf. Santo. In *Diccionario de la Biblia*, col. 1799.

¹⁵⁷ Israel é separado de entre todos os povos para ser “propriedade particular” do Senhor: cf. Ex. 19, 5-6; os levitas são postos de parte dentro do Povo de Israel para serem consagrados ao serviço do Senhor: cf. Num. 3, 45.18, 20-24; Dt. 10, 1-9.

¹⁵⁸ Cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 73.

¹⁵⁹ Da compreensão dos dicionários de espiritualidade que estudámos (cf. Santo. In *Diccionario de la Biblia*, col. 1798-1799), a raiz etimológica das palavras hebraicas *qadoch* (*santo*) e *qodech* (*santidade*) não deriva de *hadat* (“ser novo”, “puro”), mas de *qadad* (“cortar”, em sentido cultural: “ser separado”, “o que deixa de ser impuro e profano” e que é “destinado ao serviço de Deus”). Assim, constatamos que a santidade repousa sobre a respetiva ordem da criação, pelo que não se pode opor à desordem, ao caos, à indisciplina.

¹⁶⁰ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 71.

¹⁶¹ Cf. ANCILLI – *Santidad Cristiana*, p. 346.

2Sam. 16, 15). A santidade está fundada sobre uma relação que promete e compromete a responsabilidade, tanto de Deus, como do homem. Da santidade não se compreende uma fuga da história do Mundo, mas uma dimensão que se revela como geradora de história(s) e de relação(ões) com as outras criaturas no mesmo ambiente, tendo sempre presentes as dimensões históricas, éticas, pessoais, relacionais e familiares¹⁶².

É pela compreensão neotestamentária, e mediante a relação com o Filho, Jesus Cristo, que o crente pode aceder ao plano de salvação, isto é, à santificação. Cristo, com efeito, tornou-se para o homem a Sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação, libertação (cf. 1Cor. 1, 30). A santificação, referente ao homem, é essencialmente uma realidade de fé (cf. Jo. 6, 29). O santo é, antes de tudo, um homem de fé: é aquele que deixa trabalhar em si mesmo a força da ressurreição, aquele que se deixa guiar pelo Espírito de Deus para se tornar semelhante ao verdadeiro Homem. Não surpreende então que no Novo Testamento o nome dado dos cristãos seja o de “santos” (ἅγιοι): «Escrevo a todos vós que estais em Roma e que sois amados por Deus e chamados à santidade» (Rom. 1, 7a; cf. Act. 9, 13.32; Rom. 8, 27.12, 13)¹⁶³.

A santificação do cristão configura-se como um acontecimento trinitário: o Filho, sobre o qual repousa o Espírito Santo, revelou aos homens o Pai que O enviou e Lhe concedeu a Graça de tornar Seus filhos aqueles que ouvirem a Sua voz (cf. Jo. 1, 12); ou seja, a possibilidade de se tornar filho no Filho está ligada ao processo de transfiguração, de santificação, de divinização, de amorização¹⁶⁴: «a santidade que Jesus nos propõe não

¹⁶² Cf. Santo. In *Diccionario de la Biblia*, col. 1801: a santidade coletiva supõe a santidade individual a que cada crente é chamado, em razão da sua vida pessoal (cf. Slm. 16, 3.34, 10.18) e Eleição Divina (cf. Is. 4, 3.6, 13; Dan. 7, 18.27). Contudo, santos são também os lugares onde Deus habita: o céu (cf. Slm. 20, 7), a sarça ardente (cf. Ex. 3, 5; Jos. 5, 15), a terra de Canaã (cf. Zac. 2, 17; Slm. 78, 54), a cidade de Jerusalém (cf. Slm. 48, 1-4; Is. 48, 2.52, 1), o monte Sião (cf. Is. 27, 13; Jer. 31, 23), a tenda da Reunião (cf. Ex. 28, 43; Lev. 6, 26), o tempo (cf. 1Res. 6, 16; Slm. 5, 8), o templo (cf. Ex. 19, 12.25, 8) e principalmente o *sancta sanctorum* (cf. Ex. 26, 33; 2Cron. 3, 8). Santos são também, por exemplo: os tempos litúrgicos – o sábado (cf. Gen. 2, 3; Ex. 35, 2) e as outras festas (cf. Lev. 12, 26.23, 4.7.8.21); os utensílios para o culto (cf. Num. 4, 15.18, 3; 2Cron. 35, 3).

¹⁶³ Tal como no *Livro dos Atos dos Apóstolos*, Paulo aponta-nos a mesma conceção de “santo”: «Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, aos cristãos que estão em Éfeso e fiéis em Jesus Cristo»: Ef. 1, 1. Na *Carta aos Colossenses*, diz-se que: «como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência»: Col. 3, 12. O termo “santo” designa todos os seres vivos – homens e mulheres – marcados indelevelmente pelo sinal do *kerygma* de Cristo, contrapondo-se a ideia de um destino (pré)estabelecido (cf. 1Cor. 12, 13; Gal. 3, 28) no que diz respeito à realidade salvífica: cf. VON BALTHASAR, Hans Urs – Teologia e santidade. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. 4:6 (1987) 490. Para uma maior compreensão do caminho de santificação no epistolário paulino, veja-se: CARVALHO, José Carlos – *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017, p. 131-140.

¹⁶⁴ Em último caso, de adesão ao projeto salvífico de Deus em Cristo e que conduz a uma identificação total e plena com Cristo: cf. Gal. 2, 20.

é de ordem natural, mas é uma santidade que devemos acolher na nossa pobreza. Jesus veio para os pecadores e para os débeis (...). O esquema da perfeição humana baseado na vontade e na ascese segue um traço exatamente oposto ao da santidade que Jesus nos propõe no Evangelho»¹⁶⁵.

Todavia, a santificação é um caminho; e como caminho, exige uma capacidade de luta por parte do ser humano: «é a luta da fé, luta espiritual para opor-se à mundanidade, mas vivendo na companhia dos homens. A exigência desta rutura com a mundanidade provém do acontecimento pascal que se celebra na eucaristia»¹⁶⁶.

A santidade da Igreja verifica-se verdadeiramente quando se é capaz de “criar comunidade”, lugares onde haja verdadeiramente fraternidade, lugares de relações gratuitas. Isto implica que valores como a pobreza (cf. Act. 20, 33), a obediência (cf. Fil. 2, 8) e a castidade (cf. Mt. 10, 37) venham ao de cima na vivência comunitária; tudo compreendido na releitura da vivência da santidade proposto por Mateus¹⁶⁷ e por Lucas¹⁶⁸.

O chamamento à santidade tende a formar homens completos, humana e espiritualmente maduros, e que manifestam a plenitude da misericórdia. Atributo divino proclamado por Jesus (cf. Lc. 6, 36), a misericórdia é figura da santidade cristã: uma santidade que tende a superar a separação e a distância, permitindo-se articular a comunhão, tal como Deus, que para colmatar a distância entre o Céu e Terra, enviou o Seu Filho ao Mundo. O Filho diminuiu a distância com os pecadores e com os que não possuem Deus no coração; com a força do Espírito Santo, encurta a distância entre todos os homens, articulando-os numa relação de comunhão entre eles. Assim, verdadeiramente, «o presbítero foi colocado na comunidade como *servidor de comunhão*»¹⁶⁹.

Vistas bem as coisas, afirmamos que a santidade é, essencialmente, uma questão de relações:

- a. No Antigo Testamento, a santidade funda-se, particularmente na tradição sacerdotal, sobre a importância teomórfica que caracteriza a perspectiva bíblica.

¹⁶⁵ DAIGNEAULT, André – *La via dell'imperfezione*. Cantalupa: Effatà Editrice, 2012, p. 24. Apud SCQUIZZATO, Paolo – *O Elogio da Imperfeição: o caminho da fragilidade*. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017, p. 14.

¹⁶⁶ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 73-74.87; cf. Lc. 22, 25-26; RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 488.

¹⁶⁷ «Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está no Céu»: Mt. 5, 48.

¹⁶⁸ «Sede misericordiosos, como também o vosso Pai é misericordioso»: Lc. 6, 36.

¹⁶⁹ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 78.

b. O Novo Testamento, ao revelar Jesus como o «Santo de Deus» (Jo. 6, 69), permite que se compreenda o carácter pessoal da Santidade Divina.

A santidade cristã é assumida como a santidade dos homens e das mulheres, da humanidade perfeita onde «o fundamento da vida espiritual cristã (...) é Deus que nos faz santos, dado que a Santidade não se reduz a cumprir as exigências da moral cristã. Por isso, e antes de uma ação moral do homem, a santidade é um modo de ser realizado por Deus»¹⁷⁰.

2.2 A Santificação do Presbítero como a chave da essência do Sacramento da Ordem

Compreender a essência do Sacramento da Ordem requer que tenhamos em conta que a fundamentação do ministério neotestamentário reside no apostolado enquanto participação na missão de Cristo¹⁷¹. Assim, o ponto de partida mora sempre na cristologia. Trata-se, por isso mesmo, de reconhecer a novidade que o Novo Testamento guarda, de entender o Evangelho como evangelho(s), apreendendo a unidade da Antiga e da Nova Aliança e a unidade da ação de Deus, depreendendo-se que na novidade que os evangelhos nos apresentam, a Mensagem de Cristo e a Sua obra são simultaneamente cumprimento de tudo o que se deu, como manifestação do centro unificador da História de Deus com os homens. Portanto, a novidade reside na Encarnação do Filho de Deus, em «Deus que se faz Homem e atrai para si os homens»¹⁷². A missão de Jesus Cristo pode ser resumida desde o Quarto Evangelho: «“A minha doutrina não vem de Mim, mas d’Aquele que Me enviou”» (Jo. 7, 16). Jesus não possui nada em si que não seja pertença do Pai; é precisamente na atitude do desprendimento que a Sua autenticidade é sinal de credibilidade¹⁷³.

Contudo, Jesus confere aos Apóstolos o Seu poder (cf. Mt. 9, 8.10, 1.21, 23; Mc. 6, 7.13, 34), estabelecendo um ministério em estreito paralelismo com a Sua missão (cf. Mt. 10, 40; Lc. 10, 16; Jo. 13, 20). Paralelismo este que se concretiza similarmente na forma em que é enviado Jesus e os Apóstolos: «assim como Tu me enviaste ao mundo,

¹⁷⁰ BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 70.

¹⁷¹ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 7.

¹⁷² *Ibidem*, p. 7.

¹⁷³ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 85.

Eu também os envio ao mundo» (Jo. 17, 18; cf. Jo. 13, 20.20, 21). Esta expressão tem ainda maior sentido quando compreendemos que a missão de Jesus assenta numa dinâmica relacional, isto é, todo o Seu Ser é missão, relação, comunhão¹⁷⁴. Quando se fala do sacramento da Ordem, podemos pensar assim mesmo: “ser em relação”, “ser indigente”, “ser em comunhão”. Por isso, Sacramento, na forma de leitura de Joseph Ratzinger, quer dizer isso mesmo: “eu dou o que eu mesmo não posso dar; tenho o que não procede de mim; estou numa missão e converti-me em portador do que o outro me confiou”¹⁷⁵. Percebemos assim que o ministério do serviço sacramental da Igreja é expressão da novidade de Jesus Cristo e do mandamento da sua presença ao longo da história: «Deus é perdão, amor misericórdia; a novidade radical do cristianismo está aqui, e em nenhum outro lugar»¹⁷⁶.

O específico da missão apostólica explicita-se de forma autêntica nas palavras de Paulo à comunidade de Corinto: «que os homens nos considerem como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus» (1Cor. 4, 1). As cartas paulinas confirmam e esclarecem o que se disse acerca dos evangelhos: o ministério dos «ministros da nova aliança» (2Cor. 3, 6) está construído sob o fundamento de Cristo Jesus, ou seja, deve entender-se em chave sacramental¹⁷⁷. Por exemplo, as cartas paulinas mostram-nos Paulo à frente da comunidade enquanto “titular” de uma autoridade que procede de Cristo (cf. Rom. 1, 1.8; 2Cor. 1, 1); o facto de o Apóstolo estar à frente da comunidade prolonga-se na circunstância de que Cristo está à frente do mundo e da Igreja – a estrutura dialógica faz sempre parte da essência da Revelação¹⁷⁸. Uma comunidade que se constitua a si mesma como comunidade não representa já o mistério dialógico da Revelação nem do Dom da Graça que sempre vem “de fora” e que só se alcança quando se está aberto a recebê-la.

A fé não vem de se lerem coisas; vem de se “escutar” (cf. Rom. 10, 17): a palavra proclamada forma parte da estrutura do ato de fé. Curiosa expressão de Enzo Bianchi: «a

¹⁷⁴ Para melhor se compreender isto, detenhamo-nos em duas passagens paralelas, mas que se tornam perpendiculares entre si: «“Eu sou a videira e vós os ramos. Quem fica unido a Mim, e Eu a ele, dará muito fruto, porque sim Mim não podeis fazer nada”»: Jo. 15, 5; «“o Filho não pode fazer nada por sua própria conta; Ele apenas faz o que vê fazer ao Pai”»: Jo. 5, 19.

¹⁷⁵ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 9-10. Ratzinger ainda aponta a predicação e potestade – palavra e sacramento – como as duas colunas fundamentais do serviço sacerdotal: cf. *ibidem*, p. 487.

¹⁷⁶ SARAH – *Deus ou nada*, p. 244.

¹⁷⁷ Cf. *Verbum Domini*, n.º 8. AAS. 102, 689-690.

¹⁷⁸ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 483.

santificação alcança-se mediante o equilíbrio entre a Palavra de Deus escutada e as numerosas palavras escutadas e pronunciadas»¹⁷⁹.

O essencial e fundamental para o serviço sacerdotal é uma vinculação pessoal com Cristo¹⁸⁰. O sacerdote tem de ser uma pessoa que conhece a Jesus desde o seu mais íntimo, que seja reflexo de um encontro primeiro com Ele e que tenha aprendido a amá-Lo. Por isso mesmo o sacerdote tem de ser um homem de oração, tem de ser um homem que seja uma especial imagem e semelhança de Deus (cf. Gen. 1, 26). Desta íntima união com Cristo nasce por si mesmo também a participação no amor pelos homens: «o que ama, deseja conhecer. Daí que o verdadeiro amor a Cristo se manifeste inclusive na vontade de conhecê-Lo cada vez melhor e de conhecê-Lo na totalidade do seu Ser»¹⁸¹.

Partindo de imagens do Antigo Testamento, o Papa Gregório Magno (± 540-604) apresenta-nos o essencial que a pessoa do ministro, na sua essência, deve ser reflexo:

«Que outra coisa são os homens santos que não rios que regam [...] a terra seca? No entanto, [...] secariam, se [...] não se apressassem a voltar para lugar de onde tinham saído. Quer dizer, se não entram na interioridade do coração e não se ligam aos laços da nostalgia do amor ao seu Criador, a língua seca [...]. Mas eles, por amor, retornam sempre ao seu interior e o que vertem [...] em público recebem-no da primavera [...] do amor. Amando aprendem o que proclamam ensinando»¹⁸².

O caminho da santificação, *caminho de unificação*¹⁸³, é também a fonte do próprio ministério, da própria missão, dado que o próprio ministério é o espaço de santificação do e para o próprio ministro. Este espaço identifica-se com a realidade eclesial, meio no qual o presbítero concretiza a “sua missão” de pastor: «cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho, pois o Espírito Santo vos constituiu como guardiães, para apascentardes a Igreja de Deus, que Ele adquiriu para Si com o sangue do seu próprio Filho» (Act. 20, 28). Tal como diz Enzo Bianchi, «só existe um único sacerdócio da Nova Aliança, Jesus Cristo, e os discípulos participam desse sacerdócio enquanto unidos a Ele, enquanto imersos no seu sacrifício pascal, sustentado pela intimidade com Ele. Também nos deveríamos poder

¹⁷⁹ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 83.

¹⁸⁰ O santo é aquele cuja própria vida se sucede, porque lhe precede, desde Cristo. Verdadeiramente, o santo colocou-se totalmente à disposição de Cristo, deixando que Este o habite num ambiente criativo específico em que faz sentir a sua ação na história. Os santos são aqueles homens que, de modo mais particular, se tornam verdadeiramente imagens de Cristo Jesus; os santos são aqueles homens que permitem que “a ininterrupção criadora de uma nova ação de Cristo no homem”; os santos são todos os homens que tornam verdadeira e autenticamente Cristo presente em toda a realidade: cf. Col. 2, 17; GUARDINI, Romano – *Fe, Amor e Santidad*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2017, p. 135.

¹⁸¹ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, p. 19.

¹⁸² GREGÓRIO MAGNO – *In Ez hom.*, 1, 5, 16 (PL 76, 828B). Apud *ibidem*, p. 20.

¹⁸³ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 82.

dizer como Paulo: “fiquemos unidos a Ele” (1Tes. 5, 10)»¹⁸⁴. No mesmo sentido apontava o então Cardeal Joseph Ratzinger: «é essencial e básico para o ministério presbiteral uma união profunda e pessoal com Cristo. O Sacerdote deve ser um homem que conhece intimamente Jesus, que o encontrou e que aprendeu a amá-Lo»¹⁸⁵.

A *caritas pastoralis*, apontada pelo II Concílio do Vaticano como o elemento fundamental da espiritualidade sacerdotal¹⁸⁶, requer a capacidade humana para amar; um amor capaz de ser lúcido pelos outros, numa capacidade de doação na ação para com os demais. Amor este que discorre da maturação humana, de quem se ama a si mesmo e desse mesmo amor é capaz de amar os outros.

Chegar a ser “homens santos” significa que se é “humanamente santo”, sabendo-se conjugar (sem jogar) a Santidade com a Bondade, com a Compaixão, com a Misericórdia. Serão estas, sem dúvida, as grandes matrizes para se estabelecer uma amizade santificadora com o «Senhor três vezes misericordioso»¹⁸⁷.

¹⁸⁴ BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 77.

¹⁸⁵ RATZINGER, Joseph – La natura del sacerdozio. *Il Regno*. Documenti 21 (1990) 656-657. Apud BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 77.

¹⁸⁶ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, n.º 14. *AAS*. 58, 1013.

¹⁸⁷ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 79. A título de curiosidade, Enzo Bianchi, no seu livro *Ser Presbíteros Hoy*, aponta quatro concretizações fundamentais para a vivência de um ministério santo: o anúncio da Palavra de Deus, a celebração da Eucaristia, a vivência das misericórdias de Deus e o inclinar-se sobre os doentes: cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 72.

CAPÍTULO II – A SANTIDADE NA PATRÍSTICA: UM CAMINHO DE PERFEIÇÃO

A noção de “perfeição”, de “santidade”, não aparece no período patrístico somente como está manifestada na Revelação: o modo de se conceber a realidade (e atualidade) da categoria de “perfeição” tem um desenvolvimento – partindo da Sagrada Escritura – muito particular ao longo de toda a história¹⁸⁸. No desenrolar desta história, primeiramente o gnosticismo e conseqüentemente o monaquismo adquirem um papel importantíssimo (o monaquismo aparece como o ressurgimento ou a transformação de tendências encratitas¹⁸⁹ à qual a época apostólica é devedora, por exemplo, desde as igrejas da Síria). Trataremos neste sentido das *Odes de Salomão*, da articulação entre perfeição e gnose, do monaquismo e perfeição e, por fim, tomaremos alguns marcos patrísticos sobre a verdadeira santidade de vida.

1. Das *Odes de Salomão* aos Padres Apostólicos

Partindo da alegria de Deus enquanto a fonte santidade presente nas *Odes de Salomão*, faremos um pequeno percurso por entre a mútua correlação da perfeição com a escatologia, com a compreensão do martírio e com a dinâmica que nos apresenta a *Didaché* sob o progressivo e decidido caminho de purificação, de amorização, de absoluta santificação.

1.1 *Odes de Salomão*: a alegria da Santidade

Na época patrística, muitas vezes se (co)relaciona “santidade” com “alegria”; assim, santo é aquele que, prometido à felicidade futura (e porque é com Deus, eterna), sabe saborear a alegria no mundo. O santo, nesta época, é o que vive na alegria de Deus¹⁹⁰.

¹⁸⁸ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1081.

¹⁸⁹ Os Encratitas eram uma seita cristã ascética do século II que proibia o casamento e aconselhava a abstinência de carne. Segundo Eusébio de Cesareia, Taciano foi o fundador desta heresia: cf. EUSÉBIO DE CESAREIA – *Historia Ecclesiastica*, 4, 28-29, *SCh* 31, p. 195-198.

¹⁹⁰ Viver “na alegria de Deus” é diferente de se falar em “perfeição moral”; os santos são aqueles que escolheram a Deus, que O elegeram como a fonte de água que jorra para a vida eterna: cf. Jo. 4, 13-14. Evidentemente que existem implicações morais; contudo, o primeiro elemento é a presença de Deus na vida dos santos, sendo ela a sua alegria, sendo ela a fonte da (sua) santidade – os santos são os que são amados por Deus. Esta alegria pode ser manifestada no martírio, sinal fulcral de entrega pela Alegria Eterna, fonte de manifestação de um amor incondicional e intemporal.

Se a santidade tem de ser, desde a sua essência, alegria, a verdadeira alegria manifesta-se, intrinsecamente e inevitavelmente, sagrada, divina, santa.

Desde as *Odes de Salomão*¹⁹¹ que se identifica “alegria” com “santidade”¹⁹². Dado o percurso traçado desde o início de toda a obra, a realidade do “caminho” adquire um singular e peculiar, um precioso e valioso contributo para se melhor depreender a dinâmica de santificação que se nos é proposta¹⁹³. Encontrado o caminho para a santificação da criatura humana, a santidade revela-se como o “lugar de habitação na presença de Deus”, a rocha firme para a construção do Reino¹⁹⁴, o lugar onde os santos vivem e convivem na presença do Criador.

Ser “santo” é ter a capacidade de vestir a alegria do Senhor; na “roupa” que se veste fundamenta-se e apresenta-se uma identidade concreta, própria e apropriada. A identidade do santo está diretamente associada e relacionada com a forma de se prender e compreender a realidade que o Senhor pretende mostrar e demonstrar, a realidade que cobre a criatura humana – vestir a alegria de Deus é vestir a realidade da santificação¹⁹⁵. A verdadeira alegria é a luz da santidade, é a luz que Deus irradia e ilumina, é a fonte de toda a luminosidade. Da luz do Senhor ilumina-se a realidade humana e, desta luz fletida e refletida, abre-se a possibilidade da santificação de toda e a toda a criatura humana¹⁹⁶.

Numa leitura mais atenta das *Odes*, facilmente verificamos que a santidade está alicerçada e baseada na “alegria no Senhor”: «se eu não tivesse conhecido o amor do Senhor, Ele mesmo não me teria amado. Quem é capaz de distinguir o Seu amor, senão aquele que é amado por Ele?»¹⁹⁷.

Quem recebe a Graça de Deus, porque revestido da Divindade, recebe a alegria do encontro com o Mestre e Guia (cf. Mt. 23, 1-12), com o Eterno Pastor que conduz as ovelhas ao Pai (cf. Jo. 10, 1-21).

¹⁹¹ Coleção de 42 poemas escritos por um misterioso cantor – tradicionalmente, atribuem-se a Salomão – no início do cristianismo. É a primeira obra lírica da Igreja: «redigida sob a influência do pensamento e da poética semíticos (usando o processo do paralelismo). Nela uma teologia arcaica cultiva temas como a epopeia de Cristo vitorioso, a descida aos Infernos, a maternidade virginal de Maria, a recordação da água batismal, a volta ao paraíso. E a vida cristã é entendida como uma união nupcial»: HAMMAN, Adalbert-G. – *Para Ler Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulus Editora, 1995, p. 13.

¹⁹² ANÔNIMO – *Odes de Salomão* 7, 1-2: «como o impulso da ira leva à iniquidade, tal como a impetuosidade da alegria para com o Amado colhe frutos doces sem medida, a minha alegria é o Senhor e o meu impulso é para Ele, Ele é o meu caminho mais belo».

¹⁹³ Cf. *ibidem*, 22, 11-12.

¹⁹⁴ Cf. *ibidem*, 23, 1-3.

¹⁹⁵ Cf. *ibidem*, 32.

¹⁹⁶ Cf. *ibidem*, 32.

¹⁹⁷ *Ibidem*, 3, 3-4; cf. *ibidem*, 3, 8-9.

Santidade e alegria estão direcionadas para a eternidade: desde hoje para sempre. O *santo* não é aquele que morre, mas é o que vive eternamente – porque Deus, a Alegria, está com ele¹⁹⁸. A santidade resume-se à proximidade ao Senhor, à vivência da comunhão com Ele, à capacidade de se deixar interpelar pela Sua Palavra – deixar-se amar, tal qual Ele nos amou primeiro (cf. 1Jo. 4, 19), amá-l’O na certeza de que, pela alegria de vida, se encontrará a meta da santificação.

Se a santidade se manifesta pela, na e com a presença de Deus em cada homem – na sua singularidade e amplitude –, ela reflete uma forma e um modo diferente de viver este (progressivo) caminho de santificação. Em toda a História da Igreja, verificamos que não existiu um único modelo de se alcançar a Plena e Absoluta Alegria. No entanto, existe um elemento que se torna comum, geral e universal em todas as realidades do caminho de santificação: a presença de Deus, de um Pai que se faz caminho, pelo Filho e no Espírito Santo (cf. Jo. 14, 1-14), até aos homens¹⁹⁹.

1.2 Escatologia e Perfeição

O germe e a origem de se pensar a perfeição de vida cristã já advém, em certa medida, da literatura neotestamentária²⁰⁰. A *Epístola aos Efésios* já refere a relação analógica e de (recíproca) causalidade entre o progresso espiritual de cada membro do Corpo de Cristo com a totalidade desse mesmo Corpo (cf. Ef. 2, 16.19.21.22; 4, 4.12) – este será o ponto de partida para o desenvolvimento do conceito e da realidade de “perfeição” ao longo de todo o período patrístico.

Deveras, em o *Pastor* de Hermas encontramos *vestigia* da articulação referida anteriormente, precavendo-se a ideia da Igreja como uma “torre em construção”²⁰¹. Já na Epístola de Barnabé verifica-se uma confusão com analogia do “novo templo” referida

¹⁹⁸ Cf. *ibidem*, 5, 13-15.

¹⁹⁹ Curiosa afirmação que se faz ecoar aos nossos dias do filósofo Luigi Maria Epicoco: «creio que a prova mais verdadeira da santidade, o testemunho mais belo da santidade, é mesmo a alegria. Não uma alegria de ternos sorrisinhos. A alegria como luz que emana de nós mesmos, dos olhos, especialmente, e da ternura com que tocamos a vida. A alegria tem que ver, por isso, com uma outra palavra: a paz. A paz de coração. A paz que não é a ausência de conflitos»: EPICOCO, Luigi Maria – *Sal, não mel: para uma Fé que incendeie*. Lisboa: Paulus Editora, 2019, p. 160.

²⁰⁰ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1081.

²⁰¹ Cf. HERMAS – *O Pastor*, parábolas, 9. Edição Bilingue. Tradução de M. Luís Marques. Introdução, revisão, notas e direção de Isidro P. Lamelas. Lisboa: Livraria Alcala, 2003, p. 289-359; *DSp*, 12.1, col. 1081.

em função da perspectiva individual e coletiva, da realidade do presente e da incerteza do futuro escatológico²⁰².

1.3 Martírio e Perfeição

As primeiras comunidades cristãs sentem de forma particularmente intensa a vocação ao martírio como resposta à vocação e eleição divinas, a uma existência dada e doada em prol da fé para imitar Jesus Cristo, o “primeiro mártir”, modelo de perfeição. O martírio assume-se como a mais elevada imitação de Cristo, sendo o ideal a tender e pretender, configurado – porque prefigurado – numa atitude de entrega e de doação pelos outros²⁰³: «não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos» (Jo. 15, 13), donde se tem de ter em conta necessariamente os termos *teleiôsis*, *téleios* e *téleioun*²⁰⁴.

A temática do martírio já se encontra presente nas *Cartas* de Inácio de Antioquia, onde a morte pelo martírio aparece como o objetivo (*télos*) que dá sentido à vida, à existência²⁰⁵. Apenas aqueles que verdadeiramente – isto é, realmente – possuem a Palavra de Deus por Jesus podem ouvir o Seu silêncio, podem ser “perfeitos” (*téleios*), podem agir de acordo com a Sua Palavra e tornarem-se conhecidos por meio da experiência do “silêncio”²⁰⁶. Tendo como base este modo de se pensar a morte da “testemunha” – com o selo da Sua existência – é revista anos depois pelos “mártires de Lyon”²⁰⁷: para eles, este título só pertence a Cristo e sua identificação com Ele não chega

²⁰² Cf. ANÓNIMO – *Epístola de Barnabé* 4, 10-11.6, 14-15.18-19.

²⁰³ Cf. DATTRINO, Lorenzo – *Padres da Igreja*. In *Dicionário de Orientação Vocacional*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008, p. 1039.

²⁰⁴ O termo “*teleiousthai*” para fazer referência ao “martírio” está radicado desde as origens do cristianismo: cf. Lc. 13, 32.

²⁰⁵ «Pela oração, me foi concedida por Deus à graça de um dia contemplar vossos rostos dignos de Deus. Com insistência havia implorado tal favor. Preso em Cristo Jesus, espero abraçar-vos, se for da vontade d’Ele, que eu mereça chegar ao termo» (*Ad Romanos*, 1, 1); «Ninguém peca enquanto professa a fé, ninguém odeia enquanto possui a caridade. Conhece-se a árvore pelos seus frutos, assim os que professam ser de Cristo serão reconhecidos pelas obras. Pois nesta hora não é de profissão de fé que se trata, mas de nos mantermos na prática da fé até ao fim» (*Ad Ephesios*, 14, 2).

²⁰⁶ «Quem de facto possui a Palavra de Jesus pode até ouvir-lhe o silêncio; para ser perfeito, para agir pelo que fala e ser reconhecido pelo que cala» (*Ad Ephesios*, 15, 2).

²⁰⁷ De entre os vários mártires de Lyon perseguidos pelo imperador Marco Aurélio no século II encontramos Santa Blandina (162-177): «através [de Blandina], Cristo demonstrou que aquilo que parece aos homens simples, vulgar, inteiramente desprezível, junto de Deus é digno de grande glória, por causa do amor a ele, revelado pela virtude desprovida de orgulho por causa do exterior. Todos nós (...) temíamos que Blandina não tivesse coragem de confessar a fé, devido à fraqueza corporal. Mas Blandina mostrou-se repleta de tal força que cansou e desanimou os que se alternavam para torturá-la, de manhã à tarde. Confessaram-se vencidos e nada mais podiam infligir-lhe. Espantavam-se de que ainda respirasse, tendo o corpo todo dilacerado e em feridas. Atestavam que uma só espécie desses suplícios bastaria para que expirasse, sem tantas e tamanhas torturas. A bem-aventurada, contudo, qual nobre atleta, revigorava-se por meio da confissão. Constituíam-se-lhe reconforto, repouso, insensibilidade nos sofrimentos a declaração: “Sou cristã. Nada de mal praticamos”. (...) Blandina, suspensa a um poste, estava exposta para ser devorada

ao fim até que a morte o tenha selado definitivamente²⁰⁸. Evidentemente que este realismo vai entrar em choque com o pensamento de Inácio de Antioquia, sendo ainda incompatível como o docetismo²⁰⁹.

1.4 A Dinâmica das “duas vias” (*Didaché* 1,4.6,2)

Se, por um lado, a aplicação do termo *téleios* em Mt. 5, 48²¹⁰ e 19, 21²¹¹ não conduzem a uma plena compreensão do conceito de “perfeição” desde a Sagrada Escritura, por outro lado é muito provavelmente aquele que serviu de um dos primeiros motes para se delinear vida e a espiritualidade cristãs de forma mais autêntica.

A primeira parte da *Didaché* (1-6) enquadra dois exemplos do uso de *téleios*:

«Afasta-te das paixões carnis. Se alguém te der uma bofetada na face direita, oferece-lhe ainda a outra e serás perfeito (*téleios*). Se alguém te obrigar a andar uma milha, leva-o duas contigo. Se alguém te levar o manto, dá-lhe também a túnica. Se alguém te levar o que é teu, não reclames, pois não podes»²¹².

«Se, pois, puderes suportar todo o jugo do Senhor, serás perfeito (*téleios*); se não fores capaz, faz o que puderes»²¹³.

pelas feras, lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam a sua coragem. Neste combate, contemplavam com os olhos corporais, na sua irmã, aquele que fora por eles crucificado. Era um modo de persuadir os fiéis que têm parte eternamente com o Deus vivo, os que sofrem pela glorificação de Cristo. Naquele dia, nenhuma fera a tocou; desatada do poste, foi reconduzida à prisão e reservada para outro combate, a fim de que através de muitas vitórias confirmasse a irrevogável condenação da serpente sinuosa (cf. Is. 27, 1) e servisse de exortação aos irmãos ela, a pequena, fraca, desprezível, mas revestida de Cristo (cf. Rm. 13, 14; Gal. 3, 27), grande e invencível atleta, que triunfara do adversário em muitos confrontos e através da luta obtivera a coroa da incorruptibilidade. (...) Em seguida, no último dia dos combates singulares, Blandina foi reconduzida com Pôntico, um rapaz de uns quinze anos. Diariamente, eram levados para assistirem aos suplícios dos outros; tentavam obrigá-los a jurar pelos ídolos dos pagãos. Mas, como se mantinham firmes e menosprezavam tal insistência, a multidão enfureceu-se contra eles a ponto de não ter piedade alguma da idade pueril, nem respeito pelo sexo feminino. (...) Restava a bem-aventurada Blandina, a última de todos, qual nobre mãe que tivesse exortado os filhos e os houvesse enviado vitoriosos a sua frente para junto do rei (cf. 2Mac. 7, 21-23.27-29.41). Percorreu os mesmos combates que os filhos e apressou-se cheia de alegria e regozijo para a partida, como convidada para um festim de núpcias e não como condenada às feras. Após os açoites, as feras e a grelha, foi finalmente posta numa rede e lançada a um touro. Por muito tempo, foi projetada pelo animal, mas nada sentia do que lhe sucedia, por causa da esperança e da expectativa daquilo em que acreditara, entretendo-se com Cristo. Ela também foi sacrificada e os próprios pagãos, que declararam que jamais entre eles havia uma mulher sofrido tamanhas e tão numerosas torturas»: EUSÉBIO DE CESAREIA – *Historia Ecclesiastica*, 5, 1, 17-19.41-42.53.55-56, *SCh* 41, p. 10-11.17.20.20-21.

²⁰⁸ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1083.

²⁰⁹ Cf. *Ad Magnesios*, 5, 1-2.

²¹⁰ «Portanto, sede perfeitos como é perfeito o nosso Pai que está no Céu».

²¹¹ «Jesus respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois vem e segue-Me”».

²¹² *Didaché*, 1, 4. Aqui surgem-se-nos prescrições parecidas com Mt. 5, 39-47.

²¹³ *Ibidem*, 6, 2.

Contudo, reconhece-se a presença de um modelo judaico, usado por vários autores cristãos e cuja respectiva influência continuará a se fazer ressoar na espiritualidade monástica. De qualquer modo, apesar de na *Didaché* se poderem idealizar 2 caminhos diferentes (cf. 1, 1-2), apenas e só uma é a realidade final – a perfeição; da correlação que resulta do cruzamento com os dois caminhos – “caminho da vida” e “caminho da morte”²¹⁴ – manifesta-se e patenteia-se a apreensão da realidade da perfeição, da santidade como meta da vida humana. Torna-se ainda importante fazer referência ao “mandamento do amor” que encontramos na *Didaché*: «se, pois, puderes suportar todo o jugo do Senhor, serás perfeito (*téleios*); se não fores capaz, faz o que puderes»²¹⁵. É desde a sua observância que se consegue alcançar o “martírio do amor”, a “perfeição de vida cristã” a que todos os homens são chamados e estão convidados a praticar.

2. Perfeição e Gnose

A partir do confronto com a gnose herética, muitos dos conceitos teológicos e espirituais desenvolveram-se e clarificaram-se, tornando-se evidente, neles, um forte *status* técnico que os fundamentam; contudo, torna-se claro, na realidade gnóstica, a importância numérica das palavras que designam “perfeição”. Se lhe são associados termos como “pneumático” e “gnóstico” para se fazer referência aos seguidores do gnosticismo, o atributo de “perfeito” (por exemplo) aparece como uma profissão de fé e um desafio para a realidade e comunidade eclesial (onde se associa o termo “psíquico”). A perfeição figura como um dado da natureza na qual se reveste a necessidade de uma plena consciência (“gnose salvadora”) e onde se tem tudo e de tudo para se distinguir os “psíquicos” dos que alcançaram uma “redenção relativa”²¹⁶.

Denotar que para alguns Padres da Igreja – nomeadamente Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria – a perfeição não é um “dom natural”; é um termo que se veste e reveste de uma realidade progressiva, adquirida na dor (não sendo menor àquela que o gnóstico defendia); a interpretação da parábola do jovem rico de Mateus por parte dos autores referidos anteriormente torna-se como o melhor exemplo de caminho de santificação, de santidade.

²¹⁴ Cf. *ibidem*, 1, 1.

²¹⁵ *Ibidem*, 6, 2.

²¹⁶ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1084-1085.

2.1 Ireneu de Lyon (± 130-202)

Testemunha privilegiada da evolução do conceito de “perfeição”, Ireneu atesta que o uso técnico das palavras “perfeito” e “perfeição” se tornaram importantes categorias antropológicas do pensamento cristão do século II. Ele vai desenvolver estes termos tendo em vista o adversário gnóstico que ele pretende desmascarar na sua obra *Adversus Haereses* (AH).

Denunciando o carácter reservado, exclusivo e “substancial” da perfeição gnóstica desde o Novo Testamento, ele escreve e descreve a história do homem recapitulado em Cristo Jesus e no caminho de perfeição que, desde o Batismo pela infusão do Espírito Santo, se constitui.

Na sua obra *Adversus Haereses*, em duas ocasiões Ireneu aborda a questão, mostrando a sua importância na “economia” do livro: AH, 4, 38 (culminação da refutação pelas Palavras do Senhor); AH, 5, 6-12 (como chave de leitura de ensaio antropológico relacionado com a ressurreição da carne). Vejamos estas duas passagens.

a. AH, 4, 38.

Assumida a base da objeção dos gnósticos – “porque é que o homem não foi criado perfeito desde o princípio?”²¹⁷ – verifica-se que, tal ideologia, separa a concepção de homem e da (sua respetiva perfeição) da de Ireneu. Para os gnósticos, existiam “naturezas” ou “substâncias” distintas: a natureza pneumática (perfeita e incorruptível), a natureza hílca ou psíquica (corruptível) e a natureza sárquica (apenas a segunda continha liberdade de escolha porque era a intermediária das outras duas naturezas). Neste sentido, para os gnósticos, qualquer possibilidade de crescimento e qualquer eventualidade de salvação da matéria – situado no tempo e na história – são excluídos. Em sentido inverso, para Ireneu, o homem foi criado (*nuper factus est*) como uma “criança” (*infans*), sendo obra moldada (*plasma*) pelas mãos de Deus e modelada desde o sopro de vida de Deus (*flatus vitae*) (cf. Gen. 2, 7-25), chamada para se tornar *perfecta*, por meio do “poder do Incrível” (*virtuem infecti*), do poder de Deus²¹⁸.

²¹⁷ Cf. AH, 4, 38, 1.

²¹⁸ Cf. *ibidem*, 4, 38, 1. A importância da seção 4 fora minimizada, tornando-a dependente de um outro sentido, opondo-se ao tema do progresso. Manifesta-se, assim, um desenvolvimento, um progresso, que tem um grande papel na recapitulação ireniana. Isso ajuda a perceber a questão do *télos*, de onde o ponto de chegada coincidiria com o ponto de partida na perspetiva da recapitulação e que desemborcaria na perspetiva da habituação. Contudo, estas duas perspetivas são enriquecedoras, complementando-se mutuamente: cf. COUILLEAN – Perfection. In *DSp*, col. 1086.

Neste sentido, em Ireneu, podem-se distinguir e instituir três estádios e/ou figuras do homem perfeito: a perfeição de Cristo²¹⁹, «o último passo, que terá lugar na ressurreição»²²⁰ e a etapa intermédia²²¹ (onde o homem recebe o Espírito Santo e o progresso espiritual que lhe faltava; é a “realização da completude”, sendo, em oposição aos outros dois, a «completação da supereminência»²²²). Denotar que Ireneu não distingue “perfeição moral” de “perfeição sobrenatural”; ele conhece apenas o estado do homem que se tornou conforme o plano de Deus, pois o homem foi criado para a perfeição da vida espiritual e, desde ela, para a perfeição natural (por meio da vida racional) – quando o homem recebe a participação do Espírito (*aliquam partem*), o que lhe faltava para ser “perfeito” já está preenchido, tornando-se, por conseguinte, “perfeito no mundo” mediante a ordem da completude (ainda que não esteja na ordem da supereminência)²²³.

b. *AH*, 5, 6-12.

Contrapondo ao esquema do livro 4 – que insere a realidade do tempo e da história no crescimento e desenvolvimento do homem –, aqui contempla-se a passagem do *homo animalis* (enquanto ser psíquico) ao *homo spiritualis*, fruto da importante participação do Espírito para o desenvolvimento espiritual do homem mediante a sua liberdade:

«O homem perfeito é composição e união da alma que recebe o Espírito do Pai e está unida à carne, plasmada segundo a imagem do Pai. [...] Quando, porém, este Espírito mistura-se com a alma e se une à obra modelada, pela efusão deste Espírito, realiza-se o homem espiritual e perfeito, e é este mesmo que foi feito à imagem e semelhança de Deus. Se, porém, falta o Espírito à alma, este homem será verdadeiramente psíquico e carnal, mas imperfeito, porque possuiria a imagem de Deus enquanto criatura modelada, mas não teria recebido a semelhança por meio do Espírito»²²⁴.

Perfeitos são aqueles que, em simultâneo, possuem o Espírito de Deus, preservando a fé em Deus e mantendo a justiça para com o próximo, sendo que, se associado à realidade da perfeição se encontra o da recapitulação e da imagem e semelhança²²⁵; também quem “encontra o martírio” é capaz de encontrar e de abraçar a perfeição²²⁶.

²¹⁹ Cf. *AH*, 5, 1, 3.

²²⁰ Cf. *ibidem*, 5, 8, 1.

²²¹ Cf. *ibidem*, 5, 6, 1.8, 2.

²²² *DSp.* 12.1, col. 1086.

²²³ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1086.

²²⁴ *AH*, 5, 6, 1.

²²⁵ Cf. *ibidem*, 4, 6, 7.9, 3.

²²⁶ Cf. *ibidem*, 3, 12, 13.5, 9, 2.

2.2 Clemente de Alexandria (± 150-215)

Tal como Ireneu de Lyon, um dos principais marcos de Clemente de Alexandria situa-se na localização concreta, precisa e concisa de palavras-chave nas suas obras que permitem uma abordagem mais clara e evidente. É no seu livro *Pedagogo* (capítulo 5-6) que encontramos uma variada reflexão acerca da doutrina da perfeição: desenvolvimento sobre o espírito da infância e perfeição batismal e acerca da pedagogia da palavra e da imagem do perfeito gnóstico que vem para realizar a promessa de perfeição destinada desde o batismo.

a. A perfeição dos batizados.

Pressupondo-se um progresso contínuo em direção à perfeição²²⁷, a perfeição da infância é dada desde o batismo – manifestando-se a realidade da gratuidade²²⁸ (ao vincular a perfeição batismal ao batismo de Cristo, Clemente evoca o carácter espiritual da imitação de Deus em Cristo²²⁹). A perfeição, pelo batismo, que já se reconhece ao cristão deve notar o “carácter intelectualista”²³⁰, de onde na origem da adoção, se ilumina um dom do conhecimento²³¹ – uma perfeição da infância batismal que se revela autêntica e total²³². Ao nível da graça batismal, toda a perfeição é oferecida universalmente e de forma similar – «alguns não são gnósticos, enquanto que outros são psíquicos; no próprio *Logos*, todos os que estabeleceram os desejos da carne são iguais (...) aos olhos de Deus»²³³. É por isso que o ato divino como sacramento é o que constitui tal perfeição, é o que dá acesso ao ensinamento da fé – «tanto quanto é possível neste mundo, estamos convencidos de que nos tornamos perfeitos. A fé (...) é a perfeição do ensino. Nada falta na fé, que é perfeita por si»²³⁴. Neste sentido, Clemente pretende (de)mo(s)strar que não

²²⁷ «Querendo-nos conduzir à perfeição pela marcha ascendente da salvação, o *Logos* (...) converteu-nos primeiro; então, Ele educou-nos como um pedagogo; por último, ensinou-nos»: *Pedagogo*, 1, 1, 3, 3. Se esta forma de pensar já é uma contradição para os gnósticos, torna-se duplamente provocatória na referência à pedagogia do *Logos*. O batismo faz que o homem se apresente sem distinção, como “perfeito” – na articulação à ideia de “criança”. Nesta ordem de ideias, a “perfeição” é aberta a todos, não sendo um estado final de um tomar consciência (cf. *Pedagogo*, 1, 6, 31, 1), mas de uma pedagogia que evoca as categorias próprias e apropriadas de tal realidade: humildade, obediência, entre outras. Clemente não assume o paradoxo da infância como perfeição, mas como um ponto de aptidão para o progresso, para o crescimento espiritual tendo em vista a perfeição.

²²⁸ «E nós, por um ato tão rápido quanto pensado, tornamo-nos crianças»: *Pedagogo*, 1, 2, 6, 5; 6, 27, 1.

²²⁹ Cf. *ibidem*, 6, 25, 3-26, 1.

²³⁰ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1088.

²³¹ Cf. *Pedagogo*, 6, 25, 1.

²³² Cf. *ibidem*, 6, 27; 25, 2; 26, 2.

²³³ *Ibidem*, 6, 31, 2.

²³⁴ *Ibidem*, 6, 29, 1-2.

existem «duas perfeições de Cristo»²³⁵; procura distinguir entre “promessas” e “realização”, “vida presente” e “*escháton*”, “lei” e “fé”. Em relação ao futuro – o «descanso ideal»²³⁶ – a perfeição é relativa e assumida desde o passado, e, nele, associado à Lei²³⁷.

Somente o Senhor é perfeito; e é porque a Igreja é o corpo d’Ele que é perfeita; e é, desde o batismo, porque “somos membros da Igreja”, que tendemos à perfeição. Contudo, «Cristo é o único homem perfeito na justiça. Quando a nós, os mais jovens, alcançamos a perfeição quando somos Igreja, porque recebemos a Cristo que é a sua cabeça»²³⁸. Como se verifica, na (progressiva e decisiva) totalidade da perfeição batismal, surge-se-nos a ideia de um desenvolvimento contínuo, in(de)terminável e de onde dois aspetos alcançam o seu ponto de equilíbrio: «ser perfeito é “ser apegado à perfeição”»²³⁹.

b. *Télos e skopós*.

Comparando e examinando as opiniões das diferentes escolas filosóficas acerca da “natureza do bem soberano”²⁴⁰, Clemente de Alexandria, ilustrando o seu pensamento com referências bíblicas, diz-nos que o *télos* cristão assume-se e manifesta-se como o resultado e fonte de toda a (sua) busca, como o princípio e base de todo o sentido da (sua) ação.

c. Perfeição do gnóstico.

Confrontado com o ideal de “perfeição” do gnosticismo, Clemente vê a sua perspectiva mais positiva e decididamente mais ampla²⁴¹, tendo como base a ideia de fundamentar, alicerçar e provar, diante dos filósofos, que o cristão conseqüente «não é (...) um ateu, mas o único verdadeiramente piedoso»²⁴².

Na comparação que inspira Clemente a escrever contra o gnóstico Teodoro, o que distingue o homem do Anjo é que o homem alcança a perfeição «na linha de avanço (*prokopè*)»²⁴³, sendo chamado a ascender e superar as escadas de uma hierarquia fixa e o anjo é estabelecido por uma hierarquia fixa, não (con)tendo «nenhum avanço»²⁴⁴. Nesta

²³⁵ *Ibidem*, 6, 33, 3; cf. *DSp*. 12.1, col. 1088-1089.

²³⁶ *DSp*. 12.1, col. 1089.

²³⁷ Cf. *Pedagogo*, 6, 34, 2; 35, 1; 36, 1.4.

²³⁸ *Ibidem*, 5, 18, 4.

²³⁹ *DSp*. 12.1, col. 1090; *Pedagogo*, 6, 52, 2-3.

²⁴⁰ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1090; *Pedagogo*, 22, 134-136.

²⁴¹ Cf. *Miscelâneas*, 6-7.

²⁴² *Ibidem*, 6, 1, 1.

²⁴³ *Fragmentos*, 15, 1.

²⁴⁴ *Ibidem*, 10, 4.

subida que o homem realiza, não se estranham as lacunas no caminho, mas sempre e cada vez mais consciente do progresso que realizara e do caminho que percorrera. Muitas das vezes, este percurso delineado e caminhado pelo homem reveste-se de um carácter assinalado por uma novidade absoluta; contudo, a unidade é sempre a base, tida e mantida como ideal de sustento.

A gnose é ainda a fé aperfeiçoada, o progresso supremo é a adoção filial, a amizade divina, o “resto” em Cristo, a visão de Deus para com os corações puros²⁴⁵. É por este percurso que Clemente refere a caridade como a perfeição insuperável²⁴⁶; contudo, se «a gnose é suprema perfeição, (...) a própria caridade é a perfeição da gnose»²⁴⁷. Nesta ordem de ideias, a superioridade do “conhecimento” em prol das “obras” torna-se patente e evidente – «ensina-me o bom senso e o saber, pois eu creio nos teus mandamentos» (Slm. 119, 66) – enfatiza(n)do(-se) através da progressão do que se tem como fundamental da perfeição²⁴⁸.

Do duplo conhecimento purificador depreende-se um outro duplo propósito:

«Existem dois tipos de instruções aplicáveis aos dois tipos de pecados: um ao conhecimento (e a clara demonstração do testemunho da Sagrada Escritura) e por outro o ascetismo de acordo com o *Logos* instruído pela fé e pelo medo; ambos conduzem à caridade. Para o *télos* gnóstico, surge uma dupla contemplação: uma de acordo com a ciência e outra de acordo com o “outro”»²⁴⁹.

Clemente de Alexandria identifica dois tipos de conversão: a primeira identifica-se com a Lei; a segunda corresponde à perfeição evangélica, ao «bom ato» (*eupoia*)²⁵⁰.

Identifica ainda o “martírio” com a “perfeição”: «nós chamamos a perfeição do martírio, não porque o homem atinge o fim da sua vida como os outros homens, mas porque ele manifesta o trabalho perfeito da caridade»²⁵¹. «O martírio é, por imitação do Senhor, o ato perfeito por excelência que leva ao fim da intenção e da palavra»²⁵². O martírio representa e revela as profundidades do coração, a qualidade evangélica da liberdade de cada pessoa²⁵³. A obra perfeita da caridade de que o martírio é sinal reflete,

²⁴⁵ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1091.

²⁴⁶ Cf. *Miscelâneas*, 6-7.

²⁴⁷ *DSp.* 12.1, col. 1091.

²⁴⁸ Cf. *Miscelâneas*, 4, 6, 39, 1.

²⁴⁹ *Ibidem*, 7, 16, 102, 1.

²⁵⁰ Este ato resume o preceito de imitar a Deus, de acordo com as antíteses do sermão da montanha, em particular, do amor dos inimigos como “justiça”: cf. Mt. 5, 43-48; *Miscelâneas*, 6, 7, 60.12, 102-104; 7, 11, 62, 7.

²⁵¹ *Miscelâneas*, 4, 4, 14.

²⁵² *Ibidem*, 4, 9, 75.

²⁵³ Cf. *ibidem*, 4, 6, 28; 8, 67; 19, 18.

para Clemente de Alexandria, «a pureza do coração, (...) a pureza perfeita que é, em primeiro lugar, a sinceridade de espírito, de obras, de pensamentos e de parábolas»²⁵⁴.

Por conseguinte, pergunta(-se) até que ponto a perfeição é atingível. Dita pela afirmativa a sua conceção e afirmação, adverte que nem todos têm a capacidade de alcançar tal estado – não por natureza, mas por *proairesis* (determinação)²⁵⁵. É assim que se entende, então, a perfeição como relativa:

«Assim como dizemos que um médico é perfeito, um filósofo é perfeito, então, (...) temos um gnóstico que é perfeito, mas nenhuma dessas coisas acontece tendo como contraposto a semelhança de Deus, dado que não fingimos (...) que a virtude é a mesma em Deus e no homem. Devemos (...) pois – reconhecer como é – absolutamente impossível para nós sermos perfeitos como Deus é. Mas o Pai deseja que, vivendo rigorosamente sem censura em obediência ao Evangelho, nos tornemos perfeitos»²⁵⁶.

Neste sentido, se para Clemente a perfeição do homem é relativa, como consequência, ela entende-se (também) como parcial:

«A perfeição pode ser obtida de diferentes maneiras. De acordo com a virtude em que se progride, a pessoa torna-se perfeita na piedade, na paciência, na contingência; o homem de ação, o mártir, o gnóstico aperfeiçoa-se. Quanto a ser perfeito em tudo, não sei se há um homem que (...) chegou lá, com exceção daquele que (...) colocou o homem (= o gnóstico)»²⁵⁷.

A perfeição encontra-se ainda sob a realidade dos carismas: «os profetas são perfeitos na profecia, os justos na justiça (...) porque elas [as virtudes] se destacam naquelas que lhe foram atribuídas... Mas os apóstolos eram perfeitos em tudo»²⁵⁸. Contudo, «esta oportunidade é até hoje vigiada sob aqueles que praticam os pré-conceitos do Senhor e vivem a perfeição gnóstica de acordo com o Evangelho de ser escolhido do número dos apóstolos»²⁵⁹. Assim, a perfeição do gnóstico é inatingível porque não tem limites; o seu fim é infinito²⁶⁰.

Clemente responde, tal como Ireneu²⁶¹, à objeção da gnose; contudo, as suas respostas apresentam-se em diferentes níveis. Vejamos isto mesmo num esquema comparativo:

²⁵⁴ *Ibidem*, 4, 22, 136.142.

²⁵⁵ Cf. *ibidem*, 5, 1, 7, 1.

²⁵⁶ *Ibidem*, 7, 88, 5-6.

²⁵⁷ *Ibidem*, 4, 21, 130, 1.5.

²⁵⁸ *Ibidem*, 4, 21, 134.

²⁵⁹ *Ibidem*, 6, 13, 106, 1.

²⁶⁰ Cf. *ibidem*, 7, 13, 81, 3.

²⁶¹ Cf. *AH*, 4, 38 – «Adam foi formado (*eplastè*) de modo perfeito ou imperfeito? Se foi formado imperfeitamente, como pode o trabalho de um Deus que se tem por perfeito ser imperfeito, especialmente

Ireneu de Lyon	Vê em Adão a humanidade na sua totalidade, dando-se conta da sua imperfeição original por causa da criação «recente» (<i>nuper factus</i>), fazendo dessa perfeição o pressuposto da pedagogia divina e da recapitulação do problema pessoa a caminho para a perfeição (analogicamente) evidenciada (mas que não está em primeiro lugar).
Clemente de Alexandria	Procura, em sentido inverso, a perspectiva da história da salvação associada à perfeição analógica. O homem é perfeito no ponto de partida, tendo em conta que Deus não lhe negou nada que fosse exigido pela sua natureza; a imperfeição vem exclusivamente e inteiramente da escolha dos indivíduos, refletidas em implicações concretas ²⁶² , sabendo sempre que Deus é irrepreensível ²⁶³ .

Desta ordem de ideias, manifesta-se a existência de uma “perfeição de *plasis*” (que inclui uma aptidão para receber a virtude pela livre escolha) e uma “perfeição de *kataskeuè*” (que se revela como a atualização dessa mesma aptidão pela gnose, que é, ao mesmo tempo, conhecimento e “bem-agir”)²⁶⁴. É de salientar ainda que, para Clemente de Alexandria, a perfeição não se encerra num estado (o casamento, a virgindade, entre outros²⁶⁵) nem em qualquer outra prática. A perfeição é o estado final da liberdade evangelizada que está para além de toda e qualquer mediação²⁶⁶.

2.3 Orígenes de Alexandria (± 185-254)

A multiplicidade de termos – *téleiotés*, *télos*, *téleios*, entre outros – para se dizer “perfeição” não facilita o estudo deste conceito em Orígenes. Por outro lado, ele distingue vários níveis de perfeição: dependendo do caso, dá um significado absoluto e/ou relativo. No entanto, ele é o primeiro Padre da Igreja a desenvolver uma doutrina completa acerca da perfeição: tanto no campo teológico como no campo da vivência mística.

A partir da Tradição, ele toma como fundamento que a perfeição apenas se manifesta no final: a *téleiotés* juntou o *télos*. A perfeição é uma realidade – e atualidade – que se toma na conclusão do processo de deificação, que se assume no futuro²⁶⁷. Contudo, a perfeição representa uma marca individual e eclesialmente indissolúvel até à

quando se trata do homem? E se ele foi treinado como um ser perfeito, como é que ele transgrediu o comando?».

²⁶² Cf. *Miscelâneas*, 6, 12, 69, 2-3.

²⁶³ Cf. *ibidem*, 4, 23, 150, 3-4.

²⁶⁴ Isto é semelhante à definição de “gnose” como perfeição dada por Clemente: «a gnose é (...) uma conclusão do homem como homem, obtida pela ciência das coisas divinas de acordo com os jeitos, a vida e as palavras, harmonizadas e com conformidade consigo próprio e com a Palavra Divina. Por isso (...) a fé chega ao fim e os fiéis tornam-se como uma perfeição»: *Miscelâneas*, 7, 10, 55, 1.

²⁶⁵ Cf. *ibidem*, 7, 12, 70, 6-8.

²⁶⁶ Cf. *ibidem*, 7, 10, 57, 2.

²⁶⁷ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1095.

apokatástasis. Orígenes centra a sua doutrina da perfeição em três elementos: a. Perfeição, participação e teologia trinitária; b. Quem é perfeito?; c. Desde os primórdios até ao *pleróma*. Consideremos estes aspetos em apartados separados.

a. Perfeição, participação e teologia trinitária.

A dinamicidade da noção de perfeição está baseada na doutrina da participação, que funda toda a sua teologia (muito particularmente a teologia trinitária). O estudo da natureza de Deus mostra que a perfeição está envolvida, no seu estado mais elevado (*sapientia, sobrenatural*), por uma categoria superior de indivíduos, nos membros perfeitos da verdadeira Igreja. A estes “perfeitos” da verdadeira Igreja, o Espírito Santo comunica a natureza divina – o *pneúma* – mostrando que a “perfeição” coincide com a “divinização” (Orígenes distingue o “perfeito” do “simples fiel” porque estes receberam o “Espírito de filiação adotiva”, sendo que é através dele que se participa na perfeição do Filho unigénito, a imagem perfeita do Pai, na sua forma *epínoiai* [ou seja, que se projeta no homem em forma de pensamento]: de Sabedoria, Verdade, Palavra, ...).

Com o Pai – fonte da bondade e do ser –, o Filho e o Espírito estão associados à ascensão para a perfeição dos fiéis simples e têm, para a Igreja-Esposa, o estado de perfeição no poder (*dúnamei*), daquela perfeição em ato (*enérgeiai*). O Pai, desde a paternidade, é o único gerador do Filho e será Ele que mudará os «filhos da cólera»²⁶⁸. O “Logos-Espírito” ou “Logos-Sabedoria”²⁶⁹ conduz ao Pai, desde os simples fiéis, o “filho adotivo” perfeito – a perfeição (que se entende como a plenitude da virtude, como cumprimento da vontade de Deus) abre ao conhecimento, sendo ela lugar da revelação de Deus através do *Logos* na sua divindade, como imagem e semelhança de Deus, como Sua Sabedoria²⁷⁰.

b. Quem é perfeito?²⁷¹

Aquando do Batismo, pela unção do Espírito Santo e com o fogo²⁷², o “segundo nascimento” marca a dinâmica de entrada na realidade da perfeição, dada a manifestação do dom da filiação adotiva.

²⁶⁸ Cf. *ibidem*, col. 1096.

²⁶⁹ Cf. BETTILOLO, Paolo – Perfecto. In *Diccionario de Orígenes: la cultura, el pensamiento, las obras*. Org. Adele Monaci Castagno. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003, p. 724.

²⁷⁰ Cf. *ibidem*, p. 726.

²⁷¹ Seguindo o *DSP*, para se facilitar a referência às obras de Orígenes, usamos algumas siglas. Para se enquadrar o que se pretende dizer, vejamos: «CC» – *Contra Celsum*; «HGn, HEx, HNm, ...» – *Homilias acerca do livro do Génesis, Homilias acerca do livro do Êxodo, Homilias acerca do livro dos Números, ...*; «In Jo» – *In Johannem*; «P.A.» – *Peri Archôn*; «P.P.» – *Peri Pascha*.

²⁷² Cf. *In Mt.*, 15, 23; BETTILOLO – Perfecto, p. 724.

Tendo em conta também toda a problemática da gnose que Orígenes tem a braços, ele pergunta: «a obra de Deus, (...) a criatura racional (*logikón*), (...) foi criada imperfeita? (*atelés*)»²⁷³. Para Orígenes, a criatura que foi colocada por Deus no paraíso era perfeita; é por causa da sua desobediência que se torna necessário enviar o Salvador para a livrar da imperfeição e a (voltar) aperfeiçoar, como obra de Deus – «Criado perfeito, o homem abandonou a sua própria casa. Ele não era fiel ao seu princípio (*archê*), comprometendo o seu fim (*télos*)»²⁷⁴.

É pelo pecado, é através da queda que se induz e conduz o homem para fora da “sua casa”, demovendo-o do seu ideal de perfeição (aquele ao qual ele terá que voltar). Contudo, o homem não recebeu a perfeição desde a sua criação e filiação divina. Orígenes, contra os gnósticos, afirma que ninguém é nascido de Deus, mas que todos recebem a faculdade de se tornarem “filhos de Deus” para progredirem no caminho da perfeição desde o envolvimento e desenvolvimento das suas capacidades, sabendo que, no fim, alcançarão a perfeição e a consumação das virtudes mediante o progresso pessoal²⁷⁵:

«A perfeição é o “exercício das virtudes” (...), é fazer o bem (...). Progride-se, ainda que, todavia, não se seja “perfeito”, atendendo ao modo de se suportar com paciência os insultos e não respondendo a nada. (...) Os que se comportam assim, os que devolvem uma bênção, depois de receberem uma maldição, e oram por aqueles que caluniam. (...) Com esta perfeição, o homem assemelha-se ao Verbo Salvador, paciente e misericordioso como Ele»²⁷⁶.

É nesta ordem de ideias que Orígenes apresenta três estados ou graus de humildade, sabendo das suas recíprocas dependências²⁷⁷:

1. Estado (ou idade) dos “infiéis/pecadores” – é o nível mais distante da perfeição.
2. “Simples Fiéis” – onde se “inaugura”, mediante o batismo²⁷⁸, a possibilidade da perfeição²⁷⁹.
3. “Perfeitos” – aqueles que reconhecem a filiação divina; é onde acontece a inteira participação do Espírito²⁸⁰.

²⁷³ Cf. *In Jo.*, 12, 37, 237-238.

²⁷⁴ Cf. *ibidem*, 12, 37, 239-244.

²⁷⁵ Cf. *ibidem*, 13, 37, 392.20, 33-34 (298-303); *HGn.*, 25, 6; *HLv.*, 12, 2; *HJos.*, 9, 8.

²⁷⁶ BETTILOLO – Perfecto, p. 725.

²⁷⁷ Cf. *ibidem*, p. 727.

²⁷⁸ Cf. *In Rm.*, 3, 1.

²⁷⁹ Cf. *HJos.*, 17, 2.

²⁸⁰ Cf. *In Jo.*, 6, 33, 169.

O segundo e o terceiro estados de perfeição correspondem a dois espíritos diferentes: o espírito da servidão e o espírito da filiação (respetivamente). Pode acontecer que, por vezes, não se verifique a passagem de um para o outro nível.

A perfeição, assim, não está mais associada a uma função, mas antes ligada a uma realidade de ordem tipológica²⁸¹. Orígenes, no entanto, admite que existam alguns seres “perfeitos” – «Não se deve esquecer que houve, mesmo antes da sua chegada a um corpo, uma vinda espiritual de Cristo para os homens que haviam chegado a uma certa perfeição, (...) para quem tinha sido realizada a plenitude espiritual»²⁸². Ainda de salientar que este padre da escola de Alexandria relaciona e articula a perfeição com o martírio²⁸³.

c. Desde os primórdios até ao *pléroma*.

O Pai é perfeito porque se basta a si mesmo, sendo Cristo restaurado perpetuamente pelo Pai – «o Filho recebe a sua comida somente pelo Pai, sem qualquer intermediário»²⁸⁴ – e o que recebe do Pai é a sua única vontade – «O Pai e Eu somos um» (Jo. 10, 30; cf. Jo. 17, 21). Desde esta base, Orígenes afirma que Cristo é um ser perfeito porque nada Lhe falta; Ele é perfeito para os homens, o único cujas mãos são perfeitas, imagem perfeita e visível do Pai perfeito, mas invisível. Toda a perfeição dos filhos de Deus manifesta-se mediante o “aproximar” da imagem de Cristo, imitando as suas virtudes, as suas ações, as suas dinâmicas intrapessoais e interpessoais. É na e pela diferença de natureza das filiações que se mostra que a perfeição é uma realidade escatológica²⁸⁵. Contudo, na realidade humana, ela apresenta-se como uma realidade dinâmica, progressiva e “reversível”²⁸⁶.

É Deus quem gera o ser perfeito, tendo em conta cada uma das suas obras; é Cristo quem ilumina; é pelo Espírito que se alumia tal realidade – é o Espírito que faz com que esses seres sejam perfeitos²⁸⁷. Por conseguinte, toda a perfeição neste mundo é parcial, relativa, incompleta, em relação à Perfeição da Palavra, mas também em relação à Perfeição na Jerusalém Celestial: «a perfeição (...) supõe uma conduta que se adquire progressivamente e onde ela mesma é o término»²⁸⁸.

²⁸¹ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1097.

²⁸² Cf. *In Jo.*, I, 7, 37.

²⁸³ Cf. *HNm.*, 17, 4.

²⁸⁴ *In Jo.*, 13, 34, 219-220.

²⁸⁵ Cf. BETTILOLO – *Perfecto*, p. 724-725.

²⁸⁶ Cf. *P.P.*, 22, 7; *In Rm.*, 7, 7; *P.A.*, 4, 10; *In Mt.*, 13, 2; *C.C.*, 6, 63, 25-29.7, 22, 4; *P.A.*, 4, 4, 10.

²⁸⁷ Cf. *P.P.*, 21, 2-3; *In Jo.*, 33, 288; *In Mt.*, 17, 30; BETTILOLO – *Perfecto*, p. 724-725.727.

²⁸⁸ Cf. BETTILOLO – *Perfecto*, p. 726.

Aquando do “fim” (escatológico)²⁸⁹, a perfeição será uma realidade atuante, presente e patente no dinamismo humano, não sendo apenas e só o *Logos* restaurado, mas (Deus) será “todo em todos” (cf. 1Cor. 15, 20-28)²⁹⁰ na ação humana. Para Orígenes, o retorno individual e coletivo ao “estado original”, quer dizer, à perfeição, associa-se a uma realização catalogada com um dinamismo restaurado pela semelhança.

Neste modo de pensar, “perfeição” e “participação” articulam-se, gerando uma realidade sempre nova que radia e erradia a glória de Deus, o Salvador do Mundo e, desde Ele, por Ele e com Ele, a condução de todos os homens ao ideal da perfeição que tem a sua meta no novo Céu e na nova Terra, na Cidade Santa, a nova Jerusalém, bela como Esposa que se adorna para o seu Esposo (cf. Ap. 21, 1)²⁹¹.

2.4 A parábola do jovem rico (cf. Mt. 19, 16-22) segundo Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria

O evangelista Mateus, no capítulo 19, apresenta-nos a parábola do jovem rico (cf. Mt. 19, 16-22). Em toda a exegese patrística, apenas três autores abordam esta perícopé de forma total; são os mesmos que apresentam uma doutrina acerca da perfeição de forma mais sistemática e coerente, justamente aqueles que já vimos neste estudo: Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria.

Ireneu de Lyon encontra, para cada uma das categorias de “homem” (a natureza pneumática, a natureza hilica e a natureza psíquica), a identificação na parábola referida²⁹². Para os psíquicos, existem dois tipos de respostas possíveis: os que, tendo “colocado a mão no arado”, olham para trás²⁹³ e, similarmente, aqueles que, apesar de terem realizado muitos sacrifícios, recusam seguir o Senhor, vencidos por uma riqueza que os delimita. Desde o início da sua exposição²⁹⁴, Ireneu afirma a continuidade: «a lei tinha aprendido no homem a antecedência para seguir a Cristo» – Ele propôs os mandamentos da Lei como que os graus para entrar na vida, para aqueles que O seguissem²⁹⁵. Nesta ordem de ideias, Ireneu lança suspeitas acerca da resposta do rico,

²⁸⁹ Cf. *ibidem*, p. 725.

²⁹⁰ *Apokatástasis* da Igreja, constituída por cada um dos crentes, em Cristo.

²⁹¹ Cf. Ap. 21, 1-2. A perfeição, neste sentido, pode-se relacionar com a “vinda inteligível” de Cristo, que pode ser anterior à Sua “vinda sensível”: cf. BETTILOLO – Perfecto, p. 726.

²⁹² Cf. *AH*, 4, 12, 5.

²⁹³ «Outro ainda disse-Lhe: “Seguir-Te-ei, Senhor, mas deixa que primeiro vá despedir-me da gente da minha casa”»: Lc. 9, 61.

²⁹⁴ Cf. *AH*, 4, 12, 5.

²⁹⁵ Cf. *DSP*. 12.1, col. 1101.

dado que há apenas uma só Salvação e um só Deus; mas para “comple(men)tar” o ser humano, manifestam-se muitos preceitos e graus que não conduzem a Deus²⁹⁶.

Clemente de Alexandria sinaliza o carácter do rico: ele não é um tentador, ele não é um impostor; ele é um jovem corajoso que se permite apanhado numa ilusão da perfeição legalista e que, com isso, se encontra satisfeito – «ele não queria ter uma vida boa (...), mas estava apenas focado na glória de uma boa reputação»²⁹⁷.

No entender de Clemente, o que impede o jovem de atingir a autêntica perfeição é a sua incapacidade de compreender espiritualmente a expressão «vai, vende tudo o que tens» (cf. Mt. 19, 21a) – “vender” significa renunciar às próprias paixões. Embora este jovem não queira contradizer nem assumir o erro dos ricos, ele parece assumir um ideal de perfeição que se mostra como algo da «abstenção do mal que (...) apresentou em um outro lugar como uma característica da perfeição da Lei»²⁹⁸. Esta renúncia não se apresenta como passiva; ela deve ser um verdadeiro reflexo da generosidade divina. Esta conceção de perfeição assumida como renúncia ativa das paixões fora comunicada ao monaquismo²⁹⁹.

Numa articulação com a realidade do martírio, Clemente de Alexandria refere a realidade do dinamismo da doutrina da perfeição de forma autêntica (ainda que de forma um pouco elíptica de Mt. 19, 21):

«Parece-me que o juiz que quer nos forçar a negar aquele que amamos revela quem é e quem não é amigo de Deus. Não é mais necessário, então, imaginar o que cada um escolheu entre o amor de Deus e as ameaças dos homens, ou como a abstenção de más ações leva à diminuição e à supressão do mal, à inação, reduzindo a nada o seu poder.

O que vem para vender o que é seu e dá-lo aos pobres, então vem e segue-me, isto é, o que é dito pelo Senhor [...]. Há alguns que afirmam que “isso a quem pertence”, que é o que é estranho para a alma, mas eles não podem explicar como deve ser dado aos pobres³⁰⁰. Mas Deus distribuiu tudo para todos quando Ele retornar para todos numa dispensação justa. Tendo assim desprezado, na sua generosidade, os bens que Deus lhe deu em ação, sigam minhas palavras, aspirando à ascensão do espírito e não apenas justificadas pela ausência do mal, mas aperfeiçoadas pela bondade do Senhor. Ele imediatamente tomou novamente aquele que se gabava de ter cumprido perfeitamente as prescrições da Lei, mas que não gostava do seu vizinho. A caridade, senhora do sábado pela supereminência gnóstica, obriga à benevolência»³⁰¹.

²⁹⁶ Cf. *AH*, 4, 12, 5.

²⁹⁷ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1102.

²⁹⁸ *Miscelâneas*, 6, 12.

²⁹⁹ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1102.

³⁰⁰ Orígenes irá explicá-lo posteriormente.

³⁰¹ *Miscelâneas*, 4, 3, 28, 4-29, 3.

Orígenes, tendo em conta o progresso delineado por Clemente de Alexandria, considera de forma particular a ambiguidade da passagem bíblica e a complexidade que a sua tradição envolve. Tendo como base o ponto que articula a primeira e a segunda resposta de Jesus, se o jovem rico cumpriu verdadeiramente o mandamento do amor de Deus, ele é perfeito (sabendo no topo da Lei está a caridade³⁰²). Para se resolver a divergência, colocam-se duas hipóteses: ou a presença do mandamento do amor é um brilho (na primeira resposta), ou o jovem não ficou realizado. Supondo que o jovem rico O tenha enganado, poder-se-ia ouvir num sentido literal a exigência que o Senhor formula na sua segunda resposta, tomada como o preço da perfeição. Tomada de forma literal, a exigência de Mt. 19, 21 não é a “perfeição”, mas a “condição para a perfeição”.

3. Monaquismo e Perfeição

Pelo surgimento do monaquismo, a forma de se considerar o fim da realidade das perseguições na Igreja mudará; tender-se-á a considerar a perfeição cristã em si mesma e dentro da Igreja, mais do que em referência e deferência à gnose herética³⁰³:

«O próprio monge, que se recolheu na sua cela preocupado com a sua santificação, está consciente de que a finalidade primária da sua experiência vocacional específica é essencialmente a beleza espiritual de todo o Corpo Místico de Cristo. Ele recolheu-se no seu eremitério, não para se isolar dos outros, mas para poder estar mais e melhor ao serviço de todos. A espiritualidade monacal é delicadamente diaconal, ou seja, tem um objetivo que quer ser uma resposta a uma necessidade emergente na história e na sociedade»³⁰⁴.

Contudo, denota-se uma certa e determinada continuidade: a virgindade, como um “estado de vida perfeito” preparou o caminho para o (surgimento e desapontamento do) monaquismo (contudo, não se pode absolutizar o desvinculamento do monaquismo das origens à gnose e sua respetiva procura pela perfeição). Para melhor compreendermos a relação entre monaquismo e perfeição, tentaremos apontar alguns aspetos relacionados com: os antecedentes do Monaquismo; a primeira geração monástica; o século V; e, por fim, com a compreensão da *Regra* (de Bento de Núrsia) à *Escada ao Paraíso* (de João Clímaco).

³⁰² Cf. *In Mt.*, 25, 13; BETTILOLO – Perfecto, p. 724-728.

³⁰³ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1104.

³⁰⁴ GENTILI, Antonio; GOFFI, Tullo – Vocação à Santidade. In *Dicionário de Orientação Vocacional*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008, p. 1462.

3.1 Os antecedentes do Monaquismo: virgindade, gnose e monaquismo

Nos primeiros séculos da Igreja, a virgindade foi vivida como um “estado privilegiado”, onde a sua supereminência foi – gradualmente e imponentemente – explicitada; a este respeito, a virgindade voluntária e a pobreza aparecem como “conselhos”³⁰⁵.

Na obra *Banquete*, de Metódio Olimpo, aparece uma formulação dessa perfeição como estado de vida. Identificada com a incorruptibilidade, a virgindade surge como «ensinamento supremo e culminante» de Deus, no qual e ao qual o homem deve ser chamado a encontrar o seu acompanhamento», dado que o «mundo teria atingido a maturidade»³⁰⁶. «Nos tempos antigos, o homem ainda não tinha a sua perfeição; então, ele ainda não era capaz de atingir essa mesma perfeição que é a virgindade»³⁰⁷. A virgindade é aquilo que caracteriza o Senhor aquando da Sua vinda ao Mundo. Então, «nós mesmos, se quisermos estar à semelhança de Deus, vamos emular para honrar a virgindade de Cristo. Ser como Deus é evitar a corrupção»³⁰⁸.

Mais adiante na sua obra, verifica-se que a Igreja é representada como a virgem que dá à luz no *Livro do Apocalipse*, ela é o modelo das virgens³⁰⁹. Na realidade, apenas realizam a existência eclesial os perfeitos, os continentos:

«Muitas vezes as Escrituras chamam Igreja ao encontro e à massa global de fiéis, enquanto que apenas os mais perfeitos são gradualmente levados a tornarem-se a pessoa e o corpo único da Igreja (...). Quanto aos que ainda são imperfeitos (...) são os mais perfeitos que os formam e os dá à luz como por maternidade»³¹⁰.

A castidade, compreendida como o «estado de vida, de entre todos o melhor e o mais belo»³¹¹, o «coroamento e plenitude de vida»³¹², constitui-se como a oferta perfeita³¹³, o mesmo que se equivale ao martírio³¹⁴ e que conduz à divinização e à vida angélica, ou seja, ao caminho de perfeição³¹⁵.

³⁰⁵ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1104.

³⁰⁶ *Banquete*, 1, 2.

³⁰⁷ *Ibidem*, 1, 4.

³⁰⁸ *Ibidem*, 1, 5.

³⁰⁹ Cf. *ibidem*, 8, 4-13.

³¹⁰ *Ibidem*, 3, 8.

³¹¹ *Ibidem*, 1, 1.

³¹² *Ibidem*, 9, 4.

³¹³ Cf. *ibidem*, 5, 1-2.

³¹⁴ Cf. *ibidem*, 7, 3.

³¹⁵ Cf. *ibidem*, 8, 1.

A importância da influência das descobertas dos textos de Nag-Hammadi – próximos do tempo e no espaço do monaquismo de Pacómio – revestem-se de um importante e determinante filão para melhor se compreender a relevância do monaquismo no desenrolar dos tempos e na condução das vontades. É nesta biblioteca gnóstica que se encontram as referências mais significativas: no *Evangelho de Tomé* (16, 49, 75) e no *Diálogo do Salvador* (120, 24-25; 121, 19). Circunscritos pelo ambiente e delimitado no tempo, verifica-se que o estado dos *monachos* estava ligado à ideia de eleição e separação, mas ainda mais ao de perfeição. Aos *monachos* são reservados o reino e a câmara nupcial³¹⁶, de onde se encontra a sua unidade perfeita e, por isso, unindo-se à dimensão celeste. É o que define o “gnóstico perfeito”³¹⁷.

3.2 Primeira geração monástica

Apreendendo-se a primeira geração monástica, procurar-se-á ter em conta os primeiros escritos à época (*Cartas* de António, Arsénio, Ammonas, Serapião, Macário, *Vida de António*, *Vida e obras* de Pacómio e dos seus discípulos e *Apophtegmés*) e, desde eles, identificar algumas das realidades que nos mostram o caminho de perfeição cristã que lhe está inerente.

Um primeiro elemento a destacar é a raridade de vocabulário de “perfeição”. A *Vida de António* usa a palavra “perfeição” apenas numa citação, referindo-se a Mt. 19, 21. Deveras, não existe praticamente nenhuma questão explícita de perfeição em toda a literatura monástica “de primeira geração” – «não parece haver um problema teórico sobre a perfeição e os monges não são comumente chamados de “perfeitos”»³¹⁸.

Se a palavra está ausente, o conceito (enquanto “coisa”) está muito presente. Em muitos dos escritos, fica-se realmente e verdadeiramente impressionado com a importância que o dom do Espírito Santo adquire no final do progresso espiritual³¹⁹.

³¹⁶ Cf. *Evangelho de Tomé*, 49, 75.

³¹⁷ Cf. *DSp*. 12.1, col. 1105.

³¹⁸ *Ibidem*, col. 1105.

³¹⁹ Ammonas é o mais explícito nesta lógica: o Espírito Santo é dado apenas e só às almas plenamente purificadas, que são muito raras. Existem algumas em cada geração, apenas e só algumas. A elas está reservada a revelação dos grandes mistérios, a presença dos anjos, a alegria espiritual, o trabalho sem cansaço. Elas não precisam de orar por si mesmas, mas apenas pelo próximo, tendo elas próprias o carisma do discernimento dos espíritos e a capacidade de exercer como um dom de Deus a paternidade espiritual. Os “vivos”, para Ammonas, advém das quatro faces da visão de Ez. 1, sendo que eles são a imagem dos “perfeitos”. Tal como António, ele distingue entre o “espírito de penitência” (que é dado aos iniciantes) e o “espírito da verdade” (que sendo o Espírito Santo, vem habitar as almas purificadas pelo espírito da penitência). A *Carta de Macário* aos monges também descreve um caminho da alma, marcado por fases de abandono e que culmina na presença do Espírito que purifica (tal como diz António) os membros do corpo

Nas *Cartas* de António, se o vocabulário de “perfeição” é raro, o termo “conhecimento” superabunda.

É em termos de “conhecimento” que o autor representa a graça da “Lei da Aliança” (= o estado monástico) da qual ele é o arauto: conhecer-se, conhecer a Deus “segundo a essência inteligível” (*ousía noerá*), conhecer-se como membros uns dos outros para ser traduzido de volta pelo Espírito Santo ao nosso próprio princípio, à nossa própria e apropriada herança.

Este conhecimento total e indivisível como que quase coincide com perfeição; ela abre a porta à filiação que é (ela) a perfeição: «os audazes fizeram-se pela mente, pois aprenderam a conhecer-se a si próprios e à sua essência intelectual, ganharam voz e diziam: ainda que conhecêssemos, era corporalmente, agora já não é assim que te conhecemos e receberam o espírito de filiação»³²⁰. Por outro lado, o facto de estar “aberto a todos”³²¹ elimina a associação gnóstica.

Ainda não existia, ao tempo, uma “instituição monástica”; o que há é a “ideia de uma identificação da perfeição com a instituição monástica” que surge na *Vida Boémia* de Pacómio: ele proclama a fé na liberdade do homem, mesmo daquele que herdou uma natureza depravada. A perfeição está reservada (pelo menos na prática) «àqueles que, dotados de uma boa natureza, escolhem a continência e a vida monástica»³²², confirmada através da oração³²³.

e as atividades da alma; Macário acrescenta que a realidade da “aliança” não fixa imutavelmente o benefício com a graça: cf. *ibidem*, col. 1105-1106.

³²⁰ ANTÓNIO – *Cartas*, 2, 28-29: «*audaces facti sunt in mente, nam noverunt se ipsos et intellectualem suam essentiam, dederunt vocem et dicebant: etsi noscebamus et olim corporaliter nunc non jam ita te noscimus et acceperunt filiationis spiritum*».

³²¹ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1106. António apresenta-nos alguns caminhos, mas que se convergem num único e mesmo fim, com um singular objetivo.

³²² *Ibidem*, col. 1107.

³²³ Pacómio ora pelas várias categorias de cristãos: em primeiro lugar surgem os monges (“para que possamos ser sempre perfeitos no teu amor, andam na tua frente de acordo com o teu bom prazer”); depois, segue para os que estão casados (“observem os seus mandamentos que estão no Evangelho como no caso daquele que questionou o nosso Salvador: o que devo fazer para ter a vida eterna? Sabemos o que Ele respondeu”). A distinção entre estados de cristãos é baseada, como se pode deduzir, na dupla resposta de Jesus ao jovem rico (cf. Mt. 19): cf. *DSp.* 12.1, col. 1107-1108. O surgir desta temática que compara a perfeição do monge com o cristão casado está muito para além da primeira geração monástica. À primeira vista, este tipo de narrativas poderia conduzir a que se considerasse que os Padres do deserto reconheciam que os seculares poderiam alcançar uma perfeição superior à deles. Contudo, verificamos que se pretendia dizer tal a perfeição estava aberta a todas as formas e formalidades de vida.

3.3 Em redor do século V: o *Livro Gradual*, Macário do Egípto (± 300-391), Gregório de Nissa (± 331-394), João Cassiano (± 360-435) e Evágrio Pôntico (± 345-399), Agostinho de Hipona (± 354-430)

Os primeiros escritos de espiritualidade monástica não estão relacionados com a perfeição – já não se encontra um rico período de sistematização que abarcou os tempos anteriores. Contudo, existe um fenómeno de “segunda geração”: ao se institucionalizar, o monaquismo teve de procurar justificações teóricas na Sagrada Escritura e na Igreja primitiva para se reconhecer e para ser reconhecido como um estado de perfeição³²⁴.

O ideal de perfeição, transmitido pela gnose ortodoxa de Clemente de Alexandria e por Orígenes de Alexandria, continua a ser tido em conta no deserto – as *Cartas* de António provam isso –, encontrando o seu fundamento teórico em Evágrio. A perfeição, como um programa formulado e proclamado, é de uma extrema importância. Tanto João Crisóstomo³²⁵ como Jerónimo³²⁶ refletem isto sem problemas.

O *Liber Graduum* (LG) é, em toda a literatura cristã, o documento que mais explicitamente fala da perfeição como uma categoria distinta. O *logion* do sermão da montanha transmitido pela *Didaché*³²⁷ é encontrado no LG por duas vezes³²⁸. Entre o LG e a *Didaché* pode-se referir uma estranha relação:

«A distinção entre os justos e os perfeitos (...) evoca a distinção das duas classes de cristãos na antiga Igreja da Mesopotâmia: de um lado, os cristãos de pleno direito, que seguem até ao fim as exigências do Evangelho, ao qual o Batismo parece originalmente ter sido reservado e, por outro lado, os simples fiéis ou crentes, mantidos catecúmenos. Aqueles a quem o autor chama de “perfeitos” correspondem a uma categoria de fiéis na Igreja que a ele pertence; aqueles que, tendo feito um “pacto” com o Senhor, estão comprometidos a viver em contingência e renúncia absoluta são os “filhos do pacto” (justos)»³²⁹.

Associada ao Batismo, por uma ligação original, a perfeição aparece entendida como uma experiência pneumática e como um *status* eclesial. Para o autor do LG

³²⁴ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1107.

³²⁵ Crisóstomo procurará, através da sua experiência pastoral, evoluir no modo de se compreender o lugar do monge, do sacerdote e do leigo. A teologia dos conselhos é elaborada neste contexto; contudo, entre conselhos e preceitos não existe uma divisão, dado que é feita uma fiel observância do preceito para se conduzir ao conselho.

³²⁶ Atribuí uma singular importância ao conceito de perfeição no contexto polémico, ao tempo, de *amalgamant*: cf. Prólogo do *Diálogo contra os Pelagianos*. Apud *DSp.* 12.1, col. 1108.

³²⁷ «Afasta-te das paixões carnis. Se alguém te der uma bofetada na face direita, oferece-lhe ainda a outra e serás perfeito (*téleios*). Se alguém te obrigar a andar uma milha, leva-o duas contigo. Se alguém te levar o manto, dá-lhe também a túnica. Se alguém te levar o que é teu, não reclames, pois não podes»: *Didaché*, 1, 4.

³²⁸ Cf. *Liber Graduum*, 2, 2.22, 15.

³²⁹ GUILLAUMONT, A. – *Situation et signification di «Liber Graduum» dans la Spiritualité syriaque*, OCA 197, 1974, p. 314. Apud *DSp.* 12.1, col. 1108.

(como para as outras testemunhas eclesiais da Síria: Efrém por exemplo) a ligação entre o batismo e a perfeição não aparece como consequência do segundo pelo primeiro, mas é referido como o fruto que se espera a partir da Graça Batismal.

O tema da vocação à perfeição, em Macário do Egípto (± 300-391), é um assunto que se encontra explícito na *Grande Carta (GC)*, estando por toda ela subjacente. Esta meta aparece como algo universal, imposta a todos e a cada um pelo testemunho das Escrituras³³⁰. Contudo, ela é inatingível na Terra:

«Suponha que alguém tenha que andar doze passos para chegar à perfeição. Às vezes ele consegue alcançar o cume para alcançar a perfeição. Então a graça diminui, desce um grau e fica no décimo primeiro degrau... Se o homem tivesse sempre diante dos seus olhos aquelas maravilhas que lhe foram reveladas, que ele tinha experimentado, ele seria incapaz de cumprir o ministério da Palavra ou qualquer outra acusação. Ele só podia sentar-se num canto, deliciado com Deus e embriagado de amor.

É por isso que ele não foi autorizado a ir além do último grau de perfeição para que pudesse dar do seu cuidado aos irmãos e assegurar a pregação... O “muro da separação” [Efésios 2, 14] é bem perfurado e destruído, mas não totalmente e para sempre. Às vezes, a graça luminosa queima, consola e repousa mais. Então, acontece que a luz cai e escurece de acordo com a economia da graça para o bem do homem.

Quem, então, atinge ocasionalmente o nível de perfeição, tendo o gosto e a experiência do mundo por vir? Eu nunca vi um cristão perfeito ou livre ainda. Pelo contrário, mesmo que um homem tenha provado as delícias da graça e tenha penetrado nos mistérios e revelações, o pecado ainda permanece nele. Tais homens, por causa da transbordante graça e luz neles, mantêm-se livres e perfeitos, mas erram por inexperiência dado que sentem o poder da graça. Nunca vi ninguém livre; desde que me alcancei parcialmente (*merikôs*) em certos momentos a este nível, sei, por ter aprendido, como o homem não é perfeito»³³¹.

Tendo como base este excerto, apontamos algumas das principais características da doutrina de Macário acerca da compreensão da perfeição³³²:

a. A perfeição está numa relação ambígua com o que, modernamente, se denominaria de “graça(s) mística(s)”. Estes são compreendidos como sinais de perfeição como sinais do “mundo por vir”, onde apenas e só a perfeição duradoura será realizada (mas eles não são perfeitos porque esses momentos não se prolongam).

b. A natureza polémica da doutrina é evidente em muitas das passagens da obra de Macário, dado que se encontra a ilusão do “espíritual” que identifica a perfeição com a experiência dessas mesmas graças; contudo, isto não se pode conceber isto porque, por “falta de experiência”, os seres acreditam que atingiram a perfeição.

³³⁰ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1109.

³³¹ *GC: Coleções*, 2, 8, 4-5.

³³² Cf. *DSp.* 12.1, col. 1109-1110.

c. Esta convicção depara-se com a “obra-prima da teologia de Macário”: a experiência da permanência do mal e do pecado na alma. Assim, também a libertação do pecado é identificada com a perfeição e a impecabilidade é negada até mesmo aos Apóstolos³³³.

d. A graça retira-se para o bem do homem – a presença do mal estimula a luta do homem; luta esta que pode ir até ao martírio – “combate perfeito”³³⁴. A suspensão da perfeição liberta o homem para o serviço fraterno e proíbe-o, de modo particular, de parar de acreditar que atingiu o objetivo³³⁵.

e. A perfeição está no final de um processo de crescimento e de desenvolvimento descrito, segundo Ef. 4, 13³³⁶, com uma superabundância de metáforas de crescimento, mas não é apresentada e considerada como resultado final³³⁷.

f. A natureza pessoal e paradoxal do testemunho adquire uma singular relevância, dado que para se falar de perfeição tem de se ter experiência; e é porque esta mesma experiência se entende e compreende como autêntica que se pode falar da perfeição do homem como uma realidade ilusória.

Gregório de Nissa (± 331-394), no Tratado sobre a Virgindade, ataca aqueles que «se renderam ao impulso feliz que os conduziu a esta vida nobre, imaginando-se tocados pela perfeição não partir do momento em que fazem a escolha, mas por causa do seu orgulho tolo que faz com que tropeçassem num outro erro»³³⁸, conduzindo a criatura a um estado mais pleno. O caminho do “progresso perfeito” poderia servir para resumir o paradoxo da *epéctase* (“progredir”) que faz de Gregório de Nissa um teólogo por excelência da perfeição cristã³³⁹. Os seus tratados *Sobre a Profissão Cristã* e *Sobre a Perfeição* permanecem na mesma linha³⁴⁰. Gregório de Nissa como que desenvolveu duas

³³³ Cf. *GC: Coleções*, 1, *Hom.* 16, 2, 1; *Coleções*, 2, *Hom.* 27, 9-14; 15, 4.14-15.

³³⁴ Cf. *GC: Coleções*, 1, *Hom.* 2, 25, 26.

³³⁵ Cf. *GC: Coleções*, 1, *Hom.* 4, 10; 8, 1, 1; 8, 2, 4; 33, 3, 4; 51, 5; 52, 2, 8; 58, 3, 1; 64, 9; *Coleções*, 2, 27, 6; 38, 4.

³³⁶ «A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo».

³³⁷ Cf. *GC: Coleções*, 1, *Hom.* 3, 5, 9; 44, 3, 1; 64, 10; *Coleções*, 2, 17, 3-8; 16, 3-6.

³³⁸ *DSp.* 12.1, col. 1110.

³³⁹ Cf. *ibidem*, col. 1110.

³⁴⁰ O tratado *De Perfecione* termina com a seguinte afirmação: «que nada se doía, pois, ao ver na natureza esta propensão à mudança, mas, (de)movendo-se no todo, faça-se o melhor, transformando-se *de gloria em glória*; mude com um crescimento quotidiano de tal forma que chegue cada dia melhor e mais

ideias identitárias da categoria de perfeição: a. A perfeição cristã está inscrita no próprio nome do cristão. b. A perfeição é uma identificação com aquela cujo nome somos portadores.

João Cassiano (± 360-435) ajudou a banalizar no Ocidente o vocabulário da “perfeição”, dado que aparece em todas as páginas das suas obras com uma densidade muito desigual de significado(s); Evágrio Pôntico (± 345-399), apesar de partilhar da complexa densidade que se associa num primeiro plano, usa o termo “perfeição” de um modo mais moderado³⁴¹. Se Evágrio usa de bom grado as formas enigmáticas de expressão, articulando o seu ensino de acordo com os vários níveis de perfeição (*praktikós, gnostikós, képhalaia gnóstica*), Cassiano também diversifica e adapta o seu ensino de acordo com os destinatários e/ou leitores das suas obras – estas distinções por ele idealizadas e realizadas não são sem afinidade com os graus de perfeição, mas tendem a associar os ideias para com os perfeitos (daí provavelmente a extensão qualitativa de vocabulário)³⁴². A perfeição, para João Cassiano, não é uma fórmula convencional para exprimir o inexprimível ou o inatingível; ela adquire um conteúdo empírico, numa dimensão mais estática – o *télos* – e numa perspetiva mais dinâmica – o *skopós*³⁴³. Se a “pureza de coração” em Cassiano encontra a *apátheia*, em Evágrio é o fim da vida prática.

De qualquer modo, para ambos, o Reino de Deus designa o mais alto estado de contemplação ao qual o homem pode participar na “caminhada terrena”; no entanto, Cassiano não assume a distinção evagriana entre o “Reino dos Céus” e o “Reino de Deus”.

perfeito e nunca pense que terá chegado à meta da perfeição. Pois, a perfeição consiste verdadeiramente em nunca parar de crescer (a) faz(r)endo o melhor e nunca em pôr limite algum à perfeição». A frase com que este padre termina este escrito é rotuladora e clara, entranhando um dos pensamentos que lhe são mais identitários: a perfeição não tem limites. Este caminho de perfeição reveste-se de um “estar cheio de Deus” que não só produz plenitude como reproduz um maior e melhor desejo num infinito crescendo de ação e de identificação com Deus: cf. GREGORIO DE NISA – *Sobre La Vocación Cristiana*. Introdução, tradução do grego e notas de Lucas F. Mateo Seco. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1992, p. 84, nota de rodapé n.º 181. Este tema não está isolado; nas *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*, a perfeição é a beleza da noiva, dado que ela é a imagem da Palavra.

³⁴¹ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1111-1112.

³⁴² As páginas mais explícitas sobre a perfeição podem ser encontradas nas *Coleções*, 1, 11 e 21, e no “discurso de investidura” de Pinufius: *Instituições*, 4, 32-43.

³⁴³ A importância destes dois conceitos pode ter contribuído para tornar a palavra “perfeição” numa conveniente evocação de todo o processo da vida espiritual.

Se para os dois autores o progresso espiritual é marcado pelas mesmas renúncias, o ponto culminante difere: para Cassiano culmina na “contemplação das coisas futuras”³⁴⁴ e para Evágrio termina na “separação da ignorância”³⁴⁵.

Para Evágrio, a perfeição é identificada com a “oração perpétua”. Chegando a esta fase, a prece perfeita é a “ciência insuperável” (ou a “ignorância intransponível”) que constitui a verdadeira libertação da ignorância³⁴⁶, somente alcançada por poucos³⁴⁷. Apesar de tudo, «a grande perfeição é adequada para todas as idades, para todos os sexos; todos os membros da Igreja são convidados a subir as alturas das mais sublimes virtudes»³⁴⁸. Já Cassiano atribui ao cenobitismo um fim que está especialmente e intimamente relacionado com a segunda renúncia, enquanto que o eremitismo é semelhante ao terceiro elemento³⁴⁹. A perfeição, no verdadeiro sentido, transcende um e o outro:

«Seria, no entanto, uma perfeição “parcial” (*merikôs*), isto é, não integral nem de todos os pontos consumidos, mas apenas uma parte da perfeição. Quão raro é este, e quão poucos são aqueles a quem Deus a concede como (um) dom gratuito! Este, de facto, é verdadeiramente perfeito, e não apenas em parte, dado que sabe suportar com igual grandeza de alma, o horror da solidão no deserto e as fraquezas dos seus irmãos no mosteiro. É, portanto, muito difícil encontrar alguém que seja perfeitamente consumido em ambas as profissões, porque o anacoreta não alcança os *aktèmosunè*, isto é, o desprezo e destituição das coisas materiais; nem o próprio cenobita tendo em vista a pureza da contemplação»³⁵⁰.

Em João Cassiano encontram-se todos os elementos que são caracterizadores de uma “história de perfeição”: a criação é perfeita na origem; alteração progressiva da lei natural que a seu tempo exige o dom da lei escrita; a revelação da perfeição evangélica³⁵¹.

³⁴⁴ Cf. *Coleções*, 3, 6.

³⁴⁵ Cf. *Kephálaia gnóstica*, 1, 78-80.

³⁴⁶ Cf. *ibidem*, 3, 88; *De oratione*, 117.

³⁴⁷ Cf. *Coleções*, 3, 7.

³⁴⁸ *Ibidem*, 21, 9. Questiona-se se Cassiano não tendeu a identificar a “vida contemplativa” e o “conhecimento” com o “eremitismo”, a “vida ativa” e o “amor” ao “cenobitismo”, e se tal perspectiva não levou a uma distorção na/da espiritualidade ocidental: cf. *DSP*. 12.1, col. 1112.

³⁴⁹ Cf. *Coleções*, 19, 8.

³⁵⁰ *Ibidem*, 19, 9.

³⁵¹ Cf. *ibidem*, 8, 24. «Esta perfeição experimentou uma primeira realização social na Igreja primitiva de Jerusalém, onde infelizmente ficou comprometida pela adesão massiva à fé de pagãos mal preparados. Daí a origem do monaquismo como uma nova sociedade perfeita: “Para aqueles em quem ainda queimava a chama dos tempos apostólicos, fiéis à memória da perfeição dos velhos tempos, deixaram as cidades... Do número dos perfeitos e, se assim posso dizer, como as flores e frutos de uma raiz frutífera, saíram os santos ancoretas” (*Coleções*, 18, 5-6). É uma história, mas também uma tipologia da Igreja. Entre os batizados estão aqueles que não são nem mesmo fiéis às observâncias legais, aqueles que realizam o dízimo e os jejuns prescritos, em seguida aqueles que ouvem o chamado à perfeição (cf. *Coleções*, 21, 5): *DSP*. 12.1, col. 1113.

A obediência ao chamamento constitui-se como determinante e radical para a apreensão do quase único caminho de perfeição; neste sentido, chega-se ao *tópos* monástico, dizendo que o leigo ultrapassa o monge em santidade³⁵²; confunde-se assim a perfeição com o estado monástico.

Ao monge que, admitindo-se (a) o hábito «faz a profissão de perfeição»³⁵³ e que «deve tender à perfeição»³⁵⁴, é-lhe oferecido os (de) graus pelos quais ele deve procurar subir para chegar ao estado de perfeição; naquela «escada (que vai) do medo à pureza de coração pela qual se possui a perfeição da caridade apostólica»³⁵⁵. Este estado é requisito para o progresso:

«É impossível que a alma humana permaneça estacionária. Não há santo enquanto ele viver na carne que se instala tanto nas alturas da virtude, que pode permanecer imóvel; deve constantemente crescer ou diminuir. Em qualquer criatura que haja, não há nenhuma perfeição que não esteja sujeita a mudança [...]; confessamos, de facto, que só Deus é imutável»³⁵⁶.

Para Agostinho (± 354-430), tendo este como (pre)suposto que no centro do debate sobre a perfeição, a impecabilidade e os conselhos evangélicos está todo no cerne da controvérsia pelagiana, levantando-se dúvidas acerca da possibilidade de (se) viver sem pecado pode desestimular a boa vontade.

Agostinho não aborda com particular importância o problema teórico da compreensão de perfeição. Agostinho refere que:

«Eu não me preocupo em saber se existiu, existe ou existirá aqui em baixo homens que possuíram, possuem ou possuem esta caridade divina perfeita à qual não haveria nada a acrescentar. Desde agora reconheço e defendo que a vontade do homem, ajudada pela graça de Deus, pode realizar; não devo questionar o lugar, o tempo ou a pessoa em quem é realizado. E não insisto na possibilidade em si, porque quando a vontade do homem é curada e sustentada, esta possibilidade ocorre nos santos com o seu efeito»³⁵⁷.

O essencial prende-se em admitir que, se existe perfeição, é devido à perfeição da Graça³⁵⁸. De entre os próprios santos, a virtude da graça está sujeita à imperfeição: Paulo «quis mostrar que existe, à época desta vida, uma certa perfeição, e que essa perfeição implica, entre outras coisas, que todos reconheçam não ter ainda atingido a perfeição»³⁵⁹.

³⁵² Cf. *Coleções*, 14, 7.

³⁵³ *Instituições*, 4, 38.

³⁵⁴ *Ibidem*, 36, 2.

³⁵⁵ *DSp.* 12.1, col. 1113.

³⁵⁶ *Coleções*, 6, 14.

³⁵⁷ *Sobre a Natureza e a Graça*, 42, 49; cf. *ibidem*, 60, 70.

³⁵⁸ Cf. *ibidem*, 62, 75.

³⁵⁹ *Contra duas cartas dos Pelagianos*, 3, 5, 15; cf. *Sobre a Perfeição da Justiça Humana*, 9, 20.

A justiça perfeita é identificada com a cura perfeita que consiste em ver a Deus tal qual Ele é³⁶⁰, o que indica que está para além dos limites deste mundo:

«Assim, o começo do amor é o começo da justiça; uma caridade crescente é uma justiça crescente; uma grande caridade é uma grande justiça. A perfeita caridade é a perfeita justiça [...] a que atinge o máximo nesta vida quando, por causa disso, a vida é desprezada. Mas eu ficaria surpreso se ela não encontrasse um lugar onde pudesse crescer, quando deixasse a vida mortal. Qualquer que seja o momento e o lugar onde é provável que chegue a uma plenitude tal que nada possa ser acrescentado a ela, não é, no entanto, difundido em nossos corações pelas forças da natureza»³⁶¹.

Interpretando a perícopes do jovem rico, Agostinho de Hipona distingue dois termos – preceito e conselho:

«Na sua bondade, o Mestre distinguiu os mandamentos da lei (= conselho) da perfeição superior (*ab illa excellentiore perfectione*) (= preceito). Nos primeiros diz: “se queres ter a vida, guarde os mandamentos” (= conselho), e no segundo: “se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens” (= preceito). Por que não querem os ricos, por mais distantes que sejam da perfeição ideal (*quamvis ab illa perfectione absint*), para alcançar a vida, desde que tenham guardado os mandamentos e que eles deram porque nós lhe demos, perdoado porque lhes perdoamos?»³⁶².

Preceitos e conselhos não estabelecem divisões impermeáveis entre todos os cristãos, dado que existem circunstâncias em que o conselho de perfeição envolve todo o cristão:

«Aqueles que não abandonarem os laços humanos seriam renunciados a Cristo. [...]

Não só aqueles que [...] acolheram o conselho da perfeição a ponto de vender e distribuir os seus bens para os pobres [...], mas ainda para por qualquer cristão [...] mais fraco e menos apto para esse glorioso grau de perfeição [...], quando ele se recorda que renunciará a Cristo, se não renunciar a todas as suas posses, apressar-se-á a ocupar a torre de coragem para enfrentar o inimigo»³⁶³.

Agostinho de Hipona identifica, equiparando, a santidade com o martírio. O martírio, para o bispo de Hipona, é o modelo por excelência de santidade³⁶⁴ – «o martírio literal será sempre a vocação mais excelsa do cristão»³⁶⁵. «O motivo a que os mártires chegaram para serem santos não foi o de nenhum tipo de culto da morte, mas o ordenamento devido do amor nas suas vidas. Eles preferiram o amor de Deus a qualquer

³⁶⁰ Cf. *Sobre a Perfeição da Justiça Humana*, 3, 7-8.

³⁶¹ *Sobre a Natureza e a Graça*, 70, 84.

³⁶² *Cartas*, 127, 4, 25.

³⁶³ *Ibidem*, 127, 4, 31-32.33.

³⁶⁴ Cf. SCHRODT, Paul – Santos. In *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Org. de Allan D. Fitzgerald. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 1176.

³⁶⁵ STRAW, Carole – Martirio. In *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Org. de Allan D. Fitzgerald. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 863. Para uma maior e melhor compreensão daquilo que Agostinho compreende por martírio tenha-se em conta: *ibidem*, p. 858-864.

(outra) possibilidade de seguimento, disfrutando da doçura e da beleza da vida»³⁶⁶. Os mártires seguiram de forma muito absoluta a Cristo, o Bom Pastor, sendo fiéis com o testemunho das suas vidas, expirando o que expirou Cristo cravado na cruz³⁶⁷.

Se os mártires são considerados “santos” e dignos de imitação – porque imitaram a Cristo Jesus (e por este motivo usufruem da companhia de Deus) –, nada pode ser considerado em grau maior do que esses mesmos modelos de santidade que, mediante o testemunho pelo próprio sangue, deram (o próprio) testemunho de Cristo. O seguimento de Cristo implicou-lhes, tal como ao próprio Cristo, o martírio: a entrega, mediante e mediada pela dor e pelo sofrimento, da vida peregrina em prol da vida eterna e bem-aventurada³⁶⁸. Contudo, apesar de fazer frequentes referências aos santos mártires nas suas obras e nos seus sermões, Agostinho não desenvolve uma teologia mais completa de santidade ou da santidade em relação com os santos não-mártires.

3.4 Bento de Núrsia (± 480-547) e João Clímaco (± 525-606): da *Regra* à *Escada*

A *Regra de Bento (RB)* e a *Escada ao Paraíso* de João Clímaco não são contemporâneas, sendo que o estilo de cada uma delas se apresenta diferente entre si quanto ao *sitz im leben* original. Contudo, tanto no Oriente como no Ocidente, estas duas obras passaram por várias culturas, por múltiplos movimentos culturais e trespassaram em muitas mentes, constituindo-se até aos nossos dias como referências doutrinais inigualáveis dado que condensam os fundamentos, sistematizados em “escadas”/“(de)graus” que permitem, de vários modos, caminhar e encaminhar até à perfeição³⁶⁹.

Enquanto a *Regra do Mestre (RM)* usa 20 vezes a palavra “*perfectus*” para designar, na sua grande maioria, o monge que se enquadra na categoria dos perfeitos, a *Regra de Bento*³⁷⁰ usa-a apenas palavra uma vez – «por conseguinte, dada a importância

³⁶⁶ SCHRODT – Santos, p. 1176.

³⁶⁷ Cf. *ibidem*, p. 1175.

³⁶⁸ Cf. *ibidem*, p. 1175.

³⁶⁹ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1115.

³⁷⁰ Sobre o debate relativo à elaboração da *Regra do Mestre* e da *Regra de S. Bento*, leia-se: DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *Quando os Monges eram uma civilização...Benedictinos: Espírito, Alma e Corpo*. Porto: Edições Afrontamento, 2011, p. 15-42. Para uma melhor compreensão da estrutura da *regra beneditina*: *ibidem*, p. 43-54. Alguns comentários à *Regra de S. Bento* podem ser tidos em conta em: *ibidem*, p. 90-101.

da virtude do silêncio, raras vezes se conceda aos discípulos, ainda que perfeitos, licença para falar, embora de coisas boas, santas e de edificação»³⁷¹.

No que concerne à categoria de “*perfectio*”, a *RM* e a *RB* usam-na no seu contexto concreto: a *RM* refere-a na escolha do abade – «o melhor em toda a perfeição»³⁷² – e a *RB* enquadra-a duas vezes na frase do último capítulo – «Porque a observância de toda a justiça não está prescrita nesta regra»³⁷³ – projetando-nos de forma significativa para além da *regra*: «de resto, aquele que aspira à vida perfeita, esse tem os ensinamentos dos santos Padres, cuja observância conduz o homem aos cumes da perfeição»³⁷⁴. A *RB* não pretende levar apenas à perfeição; ela não distingue, como a *RM*, os “perfeitos” dos “imperfeitos”, propondo a todos um único programa de vida. A *RB* propõe uma escala de perfeição (sem nunca referir a palavra) que repousa na base do amor oferecido a todos sem distinção³⁷⁵. Contudo, no famoso capítulo em que se referem os «graus de humildade»³⁷⁶ – base da doutrina espiritual de Bento de Núrsia – a *RB* mostra a caridade como a perfeita liberdade de obediência aos outros mandamentos, no cume da progressão espiritual crente. Por outro lado, a *RM* induz desde o início a uma outra perspectiva que «colorirá» a *RB*: o que se pretende são os fins últimos – «portanto, irmãos, se quisermos alcançar o cume da suprema humildade e se desejarmos alcançar rapidamente essa elevação celestial, à qual ascendemos pela humildade da vida presente...»³⁷⁷. Omitindo o final escatológico da *RM*, Bento coloca, como atrás se disse, a caridade no final da subida, acrescentando-lhe uma nota cristológica – «*amore Christi*»³⁷⁸.

A *Escada (klimax) ao Paraíso* de João Clímaco³⁷⁹, tendo como base uma estrutura de níveis³⁸⁰, procura que em cada um dos patamares anteriores sirva de fundamento e de ponto de partida para um outro crescimento consequente, onde se ecoam e se espelham experiências espirituais desde os primórdios³⁸¹; a *Escada* é um tratado completo de vida espiritual, onde se escreve e descreve o caminho que o monge deve realizar – desde a

³⁷¹ *RB*, 6, 3; cf. *RM*, 8, 33.

³⁷² *RM*, 92, 76.

³⁷³ *RB*, 73.

³⁷⁴ *Ibidem*, 73, 2.

³⁷⁵ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1115.

³⁷⁶ Cf. *RB*, 7.

³⁷⁷ *RM*, 10, 5; cf. *RB*, 7, 5.

³⁷⁸ *RB*, 7, 69; cf. *RM*, 10, 90 – «*amore ipsius consuetudinis bonae*».

³⁷⁹ O seu nome deriva de *klimax*, que significa “escada” e a sua ascensão espiritual consequente.

³⁸⁰ João Clímaco estrutura uma escada com três graus sucessivos, de acordo com os trinta anos de Jesus. O subir a escada liberta do desapego do mundo, tendo em vista a perfeição do amor: cf. KÖPF – *Echelle spirituelle*. In *Dictionnaire de la mystique*. Brepols: Informatique et Bible, 1993, p. 237.

³⁸¹ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1116.

renuncia ao mundo até à perfeição do amor. Enquanto primeiro dom de Deus, pela experiência, tudo já é cultivado de modo perfeito, mas tudo permanece ameaçado porque o espírito recebe o dom perfeito desde a carne – «num jogo de geração de virtudes, o dom não acaba de revelar as suas riquezas em todos os níveis de interioridade, de não-ser para si mesmo e de elevação do ser até Deus»³⁸².

Pois bem, João Clímaco é (a) testemunha de uma problemática acerca da abertura dos diferentes estados de vida até ao encontro da perfeição:

a. Aos seculares negligentes que lhe perguntavam como poderiam levar uma vida monástica sendo casados e atormentados por ocupações e preocupações temporais, Clímaco disse: «tudo o que possa fazer, faça... Se fizer isso, não está longe do Reino dos Céus»³⁸³.

b. Aos monges, poderia ser mais acessível: «podemos depreciar as pessoas do mundo pela suficiência, mas podemos também fazê-lo na sua ausência para escapar do desespero e manter a esperança»³⁸⁴.

Os seus opositores objetivaram acerca do carácter universal do chamamento à perfeição do homem rico, mas «a riqueza não impediu que esse jovem recebesse o batismo; são estúpidos aqueles que afirmam que o Senhor lhes ordenou para venderem os seus bens para serem batizados»³⁸⁵.

Como ponto de partida, João Clímaco classifica as criaturas razoáveis diante de Deus, tendo como referência as categorias que vão de “inimigo” a “amigo”, de “ímpio” a “monge”³⁸⁶. Dentro de cada degrau, o seu ensinamento é transposto para um outro (novo) degrau. As virtudes revelam os seus sucessivos estados por meio de fórmulas (principalmente ternárias: principiantes, avançados e perfeitos³⁸⁷), procurando sempre que o “ponto de situação” se torne a base fundamental do discernimento: «não deixemos de nos examinar sobre todas as paixões e todas as virtudes: onde estamos? No começo, no meio ou no final?»³⁸⁸. Se considerarmos todos estes aspetos integrantes da perfeição, reconhecem-se algumas características essenciais da *apháteia*:

³⁸² *Ibidem*, col. 1116.

³⁸³ JOÃO CLÍMACO – *A Escada ao Paraíso* (PG 88, 632-1164), 640C.

³⁸⁴ *Ibidem*, 656A.

³⁸⁵ *Ibidem*, 656B.

³⁸⁶ Cf. *ibidem*, 632A-633C.

³⁸⁷ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1116.

³⁸⁸ JOÃO CLÍMACO – *A Escada ao Paraíso*, 1029A.

- a. A mortificação perfeita é «imobilidade e insensibilidade à dor»³⁸⁹.
- b. O auge da vitória sobre a raiva é «ter os insultos como elogios»³⁹⁰.
- c. A imobilidade que é atribuída à raiva é referida explicitamente à *apháteia*³⁹¹.
- d. O perfeito vive o consolo numa *amerimnia* (“despreocupação”) total³⁹².
- e. A castidade é uma redução do corpo ao estado de morte³⁹³.
- f. A vitória sobre a vã-glória faz «buscar a humilhação sem sentir a dor»³⁹⁴.
- g. O perfeito não contradiz os seus pensamentos; ele despreza-os e supera-os³⁹⁵.
- h. A sua “*hesychia*”³⁹⁶ torna-o insensível aos problemas³⁹⁷.

A estes traços, acrescentam-se os dons que se supõem para uma mutação no relacionamento com Deus:

- a. Uma «compaixão acima das próprias forças»³⁹⁸.
- b. Uma *diorasis* que permite ver a alma do próximo nas suas particulares disposições³⁹⁹.
- c. O arrebatamento em oração⁴⁰⁰.
- d. A presença sensível do Espírito Santo e dos seus dons⁴⁰¹ que prende o tirano da luxúria⁴⁰² e que confere a capacidade de discernimento e da paternidade espiritual⁴⁰³, servindo como um sinal da vontade de Deus⁴⁰⁴.

³⁸⁹ *Ibidem*, 680AB.

³⁹⁰ *Ibidem*, 832D.

³⁹¹ Cf. *ibidem*, 833B.

³⁹² Cf. *ibidem*, 865B.

³⁹³ Cf. *ibidem*, 881B.

³⁹⁴ *Ibidem*, 956B.

³⁹⁵ Cf. *ibidem*, 1029D.

³⁹⁶ A “*hesychia*” – ou particularmente “tranquilidade do corpo” – é o perfeito domínio e disciplina dos sentimentos e costumes, é o perfeito domínio dos próprios pensamentos e de um espírito inalterável. Por *hesychia* entende-se a luta por guardar o espírito fechado na morada do corpo: cf. ROPERO, Alfonso [org.] – *Lo mejor de Juan Climaco*. Barcelona: Editorial CLIE, 2001, p. 278-279.

³⁹⁷ Cf. *A Escada ao Paraíso*, 1097D.

³⁹⁸ *Ibidem*, 804A.

³⁹⁹ Cf. *ibidem*, 1033B-C.

⁴⁰⁰ Cf. *ibidem*, 432D.

⁴⁰¹ Cf. *ibidem*, 1036A.

⁴⁰² Cf. *ibidem*, 881C.

⁴⁰³ Cf. *ibidem*, 1093A.

⁴⁰⁴ Cf. *ibidem*, 1033B.

e. O fogo divino queima aqueles que necessitam de purificação, ilumina «à medida da sua perfeição (...) aqueles que o colocam no seu coração sob a supervisão do intelecto»⁴⁰⁵.

Estes diversos aspetos unem-se quando se chega ao topo da escada; a “*apatheia*” só atinge a sua perfeição quando todas as virtudes estiverem ordenadas⁴⁰⁶. Assim, só se distingue apenas pelo nome de caridade, de adoção filial e de semelhança de Deus⁴⁰⁷. Surge então a pergunta: a perfeição é «puramente virtual e teórica»? João fala com cautela: «perfeição, se existir»⁴⁰⁸; «se tal transformação e possível»⁴⁰⁹; «se há um fundo para este abismo»⁴¹⁰; salientamos apenas que a impecabilidade é reservada aos anjos⁴¹¹.

Este (per)curso de perfeição surge organizado dentro de três degraus que desejam reordenar um todo gradual da vida: a rutura com o mundo⁴¹², a prática das virtudes, assumidas em duas realidades – a assunção das virtudes particularmente monásticas (arrepentimento, obediência e compunção) e das virtudes que permitem vencer os defeitos espirituais – e que, conseqüentemente, leva a que se enunciem os seus derradeiros frutos: a simplicidade, a humildade e o discernimento (é o mais importante para Clímaco; cada comportamento deve ser subordinado ao discernimento)⁴¹³ e a contemplação (enquanto união contemplativa com Deus – resultante do enamoramento precedente – mediante algumas noções “virtualmente” permutáveis: quietude, oração, tranquilidade e amor)⁴¹⁴.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, 1138C.

⁴⁰⁶ Cf. *ibidem*, 1149C.

⁴⁰⁷ Cf. *ibidem*, 1156B.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, 832D.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, 889C.

⁴¹⁰ *Ibidem*, 956B.

⁴¹¹ Cf. *ibidem*, 1000C.

⁴¹² O essencial não é a rutura com o mundo, mas a ligação com aquilo que Jesus disse, ou seja, o regressar à verdadeira infância em sentido espiritual: cf. 1Cor. 3, 1. O desapego voluntário das pessoas e dos lugares permite à alma entrar em comunhão mais profunda com Deus. Esta renúncia (às coisas do mundo) conduz à obediência, que é o caminho para a humildade diante das humilhações.

⁴¹³ Segundo João Clímaco, é importante tomar consciência de que as paixões não são más em si próprias; elas tornam-se más por causa do mau uso, mediante a liberdade. Se forem “purificadas”, as paixões hão-de abrir para a criatura o caminho até Deus.

⁴¹⁴ O último degrau da escada (30º) é dedicado à “trindade das virtudes”: fé, esperança e caridade. De entre todas elas, a mais importante é a caridade; para João Clímaco, a caridade é vista em estreita relação com a esperança. A porta de entrada para a caridade é a esperança; a sua ausência evidencia a aniquilação da caridade. Mas, como se disse anteriormente, acima de tudo, encontra-se a caridade – «agora subsistem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior delas é a caridade»: 1Cor. 13, 13.

O que se torna importante, segundo Clímaco, é o caminhar para alcançar a perfeição; o caminho de progresso torna-se evidentemente necessário para que se possa desejar e encontrar o estado pleno de comunhão com Deus⁴¹⁵ – a «perfeição, para Clímaco, é esta “perfeita perfeição do perfeito sempre a aperfeiçoar” (*A Escada ao Paraíso*, 1148C)»⁴¹⁶.

4. Outros marcos patrísticos sobre a santidade

A terminar o estudo da santidade sob o olhar dos padres da Igreja, atentaremos a alguns autores que se tomam de modo menos “circunscrito”, dado que apenas apontam alguns aspetos sobre a santidade, sem que isso permita que se constitua uma verdadeira e autêntica “doutrina sistemática” sobre o mesmo tema. Nestes autores, abordaremos Hilário de Poitiers (± 316-369) e Dionísio Pseudo-Areopagita (± séc. V).

Para Hilário, a santidade corresponde, antes de tudo, a Deus: ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo. É da Trindade que advém a categoria da salvação. Em Jesus, quando (se) assume a humanidade, une-se toda a finalidade da criação, possibilitando que o homem seja santificado – o homem é filho mediante a confirmação ao Filho⁴¹⁷. Neste sentido, os santos, para Hilário de Poitiers, são os crentes, aqueles que não se associam à realidade pecaminosa, à qual a natureza humana tende. Assim como a Santidade de Deus se reflete na nossa vida, também será mediante as obras que se provará a santidade das criaturas (doutrina da pregação)⁴¹⁸. Além do mais, os santos são os que exultam na glória do Senhor (cf. Slm. 149, 5), aqueles que cantam um cântico novo a Deus (cf. Slm. 96). É pela participação na Glória de Deus que se manifesta a categoria da santidade na vida dos crentes, daqueles que são fiéis à Promessa Divina.

Dionísio Pseudo-Areopagita refere o vocábulo “perfeição” principalmente na sua obra *Hierarquia Eclesiástica*. Esta “hierarquia” comporta «uma ciência, uma operação, uma perfeição que leva a Deus e que (...) é obra de Deus»⁴¹⁹.

⁴¹⁵ Cf. *A Escada ao Paraíso*, 1068AB.

⁴¹⁶ *DSp.* 12.1, col. 1117.

⁴¹⁷ Cf. Santo, santidad, santificación. In *Diccionario de San Hilario de Poitiers*. Org. de Luis F. Ladaria. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2006, p. 295.

⁴¹⁸ Cf. *ibidem*, p. 296.

⁴¹⁹ *Hierarquia Eclesiástica*, 1, 1.

A ordem dos “*hierarcas*” (= bispos) é a primeira da tríade santificadora; a sua função é a de aperfeiçoar as ordens inferiores⁴²⁰, mostrando, eminentemente e coerentemente, uma ciência e uma santidade que sejam modelares⁴²¹. Os monges formam o primeiro grupo da tríade santificadora, sendo submetidos (imediatamente) aos bispos; eles elevam-se à mais alta perfeição – o «amor divino»⁴²² –, praticando a «filosofia perfeita»⁴²³. Este modo de se pensar a santidade teve ressonância nas discussões posteriores acerca da distinção entre “estado de perfeição” e “estado de perfeição pessoal”⁴²⁴.

⁴²⁰ Cf. *ibidem*, 5, 5.

⁴²¹ Cf. *ibidem*, 3, 3.

⁴²² *Ibidem*, 6, 3.

⁴²³ *Ibidem*, 6, 3.

⁴²⁴ Cf. *DSp.* 12.1, col. 1117.

CAPÍTULO III – A SANTIDADE NA VIVÊNCIA SACERDOTAL A PARTIR DO II CONCÍLIO DO VATICANO (1962-1965)

Numa eclesiologia renovada, o único sacerdócio de Cristo é compreendido em duas essências: como sacerdócio comum dos fiéis e como sacerdócio ministerial.

A partir deste contexto de uma vivência ministerial, a vida dos crentes – sejam eles leigos ou ministros ordenados – reveste-se de atitudes concretas, ainda que na maioria das vezes discretas, que demarcam um caminho de vivência da santidade. Neste capítulo procuraremos, partindo da santidade no sacerdócio comum dos fiéis, chegar à vivência da santidade no ministério ordenado tendo em consideração, como ponto intermédio, a conceção eclesiológica do único sacerdócio de Cristo em duas essências.

1. O Chamamento Universal à Santidade a partir da Vida Quotidiana

Escolhido desde antes da criação do mundo (cf. Gen. 17, 1; Ef. 1, 4) e do seio materno (cf. Slm. 109, 3; Jer. 1, 5), o homem é chamado a viver a santidade numa vocação universal⁴²⁵ – «essa vocação (a santidade) faz parte do desígnio traçado por Deus Pai, no momento da nossa criação, com o objetivo de fazer resplandecer a fecundidade do seu amor divino que gera filhos no seu Filho, mediante o Espírito»⁴²⁶.

Sob o manto protetor de Deus (cf. Slm. 90, 4), espaço de amorização – isto é, de santificação (cf. Slm. 90, 1-3.9-11) –, a santidade é a *finalidade* da criação, o *motivo* da Incarnação, o *fruto* da Redenção, a *obra* do Espírito Santo, a *razão* de ser do homem, a sua *plenitude*, a sua *perfeição* e a sua *consumação*. A “atmosfera” da santidade é o amor; a santidade torna-se a glorificação da Graça de Deus, ou seja, o Dom gratuito de Salvação e de Santificação para todos os crentes. Desde sempre e para sempre o homem constitui(u)-se como uma «testemunha de uma vocação perene à santidade. A criatura humana inscreveu e circunscreveu no íntimo do seu ser – e por isso do seu coração – a vocação à santidade. Ao tender para a santidade, ela abre-se continuamente ao seu Deus que tem o único desejo de poder autocomunicar-se no seu amor»⁴²⁷.

Desta autocomunicação amorosa de Deus, o Batismo aparece como a porta pela qual é possível entrar neste caminho de santificação, mediante o contínuo exercício da

⁴²⁵ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 39. *AAS*. 57, 44; *CdIC*, n.º 375.2013; *Novo Millennio Inuente*, n.º 30. *AAS*. 93, 287.

⁴²⁶ GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1463.

⁴²⁷ *Ibidem*, p. 1457-1458; cf. Is. 43, 19; Col. 1, 3-6; Ap. 21, 5.

caridade; este caminho de santificação tem em Cristo a sua centralidade; este caminho santificador centrado em Cristo tem a sua concretização na vida pessoal e (com)unitária de cada um dos crentes.

1.1 O Batismo: porta de santificação, caminho de caridade

Para os cristãos o Batismo é «um dom do espírito, que responde à morte e que é mais poderoso do que ela, o nascimento verdadeiro, novo, real, a verdadeira vida»⁴²⁸. Mas, enquanto dom, tem de ser acolhido pelo homem na sua vida: este dom, uma vez acolhido, deve ser vivido. O Batismo, *dom da vida*, é um “sim” ao desafio de viver verdadeiramente a vida e um permanente desafio a dizer “não” às tentações que, em cada dia, se tornam presentes no interior do homem e na vida de cada dia.

A presença que se faz pertença pela frequência de Deus, mediante a Graça do Batismo (cf. Gal. 5, 22-23)⁴²⁹, é o que mantém os santos numa relação de comunhão e num laço de amor conosco⁴³⁰ – «De toda a criação eleva-se como um cântico polifônico que exalta a grandeza (...) de Deus que se difunde no íntimo de cada realidade criada, pela mediação da pessoa humana redimida e santificada sob a graça caritativa pascal do Espírito de Cristo»⁴³¹.

Gregório de Nazianzo (± 329-390) diz a propósito do sacramento do Batismo:

«O Batismo é o mais belo e magnífico dos dons de Deus. Chamamos-lhe dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e tudo o que há de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que não trazem nada: *graça*, porque é dado mesmo aos culpados: *batismo*, porque o pecado é sepultado nas águas; *unção*, porque é sagrado e régio (como aqueles que são unguídos); *iluminação*, porque é luz irradiante; *veste*, porque cobre a nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é sinal do senhorio de Deus»⁴³².

João Paulo II referia que:

«O Concílio afirma, antes de mais, a vocação “comum” à santidade. Esta vocação radica-se no Batismo, que caracteriza o presbítero como um “fiel” (*christifidelis*), como “irmão entre irmãos” inserido e unido com o Povo de Deus, na alegria de partilhar os dons da salvação (cf. Ef. 4, 4-6) e no compromisso comum de caminhar “segundo o Espírito”, seguindo o único Mestre e Senhor. Recordemos o célebre dito de Santo Agostinho: “Para

⁴²⁸ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Os Sacramentos*, p. 22.

⁴²⁹ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 40. AAS. 57, 44; FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*. Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* sobre o Chamamento à Santidade no Mundo Atual, n.º 15. Prior Velho: Paulinas Editora, 2018; GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1461.

⁴³⁰ Cf. FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 4.

⁴³¹ GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1459-1460; cf. AZEVEDO, Carlos – *Ser Padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, p. 119.

⁴³² GREGÓRIO NAZIANZO, *Discursos* 40, 3-4, PG 36, 361-364. Apud *CdIC*, n.º 1216.

vós sou Bispo, convosco sou cristão. Aquele é o nome de um cargo assumido, este de graça; aquele é um nome de perigo, este um nome de salvação”»⁴³³.

O mesmo caminho foi-nos traçado pelo Papa Francisco:

«Olhar para o Povo de Deus é recordar que todos fazemos o nosso ingresso na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o batismo. Através dele e com a *unção do Espírito Santo*, [os fiéis] “são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo” (*Lumen Gentium*, n.º 10). A nossa primeira e fundamental consagração afunda as suas raízes no nosso batismo. Ninguém foi batizado sacerdote nem bispo. Batizaram-nos leigos e é o sinal indelével que jamais poderá ser cancelado. Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos mas que todos formamos o Santo Povo fiel de Deus. Esquecermo-nos que isto comporta vários riscos e deformações na nossa experiência, quer pessoal quer comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou. Somos, como frisou o concílio Vaticano II, o Povo de Deus, cuja identidade é “a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo” (*Lumen Gentium*, n.º 9)»⁴³⁴.

Se os santos nos acompanham e nos encorajam a sermos cada vez mais imagem e semelhança de Deus (cf. Gen. 1, 26), ao nosso redor realmente verificamos e verdadeiramente constatamos a proximidade de pessoas que, na simplicidade de vida e na descrição de doação na ação, se torna(ra)m verdadeiros modelos de santidade, ideais de amor e de plena comunhão com Deus, sabendo por bem que «o Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus»⁴³⁵, sendo «claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade»⁴³⁶.

A caridade surge como o pressuposto da vida, o espelho da ação, a alma da santidade⁴³⁷:

«A atitude fundamental consiste em aderir-se, na plenitude de fé, a Cristo sacerdote Introduzido na presença de Deus, Cristo é para nós um “grande sacerdote digno de fé”. A primeira condição para avançar até Deus não é, portanto, o cumprimento de uma lei, mas o recurso na fé à mediação sacerdotal de Cristo. (...) Fazendo que os homens adiram a Cristo mediador, a fé oferece a única possibilidade autêntica de transformação da existência por meio da caridade divina. (...) A fé é, e sempre será a primeira atitude cristã.

⁴³³ *Pastor Dabo Vobis*, n.º 20. *AAS*. 84, 688; cf. *CdIC*, n.º 1214.

⁴³⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Carta do Papa Francisco ao cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (19 de março de 2016). https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html (consultado a 01/10/2019 às 18h11min); cf. BACELAR, António José Rodrigues – *Fraternidade*. In IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO EPISCOPAL PORTUGUESA DAS VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS – *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019, p. 159-160; AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 90.

⁴³⁵ FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 6.

⁴³⁶ *Lumen Gentium*, n.º 40. *AAS*. 57, 45; cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 19.72. *AAS*. 84, 687.783-787.

⁴³⁷ Cf. *CdIC*, n.º 826.1709.

A segunda atitude é a esperança, que não é realmente mais que uma especificação da fé. (...)

A terceira atitude em que se expressa a adesão dos fiéis a Cristo sacerdote é a intensa caridade. (...)

Assim pois, a fé, a esperança e a caridade são as três atitudes espirituais características dos cristãos, as que lhes permitem viver unidos a Cristo sacerdote e transformar deste modo a sua existência»⁴³⁸.

«Não basta a nossa confiança na vida para responder a tudo aquilo que muitas vezes a vida nos reserva. Por vezes, temos necessidade de um pouco mais: e este mais é a Fé.

Não basta ter uma visão otimista das coisas para nos manter sempre erguidos; precisamos de algo mais que nos coloque num horizonte de sentido mais profundo, mais alto, e isto é a Esperança.

Não basta o bem para se ser feliz, temos necessidade de uma caridade maior, mais profunda que nos liberte da lógica humana da contrapartida e nos ponha na da divina gratuidade: eis a virtude teologal da Caridade. (...) Devemos dizer então que a Caridade é o pressuposto da vida»⁴³⁹.

«Viver teologalmente significa pôr Deus no centro, desenvolver as qualidades de criatura e imprimir dinamismo salvífico ao ambiente histórico.

Viver a fé quer dizer referir-se aos acontecimentos históricos através dos quais Deus surge no tempo e na história.

Viver a esperança significa aguardar Deus cada dia para ser capaz de acolher o seu dom sempre novo.

Viver a caridade significa tornar presente um espaço do amor de Deus.

As três virtudes são expressão de uma única: o abandono confiante em Deus nos limites da condição no mundo»⁴⁴⁰.

Sabendo que desde sempre Deus chama a humanidade a um pleno, figurado e configurado caminho de perfeição, de santificação (cf. Lev. 11, 45; 1Pe. 1, 16)⁴⁴¹, cada uma das atividades e/ou missões que o homem realiza deve ter como fim – apenas e só – o encontro pleno e eterno com o Criador, percebendo que «a criatura humana é incapaz de acolher o amor divino santificante de modo integral»⁴⁴². A santidade reveste-se em todos os mais diversos e singulares âmbitos, sempre fundada e fundamentada na certeza de que todos «os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai celeste e

⁴³⁸ VANHOYE, Albert – *Sacerdotes Antiguos, Sacerdote Nuevo: Según el Nuevo Testamento*. 5ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006, p. 236-239.

⁴³⁹ EPICOCO, Luigi Maria – *Sal, não mel*, p. 48.113.

⁴⁴⁰ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 65.

⁴⁴¹ O II Concílio do Vaticano diz-nos que «munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho»: *Lumen Gentium*, n.º 11. *AAS*, 57, 16.

⁴⁴² GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1457; cf. EPICOCO – *Sal, não mel*, p. 40-41.

cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria atividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo»⁴⁴³.

Se a atividade santifica, quando mais ativos em prol e em função do outro no Outro, tanto mais vivos, tanto mais humanos, tanto mais em caminho ao encontro da plenitude da divinização – «todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra»⁴⁴⁴. De facto, diz-nos o Papa Francisco que «quem deseja verdadeiramente dar glória a Deus com a sua vida, quem realmente se quer santificar para que a sua existência glorifique o Santo, é chamado a obstinar-se, gastar-se e cansar-se procurando viver as obras de misericórdia»⁴⁴⁵.

É tendo isso como base que se afirma que «o presbítero santifica-se com o seu povo porque é antes de mais um batizado. (...) Não se pode falar de espiritualidade do padre se antes não se fala de santificação de todo o povo cristão»⁴⁴⁶.

1.2 Por Cristo ao Pai: a centralidade do Mistério como caminho santificador

Sob o impulso da Graça Divina (cf. 1Tes. 4, 3), homem é insuflado (cf. Gen. 2, 7) e moldado como vaso de barro (cf. 2Cor. 4) e adquire vários, dispares e múltiplos gestos

⁴⁴³ *Lumen Gentium*, n.º 41. *AAS*. 57, 47. A constituição dogmática *Lumen Gentium* apresenta-nos algumas realidades que estão intrinsecamente associadas e particularmente referidas à realidade da perfeição/santidade de vida cristã: a. Caridade – «o primeiro e mais necessário dom é a caridade com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele»; b. Martírio – «Desde os primeiros tempos, e sempre assim continuará a suceder, alguns cristãos foram chamados a dar este testemunho de amor (a entrega da vida) diante de todos. Por esta razão, o martírio (...) é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor»; c. Conselhos Evangélicos – de entre eles «sobressai o de (...) se consagrarem só a Deus, na virgindade ou no celibato, dom da graça divina que o Pai concede a alguns»; d. Sentimentos tal como os de Cristo – «os discípulos imitem – a – caridade e humildade de Cristo, e delas deem testemunho»; e. Santidade e perfeição no próprio estágio – «Procurem (...) ordenar retamente os próprios afetos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito da pobreza evangélica»: *Lumen Gentium*, n.º 42. *AAS*. 57, 47-49.

⁴⁴⁴ FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 14; cf. *ibidem*, n.º 16.109. A este respeito, diz-nos o *Dicionário de Orientação Vocacional*: «a vocação à fé é entendida como a base em que se inserem, como respostas radicais, as diversas vocações: ao martírio, à fidelidade conjugal, à virgindade, à vida monástica, ao sacerdócio ministerial, etc.»: DATTRINO – *Padres da Igreja*, p. 1038.

⁴⁴⁵ FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 107.

⁴⁴⁶ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 94.

que inletem e refletem a pureza de coração, a solicitude de entrega, a vontade de amar⁴⁴⁷. A santidade adquire, nesta ordem de ideias, uma centralidade cristológica⁴⁴⁸:

«Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição: “sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt. 5, 48). A todos enviou o Espírito Santo, que os move interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças (cf. Mc. 12, 30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cf. Jo. 13, 34.15, 12)»⁴⁴⁹.

Na caminhada de adesão e configuração ao projeto soteriológico de Deus, por Cristo no Espírito Santo, apresentam-se no mundo dois “inimigos” que (re)fletem entraves ao caminho de santificação: o gnosticismo e o pelagianismo⁴⁵⁰. Tais pre(ocupações) são ultrapassáveis se se tiver em consideração a luz do Mestre (cf. Mt. 23, 7-12; Jo. 8, 1-11), o ensinamento de Jesus, o ideal de Cristo. A este propósito, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, diz-nos: «Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando deixou as bem-aventuranças (cf. Mt. 5, 3-12; Lc. 6, 20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão»⁴⁵¹.

Continuando o seu simples e frontal, mas direto, concreto e brilhante modo de transmitir a essencialidade do Evangelho e a (co)responsabilidade de todo o crente, o Papa Francisco diz-nos, comentando as Bem-Aventuranças, que:

«Ser pobre no coração: isto é santidade. (...) Reagir com humilde mansidão: isto é santidade. (...) Saber chorar com os outros: isto é santidade. (...) Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade. (...) Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade. (...) Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade. (...) Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade. (...) Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade»⁴⁵².

⁴⁴⁷ A este propósito, o Papa Francisco refere que «cada santo é uma missão»: FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 19.

⁴⁴⁸ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 24-25. AAS. 84, 694-697; FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 20.22.28; *CdIC*, n.º 459-460.516-518.521; EPICOCO – *Sal, não mel*, p. 76; AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 47. Diz-nos o *Dicionário de Orientação Vocacional*: «a primeira atuação clara e perfeita da vocação humana à santidade (...) cumpriu-se em Jesus Cristo que, como Espírito Ressuscitado, pôde compartilhar o amor divino trinitário (Jo. 10, 30) e ser o Santo de Deus. (...) Ao adquirir o estado santo, (...) as criaturas humanas vão realizando a sua vocação à santidade que não é senão um situar-se no estado de filiação divina, no Filho de Deus. (...) Se somos filhos no Filho de Deus Pai, significa que a nossa vocação à santidade nos convida e nos empenha a amar como Deus»: GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1458-1459.

⁴⁴⁹ *Lumen Gentium*, n.º 40. AAS. 57, 44; cf. COELHO, António – *A Importância da Cultura Litúrgica na Vida Espiritual*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018, p. 19.

⁴⁵⁰ Cf. FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 36-62.

⁴⁵¹ *Ibidem*, n.º 63.

⁴⁵² *Ibidem*, n.º 70.74.76.79.82.86.89.94.

A grande regra, a regra de ouro que devemos prender e depreender e mais concretamente compreender e deixar transparecer é, na chamada à santidade a que quotidianamente estamos chamados a viver e conviver, a fidelidade ao Mestre⁴⁵³, reconhecendo-O nos pobres e nos marginalizados, tal qual Ele viveu e ensinou: «pois estava com fome, e destes-Me de comer; estava com sede, e destes-Me de beber; era estrangeiro, e recebestes-Me na vossa casa; estava sem roupa, e vestistes-Me; estava doente, e cuidastes de Mim; estava na prisão, e fostes visitar-Me» (Mt. 25, 35-36).

Necessita-se, nesta ordem de ideias, de alguns ideais que sejam a matriz, mapa e guia de se viver a verdade da santidade no mundo contemporâneo. Desde elas, por elas e com elas verificamos realmente, isto é, verdadeiramente, que se empreende, desde já, um estilo de vida, uma coerência de atitudes e um ideal de relações que se compreendem numa classe (muito concreta) de vida a que todos, mediante o Senhor, são e estão chamados a viver⁴⁵⁴. Atendendo a isto, referimos algumas dimensões que estão associadas e configuradas à vivência da santidade no mundo hodierno: a firmeza, paciência e mansidão⁴⁵⁵; a alegria e o sentido de humor⁴⁵⁶; a audácia e o ardor⁴⁵⁷; a dimensão comunitária⁴⁵⁸; a oração constante⁴⁵⁹: «na atividade incansável de Jesus, um dos segredos é o tempo reservado ao silêncio, ao recolhimento, à comunhão com o Pai em oração. O estilo de vida sacerdotal, nos nossos dias, deve contemplar espaços e tempos especiais dedicados à oração, ao aprofundamento de uma espiritualidade verdadeiramente sacerdotal»⁴⁶⁰.

Joseph Ratzinger refere, a propósito do papel da oração na religião, que:

«O ato fundamental da religião é a oração, que na religião cristã conserva uma determinação própria absolutamente específica: ela é transferência de si mesmo para o corpo de Cristo e, portanto, um ato de amor que, enquanto amor pelo e com o corpo de Cristo, reconhece e completa o amor de Deus, necessariamente e sempre também como amor ao próximo, como amor aos membros desse corpo»⁴⁶¹.

⁴⁵³ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1939-1958 (Pio XII) – *Menti Nostrae*, n.º 7. (Exortação Apostólica de 23 de setembro de 1950). *AAS*. 42 (1950) 659.

⁴⁵⁴ Cf. *Verbum Domini*, n.º 93. *AAS*. 102, 765.

⁴⁵⁵ Cf. FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 112-121.

⁴⁵⁶ Cf. *ibidem*, n.º 122-128.

⁴⁵⁷ Cf. *ibidem*, n.º 129-139.

⁴⁵⁸ Cf. *Novo Millennio Inuente*, n.º 30-31.35-36.40. *AAS*. 93 (2001) 287-288.290-292.294-295; FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 140-146.

⁴⁵⁹ Cf. *Menti Nostrae*, n.º 23.37-53. *AAS*. 42, 664.669-675; *Novo Millennio Inuente*, n.º 32-34.39. *AAS*. 93, 288-290.293-394; FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 147-157.

⁴⁶⁰ AZEVEDO, António Augusto de Oliveira – *Homilia no Simpósio do Clero*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 237; cf. SARAH – *Deus ou nada*, p. 58-59.

⁴⁶¹ RATZINGER, Joseph – *O Caminho Pascal*. 2ª ed. Cascais: Lucerna, 2019, p. 124.

Mediante a observância da oração, mais e melhor se assimila e se assume a obediência como dimensão intrínseca a toda a vocação:

«A nossa obediência pressupõe o exercício da nossa oração. Rezamos os sonhos, rezamos as ideias, rezamos as instituições, rezamos as pessoas; rezamos os colegas sacerdotes, rezamos o nosso Papa e os nossos bispos, rezamos a Igreja; rezamos o mundo, rezamos as suas conquistas e progressos; rezamos os mais pobres e os mais enriquecidos, rezamos os mais velhos e os mais novos; rezamos a nossa própria pessoa, rezamos os nossos trabalhos e descansos; rezamos as nossas frustrações e as nossas alegrias, rezamos a nossa cruz e o nosso gozo; rezamos a Cristo. Rezamos Cristo e a sua forma de amar, de perdoar, de servir, de anunciar. É n'Ele que aprenderemos a rezar a nossa missão e a nossa disponibilidade, a sua e a nossa obediência amorosa à vontade do Pai»⁴⁶².

A luta, a vigilância e o discernimento⁴⁶³ tornam-se, então, os instrumentos aos quais o homem se pode abeirar e, desde eles, crescer – «o caminho da santidade é uma fonte de paz e alegria que o Espírito nos dá, mas, ao mesmo tempo, exige que estejamos com “lâmpadas acesas” (cf. Lc. 12, 35) e permaneçamos vigilantes: “afastai-vos de toda a espécie de mal” (1Tes. 5, 22); “vigiai” (Mt. 24, 42; Mc. 13, 35); não adormeçamos (cf. 1Tes. 5, 6)»⁴⁶⁴ – tendo sempre presente que «a vida cristã é uma luta permanente (...) contra o demónio»⁴⁶⁵ e sabendo que, de tudo o que examinamos, devemos guardar, apenas e só, o que é bom (cf. 1Tes. 5, 21), à luz e sob o manto da escuta e da obediência ao Senhor⁴⁶⁶, o «eterno Cantor das perfeições do Rei»⁴⁶⁷.

1.3 A Santidade como realidade pessoal e (com)unitária

A vocação à santidade, antes de ser uma categoria comunitária, assenta num crescimento pessoal, «porque assim como é a pessoa que se abre em comunhão e convivência com os outros, assim também só vai ficando capaz de desenvolver a santidade comunitária à medida que for realizando a sua santidade pessoal»⁴⁶⁸:

«A vida espiritual é como se recriasse estes espaços dentro de nós. Ajuda-nos a discernir. (...) O nosso verdadeiro problema é este: não basta simplesmente viver, não basta simplesmente fazer aquilo que devemos fazer. O que nos faz santos é realizar aquilo que devemos fazer com liberdade interior. A santidade é um gosto pela alegria da vida, uma certeza interior de que nada daquilo que estás a viver é inútil, mesmo que te sintas vencido»⁴⁶⁹.

⁴⁶² CARNEIRO, Carlos – *Ser padre, um modo profético de viver a obediência*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 150.

⁴⁶³ Cf. FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 159-177.

⁴⁶⁴ *Ibidem*, n.º 164.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, n.º 158.159.162.

⁴⁶⁶ Cf. *ibidem*, n.º 169-173.

⁴⁶⁷ COELHO – *A Importância da Cultura Litúrgica na Vida Espiritual*, p. 25.

⁴⁶⁸ GENTILI; GOFFI – *Vocação à Santidade*, p. 1462.

⁴⁶⁹ EPICOCO – *Sal, não mel*, p. 140.

O caminho de santificação – de «vocação à santidade»⁴⁷⁰ – concretiza-se, realmente e unicamente, na pertença a uma comunidade, tal como Deus entrou numa dinâmica relacional com o Seu Povo (cf. Ex. 19); uma dimensão comunitária/eclesial tornada visível e observável no rosto da «santidade da Igreja militante»⁴⁷¹. «Santidade [que] é o rosto mais belo da Igreja»⁴⁷².

É sob a asa da realidade eclesial⁴⁷³ que a santidade se pode tornar (n)uma realidade – e atualidade – concreta (cf. Rom. 1, 7; 1Cor. 1, 2), evidenciada e tornada patente numa comunidade específica onde todos se figuram e configuram «como membros de um mesmo corpo» (Col. 3, 15)⁴⁷⁴. É isso que nos recomenda o teólogo Luigi Maria Epicoco:

«Devemos ter a capacidade de harmonizar tudo na nossa vida pessoal e comunitária, tendo como modulação a vontade de Deus de que nos sintamos amados. (...) A única maneira de chegar ao cimo da montanha é em grupo. Sozinho não se vai muito longe na montanha. O que torna possível uma escalada é o grupo. O que torna possível a santidade é a Igreja. O que torna possível o cumprimento mais profundo do nosso destino é o conjunto. (...) É necessário saber que só no conjunto, que para um crente é a Igreja, e não uma Igreja qualquer, mas a comunidade que nos é dada, é possível a nossa santidade»⁴⁷⁵.

Os caminhos de santidade são múltiplos e adequados à vocação de cada um («pedagogia da santidade»⁴⁷⁶), sendo que é através dos diversos carismas que se constitui uma (com)unidade verdadeiramente santa (cf. Rom. 12, 6; 1Cor. 12, 4-6); na verdade, «a vocação não é um facto privado, não é um seguimento da realidade de Jesus por conta própria. O seu espaço é toda a Igreja, que só pode subsistir em comunhão com Pedro e, desse modo, com os apóstolos de Jesus Cristo»⁴⁷⁷.

⁴⁷⁰ GENTILI; GOFFI – Vocação à Santidade, p. 1461; cf. *Menti Nostrae*, n.º 127. *AAS.* 42, 700.

⁴⁷¹ FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 7; cf. *CdIC*, n.º 824-825; AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 16.

⁴⁷² *Ibidem*, n.º 9; cf. GENTILI; GOFFI – Vocação à Santidade, p. 1459. A este respeito, leia-se: FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 140-146. Diz-nos o cardeal Sarah que «a beleza da Igreja não está no número dos seus fiéis, mas na sua santidade. (...) A verdadeira primavera da Igreja são os santos!»: SARAH – *Deus ou nada*, p. 88. Neste sentido, o ideal mais prestigioso da Igreja é a aspiração à santidade: cf. *ibidem*, p. 140.

⁴⁷³ Todos os meios de santificação apontam para o crente e para a sua plenitude, que alcançará a sua total dimensão e expressão na vida eterna, no Reino escatológico. Contudo, esta dimensão vive-se no Corpo de Cristo (cf. Rom. 12, 5; 1Cor. 10, 17.12, 12s; Ef. 4, 4.16; Col. 1, 18) que é a Igreja. A Igreja, é, pela ação do Espírito Santo (que é o agente principal da orientação e ajuda espiritual [cf. AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 1209]), o “lugar” de santificação: é por ela que se nos comunica a Palavra de Deus que alimenta a fé, é nela que se ora e dela recebemos orações; em comunhão com ela celebram-se os sacramentos, permitindo que o homem se vincule mais e melhor. É por isso que a santidade não é um assunto exclusivamente pessoal, mas – em virtude da “comunhão dos santos” – que interessa a todo o corpo eclesial.

⁴⁷⁴ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 31. *AAS.* 84, 707-709; *CdIC*, n.º 2030.2045.

⁴⁷⁵ EPICOCO – *Sal, não mel*, p. 115.146.

⁴⁷⁶ Cf. *Novo Millennio Inuente*, n.º 31. *AAS.* 93, 287-288.

⁴⁷⁷ RATZINGER – *O Caminho Pascal*, p. 155.

No caso concreto do presbitério, ao qual o padre lhe está inerente, é um “caminho” e um “meio” de santificação – «o objetivo do presbitério é integrar e harmonizar, coordenar, discernir e promover os vários carismas, serviços e energias evangelizadoras. O peso de tarefas, a sobrecarga de trabalhos, levam à partilha corresponsável»⁴⁷⁸. A este propósito, diz-nos Jorge Wong no IX Simpósio do Clero em Fátima no ano de 2018: «fomos todos introduzidos num presbitério, antes mesmo de recebermos qualquer ofício eclesial; por isso, se reconhecemos que o Senhor nos chama a santificarmos o lugar onde por Ele somos enviados a estar “*como discípulos missionários*”, é a santificação do nosso presbitério a nossa primeira missão como clérigos e padres que somos»⁴⁷⁹.

Por seu lado, Carlos Azevedo alude que:

«A coordenação pastoral (ministérios, carismas, instituições) aprofunda a comunhão ou fraternidade que é sinal eficaz de salvação. A comunhão fraterna ajuda a adquirir uma atitude de generosidade e de perfeição. Da comunhão e da generosidade brota a disponibilidade missionária, sem condicionamentos e sem fronteiras, e a garantia de autenticidade na vida eclesial»⁴⁸⁰.

No mesmo aspeto se pode referir a categoria da fraternidade no ministério, tornada presente pela relacionalidade presbiteral. A fraternidade que se reflete e incide na capacidade do sacerdote em ser testemunha da alegria do Evangelho⁴⁸¹ torna-se decisiva para uma vivência sacerdotal mais coerente com o modelo de Cristo, tornada presente, como refere o padre Carlos Carneiro, na «credibilidade da nossa autoridade [que] não radica apenas na nossa disponibilidade. Radica na coerência e no testemunho de uma vida que, não sendo isenta de pecado ou de imperfeição, é a primeira na escuta do Evangelho e no exercício da caridade»⁴⁸². De facto, toda a envolvimento da vida sacerdotal permite que se proporcionem «lugares privilegiados para se revitalizar a experiência do encontro pessoal e comunitário com Cristo, da comunhão eclesial e para um anúncio mais fecundo

⁴⁷⁸ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 57. «O presbitério não é nem uma comunidade cristã, nem uma congregação religiosa. O bispo não é nem um abade, nem o pároco dos seus padres. Mas o sacramento recebido cria uma fraternidade evangélica de grade profundidade espiritual»: *ibidem*, p. 91. António Augusto, por sua vez, indica que «um bom colaborador de Deus na edificação da comunidade cristã, um bom e um santo sacerdote, é capaz de trabalhar em conjunto, de se alegrar com o êxito ou a realização do seu irmão, de ajudar e apoiar o que precisa da sua colaboração»: AZEVEDO – *Homilia no Simpósio do Clero*, p. 238.

⁴⁷⁹ WONG, Jorge Carlos Patrón – *I. A formação permanente: ministério alegre e fecundo longo da vida*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 54.

⁴⁸⁰ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 143.

⁴⁸¹ Cf. BACELAR – *Fraternidade*, p. 158-159.

⁴⁸² CARNEIRO – *Ser padre, um modo profético de viver a obediência*, p. 154; cf. Act. 5, 30-32; 1Cor. 15, 1-2a.3-4; *Verbum Domini*, n.º 9. AAS. 102, 690.

e querigmático de Jesus Cristo»⁴⁸³, tendo plena consciência de que «o verdadeiro e profundo sentido da experiência sacerdotal vem análogo do encontro pessoal e amoroso com Jesus – Pastor e Servo, especialmente presente na Eucaristia⁴⁸⁴ (...), na Palavra de Deus e nos irmãos que padecem – frágeis e últimos»⁴⁸⁵.

Joseph Ratzinger diz-nos que:

«Cada chamamento tem também em si algo de humano: o aspeto da fraternidade, o sentir-se interpelar pela palavra de outro. Se refletirmos sobre o nosso caminho, cada um de nós saberá bem que a fulguração de Deus não se abateu diretamente sobre ele, mas que em qualquer parte deve ter havido um convite de algum fiel, um deixar-se levar juntamente pelo chamamento de alguém. É verdade que a vocação só poderá sustentar-nos se não nos limitarmos a acreditar em segunda mão, porque “este ou aquele disseram”, mas se – conduzidos pelos irmãos – encontrarmos pessoalmente o Senhor (cf. Jo. 4, 42)»⁴⁸⁶.

2. Da “Santidade Comum dos Fiéis” à “Santidade Ministerial”

Cristo é o único e verdadeiro Sumo sacerdote (cf. Heb. 7, 20-28); é o único que levou à sua máxima expressão a categoria de mediação sacerdotal, é *aquela* que se constitui enquanto o verdadeiro santuário, o sangue da nova aliança oferecido de uma vez por todas, o culto novo e definitivo (cf. Heb. 8-9). O Seu sacerdócio situa-se num nível mais denso de toda a realidade: no coração do homem, lugar onde estabelece a nova aliança com o coração de Deus⁴⁸⁷. A autoridade sacerdotal de Cristo torna-se única na certeza da comunicação da Salvação a todos os que lhe obedecerem, dado que Ele se constituiu como Sumo sacerdote misericordioso e, ao mesmo tempo, digno de toda a fé (cf. Heb. 2, 17.4, 15.5, 9), capaz – porque capacitado (cf. Jo. 3, 17) – de se comunicar a todos os crentes⁴⁸⁸.

⁴⁸³ PEDRAS, Mário Rui Leal – *Testemunho de um pároco*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 178.

⁴⁸⁴ A este propósito, diz-nos Ratzinger que «o sacerdote que ora do Novo Testamento pode encontrar aí indicado de um modo particular aquele cálice mediante o qual o Senhor Se tornou, no sentido mais profundo, a nossa terra, o Cálice Eucarístico no qual ele Se comunica a si mesmo como nossa vida. Por isso, a vida sacerdotal na presença de Deus é concretizada na vida em virtude do mistério eucarístico. No sentido mais profundo, a eucaristia é a terra que se tornou a nossa porção e acerca da qual podemos dizer: “Na partilha foram-me destinados lugares aprazíveis e é preciosa a herança que me coube” (Slm. 16, 6)»: RATZINGER – *O Caminho Pascal*, p. 160. A celebração da Eucaristia concretiza-se como o cume da relação com Cristo: cf. AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 99.

⁴⁸⁵ MENDES, Manuel António dos Santos Carvalho – *Ser padre – um modo profético de viver*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 113.

⁴⁸⁶ RATZINGER – *O Caminho Pascal*, p. 153-154.

⁴⁸⁷ Cf. VANHOYE – *Sacerdotes Antiguos, Sacerdote Nuevo*, p. 244.

⁴⁸⁸ Cf. *ibidem*, p. 245.

Contextualizando a realidade do “sacerdócio comum dos fiéis” e do “sacerdócio ministerial”, sublinhamos que uma novidade apresentada pelo Concílio reside na afirmação da comum dignidade dos batizados antes de se especificar cada um dos carismas. A dimensão do batizado reveste o primado da vida teologal (mostra[-se] que o modelo piramidal não funciona mais). Nesta ordem de sentidos, induz-se e introduz-se a relação entre o “sacerdócio comum-sacerdócio ministerial” que determina o primado da vida teologal, onde todos são chamados a viver a vida, oferecendo-a a Deus⁴⁸⁹.

No número 10 da *Lumen Gentium*⁴⁹⁰ verifica-se a afirmação do primado da vida teologal – «não tanto de grau quando de essência» (*licet essentia et non gradu tantum differant*) – onde se encontra a figura de amplificação, mostrando que a diferença não se verifica no grau, mas na essência (se fosse de grau, perguntar-se-ia: quem “participa mais na vida em Cristo”?). Na diferença de essência, os “sacerdócios” (comum e/ou ministerial) são relacionados mediante:

- a. A diferença de essência que não permite a diferença de grau.
- b. Só se permite a diferença de grau na diferença de essência.

João Paulo II, na *Pastor Dabo Vobis*, explica-nos isto mesmo:

«O sacerdócio ministerial conferido pelo sacramento da Ordem e o comum ou “real” dos fiéis, que diferem entre si essencialmente e não apenas em grau, estão coordenados entre si, ambos derivando – em forma diversa – do único sacerdócio de Cristo. O sacerdócio ministerial, de facto, não significa, *de per se*, um maior grau de santidade relativamente ao sacerdócio comum dos fiéis; mas, através dele, é outorgado aos presbíteros, por Cristo no Espírito, um dom particular para que possam ajudar o Povo de Deus a exercitar com fidelidade e plenitude o sacerdócio comum que lhes é conferido»⁴⁹¹.

Então, existe uma comum participação no único sacerdócio de Cristo que se realiza em planos diversos:

⁴⁸⁹ Diz-nos o teólogo jesuíta Albert Vanhoye que «o desenvolvimento de uma cristologia sacerdotal (Heb.) e o esboço de uma eclesiologia sacerdotal (IPe.) (...) traduz uma mudança profunda na forma de entender o culto e o sacerdócio: em vez de colocar em primeiro plano a expressão ritual, são-nos apresentadas, antes de mais, as realizações existenciais. O sacerdócio de Cristo não se exerceu numa cerimónia, mas num acontecimento: a oferta da sua própria vida. O sacerdócio da Igreja não consiste em celebrar cerimónias, mas em transformar a existência real abrindo-a à ação do Espírito Santo e aos impulsos da caridade divina. Deste ponto de vista, especificamente cristão, os ministros ordenados estão ao serviço do sacerdócio comum e não vice-versa»: *ibidem*, p. 321.

⁴⁹⁰ *Lumen Gentium*, n.º 10. AAS. 57, 14-15.

⁴⁹¹ *Pastor Dabo Vobis*, n.º 17. AAS. 84, 683-684.

a. Sacerdócio comum dos fiéis – condição (do batizado), sujeito (= Povo Sacerdotal), identidade e missão (a Igreja reunida como Sacramento Universal de Salvação, sendo testemunho da Salvação de Cristo).

b. Sacerdócio ministerial – função, identidade e missão (= participação no sacerdócio de Cristo no *múnus* de mediador e de governo em favor da Igreja e da unidade) – «o sublinhar de *Cristo Sacerdote* leva a acentuar as virtudes da religião, oração – zelo, santidade – e sacrifício. O sacerdócio ministerial é uma participação no sacerdócio de Cristo»⁴⁹².

Assim se verifica uma correlação: o sacerdócio comum serve-se do sacerdócio ministerial e o sacerdócio ministerial só serve em prol do sacerdócio comum:

a. Sacerdócio comum – condição de todo o cristão; é da ordem dos fins.

b. Sacerdócio ministerial – é relativo, serve para possibilitar o sacerdócio comum (relativiza-se ao sacerdócio comum); é da ordem dos meios – os meios não são o fim, servem o fim; o seu papel é o de «formar e conduzir o povo sacerdotal»⁴⁹³.

Há uma diferença na essência do (próprio) sacerdócio que permite a correlação entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum de todos os batizados/dos fiéis.

No IX Simpósio do Clero, o padre Almiro Mendes referiu isto mesmo:

«Há um só sacerdócio, que transportamos em nossas frágeis pessoas, que está nestes lugares todos e realiza a mesma missão, através de funções diversas, mas sempre para ser instância segunda dessa primeira que é Cristo. Há um só sacerdócio, que deveria ser continuidade de Cristo no tempo, para fecundar do sagrado a história e para ser presença do inefável no meio da criatura, mistério dentro da contingência, alento para a jornada rotineira dos humanos, força sacral para a vida gasta na sucessão do tempo, ponto de encontro, porta e ponte, caminho e sentido da caminhada, alternativa a esta história de gestos desconexos de palavras esvaziadas, de vida hipotecada, de veladas formas de morte e de espaços de ressurreição ainda não acontecidos, de irrupção serena de luz na noite do tempo, confronto permanente entre aquilo que a vida é e aquilo a que é chamada a ser»⁴⁹⁴.

⁴⁹² AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 39.

⁴⁹³ *Lumen Gentium*, n.º 10. *AAS*. 57, 14 – «*populum sacerdotalem efformat ac regit*». A este propósito, já no Congresso Litúrgico de Vila Real, o primeiro celebrado em Portugal (junho de 1926), António Coelho (1892-1938), OSB, afirmava que «padres litúrgicos geram fiéis litúrgicos»: COELHO – *A Importância da Cultura Litúrgica na Vida Espiritual*, p. 42.

⁴⁹⁴ MENDES, Almiro – *Ser pároco do meio suburbano*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 190.

3. Santidade Ministerial

Partindo do II Concílio do Vaticano, a vida espiritual do sacerdote é definida pela atividade sacerdotal e pela espiritualidade do mesmo sacerdote; ou seja, é no “serviço pastoral” que se deve encontrar a unidade (santificadora) da própria vida⁴⁹⁵ – «o discipulado e a configuração ao Bom Pastor permitem ao sacerdote pertencer ao Senhor e à Igreja, permitem viver uma intimidade pessoal com o Senhor que se traduz numa prática pastoral compassiva para com os irmãos»⁴⁹⁶. A este propósito, refere-nos Gisbert Greshake, que «com este fim foi enviado o sacerdote, e precisamente esta concentração de toda a atividade espiritual na missão ministerial é a característica particular da espiritualidade sacerdotal»⁴⁹⁷. Carlos Azevedo afirma que «a espiritualidade do presbítero é caridade do Bom Pastor. (...) É a espiritualidade de serviço. (...) Uma espiritualidade encarna-se no ministério. É da participação da caridade do Bom Pastor e único sacerdote, que derivam os traços essenciais da figura espiritual do presbítero»⁴⁹⁸.

O ponto de partida para se esboçar uma espiritualidade puramente sacerdotal deve ter como mote a seguinte pergunta: «o sacerdote, na sua atividade pastoral e sob o peso das suas obrigações, como poderá falar da unidade e da totalidade da sua vida?»⁴⁹⁹. A correspondência entre estas duas realidades – que se relacionam e se complementam mutuamente – manifestar-se-á apenas e só quando o serviço pastoral for um caminho e um meio para a santificação pessoal⁵⁰⁰. É por isso que, para uma verdadeira espiritualidade sacerdotal e para uma vivência verdadeira e autêntica do ministério, o sacerdote tem primeiramente (e necessariamente) de falar com Deus e, só depois, falar de Deus. Na procura e descoberta do Seu Amor, o sacerdote fica capaz, nas diversas situações que se lhe apresentam, de falar do que viveu, de mostrar e de demonstrar o que é resultado de um “amor primeiro”, de um “enamramento”. Este “primeiro amor” tem de se fletir e refletir na vivência da realidade pastoral, no encontro com os fiéis, na celebração dos sacramentos.

⁴⁹⁵ Cf. *Menti Nostrae*, n.º 5-6. *AAS.* 42, 658-659; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n.º 14. *AAS.* 58 (1966) 1013-1014.

⁴⁹⁶ STELLA, Beniamino – *O ministério sacerdotal no magistério do papa Francisco*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 35.

⁴⁹⁷ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 349.

⁴⁹⁸ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 45.80. Esta realidade do ministério em articulação com o serviço está muito patente no livro atrás referido: cf. p. 93.96.160; cf. *Menti Nostrae*, n.º 55. *AAS.* 42, 675.

⁴⁹⁹ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 347.

⁵⁰⁰ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, n.º 13. *AAS.* 58, 1011-1012. João Paulo II refere que «o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a *santidade*»: *Novo Millennio Inuente*, n.º 30. *AAS.* 93, 287.

O vínculo da perfeição sacerdotal que une a vida do sacerdote à sua ação na missão define-se, na linguagem do II Concílio do Vaticano, como *caritas pastoralis*: «os presbíteros alcançarão a unidade da sua vida, unindo-se a Cristo no conhecimento da vontade do Pai e no dom de si mesmos pelo rebanho que lhes foi confiado. Assim, fazendo as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e ação»⁵⁰¹. A *caritas pastoralis*, o amor pastoral, é o centro da espiritualidade sacerdotal: «os presbíteros hão de ser *amigos dos pobres*, reservando-lhes as mais delicadas atenções da sua caridade pastoral»⁵⁰².

Se, como já vimos, todos somos chamados universalmente – e desde antes do nascimento – à santidade, pode-se dizer que, num certo sentido, só existe uma “espiritualidade”, aquela que tem como base e fundamento a Pessoa de Deus compreendido desde e na Sagrada Escritura. Contudo, prendemos e deprendemos que nem todo o ministério possui a mesma essência. Estas «diferenças espirituais ou espiritualidades diferentes»⁵⁰³ mostram a plenitude da vitalidade da Igreja, o vigor dos dons que lhe são inerentes e lhe estão presentes, onde a tal imagem da diversidade na unidade pode ser usada para se fazer alusão à imagem do Corpo de Cristo (cf. 1Cor. 12).

É por isso que, na referência à espiritualidade sacerdotal, se manifestam “acentuações especiais” inerentes ao ministério sacerdotal e pastoral e que são identitárias da *caritas pastoralis*: a preparação, continuando a obra de Cristo, da vinda do Reino de Deus, já que a Igreja, *Sacramentum Unitatis*⁵⁰⁴, está chamada à continuidade da Sua obra de santificação e redenção no Mundo, precisando de discípulos – marcados com o sinal de Cristo – que estejam encarregues (desde o encontro com Ele) de proclamar a Palavra do Reino e a Mensagem de Amor de Cristo pela criação; como pastores que reúnem e dirigem comunidades; que sejam “possibilidade”, mediante o seu serviço – *in persona Ecclesiae*⁵⁰⁵ – a alcançarem o Povo de Deus. Em síntese: «é preciso que sejam pessoas que equipem os demais fiéis “para o cumprimento do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef. 4, 12)»⁵⁰⁶.

⁵⁰¹ *Presbyterorum Ordinis*, n.º 14. AAS. 58, 1013.

⁵⁰² MENDES – *Ser padre – um modo profético de viver*, p. 123; cf. AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 83-87.107-114; *Menti Nostrae*, n.º 116. AAS. 42, 697; *Pastor Dabo Vobis*, n.º 33. AAS. 84, 712.

⁵⁰³ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 348.

⁵⁰⁴ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 1. AAS. 57, 5.

⁵⁰⁵ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 349.

⁵⁰⁶ *Ibidem*, p. 349.

Colocados num Mundo que se pauta sobre uma realidade fechada sobre si própria e, por isso, autorreferencial, os sacerdotes – ministros da Palavra – devem ter a ousadia de aparecerem como testemunhas de Cristo Crucificado e Ressuscitado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos (cf. 1Cor. 1, 23). Tomando como base e mote o centro da Mensagem de Jesus – tornado presente na iminência da chegada do Reino de Deus, da promessa e comunicação da comunhão de Deus – o ministério sacerdotal deve pautar-se pela realidade instaurada por Cristo (cf. Rom. 8, 37; Ef. 1, 7-10) – ser no Mundo, sem estar no Mundo:

«Será sempre uma coisa triste poder dizer-se de um padre que dele só ficou a alva, a estola, a casula, a capa de asperges! Provocação para dizer que o padre, servo e testemunha da Palavra, não pode estar simplesmente “no mundo”, não pode ser apenas um *in-der-Welt-Sein*, mas também um *zum-Buch-Sein*, alguém que está no Livro, que habita no Livro, que vive no Livro, que tem fome do Livro, que come o Livro, que respira o Livro, alento e alimento único para a sua vida, mais do que os automóveis que conduz, as estradas que percorre, as casas que habita, as roupas que veste, o pão que come»⁵⁰⁷.

A atitude do sacerdote deve ser a oposta; ele deve sempre e cada vez mais e melhor procurar «reproduzir na sua alma tudo quando se produz sobre o altar»⁵⁰⁸. Pio XII (1876-1958), mencionando Pedro Crisólogo (± 406-450), admoesta esta postura:

«Sê sacrificio e sacerdote de Deus; não percas aquilo que te deu a divina autoridade. Reveste-te da estola da santidade; cinge-te com o cinto da castidade; seja Cristo o véu que te cubra a cabeça; a cruz esteja como baluarte sobre a tua fronte; coloca em teu peito o sacramento da divina ciência; queima sempre o incenso da oração; cinge a espada do Espírito; faz do teu coração como que um altar e assim seguro oferece teu corpo como vítima a Deus. Oferece a fé, de modo que seja punida a perfídia; imola o jejum, a fim de que cesse a voracidade; oferece em sacrificio a castidade, para que morra a sensualidade; coloca sobre o altar a piedade, para que seja deposta a impiedade; atrai a misericórdia, para que seja destruída a avareza; e para que desapareça a insensatez, convém imolar sempre a santidade: assim teu corpo será a tua hóstia, se não for ferido por alguma seta do pecado»⁵⁰⁹.

Por seu lado, já no século XV, o autor da *Imitação de Cristo* referia que:

«O sacerdote, revestido das sagradas vestes, faz as vezes de Cristo, para, suplicante e humildemente, implorar Deus para si e para todo o povo. Tem no peito e nas costas a imagem da Cruz do Senhor, para que continuamente se lembre da paixão de Cristo. Tem, à frente, uma cruz na casula, para que considere com diligência os passos de Cristo e os procure seguir fervorosamente. E também atrás é assinalado com a cruz, para que tolere, com clemência e por amor de Deus, quaisquer adversidades que dos outros lhe venham. Leva a cruz à sua frente, para que se entristeça pelos seus pecados, e atrás, para que chore também, por compaixão os cometidos pelos outros, e para que, sabendo ter sido feito dianteiro entre Deus e o pecador, não arrefeça na oração e no santo Sacrificio, até que mereça alcançar graça e misericórdia. Quando o sacerdote celebra, honra a Deus, alegra os

⁵⁰⁷ COUTO – *O padre, ministro e testemunha da Palavra*, p. 94.

⁵⁰⁸ *Menti Nostrae*, n.º 34. AAS. 42, 667-668.

⁵⁰⁹ Sermão 108: PL 2, 500. Apud *ibidem*, n.º 34. AAS. 42, 667-668.

anjos, edifica a Igreja, ajuda os vivos, dá repouso aos mortos e torna-se participante de todos os bens»⁵¹⁰.

É tendo em conta esta inculturação sem desvirtuação que o ministério eclesiástico é chamado a ser reflexo da entrega de Cristo por todos nós; aliás, sendo o ministério sacerdotal uma realidade espiritual, só pode ser plenamente e autenticamente realizado por uma pessoa espiritual, ou seja, por alguém que não contemple as realidades mundanas como absolutas, mas que seja capaz de dar espaço de ação e de concretização ao Espírito de Deus. Assim, não se pode confundir a realidade ministerial com outras realidades que estão no mundo:

«Os tempos sacerdotais que vivemos, pelo menos em parte, são tempos áridos, tempos que ferem brutalmente uma Igreja que nasceu para ser mãe; uma Igreja que se vê questionada, acusada de ser conivente com a brutal injustiça dos abusos que ofendem inocentes e vulneráveis. Felizmente, a Igreja e o mundo podem contar com a santidade inquestionável de tantíssimos dos seus membros que, liderados pela exemplaridade do Santo Padre, enchem tudo e todos de uma esperança curativa e de uma justiça sem exceções. (...) Se tivéssemos em nós o amor que Deus tem pelo mundo, se tivéssemos pela Igreja a devoção que temos por Nossa Senhora, não retirando nada do que é devido, em pura devoção à Mãe de Deus, seríamos certamente mais sacerdotes de Cristo pobre, como Cristo, à maneira de Cristo»⁵¹¹.

Na mesma linha, Wong diz:

«É urgente que, entre nós e por nós, *seja anunciado e vivido o temos a Deus; o amor por uma vida modesta, mas rica na alegria própria de quem escolhe a pobreza evangélica; o zelo pela pureza de coração e pela sobriedade na postura sacerdotal; o silêncio e a piedade; o amor ardente e devoto pela Santa Mãe de Deus e da Igreja* – enfim, são estas

⁵¹⁰ ANÓNIMO [Gerardo Groote] – *Imitação de Cristo*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015, p. 272. Gerhard (ou Gerrit ou ainda Gerd) Groote, mais tarde conhecido como Gerardo Groote, percurso e promotor da *devotio* moderna, nasceu em 1340 na cidade de Deventer (região de Salland, Overijssel). Ficando aos 10 anos órfão, tornou-se um aluno itinerante. Fora nesta condição que, pela Universidade Civil de Paris (a qual frequentara desde 1355) se formou enquanto filósofo e *magis artium*; em 1366 assumiu funções diplomáticas na embaixada da sua cidade natal. Interessado também pela astrologia, pela alquimia e pela magia negra, começou a encontrar um vazio num mundo de brilhantismo e de afirmação pessoal – foram estes sentimentos que despertaram nele o gênio altamente talentoso que possuía. Reside também no mosteiro dos cartuxos de Colónia (em 1376), onde os cartuxos lhe pediram, posteriormente, os seus diários; então Groote começou a compilá-los. O resultado foi uma redação original que teve como título *Imitatio Christi*, a *Imitação de Cristo*. Em 1379 Groote foi ordenado diácono, recusando sempre a ordenação sacerdotal; dizia que preferia aconselhar e ajudar do que absolver os pecados. No final da sua vida, alguns clérigos pediram-lhe que fundasse uma ordem religiosa e Groote decidiu que eles se deveriam tornar cónegos regulares de Santo Agostinho. Contudo, acusado de heresia, viria a morrer em 1384 aos 44 anos, vítima da peste. A sua fraternidade foi oficialmente reconhecida em 1419; no entanto, a *Imitação de Cristo* foi publicada no contexto do Concílio Tridentino. O manuscrito original permanece(u) no mosteiro do monte Sant'Agnes (Agnetenberg). Lá se tornou conhecido em todo o mundo sob o nome do seu último transcritor e corretor, Tomás de Kempis: cf. TRITSCH, Walther – *Introduzione Allla Mistica: fonti e documenti*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995, p. 190-193.209.

⁵¹¹ CARNEIRO – *Ser padre, um modo profético de viver a obediência*, p. 138.152.

escolhas e tantas outras que *forjaram os santos sacerdotes da Igreja e ainda hoje são a resposta eficaz para a santificação do mundo e dos sacerdotes*⁵¹².

Através da realidade mundana do Mundo, no seguimento de Jesus, todos os cristãos devem ter a capacidade de viverem como «peregrinos e forasteiros»⁵¹³ na Terra, contrariando o pensamento e a cultura da subjetividade e da relatividade; contudo, esta tarefa adquire uma particular e importante marca na vida e na vivência do ministério sacerdotal:

«A Igreja não precisa de sacerdotes destituídos de inteligência, robotizados, que cumprem tudo para não ter problemas; a Igreja dispensa também sacerdotes amargurados, “sindicalistas” cheios da sua razão que nunca são capazes de pôr em causa a sua própria crítica; a Igreja precisa e tem sacerdotes que sabem que o verdadeiro jejum não é a sobriedade de Quarta-Feira de Cinzas, mas a ascese permanente da própria vontade para que, liberta de todo o seu egoísmo, possa ser um ato de amor»⁵¹⁴.

O “serviço específico” pelo Reino de Deus deve ser capaz de imitar e transmitir sinais visíveis, capazes de manifestar, infestar e educar a vivência humana na certeza da futura comunhão com Deus; os ministros devem ser capazes de se “gastarem” pelos homens, pelos seus desejos e necessidades⁵¹⁵:

«Padres, servos e testemunhas da Palavra. Pode ser apenas um enunciado, que nem arde nem dói. Mas pode ser também um desafio programático. E então é bom e justo que fiquemos a saber que todas as palavras que usamos para dizer Deus, mesmo as melhores, não as podemos mais dizer de cor, assim-assim, de braços caídos, de alma apagada, simplesmente paramentados, caídos de náusea, com palavras vulgares ou pedaços de carne podre entre os dentes»⁵¹⁶.

O ministério ordenado, verdadeiramente assumido na vida porque primeiramente formado com Cristo Pastor⁵¹⁷, torna-se particularmente num caminho de crescente discernimento e de progressiva configuração; esta corroboração torna-se suscetível por meio da ação amorosa de Deus:

«Adorar é ser beijado por Deus, numa criação sempre ativa e inacabada. Em adoração, cada um reconhece quem é Deus, o que faz Deus, o que pode Deus, o que espera Deus. Não é uma rendição como quem perde uma guerra; é uma atitude de descentramento, de quem procura o seu valor no valor do outro, de quem dá a Deus o que é de Deus. É um

⁵¹² WONG – *I. A formação permanente*, p. 52.

⁵¹³ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 351.

⁵¹⁴ CARNEIRO – *Ser padre, um modo profético de viver a obediência*, p. 148.

⁵¹⁵ Cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 352.

⁵¹⁶ COUTO – *O padre, ministro e testemunha da Palavra*, p. 106.

⁵¹⁷ «Se somos fruto de uma herança humana, somos mais profundamente obra de Deus»: SARAH – *Deus ou nada*, p. 90.

exercício da inteligência da fé. (...) A mais bela forma de adorar a Deus não é apenas a de adorarmos em contemplação, mas a de o servirmos em cada um, com todo o coração»⁵¹⁸.

Assim, depreendemos e compreendemos que o ministro eclesiástico, no seguimento de Jesus, é (o) enviado como «homem de Deus» (1Tim. 6, 11) aos homens (e vice-versa), como aquele que é “reflexo” da presença do Reino de Deus no Mundo, como alguém que, sendo “amigo de Jesus”, idealiza e realiza a *caritas pastoralis*, entregando-se às pessoas na sua total e sincera dedicação (cf. Jo. 15, 14s), reflexo da santidade do sacerdote que se torna patente desde a existência de coração puro, desde a presença da fidelidade ao Espírito Santo – a santidade deve ser reflexo do adorno das virtudes que (lhe) são identitárias, tendo como fundamento a sua missão pastoral⁵¹⁹: «o sacerdote deve ser ornado de todas as virtudes e dar aos outros o exemplo de uma vida santa. A sua vida não está nos vulgares e comuns caminhos dos homens, mas sim com os anjos no Céu ou com os homens perfeitos na Terra»⁵²⁰.

Nos nossos dias, marcados pela incoerência da vivência ministerial⁵²¹, verificamos que o mais difícil é ser-se padre segundo o coração de Cristo:

«Hoje, decerto como sempre, ser padre não é uma canção de embalar, na medida em que implica perceber que o amor tem uma irmã gémea que é a dor e não é possível amarmos o Senhor e servirmos os irmãos sem nos configurarmos a Cristo crucificado, sem ficar, como Maria e João, junto à Cruz. Querer ser padre sem esta dimensão da cruz, sem estar preparado para sofrer, é buscar o impossível através do inútil: é como querer pintar branco com tinta preta. (...) nunca foi tão belo e extraordinário ser padre, porquanto é um cuidar da beleza espiritual desta humanidade desorientada; é um consertar os corações dilacerados, colocando neles o belo e o positivo e derramar o óleo da consolação nas feridas de tantos; é ser tecedor de fios de comunhão fraterna num emaranhado de discórdias e dissensões; é oferecer, pela palavra e pelo exemplo, horizontes luminosos de sentido e motivos convincentes de esperança; é consolar e confortar, mas também inquietar as consciências adormecidas; é um tornar engraçadas as vidas que seriam desgraçadas sem esta graça e sem este dom que é Cristo em nós, os padres; é um gastar-se, em vez de enferrujar-se, por um mundo melhorado; é fazer acontecer, em vez de deixar acontecer; é não deixar arrefecer os sonhos; é transformar o falso em verdadeiro e o trágico em venturoso, num mundo onde tantas vozes nos berram verdades falsas ou incompletas e nos servem, todos os dias, notícias tão trágicas; é construir o humano bom e o divino excelente

⁵¹⁸ CARNEIRO – *Ser padre, um modo profético de viver a obediência*, p. 151-152.

⁵¹⁹ Cf. *Menti Nostrae*, n.º 26.93. AAS. 42, 665-666.689-690; BIFET – *Teologia del Sacerdocio: Historia de la Espiritualidad Sacerdotal*, p. 90-91.

⁵²⁰ ANÓNIMO [Gerardo Groote] – *Imitação de Cristo*, p. 272.

⁵²¹ «Como é dramático ver que *muitos sacerdotes*, por causa de certo desencorajamento interior ou por desilusões com o contratestemunho presente na própria Igreja, *não falam da santidade com um fervoroso desejo nem como sendo a sua escolha real de vida, e deixam de motivar o Povo de Deus e os seminaristas a buscarem primeiro o Reino dos Céus e a esforçarem-se para poder um dia contemplar a face de Deus* (cf. Mt. 5, 8). (...) Entretanto, não nos esqueçamos de que *Nosso Senhor não mudou a sua Palavra que nos chama à real e possível santidade de vida, e que pelo seu Sangue continua perdoando, unguindo, curando e fortalecendo aqueles que escolheu para si*»: WONG – *I. A formação permanente*, p. 51; cf. *Menti Nostrae*, n.º 75. AAS. 42, 683-684; AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 127.

e não aceitar, nunca, ser um homem como os outros, mas um homem para os outros. Enfim, sermos hoje, agora e nas atuais circunstâncias – estando na cidade, no suburbano ou na aldeia, sendo simples capelão ou ilustre doutor – os melhores e os mais nobres padres é (...) o mais importante e o que o Senhor deseja. E o melhor padre é, sempre, aquele que, da sua própria sombra, faz um caminho de luz. E o mais nobre é aquele padre que tem Deus dentro de si, para o devolver, acrescentado, aos outros. Não é ser padre do suburbano que é o mais difícil; é ser padre assim que não é o mais fácil. (...) Também não (...) parece que não seja impossível, pois o impossível é só o que ainda não aconteceu, ou o que a gente não quer ou não tenta. Temos é de nos colocar no sítio certo, E esse lugar só pode ser o coração de Deus»⁵²².

Por isto, diz-se que o ministério ordenado se trata de uma «santidade a crescer (...) vivida como expressão de uma vida que não se contenta com mediocridades. São os tempos atuais a exigir que pautemos por alto e trabalhemos a vocação sacerdotal com renovado encanto e apaixonado compromisso»⁵²³, percebendo-se, assimilando-se e assumindo-se que «a Igreja só será compreendida quando a sua mensagem for o Evangelho e a vida dos seus fiéis, particularmente dos sacerdotes, for testemunho de uma santidade assumida como vocação permanente. Para sermos ministros e testemunhas do Evangelho, não temos outro caminho»⁵²⁴.

3.1 *Character indelebilis* e Sinal de Humildade

O ministério possui o mesmo centro e fim que a determinação e a concretização de toda a *opera salutis Christi* – tornada plena no Reino de Deus. Isto aplica-se unicamente e exclusivamente ao ministério na sua essência sacramental e objetiva. É por isso que a ministerialidade objetiva do ministro faz com que a comunidade cristã esteja em ligação, união, com Deus.

O ministro ordenado aparece-nos como o “mediador” ministerial que garante a real, coerente e consistente união entre Deus e o Povo e entre o Povo com Deus. Contudo, este carácter de “mediação” apenas acontece quando o ministro recebe de Cristo o dom de agir *in persona Christi* – «é uma capacitação (...) vinculada (...) ao seu ministério, quer dizer, à sua vocação, consagração e missão»⁵²⁵. Esta capacitação, conferida desde a ordenação, denomina-se *character indelebilis* (“carácter indelével”)⁵²⁶. A doutrina do

⁵²² MENDES – *Ser pároco do meio suburbano*, p. 196-197.

⁵²³ ORTIGA, Jorge – *Para mudar a forma de ser pastor*. In *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*, p. 18.

⁵²⁴ *Ibidem*, p. 19; cf. *Menti Nostrae*, n.º 54-68. *AAS*. 42, 675-681; *Pastor Dabo Vobis*, n.º 26. *AAS*. 84, 697-700.

⁵²⁵ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 354.

⁵²⁶ Cf. *ibidem*, p. 354.

character indelebilis não afirma, primariamente, a primazia do ministério ordenado sob o mistério comum, mas assinala a condição de possibilidade de a Igreja ser reflexo e canal da promessa de Cristo Jesus.

Para o ministro ordenado, receber o *character indelebilis* é um “sinal de humildade” a que está, permanentemente, obrigado a recordar, assinalando-o de que o próprio não tem o “direito” de destruir a obra de Cristo e, conseqüente, existência da Igreja, mas, antes, compreender que esse carácter é o que possibilita que o ordenado assumo o ministério eclesiástico – «a ordenação, é então, a capacitação por Cristo, é que confere aquela santidade que é necessária para a ação sacerdotal»⁵²⁷. Considerado desde Cristo, o ministério é algo “objetivamente santo” e “objetivamente santificador” que representa Cristo (tendo em conta as ações sacramentais e independentemente da santidade pessoal do ministro)⁵²⁸.

3.2 *Imitamini quod tractatis*

Tendo como pressuposto o que se disse anteriormente – a compreensão que a santidade da comunidade não depende da dimensão pessoal do ministro nem da “santidade privada” do mesmo (mas da capacidade conferida desde a sua ordenação, por Cristo) – existe a (forte) probabilidade de se cair no perigo de obscurecer a Mensagem da Revelação. Ou seja, é de se ter em conta a unidade da vida ministerial, a transparência e a correspondência (pela coerência) entre a Palavra de Deus e o próprio testemunho⁵²⁹, levando o ministro a ser o que faz e a fazer o que é, a ser «na sua vida, a unidade entre o sinal e realidade, entre o testemunho e o testemunhado»⁵³⁰ – no fundo, a *imitar o que celebra*. É esta unidade que deve ser identitária da vida do ministro eclesiástico, à qual Paulo se nos aparece como modelo e como ideal de ministro eclesiástico⁵³¹: em primeiro

⁵²⁷ *Ibidem*, p. 355; cf. AUGUSTIN, George – *Colaboradores da Vossa Alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015, p. 191-194; SCHÖNBORN, Christoph – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d’Ars*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010, p. 47-48.

⁵²⁸ Cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 356.

⁵²⁹ Considere-se o chamamento modelar aquando da eleição e vocação de Abraão (cf. Gen. 12, 1-2; Heb. 11, 10) e de Moisés (como as dos demais profetas [cf. Zac. 13, 7]): um e outro(s) têm como meta perfeita Jesus, Ele que surge como a mais perfeita unidade entre *missão* e a *vocação* pela *existência* – o reinado de Deus (que é o centro da sua atividade salvadora) é uma realidade em Si mesmo.

⁵³⁰ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 358; cf. AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 14.

⁵³¹ Para Paulo, a realidade da “cruz” e da “ressurreição”, antes de serem reveladas às comunidades, devem ser tidas como realidades interpelantes (e interpretadas) na própria vida do ministro: cf. 2Cor. 4, 10s. A cruz e a ressurreição apresentam-se como o centro de evangelização paulino, devendo-se-lhas converter no princípio fundamental da própria existência e de uma particular correspondência pessoal. É por isso que Paulo, não só proclama o Evangelho, como torna presente, pela sua ação evangelizadora, uma realidade que lhe está inerente e se torna patente e evidente na vida ordinária. É assim que o homem é

lugar, a forma de vida pessoal do apóstolo como modelo concreto de vida cristã (assente no seguimento de Cristo e na espera do Reino de Deus) e, em segundo lugar, mostrar Cristo mediante a experiência pessoal com Ele – «o testemunho implica que a experiência da fé se tenha feito convicção profunda»⁵³².

Se não se confirmasse uma unidade entre a Palavra e a vida do sacerdote, verificaria-se uma perversão do sentido de o presbítero agir *in persona Christi* pela realidade sacramental e ministerial; se não houver uma mútua identificação, «o sacerdócio consagrado converte-se num funcionalismo religioso, infecundo, abstrato, sem vida. (...) Teologicamente, um ministro eclesial que se limite a exercer o seu ministério, será um *monstrum*, uma “possibilidade impossível”»⁵³³. E se assim acontecer, como é que se proclamaria de modo credível o Reino de Deus? Como se verificaria a unidade na vocação e ação do ministro? Como seria ele meio de encontro com Cristo, e desde Ele, até Deus?

Para se evitar esta “possibilidade impossível”, requer-se que o ministro seja um «homem de Deus» (1Tim. 6, 11), capaz de fugir da raiz de todos os males, de todo o palavreado irreverente e das objeções da falsa ciência (cf. 1Tim. 6, 10.20), desejando, em sentido inverso, a procura da justiça, da piedade, da fé, do amor, da perseverança, da mansidão e de guardar o mandamento puro de modo irrepreensível, de modo a que, acumulando para si mesmo um belo tesouro para o futuro, encontre a vida verdadeira, a vida eterna, a vida com Cristo (cf. 1Tim. 6, 11.14.19).

Esta busca exige uma atitude de seguimento e de discipulado (cf. Mt. 10, 5s.8, 18s.16, 24s). No mundo, requer-se que o discípulo tenha a capacidade de, mediante a

chamado a viver a vida com Cristo, como verdadeiro imitador de Paulo: cf. 1Cor. 11, 1. A propósito da ideia (soteriológica) da cruz, diz-nos o Catecismo da Igreja Católica: «o caminho desta perfeição [refere-se à santidade cristã] passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual. O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria da bem-aventuranças: “Aquele que sobe, nunca mais para de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece”»: *CdIC*, n.º 2015. O Papa Francisco apresenta-nos a cruz como o triunfo do cristão: cf. FRANCISCO – *Alegrai-vos e exultai*, n.º 163. O professor Luigi Maria Epicoco entende que a cruz não é uma “coisa” que apenas diz respeito a Jesus Cristo; a cruz é a forma de santidade dos homens, não se podendo compreender o “estar na Cruz” se não se estiver nú e pregado a qualquer coisa. Toda a nossa vida espiritual deve ser um aprender e apreender a estender os braços, tal como Cristo os estende na cruz. Deve ser um apre(e)nder que toma a sua forma, a forma daqueles braços abertos de Cristo, que na cruz, dizem muito daquilo que deveria ser a nossa vida espiritual. Carregar a própria cruz significa sentir-se responsável por toda a realidade que circunda e não só pela parte que é mais agradável. Então, a cruz santifica-nos porque, a certa altura, compreendemos que o que está diante de nós é a ocasião que o Senhor Deus nos dá para O amar decididamente e totalmente: cf. EPICOCO – *Sal, não mel*, p. 24.38.96. É assim que prende e depreende a correlação entre o sacerdócio ministerial e a cruz; de forma e modo autêntico e absoluto, como condição e ação de total configuração e adesão ao projeto salvífico de Cristo: cf. MENDES – *Ser pároco do meio suburbano*, p. 196.

⁵³² AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 127.

⁵³³ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 359.

cultura onde está inserido e as adversidades humanas que lhe são inerentes, discernir segundo o ideal de Cristo desde a Sagrada Escritura⁵³⁴.

Neste sentido, Gisbert Greshake apresenta-nos algumas das atitudes que devem ser a matriz do discipulado⁵³⁵: viver alternativamente; colocar-se em caminho, desprovido de poder e de saídas pré-definidas; deve ser pobre e estar sempre disponível/ser serviçal; ter a capacidade de realizar sinais de paz e de reconciliação. É deste reflexo que se tornará visível e credível o sinal do Reino de Deus que se rege pela unidade, se move pela unicidade e se alcança pela humildade – «o início da perfeição cristã está na humildade»⁵³⁶.

O sacerdote, na sua missão, deve ser alguém que se veste e reveste pessoalmente de Jesus Cristo, sentindo-se (de)movido por Ele: desde a Sua escuta, desde o Seu seguimento, desde o estar embebido do amor de Deus em Cristo, ele deve ser alguém que pessoalmente tem uma esperança radical e que edifica o mundo pela certeza da sua comunhão prometida e comprometida de Deus Pai. Este seguimento implica uma atitude de disponibilidade, de abertura, de radicalidade na adesão ao *kérygma*. Uma atitude que se reveste de uma imensa e intensa altitude, necessitando-se de uma entrega total ao desígnio salvífico – exige o “tudo” ou o “nada”. A conceção de um ministério está baseada e tornada patente no Amor a Cristo, tal como nos refere o *Evangelho segundo João*⁵³⁷.

Através da Sagrada Escritura verificamos a unidade da harmonia na realidade e atualidade, a coerência da correspondência e a amorização, dada a missão, na ação; desde os Escritos Sagrados percebe-se a articulação e a compenetração íntima entre a santidade objetiva do sacramento e a santidade pessoal que fazem justiça ao ministério sacerdotal, de modo a que, o sacerdote tenha o cuidado de «não (...) transmitir unicamente as notas

⁵³⁴ Carlos Azevedo refere que «ser padre é ser discípulo e seguidor apaixonado de Cristo, pautando a própria vida pelos critérios do Evangelho e colaborando com todos os que anseiam por uma nova espiritualidade e estão dispostos a questionar o tipo de valores que tonificam a depressão atual das pessoas. (...) Ser padre é também ser companheiro próximo dos que sofrem, estar ao lado dos que buscam o sentido profundo da vida em Deus e indagam sobre a autenticidade do agir humano. (...) O padre será peregrino da verdade e mendigo da vida»: AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 60-62. Por seu lado, Luis Antonio Tagle aponta que «ser discípulo que ama é mais fundamental do que ser um ministro ordenado. O amor far-me-á [referese a si próprio] ver o Senhor. O amor tornar-me-á um missionário que quererá conduzir os outros ao Senhor. O amor fará isto e não uma posição de ambição»: TAGLE, Luis Antonio – *Aprendi com os últimos: a minha vida, as minhas esperanças*. Lisboa: Paulus Editora, 2017, p. 148.

⁵³⁵ Cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 360.

⁵³⁶ *Menti Nostrae*, n.º 16. *AAS*. 42, 662.

⁵³⁷ «Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes?”. Pedro respondeu: “Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo”. Jesus disse: “Cuida dos meus cordeiros”»: Jo. 21, 15.

musicais, mas de fazer que essas notas ressoem, mais ainda que o mesmo deva converter-se numa “canção”»⁵³⁸.

3.3 A santidade como serviço aos outros

O homem dos tempos modernos adota(ra) uma atitude cética diante das realidades que lhe são inerentes, pois parte única e exclusivamente da autoridade formal do ministério, de instituições prévias e assentes em tradições jurídicas de outros tempos. Esta forma de agir vai modelar a vivência do ministério de Cristo e tornar a vida do ministro numa permanente e evidente superficialidade e, tendo em conta a realidade da sua participação no sacerdócio de Cristo, num clericalista. A este propósito, as oportunas palavras do Papa Francisco ecoam-nos nos ouvidos e tocam-nos o coração:

«Devo acrescentar outro elemento [o primeiro refere-se ao modo de viver a Graça do Batismo] que considero fruto de um modo errado de viver a eclesiologia proposta pelo Vaticano II (...) – o clericalismo. Esta atitude não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo. O clericalismo leva a uma homologação do laicado; tratando-o como “mandatário” limita as diversas iniciativas e esforços e (...) as audácias necessárias para poder anunciar a Boa Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política. O clericalismo, longe de dar impulso aos diversos contributos e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus (cf. *Lumen Gentium*, n.º 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados»⁵³⁹.

«É preciso, por um lado, superar decididamente o flagelo do clericalismo. De facto, a escuta e o abandono dos estereótipos são também um forte antídoto contra o risco do clericalismo, ao qual uma assembleia como esta, independentemente das boas intenções de cada um de nós, está inevitavelmente exposta. O clericalismo nasce duma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério recebido mais como um *poder* a ser exercido do que como um *serviço* gratuito e generoso a oferecer; e isto leva a julgar que se pertence a um grupo que possui todas as respostas e já não precisa de escutar e aprender mais nada, ou então finge escutar. *O clericalismo é uma perversão e é raiz de muitos males na Igreja*: destes devemos pedir humildemente perdão e sobretudo criar as condições para que não se repitam»⁵⁴⁰.

«O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma rutura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que

⁵³⁸ GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 362.

⁵³⁹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Carta do Papa Francisco ao cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (19 de março de 2016). https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html (consultado a 02/10/2019 às 18h23min).

⁵⁴⁰ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso à primeira Congregação geral da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (03 de outubro de 2018). http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papafrancesco_20181003_apertura-sinodo.html (consultado a 01/10/2019 às 16h36min).

denunciamos hoje. Dizer não ao abuso, é dizer energicamente não a qualquer forma de clericalismo»⁵⁴¹.

«No seu silêncio quotidiano, o santo Povo fiel de Deus continua de muitas formas e maneiras a tornar visível e a atestar com “obstinada” esperança que o Senhor não abandona, que apoia a dedicação constante e, em muitas situações, atribulada dos seus filhos. O santo e paciente Povo fiel de Deus, sustentado e vivificado pelo Espírito Santo, que é o rosto melhor da Igreja profética que, na sua doação diária, sabe colocar no centro o seu Senhor. Será precisamente este santo Povo de Deus que nos libertará do flagelo do clericalismo, que é o terreno fértil para todos estes abomínios»⁵⁴².

Em sentido inverso, o ministro tem de ter a obrigação de atuar ministerialmente *in persona Christi* e também de atuar de maneira a que, por meio de si próprio, a obra salvífica de Cristo possa ser uma realidade que chega a todos os crentes de forma autêntica, como uma oferta real e eficazmente libertadora. Isto implica que os ministros, à imagem do que nos diz Paulo, sejam hospitaleiros, bondosos, ponderados, justos, piedosos, disciplinados (cf. Tit. 1, 8). Tudo isto (pre)supõe que o sacerdote, na sua dimensão pessoal, se dê particularmente ao toque do Mestre, abrindo-Lhe a porta, deixando-O entrar e recebendo-O como alimento (cf. Dt. 8, 3; Hab. 3, 17-19; Mt. 6, 25; Lc. 4, 4.12, 29-31; Jo. 4, 31-34.6, 35.51.57-58; Ap. 3, 20).

Considera-se que a articulação entre ministério e existência, no concreto da vivência sacerdotal ministerial, se torna numa singular e importante dimensão ministerial no mundo e para a santificação do mesmo⁵⁴³. A santidade do sacerdote no Mundo⁵⁴⁴ reveste-se de uma particular união entre a missão ministerial e a santidade pessoal, tornadas observáveis na vivência quotidiana com o Povo de Deus, mas antecedida pela experiência do encontro pessoal (e personalizado) com o próprio Mestre, Guia e Pastor⁵⁴⁵.

3.4 *De por vida*

A vivência da unidade entre o ministério e a existência, entre a santidade “objetiva” e “subjéctiva”, apresenta(m)-se como algumas das principais razões que devem

⁵⁴¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Carta ao Povo de Deus (20 de agosto de 2018). http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html (consultado a 01/10/2019 às 18h09min).

⁵⁴² IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso conclusivo do encontro sobre «*A proteção de menores na Igreja*» (24 de fevereiro de 2019). http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papafrancesco_20190224_incontro-protezioneminori-chiusura.html#_ftn17 (consultado a 01/10/2019 às 18h08min).

⁵⁴³ O verdadeiro modelo e ideal de sacerdócio tem o seu autêntico e real equilíbrio na mútua articulação entre o ideal de espiritualidade e o ideal de serviço: cf. TAGLE – *Aprendi com os últimos*, p. 38.

⁵⁴⁴ Cf. *Menti Nostrae*, n.º 4. *AAS*. 42, 658.

⁵⁴⁵ Cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 364.

ser gravadas no coração dos ministros para toda a vida, sendo, por isso, motivo de uma exigência não apenas quantitativa, mas qualitativa e diacrónica durante toda a vida.

A radicalidade de vida do sacerdócio ordenado (e comum) requer, exige, uma entrega igualmente radical, isto é, total, plena e sem entraves, no tempo, à pregação da Verdade. Se quando tomamos uma decisão para a nossa vida somos impelidos e implicados a procurar realizá-la, este sentido de responsabilidade aumenta, bem mais, quando se trata da missão em nome de Deus e da disposição para o serviço divino⁵⁴⁶. Para o ministro ordenado esta ideia é basilar, dado que o obriga a uma coerência desde os primeiros momentos da sua vida, de modo a que ele seja um testemunho vivo da Mensagem de Cristo na plena e total certeza de que «os que continuam a falar do Sol enquanto caminham sob um céu de nuvens são mensageiros de Esperança, os verdadeiros santos dos dias de hoje»⁵⁴⁷.

A vocação sacerdotal, atendendo à sua absoluta entrega para totalidade (qualitativa e quantitativa) da vida, exige uma credibilidade na ação do sacerdote, de modo a que, pela sua existência e no seu ministério, seja imagem e semelhança de Deus (cf. Gen. 1, 26)⁵⁴⁸. Esta unidade entre “missão” e “existência” tem de se concretizar na forma de vida de especial seguimento dos discípulos⁵⁴⁹. Como refere – porque “fere” – João Paulo II:

«A vocação sacerdotal é essencialmente uma chamada à santidade na forma que nasce do sacramento da Ordem. A santidade é intimidade com Deus, é imitação de Cristo pobre, casto e humilde; é amor sem reserva às almas e entrega pelo seu próprio bem; é amor à Igreja que é santa e nos quer santos, porque assim é a missão que Cristo lhe confiou. Cada um de vós deve ser santo também para ajudar os irmãos a seguir a sua vocação à santidade»⁵⁵⁰.

⁵⁴⁶ Cf. *ibidem*, p. 365.

⁵⁴⁷ NOUWEN, Henri – *Aqui e Agora: Vida no Espírito*. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2002, p. 25-26.

⁵⁴⁸ Diz-nos Nouwen que «o ministério é, acima de tudo, receber a bênção de Deus através daqueles a quem nós [os ministros] prestamos esse serviço»: *ibidem*, p. 86.

⁵⁴⁹ Cf. GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 367.

⁵⁵⁰ *Pastor Dabo Vobis*, n.º 33. AAS. 84, 711.

PARTE II

**O MINISTÉRIO EPISCOPAL DA SANTIDADE EM D. ANTÓNIO FRANCISCO
DOS SANTOS (2006-2017)**

CAPÍTULO I – BIOGRAFIA DE D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS (1948-2017): UMA VIDA DE ENTREGA COM A MARCA DO EVANGELHO¹

«A alegria de viver é irmã gémea do amor sentido nos caminhos andados para responder ao desafio da vocação. É de fé que se trata sempre que recordamos os primeiros acenos do chamamento e sempre que lembramos as primeiras palavras timidamente balbuciadas para dizermos, em crianças, o que gostaríamos de ser um dia mais tarde. Assim aconteceu com muitos de nós. Assim acontece hoje ainda e acontecerá sempre que nos colocarmos frente ao ministério insondável da vocação»².

1. O brilho feliz e o olhar complacente de ser padre

António Francisco dos Santos nasceu na freguesia de Tendais, concelho de Cinfães, Viseu, a 29 de Agosto de 1948. Filho de Ernesto Francisco e de Donzelina dos Santos, frequentou a escola primária de Meridães, em Tendais, entre o ano de 1955 e 1959.

Desde bem cedo a vocação ao ministério ordenado foi uma ideia presente na vida de António Francisco dos Santos, como demonstra o seu testemunho vocacional:

«Foi em criança quando, sem ninguém o suspeitar nem porventura ninguém o desejar, diante de um desafio da minha professora do 4º ano da Escola Primária (...) na minha terra natal, em Tendais, Cinfães, eu escrevi um pequeno texto a dizer o que gostaria de ser. Era este um segredo, até então em mim guardado! No dia seguinte, a minha professora tornou-o público ao pedir-me com sentido afeto e manifesta alegria, que lesse para todos o que escrevera. À medida que ia lendo senti o brilho feliz do seu olhar complacente e uma implícita aprovação dos meus companheiros de Escola. E desta cumplicidade benevolente nascia a força para levar por diante uma ideia ainda pequenina que não sabia como nascera: a ideia de ser padre»³.

Posteriormente, ingressou no Seminário Menor de Resende no ano de 1959 e a 14 de junho de 1971, já no Seminário Maior de Lamego, terminou o curso superior de Teologia:

«E por entre desafios novos, dúvidas sentidas e interrogações necessárias, fui percebendo que ao meu sonho inicial se antecipara o sonho de Deus sobre mim e que só Deus era o autor da decisão que em mim foi moldando: queria ser padre.

¹ Cf. RODRIGUES, Abílio de Sousa (red.) – *Igreja Portucalense. Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 12:34 (2014) 11-12; SILVA, Maria João Oliveira; AMARAL, Luís Carlos – Breve esboço biográfico de D. António Francisco dos Santos. *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 15:45 (2017) 29-34; SANTOS, António Francisco dos – *In manus Tuas*. 2ª ed. Aveiro: Tempo Nova Edição, 2018, p. 3-6.

² SANTOS, António Francisco dos – Testemunho Vocacional. In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 7.

³ *Ibidem*, p. 7-8.

Aos vinte e dois anos de idade, percurso inicial terminado, ainda não tinha idade para a ordenação sacerdotal. Juntamente com os outros cinco discípulos, que nesse ano concluímos a formação, fomos apenas ordenados diáconos – a 22 de agosto de 1971 – e enviados em missão de estágio pastoral (o primeiro da diocese), dispersos pelo espaço diocesano. Eram os tempos do Pós-Concílio, vividos com a irreverência da nossa idade e com os propósitos e sonhos acalentados de uma Igreja renovada a viver o ritmo conciliar e com novas estruturas e entusiasmo sentido de missão.

Pensamos todos ir para África, seguindo o rumo do bispo diocesano para aí inesperadamente enviado, tão pequeninas nos pareciam as nossas terras e cansadas da fé as nossas gentes. Alguns de nós desejávamos até ir para o Gaiato ou para a Emigração trabalhar com os mais pobres, esquecidos ou deixados à sua sorte, como filhos que os pais não acompanharam. Ainda estudantes tínhamos passado as férias do verão na Alemanha a trabalhar nas fábricas com os nossos emigrantes, onde o trabalho era duro, a experiência era apaixonante e o salário ali recebido era suficiente para custear as despesas de todo o ano letivo. Era o tempo da generosidade sem fronteiras e do radicalismo por amor de Deus e da Igreja. Nada nos metia medo diante do desafio da missão. E tudo isto, vivido em grupo de seis discípulos, dava acrescido sentido à nossa generosidade e certamente moldou em nós o modo de ser sacerdote. Foram, todavia, outros os desígnios de Deus e diferentes os caminhos percorridos, cumprindo a missão recebida dos meus bispos»⁴.

O tempo foi passando e António foi ordenado presbítero a 09 de dezembro de 1972 na Sé de Lamego por António de Castro Xavier Monteiro (1919-2000), o então bispo de Lamego (1972-1995).

Designado pelo referido bispo como coadjutor da paróquia de S. João Batista de Cinfães (1972-1974), o padre António Francisco dos Santos acabaria por rumar a Paris para dar continuidade à sua formação académica. Durante a estadia em Paris, integrou a equipa sacerdotal da paróquia de Saint Jean-Baptiste de Neuilly-sur-Seine, ficando responsável pela comunidade portuguesa emigrante:

«Assim surgiu, poucos meses após a ordenação presbiteral, o convite do bispo que me ordenou, para continuar os estudos em França e para trabalhar numa Comunidade francesa com os emigrantes portugueses. Uma bela experiência de vida sacerdotal e de missão pastoral aí realizada que ainda hoje me acompanha, até pela presença tão expressiva no momento da minha ordenação episcopal e pelo báculo de pastor que quiseram oferecer-me»⁵.

Em 1977 obtém a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia do Institut Catholique de Paris (ICP) e em 1979 é mestre em Filosofia Contemporânea.

Paralelamente, diplomou-se em Sociologia Religiosa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

⁴ *Ibidem*, p. 9-10.

⁵ *Ibidem*, p. 10.

Regressando a Portugal (1979), o padre António foi nomeado membro do conselho de presbíteros (conselho presbiteral diocesano) e fez parte da equipa formadora do Seminário Maior de Lamego onde, entre 1986 e 1991, desempenhou o cargo de vice-reitor:

«Alguns anos depois, aí (em França) recebi o chamamento para uma nova e longa missão: ser formador e professor no Seminário que me formou.

Foi exigente este regresso e difícil e delicada esta missão. Mas dou graças a Deus por este longo tempo e pelo trabalho que aí em equipa com tantos outros realizei. Os jovens que iniciavam a caminhada (tantos eles foram) traziam em si valores, qualidades e sinais do amor de Deus e eram permanentemente estímulo à verdade da minha vida, à alegria da minha vocação e à generosidade da minha entrega a Deus e à Igreja. Os sacerdotes que nesse tempo e depois dele se ordenaram (tantos eles são) eram para mim, a partir de cada ordenação em que culminava cada ano, irmãos a dizer-me que Deus abençoa o seu Povo e ama a sua Igreja. E isso fazia-me feliz, dava sentido à minha missão e oferecia diariamente horizonte fecundo à minha vida de padre»⁶.

A 19 de março de 1991 António Francisco dos Santos foi nomeado cónego capitular da Sé de Lamego e a 05 de dezembro de 1997 era nomeado prelado de Sua Santidade, o Papa João Paulo II.

Na diocese de Lamego assumiu várias funções: desde delegado episcopal para a formação do clero, responsável pela pastoral universitária, secretário diocesano da pastoral das migrações, membro da equipa sacerdotal da paróquia de Santa Maria Maior de Almacave (desde 1991), chefe de redação do jornal diocesano *Voz de Lamego*, vigário episcopal e pró-vigário geral da diocese, secretário do conselho presbiteral, diretor espiritual diocesano do Movimento dos Cursos de Cristandade (desde 1996), conselheiro espiritual das equipas de Nossa Senhora, vice-presidente da associação de Ajuda Mútua do Clero de Lamego (Fraternidade Sacerdotal) e membro da direção da Associação dos Antigos Alunos de Lamego (ASEL).

Passou ainda, enquanto professor, pelo Instituto Superior de Teologia do Núcleo Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa e pelo Centro de Promoção Social Rural de Lamego. Desde 1996 era também diretor da Escola Profissional de Lamego (instituição da Diocese de Lamego).

⁶ *Ibidem*, p. 10.

2. *In Manus Tuas*: o chamamento a uma entrega maior

A 21 de dezembro de 2004, o padre António Francisco dos Santos é nomeado bispo titular de Meinedo e auxiliar da arquidiocese de Braga: «nos anos que se seguiram ao Seminário assumi outras missões (...) até que ao momento em que senti que Deus, pela voz de João Paulo II, me chamava a uma entrega maior ainda que mais difícil para mim, consciente das minhas fragilidades e limitações e a braços com o cuidado acrescido para com a minha mãe gravemente doente»⁷.

Ordenado a 19 de março de 2005 na Sé Catedral de Lamego por D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho (1935-), nesse caso o bispo de Lamego (2000-2011), escolheu como lema episcopal a expressão *In manus Tuas* (cf. Lc. 23, 46):

«E foi mais uma vez junto da minha mãe e no brilho do seu olhar terno mesmo sem dizer palavras, e sob o olhar materno da mãe de Deus, cuja imagem sempre esteve presente junto dela, que reaprendi a dizer sim ao amor de Deus e me coloquei nas Suas mãos “In manus tuas”. Esta é a minha dívida de bispo. (...) Este é o meu lema de ministério e o meu programa de missão. Disponível “nas mãos de Deus”, peço-lhe que faça de mim mensageiro corajoso da Palavra de Deus, distribuidor generoso do Pão da Eucaristia, servo fiel da Esperança, profeta da Justiça e apóstolo da Bondade, como fiel discípulo de Jesus e feliz servidor da Igreja»⁸.

Neste mesmo ano (2005) foi eleito presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, sendo reconduzido em 2008, ocasião em que foi nomeado vogal da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

⁷ *Ibidem*, p. 10-11.

⁸ *Ibidem*, p. 11; cf. Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense* 2ª série. 12:34 (2014) 52. A este propósito, transcrevemos o que D. António nos apresenta posteriormente: «escolhi como lema episcopal as palavras de Cristo “In manus Tuas”, quando, no auge da entrega a Deus, Seu Pai, Jesus sente que tudo se consuma e realiza porque entregue nas mãos de Deus a favor da Humanidade. É a hora da doação por excelência. É a hora do serviço mais despojado a favor de todos. É a hora em que a eternidade se une ao tempo, para que o tempo da Cruz se faça caminho da Páscoa. Este lema manifesta um sentimento, configura uma atitude e constitui para mim um imperativo, para que tenha sempre tempo para Deus e aí aprenda a ter tempo para os irmãos; tempo para rezar, acolher, ouvir, dialogar, confirmar e incentivar de ânimo, de alegria, de encanto e de entusiasmo; a fazer que esta convicção de vida e esta pedagogia de ministério se transformem e multipliquem em escolas de comunhão, de colhimento, de partilha e de corresponsabilidade»: SANTOS, António Francisco dos – Entrevista ao *Correio do Vouga* (13/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 50-51. Assinalemos que a definição de “apóstolo” do teólogo jesuíta André Manaranche tem uma compreensão que em muito se assemelha à vida e à obra de D. António: «o apóstolo é um ser disponível, impulsionado para os caminhos que se dirigem aos homens, até ao fim do mundo se necessário; deixa-se enviar, pelo Nome de Cristo, a toda a parte do universo onde há necessidade dele»: MANARANCHE, André – *Padres à maneira dos Apóstolos*. Lisboa: União Gráfica, 1970, p. 125. Numa outra intervenção, D. António sublinha que «a vocação do apóstolo [refere-se a S. Paulo] é modelo da vocação dos cristãos. Mas a vocação do apóstolo é mais do que modelo. É missão. Foi pela missão que S. Paulo se tornou testemunha qualificada da alegria do Evangelho»: Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 12:36 (2014) 39.

No dia 21 de setembro de 2006, o Papa Bento XVI nomeou-o bispo titular de Aveiro, entrando solenemente na diocese a 8 de dezembro desse mesmo ano. D. António Francisco dos Santos, ao longo de mais de 7 anos à frente dos destinos da diocese de Aveiro, pôde colocar em prática muito do seu pensamento sobre a vivência cristã e a organização das comunidades que lhe foram confiadas, alicerçando o seu magistério nas *bem-aventuranças*: «não tenhamos medo das bem-aventuranças do Reino, por mais fáceis que sejam a dizer e por mais difíceis que sejam a realizar. Tenhamos a ousadia de acreditar que as bem-aventuranças são possíveis»⁹.

O seu plano pastoral para a diocese de Aveiro pode ser resumido na seguinte expressão:

«Venho para servir as pessoas e acredito que da generosidade do seu coração e da dedicação do seu trabalho nascerão as estruturas indispensáveis à vida da Igreja, ao anúncio do Evangelho e ao serviço dos pobres. Essa é a nossa missão. O resto virá por acréscimo. Tudo farei para que aos servidores do Evangelho não falte nunca o essencial e o necessário. Numa Igreja que é “casa e escola de comunhão”, repartiremos todos e sempre o pão como irmãos»¹⁰.

Particular relevo deve ser dado à sua convocação da *Missão Jubilar* (entre 21/10/2012-11/12/2013) e à construção da Casa Sacerdotal, inaugurada a 7 de junho de 2013.

Também mereceu a sua atenção e cuidado as vocações, a formação dos seminaristas e o acolhimento e a integração dos jovens na Igreja. Demonstrou identicamente uma grande sensibilidade relativamente ao culto de Santa Joana Princesa¹¹.

Entre 2011 e 2014 exerceu ainda a função de presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé e de vogal do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa.

3. O desejo de a todos servir como Deus quer e ama

D. António Francisco dos Santos foi eleito bispo do Porto a 21 de fevereiro de 2014, sucedendo a D. Manuel Clemente que fora designado Patriarca de Lisboa. A sua

⁹ Homilia da Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 103; cf. RAMOS, António Manuel Moiteiro – Prefácio. In IDEM – *In manus Tuas*, p. 3-4.

¹⁰ Entrevista de D. António Francisco dos Santos ao *Correio do Vouga* (13/12/2006). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 52.

¹¹ Cf. Homilia da Celebração dos 200 anos da proclamação de Santa Joana Princesa como protetora de Aveiro (05/08/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 443-446.

entrada na diocese portuense deu-se a 05 de abril do mesmo ano diante do colégio de consultores, sendo denotar que permaneceu como administrador diocesano de Aveiro enquanto o seu sucessor não estava nomeado para a respetiva diocese.

Desde cedo se pode perceber o que guiava o pensamento do então novo bispo: «levo comigo o modo próximo de ser e de viver, a alegria convicta da fé e o desejo fraterno de a todos olhar com os olhos de Deus, para a todos servir como Deus quer e ama»¹².

Apesar de breve no tempo, o episcopado de D. António à frente da diocese do Porto afigura-se-nos bastante fecundo e revelador de uma vontade esclarecida e persistente. No dia 06 de abril – dia da sua entrada solene na diocese portuense –, aquando da Eucaristia na Sé catedral, confirmou a sua total e absoluta disponibilidade para compreender e aceitar a nova realidade que tinha em mãos:

«Não trago comigo planos prévios ou antecipados programas de ação. Eles surgirão à medida do sonho de Deus e da sua vontade divina para esta Igreja do Porto. Estaremos atentos ao que o Espírito de Deus nos inspirar. Saberemos ajoelhar diante de Deus em oração, para servir de pé, com passos serenos mas decididos, a Igreja e o mundo, como nos ensinou D. António Ferreira Gomes, generoso servidor desta Igreja»¹³.

A sua avaliação, cuidada, permitiu que desde bem cedo se pudessem compreender as linhas orientadoras que pretendia implementar. Detentor de um pensamento invulgarmente metódico e com um grande sentido pragmático da realidade de cada dia, teve sempre em conta a meticulosa preparação do caminho que deveria sustentar e orientar a vida da diocese na direção previamente projetada¹⁴.

Em 2015, apresentou o *Plano Diocesano de Pastoral 2015-2020*, que visava em mostrar ao conjunto de toda a diocese um verdadeiro percurso sinodal, desdobrado em 5 etapas distintas, mas que deveriam culminar na realização de um sínodo na Igreja Portucalense.

Todo este planeamento revela uma faceta de D. António que a todos não é indiferente: a notável apetência para comunicar e a mesma competência para propor e sugerir, nunca impondo, tendo consciência das enormes diferenças de ritmos e de recursos humanos que as 477 paróquias da diocese e as demais entidades diocesanas possuem. Tal

¹² Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

¹³ Homília de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 55.

¹⁴ Cf. TAIPA, António Maria Bessa – Homília na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 23-25.

era a sua sintonia com o magistério que adotou, partindo da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, o lema para o *Plano Diocesano de Pastoral*: “A alegria do Evangelho é a nossa missão”.

A sua visão de conjunto que cedo elaborou sobre a diocese, tendo em conta a sua experiência na diocese de Aveiro, ajudou a que tivesse sempre em conta a atenção e a intervenção em várias áreas da vida da diocese: desde a formação do clero e a organização dos seminários, a reforma da complexa e pesada estrutura económica e financeira da diocese, a revitalização dos conselhos e secretariados diocesanos, a reestruturação das visitas pastorais¹⁵, o diálogo interconfessional e o estreitar de relações com a larga maioria das instituições da cidade e da diocese mereceram, da sua parte, uma atenção e uma capacidade de entrega total e sem preconceitos. A sua atenção era algo sempre presente e decididamente interpelante: «vivemos numa sociedade em mudança, numa cultura a exigir presença atenta de todos e empenhamento lúcido dos cristãos, num momento em que muitos pobres carregam sobre si o peso da pobreza de tantos outros»¹⁶.

Importante foi o seu apoio na criação do centro universitário *In Manus Tuas* e do respetivo secretariado (Secretariado Diocesano da Pastoral Universitária [SDPU]) e a remodelação da Casa Sacerdotal. No que diz respeito ao desenvolvimento de processos de canonização, teve particular interesse nos processos de D. António Barroso (1854-1918), do Padre Américo Monteiro de Aguiar (1887-1956), de Sílvia Cardoso (1882-1950) e da Beata Irmã Maria do Divino Coração Droste zu Vischering (1863-1899).

A preocupação em estar perto e próximo de todos e de cada um, a acompanhar de acordo com o ritmo próprio de cada um, permitiu(-nos) que se experimentasse uma natural e transparente bondade:

«Nos evangelhos, os discípulos de Jesus aparecem como homens fortes, corajosos, trabalhadores, mas no seu íntimo sobressai uma grande ternura, que não é virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude e de compaixão. Não devemos ter medo da bondade. Só pela bondade aprenderemos a fazer do poder um serviço, da autoridade uma proximidade e do ministério uma paixão pela missão de anunciar a alegria do evangelho. O evangelho é tudo o que temos e somos»¹⁷.

¹⁵ A este propósito, veja-se: «Visitas Pastorais na Diocese do Porto» e «Visitas Pastorais: fundamentação, preparação, realização e continuidade» (09/09/2016.08/01/2017). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 15:43 (2017) 101-119.

¹⁶ Homília nos 150 anos das Irmãs Doroteias em Portugal (09/04/2016). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 14:40 (2016) 146.

¹⁷ Homília de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 52; cf. Homília das Jornadas de Teologia (04/02/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 88.

Um dos momentos altos do seu episcopado na Igreja do Porto foi a visita à diocese da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, realizada entre 10 de abril e 1 de maio de 2016.

Integrada na caminhada de preparação para as celebrações do centenário das Aparições da Virgem em Fátima, a diocese fez a sua segunda peregrinação à Cova da Iria a 9 de setembro de 2017, dia da dedicação da Catedral do Porto, sob o lema «Com Maria, Senhora de Fátima, Igreja do Porto Peregrina e missionária»¹⁸. Neste santuário mariano, D. António Francisco dos Santos projetara, na sua intercessão à Virgem, a Igreja que sonhava para o Porto:

«Peço à virgem Maria, Senhora de Fátima, Senhora da Vandoma e Senhora da Assunção, nossa mãe e Padroeira, com as palavras do Papa Francisco, “que nos ajude a anunciar a todos a mensagem da salvação, que nos ensine a acreditar na força revolucionária da bondade, da ternura e do afeto e nos dê a santa audácia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga” (*Evangelii Gaudium*, n.º 288), a alegria da fé que nunca se esgota e o fascínio das bem-aventuranças que inspiram a missão da Igreja e transformam o Mundo»¹⁹.

D. António Francisco dos Santos morreu a 11 de setembro de 2017 no Paço Episcopal do Porto, vítima de um enfarte do miocárdio. Este evento deixou muitos em “estado de choque”, dado que foram inúmeros os processos que desencadeou e animou, a extraordinária empatia, a familiaridade e a generosidade que com todos cultivou. Contudo, o mesmo, inclusive após o seu falecimento e nas palavras de D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa, «continuará connosco pelo que de si mesmo nos ofereceu e passou a integrar também. Se, em boa parte, somos o que os outros nos fazem ser, grande vantagem foi – e motivo de ação de graças agora – termos podido disfrutar da presença, da palavra, da grande generosidade do Senhor D. António Francisco»²⁰.

A sua pessoa e a sua passagem pelo Porto ficaram gravadas no coração de muitos que o viram viver, que com ele puderam conviver e dele aprender; vários foram os testemunhos que se fizeram ouvir: desde o Papa Francisco – por meio do Cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano –, ao Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, passando pela Assembleia da República, pela Conferência

¹⁸ Carta Pastoral – Peregrinos com Maria pelas fontes da alegria pascal (16/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 60.

¹⁹ Homília da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 97-98.

²⁰ CLEMENTE, Manuel – Homília na Missa Exequial de D. António Francisco dos Santos (11/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 19.

Episcopal Portuguesa, por quase todo o episcopado português e até as diversas Câmaras Municipais portuguesas²¹.

Recentemente, sinalizam-se os depoimentos de D. Jorge Ortiga, arcebispo primaz de Braga, D. Manuel Linda, bispo do Porto, D. António Couto, bispo de Lamego, D. António Manuel Moiteiro, bispo de Aveiro, D. Américo Aguiar, bispo-auxiliar de Lisboa, o padre Adriano Pereira, pároco de Tendais, e o padre Adriano Cardoso, condiscípulo de D. António²²: «todas aliam sentimentos de admiração (...) pela grande figura pessoal, eclesial e social que entre nós viveu e verdadeiramente conviveu, pois grande e marcante era a sua capacidade de estar com os outros e, ainda mais, de estar para os outros»²³.

D. António era alguém que acreditava verdadeiramente «em Jesus e no seu Evangelho. A fonte inesgotável do Ressuscitado brotava do seu coração e corria para o nosso com ternura, afeto e coerência (cf. Jo. 4, 1-3)»²⁴; «sem precisar de muitas palavras nem explicações, fazia-nos entender três qualidades de resposta a Deus: os bondosos que nem sempre manifestam a sua bondade, os bondosos que praticam o bem e os bondosos que manifestam toda a sua Bondade naquilo que são»²⁵. D. António, que via nos pobres o verdadeiro e autêntico rosto de Cristo Jesus²⁶, rezava desta forma a Deus Trindade:

«Quando vires, Senhor, pobres (...), gente sem pão nem abrigo, sem mesa e sem lar nas nossas terras...faz meu o Teu olhar. Ensina-me os Teus passos. Acolhe-me no Teu coração. Recebe as suas dores. Fala-me da missão que me confias para bem deles na Tua Igreja.

Para que a vida e missão da Igreja, que me chamaste a servir, se centrem em Ti, Senhor Jesus, Bom Pastor, e receba do Teu Coração o encanto da santidade de vida e o fascínio permanente do Teu Amor»²⁷.

²¹ Cf. *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 11-18; IRMANDADE DOS CLÉRIGOS – *Obrigado: D. António Francisco dos Santos, Bispo do Porto*. Edição pontual. Porto: Irmandade dos Clérigos, 2017, p. 28.30-35.44-53.

²² Cf. D'ALMEIDA, Bernardo Corrêa – *Caminhando com Dom António Francisco dos Santos: a propósito de um monumento em Tendais*. Tendais: Fundação D. António Francisco dos Santos, 2019, p. 139-157. No dia 29 de agosto de 2018, em Tendais, foi inaugurado um monumento em homenagem a D. António Francisco dos Santos; para um maior estudo sobre a história do nascimento e das progressivas etapas de construção do memorial: cf. *ibidem*, p. 21-121.

²³ CLEMENTE, Manuel – Homília na Missa Exequial de D. António Francisco dos Santos (11/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 19.

²⁴ D'ALMEIDA – *Caminhando com Dom António Francisco dos Santos*, p. 15.

²⁵ *Ibidem*, p. 16.

²⁶ Cf. Homília da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 15:44 (2017) 112.

²⁷ Homília no Dia do Apostolado de Oração (25/06/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 91.

Da figura social e eclesial de D. António Francisco dos Santos ficou a certeza da autenticidade da vivência da vida compreendida, configurada e experimentada desde o Evangelho:

«Foi assim que viveu e morreu (...) D. António Francisco. Dia-a-dia vivendo, saboreando e respondendo a Deus e ao próximo mais próximo com um amor imenso e intenso, uma liberdade dada, recebida e agradecida, uma responsabilidade bela e integral, que é o dom de responder também por aquilo que não foi ele que fez. Amor, liberdade, responsabilidade que não pôde parar e de que não pôde fugir. Caiu-lhe nas mãos e no coração a condição de uma impossibilidade a que não se pôde subtrair. Impossibilidade mais impossível do que sair da própria pele, dever imprescritível e irrecusável que amorosa, livre, responsável e traumáticamente para sempre o marcou. Sim, há em D. António Francisco uma proximidade nova, que não se mede a metro, entenda-se, pela distância, muita ou pouca, entre as pessoas. É assim que nos atinge a responsabilidade pelo outro (verdadeiro sentido da proximidade), responsabilidade na aceção nova que me obriga a responder ao outro e pelo outro, portanto, por aquilo que não fui eu que fiz, e não apenas na aceção clássica, filosófica, jurídica, social e cultural do “eu”, como senhor mais ou menos civilizado, que responde apenas pelo que faz. Esta transformação e conversão da proximidade em responsabilidade pelo outro deixa-nos no terreno da socialidade, que é ver o rosto do outro, e não o transformar num conteúdo que eu posso absorver, integrar, dominar, controlar. Sim, o rosto do outro, de qualquer outro, mas sobretudo do pobre e do desvalido, está a uma altura tal a que eu não posso chegar nem apanhar! Só me posso ajoelhar e responder: “Eis-me aqui”, disponível para te servir e para te amar. Esse rosto enrugado, esse olhar nu que se fixa em mim, é a verdadeira cátedra de onde Deus me ordena amar e servir!»²⁸.

²⁸ COUTO, António – *Homilia na celebração de homenagem a D. António Francisco dos Santos* (Tendais, 29 de fevereiro 2018). <https://www.diocese-lamego.pt/noticias/304-d-antonio-francisco-o-amor-verdadeiro-esta-la-sempre-primeiro> (consultado a 13/03/2020 às 11h41min).

CAPÍTULO II – MARCAS CONSTITUTIVAS DE UMA ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL EM D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS

O verdadeiro pastor, moldado segundo o coração de Cristo Jesus, deve-se tornar no reflexo da vivência pessoal com o Mestre:

«Um bom pastor é um pastor segundo o coração de Deus. O sentido da nossa aspiração à perfeição consiste unicamente em nos tornarmos pastores, segundo o coração de Deus. Já que fomos chamados a ser bons pastores, é preciso que a presença de Deus assuma a forma humana, através de nós, pois nela deve tornar-se visível algo da beleza da vida que é vivida em união com Cristo para agradar a Deus»²⁹.

Segundo D. António Francisco, torna-se essencial que o «ministério de serviço»³⁰ e o «imperativo de santidade»³¹ sejam o mote para a autêntica vivência ministerial do pastor enquanto genuíno «ministro da comunhão»³². Para que isso aconteça de forma convincente, o pastor «não deverá esquecer-se de que, como pregador da Boa-Nova, tem de, antes de pregar, viver o que prega. Desde modo, a sua vida tornar-se-á o espelho do seu testemunho do amor divino e da sua misericórdia. (...) O segredo de uma vida bem conseguida é: dar tudo, gastar-se por Deus e pela humanidade»³³. É este o ideal que D. António compreende; é isso mesmo que ele empreende.

Por isso mesmo, o essencial da vida dos santos – vida que se torna testemunho pela encarnação da Palavra – reside na capacidade de se entregar sem limites, de se dar e doar numa vivência total e sem reservas a Deus e, d’Ele, aos demais irmãos. Verdadeiramente, a alegria do Evangelho apenas e só faz sentido na vivência desinteressada do amor verdadeiro na relação com os outros. É este, ternamente, o verdadeiro caminho de santidade³⁴; é este, eternamente, o desafio de cada um dos cristãos; é esta a vocação a que todo o homem é chamado – à santidade (cf. Ef. 1, 4).

Naturalmente que, no caso dos sacerdotes, «através do exercício fiel do (...) ministério espiritual diário e também da oração (...), podemos permanecer no caminho

²⁹ AUGUSTIN, George – *Colaboradores da Vossa Alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015, p. 310; cf. Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 18.

³⁰ Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 155.

³¹ Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

³² Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

³³ AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 310; cf. Homilia da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus (01/01/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 67-68.

³⁴ O cardeal Seán O’Malley alude, a este propósito, que «o caminho de santidade é um caminho para a fonte de toda a bondade e verdade, de absoluta beleza»: O’MALLEY, Seán – *Gambiarrras de luz*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019, p. 176.

da santidade»³⁵, conscientes de que «só o Espírito de santidade (...) fará da nossa vida exemplo para todos, da nossa pregação palavra do Evangelho a frutificar, do exercício quotidiano do ministério um modo e um sinal onde o povo se regenera, se reconcilia, se anima, se fortalece e se alimenta pelos sacramentos»³⁶.

Atendendo ao *modus vivendi* do verdadeiro pastor, compreende D. António que «são sempre os caminhos da santidade os que alimentam a alma de um povo e definem o rumo do futuro (de uma cidade)»³⁷, tendo sempre como (pre)suposto que «Deus, que nos chamou e nos ungiu no ministério para a missão, precede-nos e acompanha-nos no caminho»³⁸.

A vocação do ministro, enquanto pedagogia de uma nova evangelização³⁹, surge-se-nos como exemplo de santidade⁴⁰, tornada visível na capacidade de se conceber uma «pedagogia de serviço»⁴¹, fundamentada no «serviço do anúncio»⁴² de Cristo Jesus, o Filho de Deus Incarnado. Portanto, a «arena da vida é o único palco que procuramos e a tenda de Deus plantada no coração da humanidade é a melhor casa em que nos abrigamos»⁴³.

Assim como idealizou, assim o viveu D. António Francisco dos Santos: em cada uma das suas ações, a Palavra encarnada de forma e modo autênticos. De forma verdadeira e genuína, procurou, como veremos de seguida, dar mostras de que, à imagem de Cristo, viveu para os outros, viveu em favor dos outros, procurou que, em cada concretização da Palavra de Deus, se tomasse em consideração os mais necessitados. Para ele, urge a necessidade de «darmos visibilidade a tão belos e necessários testemunhos de santidade que na vida discreta ou em missões heroicas de sacerdotes de todos os tempos e das nossas terras nos ensinaram os dinamismos da história futura e nos abriram

³⁵ AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 311.

³⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 84.

³⁷ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 431-432.

³⁸ Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 205.

³⁹ Cf. Homilia na Paróquia da Senhora do Porto (13/07/2014). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 12:35 (2014) 135.

⁴⁰ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 93.

⁴¹ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 71.

⁴² Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 156; cf. Homilia nos 275 Anos da Igreja de Santo Ildefonso (20/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 146.

⁴³ Sessão/debate – Ação Social: Protagonistas (30/11/2012) In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 244.

caminhos dos tempos novos escrevendo com a vida a própria história da Igreja e do mundo»⁴⁴.

Para podermos compreender o ministério episcopal de D. António e, desde ele, encontrar elementos de uma verdadeira vocação (ministerial) à santidade⁴⁵, abordaremos a realidade da caridade pastoral como o concretizar da vocação assumida na missão do pastor; a gratidão como sinal de pertença pela presença de Deus na vida quotidiana; a fraternidade presbiteral como imagem visível da unidade vivencial sacramental do pastor; as bem-aventuranças como concretização particular da vida cristã universal e enquanto identidade e realidade caritativa do ministério sacerdotal; e o papel da oração e de Maria, como verdadeiras escolas de encontro com Deus.

1. Da Vocação à Missão: a Caridade Pastoral como sinal de Cristo

A caridade assume-se como a concretização da missão a quem por Deus, cada um é chamado: «a caridade é a síntese de toda a lei na linha do Evangelho de Jesus Cristo, que nos ensinou a descobrir um irmão no próximo e a amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou»⁴⁶.

Neste primeiro ponto procuraremos compreender, desde o pensamento de D. António, como é que a realidade da vocação se empreende no homem, como é que a Igreja é sinal desta vocação pessoal de cada um, como é que a Eucaristia, enquanto ação de louvor, é a porta para a caridade pastoral e, por fim, como é que a própria *caritas pastoralis* é a (id)entidade e a realidade de um ministério caritativo, sendo ela a característica de fundo de toda a espiritualidade presbiteral⁴⁷.

⁴⁴ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 113. A propósito da veracidade do testemunho, D. António tem uma expressão de uma beleza literária singular: «dar (a) vida, confiança, valor e atenção aos sacerdotes que somos, agradecendo e louvando a vida dada e o bem realizado, é a melhor maneira de merecermos e prepararmos os sacerdotes de que amanhã precisamos»: Nota Pastoral – Casa Sacerdotal (20/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 168. Noutra passagem, diz: «uma vida inteira não se encerra numa palavra, não se fecha na memória nem tão pouco se desenvolve ao tempo. Uma vida dada é um tesouro que se guarda, é uma semente que germina, é uma luz que acorda a manhã, é o anúncio definitivo da Páscoa, é a certeza perene da ressurreição»: Homilia nas Exéquias do Padre Manuel Santos e Silva (05/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 78; Homilia da Missa de 7º dia por Manoel de Oliveira (07/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 111.

⁴⁵ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 113.

⁴⁶ Homilia da Festa de Nossa Senhora da Misericórdia (11/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 87. Para uma maior e melhor compreensão do papel da caridade pastoral na vida e na missão do pastor desde o II Concílio do Vaticano, leia-se: PERAL, Luis Ángel Montes – *La centralidad de la caridad pastoral en la vida y misión del sacerdote*. Cantabria: Sal Terrae, 2014.

⁴⁷ Cf. AZEVEDO, Carlos – *Ser Padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, p. 27.

1.1 A Vocação como (re)encontro do homem com Deus

Entendendo que os sonhos de Deus se distinguem das ambições do mundo⁴⁸, a vocação – que «nasce neste berço de verdade e de coragem; exige liberdade para decidir; implica conversão interior; impõe deixar ocupações de rotina e certezas frágeis; encontra nova bússola a guiar os nossos passos e descobre alto farol a iluminar o caminho de quem quer seguir o Senhor»⁴⁹ – segundo D. António Francisco só pode *ser para o outro* se acontece(r) desde o encontro pessoal com Deus, intermediado pelo Seu Filho:

«Só é possível olhar em frente se partirmos do encontro pessoal com Jesus, vivo e ressuscitado, em nos deixarmos olhar pelo olhar de Deus. Peço-vos que diariamente façais experiência deste encontro com Cristo. E aí, neste encontro pessoal com Ele, diante do sacrário, ou na celebração da Eucaristia e dos outros sacramentos, nasce a disponibilidade para a missão, neste treino pastoral que faz de vós discípulos missionários, homens livres, generosos e felizes»⁵⁰.

Contudo, deste caminhar como discípulos missionários de Jesus Cristo – que nasce de uma escolha livre, que pressupõe disponibilidade para a missão, que exige do chamado uma entrega permanente da vida a Deus e à Igreja⁵¹ e onde «a caminhada da vida, da fé, da vocação e da missão é para todos nós exigente e apaixonante»⁵² –, D. António Francisco aponta o batismo como particularmente imprescindível para que cada um se torne participante no caminho do serviço, de doação, aos irmãos:

«Cada batizado, como sabemos, é responsável pela sorte do Evangelho em ordem a construir um mundo melhor. Deve viver esta responsabilidade e realizar esta missão integrado na comunidade cristã e possuindo o sentido da Igreja Diocesana»⁵³.

«Os caminhos já andados, os momentos de encontro, de diálogo e de partilha já vividos nas mais diversas instâncias de corresponsabilidade, a disponibilidade encontrada para a

⁴⁸ Cf. Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 153-154; Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 103.

⁴⁹ Mensagem para a Semana dos Seminários (18/10/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 69.

⁵⁰ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 13:38 (2015) 77; cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111; Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 13:39 (2015) 97. Diz-nos o cardeal O'Malley que «a decisão de amar nasce de um encontro com o Deus vivo. O amor de Deus é fundamental para a nossa vida e levanta questões importantes sobre quem é Deus e quem nós somos»: O'MALLEY – *Gambiarra de luz*, p. 64.

⁵¹ Cf. Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96. D. António Francisco dos Santos atenta, em contexto celebrativo com os seus sacerdotes da Diocese de Aveiro, que «a nossa missão alarga-se aos horizontes do mundo e o nosso ministério é sempre universal e missionário»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 83.

⁵² Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 132.

⁵³ Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 41.

missão, o peso da responsabilidade irremediavelmente repartido e as iniciativas pastorais concretizadas são razões abundantes deste hino de louvor a Deus, convosco e por nós»⁵⁴.

«Participando da unção de Cristo, os seus discípulos constituem um povo sacerdotal, um povo messiânico, que leva em si todas as esperanças da humanidade. Animado, assim, pelo Espírito Santo, este povo é chamado a prolongar no tempo e a dilatar no espaço a ação salvadora de Cristo. Do mesmo modo que há “um só Deus, um só Senhor, uma só fé e um só batismo” (Ef. 4, 5), também a humanidade inteira é chamada reunir-se num só povo. Este povo (...) é (...) a assembleia santa e o povo sacerdotal dos filhos de Deus. Para chegar aqui não bastaram os profetas e os sacerdotes, os reis e os juizes de Israel. Todos foram necessários. Mas não foram suficientes. Em Jesus Cristo, é Deus que se dá à humanidade. É a vida de Deus que recebemos para que tenhamos a vida n’Ele. Em Jesus Cristo, é Deus que cuida do seu povo e que conduz a humanidade. Nestes tempos difíceis (...) mais necessário se torna (...) e mais urgente se faz assumir a missão que Jesus Cristo confiou aos discípulos. (...) De Jesus Cristo recebemos a vocação e missão, em acto sacramental que nos unge para sempre no Espírito do Senhor e nos envia a anunciar o evangelho. (...) Assim a missão que Jesus confiou aos Apóstolos e que na sucessão ininterrupta do tempo deles recebemos e convosco partilhamos (...) é um mistério de graça e um ministério de bênção»⁵⁵.

1.2 A Igreja, Sinal Sacramental da Vocação Caritativa

Adquire particular importância para D. António o papel da família – enquanto «rosto vivo onde se espelha a harmonia que Deus inscreveu desde o momento da criação do mundo, no coração humano e na história da Humanidade redimida»⁵⁶ – e da comunidade (do seminário) na vivência de uma vocação autêntica e autenticada por Cristo⁵⁷:

⁵⁴ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

⁵⁵ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 143-144; cf. Homilia na Peregrinação da Família Comboniana ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima (22/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 102-103.

⁵⁶ Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade e 13º Dia Diocesano da Família (15/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 99. Por ocasião da festa das famílias na diocese do Porto, dizia D. António: «a família (...) é berço de vida e é escola de comunhão. Só a família é capaz de nos preparar para vencer o individualismo que asfixia e mata, cultiva ódios, envenena as relações saudáveis e corrompe os sonhos de uma humanidade feliz. A família educa-nos para vivermos em comunidade e para construirmos comunhão. A família é uma pequenina igreja doméstica e um verdadeiro santuário de amor onde se vive, lê, aprende, ensina e transmite o Evangelho da vida. É memória abençoada de gerações e gerações que transportam no solo e no sangue, no nome e na alma os valores que vos moldam e que fazem de vós mensageiros felizes da alegria do Evangelho. A família é horizonte de futuro que diariamente abre caminho ao amanhã, continuado e perpetuado nos vossos filhos ou naqueles a quem os casais sem filhos se dão por inteiro numa entrega sem limites e numa generosidade sem fronteiras»: Homilia no Dia Diocesano da Família (01/06/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 81; cf. Peregrinação Nacional da Sociedade Missionária da Boa Nova ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima (18/06/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 84. Sean O’Malley, cardeal arcebispo de Boston, atenta que a família deve ser verdadeiramente uma «comunidade de amor»: cf. O’MALLEY – *Gambiarra de luz*, p. 65-66.

⁵⁷ Curiosa declaração que D. António atenta sobre a figura de S. José: «via e vejo em S. José (...) um homem tranquilo, respaldado na verdade da vida e na serenidade da consciência. Nele se unem (...) o recolhimento interior e prontidão obediente diante do inesperado desafio da missão»: Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 51. Noutra altura, comenta D. António: «voltemos o olhar para Deus e a partir dele para as raízes da vida, da vocação e da

«Foi nesse espaço concreto – refere-se às famílias e às comunidades – que recebemos a vida e a fé e é nesse contexto próprio que somos chamados a viver e a celebrar a alegria da vocação e da fidelidade. Não podemos distrair o olhar das nossas raízes da vida, da fé e da vocação. Aí se sustentam com força inabalável, capaz de vencer sobressaltos e dificuldades, as razões da nossa fidelidade e da nossa alegria»⁵⁸.

«Somos convidados a reconhecer (...) a beleza da vocação para a vida religiosa e a importância da missão (...). Foi no íntimo do coração humano, no ambiente abençoado da família e no espaço da comunidade cristã que a voz de Deus se fez ouvir e encontrou resposta em tantos jovens»⁵⁹.

«Receber o Batismo, a Confirmação e abeirar-se pela primeira vez da Eucaristia são momentos decisivos não só para a pessoa mas também para toda a família. A família – igreja doméstica – é um âmbito primeiro da vida da Igreja, especialmente pelo papel decisivo que tem na educação dos filhos. “*Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos ame*” (Jo. 15, 12) disse Jesus aos discípulos reunidos no Cenáculo, nesse momento sublime de maior confiança antes da hora da paixão, da condenação à morte. Uma das formas mais benéficas e preciosas da Igreja cumprir este mandamento e de viver hoje a pedagogia do serviço de que o *lava-pés*⁶⁰ é exemplo emblemático, consiste em proporcionar com renovado e infatigável empenho aos crentes batizados o gosto, o encanto e a beleza da Eucaristia. Consiste em ajudar a sociedade e o mundo a descobrir o imenso e insubstituível contributo que a Eucaristia oferece à celebração da fé na Comunidade, à partilha fraterna dos bens, à construção da paz social e da comunhão humana, sem distinções nem discriminações de raças, de culturas ou de povos. É urgente para os cristãos reencontrar o caminho da Eucaristia e do Cenáculo. A Eucaristia, sacramento do amor de Deus, é sempre a fonte e o início da vida e da missão da Igreja e por aí passa o caminho da justiça, do perdão e da paz do mundo»⁶¹.

consagração. Aí se concentram as razões da nossa fidelidade, o horizonte da nossa missão e a fortaleza da nossa comunhão»: Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 97. Ainda noutra ocasião, aponta: «convosco, irmãos sacerdotes, quero viver a alegria da vossa fidelidade e do vosso testemunho e dou graças pelo dinamismo permanente que a missão de todos exige»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 147. Assim, para D. António, «é neste contexto da Família, da Escola e da Igreja que encontramos o segredo da (...) vida, a chave da (...) missão e o berço da (...) santidade»: Homilia na Festa de Santo António (13/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 93.

⁵⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90; cf. Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 42; Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76-77; Mensagem à Diocese: Plano de Pastoral; Semana dos Seminários; Gratidão a D. João Lavrador (28/10/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 112.113.

⁵⁹ Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 95.

⁶⁰ «O lava-pés, qual estranha e inesperada iniciativa de Jesus em relação aos discípulos, surge como sinal maior e mais expressivo do serviço e da dedicação de Jesus àqueles que com Ele sujaram os pés no percurso da missão e os magoaram na dureza do caminho. (...) Assim se cumpre e se prolonga no tempo, adaptado a cada nova realidade, o exemplo e o mandato de Jesus: “Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Portanto, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais a mesma coisa que eu fiz” (Jo. 13, 12-15)»: Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 125-126; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. Ano 15:44 (2017) 98.

⁶¹ Homilia da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 71. Contudo, adverte D. António: «não basta haver templo e altar para que haja Eucaristia! São necessários sacerdotes»: Homilia da Dedicção da Igreja de Vila Verde e Homenagem a D. João Miranda (12/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 114.

«A missão do Seminário consiste essencialmente em preparar homens de Deus e sacerdotes da Igreja, com perfil conciliar e alma missionária, decididos a anunciar a “alegria do Evangelho” (...) e fazer do anúncio do anúncio da “alegria do Evangelho a nossa missão”»⁶².

«Queremos ser (...) uma Igreja pobre ao serviço dos pobres»⁶³. A vocação à caridade⁶⁴, como realidade pessoal e vivência comunitária, torna-se particularmente visível no rosto da Igreja⁶⁵, enquanto comunidade celebrativa que vive, lembra e orienta a vida para Deus em Cristo: «a caridade está no nosso nome e constituirá sempre a marca e do desígnio da nossa ação»⁶⁶.

Neste sentido, «só uma Igreja despojada, pobre e livre será uma Igreja, mãe para todos, capaz de transmitir a verdade do evangelho, empenhada na proclamação das bem-aventuranças e decidida a realizar as obras de misericórdia»⁶⁷:

«Jesus toca-nos “com o seu olhar e a sua voz”, como outrora a alguns pescadores da Galileia, convida-nos a segui-Lo e confia-nos uma missão como servos do amor divino e servidores da Igreja-Comunhão. Ninguém estranhe (...) que só o “amor eucarístico” possa sustentar e promover a pastoral vocacional e que as vocações surjam e cresçam, em número e qualidade, no Povo de Deus “onde há pessoas nas quais Cristo vivo e ressuscitado pode ser visto através da sua Palavra, dos sacramentos e, especialmente, na Eucaristia”, como aconteceu outrora com os discípulos de Emaús. A escola dos discípulos de Jesus é sempre escola de comunhão. Aí se cinzelam as arestas e as marcas de um crescente individualismo dos tempos que vivermos e dos sonhos tecidos pelas nossas ambições mais mesquinhas. (...) A vocação é sempre um mistério de conversão e um milagre de perseverança. Para assim compreender a vocação basta reconduzirmo-nos à escola dos discípulos de Jesus. Para a aceitar, importa olharmos para nós mesmos e reconhecermos com humildade, com confiança e com serenidade que a mão de Deus nos conduz e diariamente nos fascina o desejo de seguir o Mestre. Só o que é definitivo nos torna felizes e nos abre horizontes de doação sem limites e de entrega sem cálculos, “dando profeticamente testemunho de Cristo e da sua mensagem libertadora de salvação”»⁶⁸.

⁶² Homília da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 51.

⁶³ Homília do Cinquentenário da presença dos Padres Passionistas na Diocese do Porto (10/05/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 41; cf. Homília do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor (09/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 73.

⁶⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO INTERDIOCESANA PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica [CdIC]*. 2ª ed. portuguesa. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999, 2013.

⁶⁵ Cf. *CdIC*, n.º 953. Diz-nos Luis Antonio Tagle que «a pobreza é uma vocação para a Igreja: é chamada a ser pobre e a viver entre os pobres. (...) A Igreja deve continuamente abraçar a pobreza que o Evangelho ensina»: TAGLE, Luis Antonio – *Aprendi com os últimos: a minha vida, as minhas esperanças*. Lisboa: Paulus Editora, 2017, p. 143. Noutra passagem, ao apresentar quais são, para si, os três dotes essenciais de um bom teólogo, para além de uma profunda fé em Deus e de um sentido de humor, Tagle sinaliza o amor ao povo, o amor aos pobres e o amor ao mundo: cf. *ibidem*, p. 85.

⁶⁶ Homília na Festa da Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade – Porto (03/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 89.

⁶⁷ Homília das Jornadas de Teologia (04/02/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 87.

⁶⁸ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61-63.

«A Palavra de Deus (...) centra-nos na essência da missão. Na realização dos seus planos, Deus escolhe e envia pessoas em missão. (...) Na origem do chamamento e da missão está Deus. Jesus dá àqueles que escolhe e envia o poder necessário e as recomendações oportunas; o poder é autoridade de serviço; as recomendações têm a haver com a liberdade e disponibilidade para a missão, a preferência pelo espaço mais próximo às pessoas – a “casa” em vez do templo e da sinagoga –, o anúncio da boa nova que liberta dos males que segregam e agravam as feridas da vida que é urgente curar. (...) Herdeiros da (...) missão e chamados a ser servidores deste povo de sacerdotes e profetas, sabemos e sentimos que o tempo que nos é dado a viver é simultaneamente uma oportunidade e uma responsabilidade»⁶⁹.

«Quando respondemos “Sim” ao chamamento divino, então Jesus diz-nos, como outrora pediu aos seus discípulo: “Faz-te ao lago; sê servidor do meu povo; sê pastor do meu rebanho; reparte os pães e os peixes, que o milagre multiplicou; cuida dos pobres e cura os doentes, que encontras no caminho; alimenta o povo com o teu trabalho; sacia-o com a Palavra de Deus e com o Pão da Vida”»⁷⁰.

Por tudo isto que referimos, a Igreja é compreendida, segundo D. António, como sinal sacramental caritativo: «a Páscoa, vivida por uma Igreja que se quer pobre e ao serviço dos pobres introduz os pobres no coração e na casa da Igreja»⁷¹. Na verdade, «nem outra coisa seria de esperar da Igreja e dos que a servem, que não seja o amor a Deus feito serviço àqueles a quem Deus ama»⁷²:

«Para sermos Igreja (...) renovada na caridade, sabemos quanto caminho urge percorrer como Igreja, servidora dos mais pobres, educadora da fé, comunidade orante e fraternidade de famílias. É neste caminho procurado e percorrido como quem transporta um tesouro a descobrir que se torna presente, se funda e se confirma a esperança que nos propomos trazer ao mundo. Compreendemos que, nestes tempos difíceis que vivemos, o mundo olhe a Igreja, cada vez mais, como verdadeiro lugar de esperança, verdadeiro porto de abrigo, âncora firme e farol necessário»⁷³.

⁶⁹ Homília na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 115-116; cf. Homília da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 119-120.

⁷⁰ Homília da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96. Podemos atentar que, para o bispo, a Palavra de Deus tem uma importância singular. Vejamos: «a Palavra de Deus (...) proclamada ampara-nos nesta hora e ilumina-nos o horizonte do futuro neste momento de dor que a morte de um irmão sempre nos causa. Ela é a nossa âncora e o nosso farol. A Palavra de Deus é a única voz possível a quebrar o silêncio da mágoa humana, a retirar-nos da dor que cala a voz de quem sofre e a libertar-nos do medo que magoa o coração do povo que vê partir o pastor, apesar da sua avançada idade e da doença terem antecipado a sua partida das paróquias. A Palavra de Deus é bálsamo para o coração dilacerado do Pastor Diocesano que vê partir mais um dos seus padres ao encontro de Deus. A Palavra de Deus é para todos nós a luz serena que brilha como estrela na vigília da noite a anunciar que a vida, a ressurreição e a Páscoa já se vêm nos alvares da manhã que se aproxima»: Homília nas exéquias do Padre Manuel Santos e Silva (05/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 77.

⁷¹ Mensagem Pascal (27/03/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 298.

⁷² Nota Pastoral – Uma aventura de amor pela Igreja (26/05/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 176. A este propósito, D. António diz ainda: «são impulso [refere-se às bem-aventuranças] evangelizador de serviço aos pobres e aos frágeis e de calorização dos simples e humildes, dos puros de coração, dos misericordiosos, dos construtores da justiça, da solidariedade e da paz. *A nossa arma é o amor*»: Homília do Dia da Missão (08/12/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 375.

⁷³ Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 198; cf. Sessão/debate – Ação Social: Protagonistas (30/11/2012) In IDEM – *In manus Tuas*, p. 243.

«Sonhamos com uma Igreja que seja uma mãe de coração aberto, uma Igreja de portas abertas capaz de sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas. Ser uma Igreja pobre para os pobres segundo o evangelho, acolhedora e inclusiva, mãe e mestra, verdadeiro povo de Deus é condição que sentimos dever realizar para que a nossa felicidade seja frutuosa»⁷⁴.

«Ir ao encontro deste Cristo das bem-aventuranças e partir de Cristo em missão para ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais pobres e dos que mais sofrem, é o desafio que faço à Igreja»⁷⁵.

1.3 A Eucaristia, porta da Caridade Pastoral

A Eucaristia, enquanto «sacramento da caridade»⁷⁶, é o coração, é a fonte e vida do ministério: «pela Eucaristia, memorial santo da Páscoa e memória abençoada da gratidão, passa sempre o caminho da Igreja, que tanto mais cresce e se renova quanto mais fizer de Cristo e do testemunho dos seus discípulos o desígnio da sua missão, a fonte da sua esperança e o alicerce do seu futuro»⁷⁷.

A Eucaristia é compreendida como Pão que dá a vida, Pão que (re)encontra o homem com a Divindade, Pão que torna a criatura participante do Criador, enquanto cooperador na salvação do Pai. Da celebração do Verdadeiro Mistério de Deus, o ministro é chamado a ser reflexo da implicação de Deus na sua própria vida, enquanto sinal visível da Graça invisível:

«A Eucaristia é Pão da vida que restaura as forças e pacifica o coração, Pão do sacrifício da Nova Aliança, Pão do encontro da Humanidade com Deus.

A Eucaristia é Pão da esperança que abre os olhos para ver o Ressuscitado, Pão que acende o fervor do coração e nos faz sair em missão ao encontro do mundo.

A Eucaristia é Pão que sustenta e eleva o nosso olhar para o céu e desperta nos filhos pródigos a fome da misericórdia e o desejo de Deus.

A Eucaristia é Pão que nos faz ser companheiros de Jesus e sentar-se à mesa do Pai para que nenhum dos irmãos seja daí excluído, Pão que se multiplica sempre que nos ocupamos em reparti-lo para a salvação de todos»⁷⁸.

A celebração eucarística aparece-nos como a fonte de toda a missão, dado que é dela que nos vem a possibilidade de entrar na missão de Jesus em prol da humanidade: «a Eucaristia é o momento privilegiado, único, de intimidade com o Mestre, o Amigo,

⁷⁴ Mensagem – Dia da Missão (08/12/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 384; Homilia da Solenidade de Jesus Cristo Rei e Senhor do Universo (22/11/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 75.

⁷⁵ Homilia – Dia da Memória (11/12/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 393.

⁷⁶ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 439.

⁷⁷ Homilia da Eucaristia de memória dos bispos, sacerdotes e diáconos do Porto (29/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 63.

⁷⁸ Homilia da Solenidade do Corpo de Deus (07/06/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 60.

mas também o momento de escolha da comunhão com a Igreja, que é o seu Corpo, o momento em que a nossa vocação de servos do Povo de Deus se exprime de forma única. Somos instrumentos de Jesus para a santidade do Povo de Deus»⁷⁹.

Verdadeiramente, interroga D. António Francisco dos Santos:

«Dizei-nos, Senhor Santo Cristo, onde se podem sentar os pobres, sem casa e sem pão, sem trabalho e sem esperança, à mesa dos cristãos que se alimentam da Eucaristia?

Ensinai-nos, Senhor Santo Cristo, que lugar devem ocupar as crianças, os jovens, as famílias, os doentes ou os idosos no coração dos que se reúnem à volta do Altar?

Sentamo-nos, hoje e aqui, à Tua mesa, Senhor, escutamos a Tua Palavra e alimentamo-nos do Pão da Eucaristia. Queremos mobilizarmo-nos para a missão de multiplicar este Pão e de levar a alegria do evangelho ao mundo»⁸⁰.

Assim se percebe que, «fundando-se a missão da Igreja na “comunhão íntima e fiel com Deus” e encontrando na Eucaristia a fonte permanente e viva da unidade eclesial, [seja] imperioso que toda a ação pastoral e o cuidado concreto das vocações se enraízem em permanência no mistério da Igreja-Comunhão»⁸¹, havendo a capacidade de «redescobrir com alegria, à maneira de Paulo, o encanto da vida dos apóstolos e a beleza da missão dos sacerdotes»⁸².

Da Eucaristia, «estrada de missão e alimento para o caminho»⁸³, brota a caridade pastoral. Da Caridade Pastoral de Cristo brota a caridade pastoral do pastor⁸⁴: «a Eucaristia é *expressão plena* da caridade pastoral de Cristo, já que na Eucaristia se faz de novo a entrega filial de Cristo ao Pai e a entrega de Cristo Pastor aos irmãos. Também

⁷⁹ SCHÖNBORN, Christoph – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d' Ars*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010, p. 71-72.

⁸⁰ Homilia da Festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (25/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 71-72.

⁸¹ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112. A propósito da categoria da “comunhão” na realidade eclesiológica, não iremos sistematizar de forma demasiadamente exaustiva esta nota da vida da Igreja; o que faremos é tentar compreender a respetiva nota eclesiológica dentro da temática que abordaremos.

⁸² Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 109; cf. Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 39; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 105; Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 98.

⁸³ Homilia no Encontro Nacional de Leigos (24/01/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 58.

⁸⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastor Dabo Vobis*, n.º 23. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 25 de março de 1992). *AAS*. 84 (1992) 693-694.

compreendemos que a Eucaristia é *expressão plena e alimento supremo* da caridade pastoral do sacerdote»⁸⁵.

D. António Francisco aponta que «nesta caminhada somos convidados a descobrir a beleza do dom da vida, a felicidade da graça da fé e a bênção do mistério da vocação. É no íntimo do coração humano, no seio da família e no espaço da comunidade que a oração se torna presente, a esperança se fortalece e a voz de Deus se faz ouvir»⁸⁶:

«A fé cristã nasce da graça pela qual Deus nos fez conhecer o testemunho apostólico sobre Jesus de Nazaré, a sua vida e a sua missão. Esta é a graça apostólica que nós devemos à Igreja. Esta é a fonte da nossa alegria e a raiz da nossa fortaleza. O “hoje” da Sinagoga de Nazaré que Jesus assumiu para si, interpretando o texto de Isaías (cf. Is. 61, 1-9; Lc. 4, 16-21), é, também, o hoje da Igreja. É este dia que vivemos. É o agora e o aqui da vida da Igreja»⁸⁷.

«Da missão de Jesus à missão do sacerdote»⁸⁸, o homem, chamado desde sempre e para sempre a uma missão que nunca se gasta nem desgasta segundo o mundo⁸⁹, deve procurar vivê-la delineada na vocação a que Deus o chama, por meio de Cristo Jesus⁹⁰, onde se é escolhido para uma vocação concreta, tornada existente para se dar e doar aos outros, como «alegria da vocação e graça do mistério»⁹¹, como verdadeiros «ungidos do Senhor»⁹²:

«A vocação nasce sempre no coração de Deus, que olha todos os seus filhos com misericórdia e entre eles escolhe alguns para que, envolvidos e configurados sacramentalmente com Cristo, Bom Pastor e rosto de Misericórdia, O possam seguir para continuarem no tempo este ministério de amor, de bondade e de misericórdia»⁹³.

⁸⁵ GAMARRA MAYOR, Saturnino – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*. 2ª r. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2015, p. 316; cf. SCHÖNBORN – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d’ Ars*, p. 82.

⁸⁶ Homília de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 129.

⁸⁷ Homília da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 63; cf. Homília de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 131.

⁸⁸ Cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 101-102.103-105.

⁸⁹ Cf. Homília no 60º Aniversário do Seminário (14/11/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 71.

⁹⁰ «O olhar de Deus, na sua decisão de enviar o Filho ao mundo, é um olhar de amor imenso do Deus Criador que não nos abandona nas horas de rutura, de fragilidade e de pecado, que nos envia o seu Filho para salvar o género humano e que segue atentamente a nossa história humana»: Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 121.

⁹¹ Cf. Mensagem para a Semana dos Seminários (18/10/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 67-68; Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 91; Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 106.

⁹² Cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 81; Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 89; Homília da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 97; Homília da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 119.

⁹³ Mensagem à Diocese: Plano de Pastoral; Semana dos Seminários; Gratidão a D. João Lavrador (28/10/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 112. Ratzinger refere, na sua homília do dia de Natal na catedral de Munique (1979), isto mesmo: «o pobre ser humano é mergulhado no oceano da

«A misericórdia tem de moldar por dentro o (...) ministério e dar conteúdo (...) à missão»⁹⁴.

«A única segurança e a necessária certeza onde se alavanca a vida do profeta consiste na consciência diariamente assumida de que foi “o Senhor que o enviou, para anunciar todas as suas palavras”, como disse Jeremias aos chefes e ao Povo de Israel (Jer. 26, 11-26). Mais clara e significativa é a narração que o Evangelho nos faz do preço que João Batista teve de pagar pelo testemunho profético da sua palavra. A vida de um discípulo de Jesus e de um profeta de Deus não foge também hoje a estes desafios de missão! (Mt. 14, 1-12)»⁹⁵.

«No Evangelho, a entrega do ministério pastoral a Pedro é tomada como modelo da missão: “Pedro, tu amas-me? Sim, Senhor. Tu sabes que te amo” (Jo. 21, 15-18)»⁹⁶.

A missão que foi confiada à Igreja, “missão de serviço”⁹⁷, apresenta-se e concretiza-se essencialmente na profissão de fé que Pedro afirmou diante de Cristo: crer no que lê/professa, ensinar o que crê e viver o que ensina. No fundo, dedicar-se com zelo a anunciar a alegria do Evangelho, a servir ao altar onde se celebram os mistérios da fé e a cuidar dos pobres com a ousadia da caridade⁹⁸. É daqui, em toda a *Historia Salutis*, que surge o *kerygma*:

«No percurso histórico da vida da Igreja, atravessando épocas de civilização tão diversificadas e momentos de cultura tão diferentes, é na Eucaristia que a Igreja diariamente se edifica, se alimenta e se consagra, para que se torne fonte de vida para os crentes, sinal de salvação para o mundo e alimento de pão partilhado com os pobres e de esperança multiplicada com os que sofrem. (...)

A missão da Igreja consiste essencialmente nisto: anunciar a alegria do evangelho ao mundo, faminto de verdade, à procura de caminhos de liberdade e tantas vezes em desencontros múltiplos com a vida e celebrar os mistérios sagrados da nossa fé, de que a Eucaristia é o centro e o vértice. A eucaristia dá-nos Cristo: “caminho da verdade e da vida” (Santo Agostinho). Como podem os cristãos evangelizar o mundo se não lhe oferecem Cristo, como alimento da verdade e da vida? Como pode a Igreja ser sacramento de amor celebrado na Eucaristia se não alimentar nos cristãos o amor pelos sacramentos em procura assídua e em vivência espiritual aprofundada? A Páscoa antiga já passou. Já não há necessidade do cordeiro imolado. Ele era apenas uma figura da nova e eterna aliança,

divindade. No coração de Deus está o homem»: RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Por Amor*. Cascais: Lucerna, 2019, p. 34.

⁹⁴ Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros no Porto (14/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 96.

⁹⁵ Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 153-154.

⁹⁶ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 131.

⁹⁷ Cf. Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 438.

⁹⁸ Cf. Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenações de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123; Homilia de Inauguração da Casa Sacerdotal (07/06/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 180. De forma simples, mas lapidar, D. António refere que «a missão da Igreja consiste em servir este objetivo único: que cada homem e mulher possam encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer a estrada da existência na companhia de cada um de nós»: Catequese – A Sociedade contemporânea e a Fé: questionamentos e desafios – Festival Jota (25/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 416.

realizada em Cristo e celebrada em cada Eucaristia: “Cristo é o verdadeiro Cordeiro pascal, Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”»⁹⁹.

É percebendo esta finalidade da realidade eclesial que, guiados também por Maria¹⁰⁰, D. António aponta como «as dores humanas, as situações de injustiça da sociedade e os danos causados e sofridos têm de ser abraçados pela força reconciliadora do perdão, da misericórdia, do acolhimento da caridade inventiva»¹⁰¹, assumindo-se o testemunho como «a chave para que a Igreja possa ser uma mais-valia para a sociedade dos homens. O testemunho obriga-nos, como Igreja, a assumirmos a alegria do Evangelho como nossa missão. O testemunho é o rosto visível da caridade pastoral, essência do nosso ministério»¹⁰².

Em toda a realidade e atualidade eclesial, segundo D. António, podemos verificar que toda a ação pastoral se torna, efetivamente, caridade pastoral a partir da unidade presbiteral:

«Aprendemos a ser pastores no exercício do próprio ministério, mas também e muito a partir da nossa fraternidade presbiteral. A fraternidade presbiteral é uma exigência da caridade pastoral. E a caridade pastoral alimenta-se do nosso encontro com Cristo, da nossa entrega ao ministério, porque é um amor cujo destinatário imediato é a comunidade eclesial. Por seu lado, a comunidade que servimos constitui outro elemento fundamental da nossa espiritualidade. Sabemo-nos discípulos de Jesus e missionários em Seu nome, para que as nossas comunidades tenham vida e a tenham em abundância»¹⁰³.

⁹⁹ Homilia da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 70; cf. Homilia nas Exéquias do Padre António Garrido (13/10/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 91.

¹⁰⁰ Cf. Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 110.

¹⁰¹ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 117.

¹⁰² Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 77. Diz-nos George Augustin: «em vez de se perder tempo e energias com polémicas entre opiniões doutrinárias divergentes e questões relativas à distribuição de competências ou atendendo a aspetos secundários, deveríamos concentrar-nos preferentemente em dar testemunho com palavras e atos do amor de Cristo, na medida das capacidades e possibilidades que nos foram dadas, vivendo a unidade do Espírito e da fé»: AUGUSTIN, George – *Por uma Igreja “em saída”: Impulsos da Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015, p. 120. A título de curiosidade, para D. António Francisco, as comunidades religiosas e as consagradas têm um papel singular em toda a envolvência eclesial: «as comunidades religiosas e o exemplo da vida consagrada são igualmente para todos nós sinal da *fidelidade*, incentivo à *vocação* e testemunho vivo da *missão*. É isto que (...) peço: Sede testemunhas felizes da *fidelidade* de quem se encontra com Deus; sede apelo contínuo à *vocação* para que nunca faltam trabalhadores generosos da Messe do Senhor; sede trabalhadores incansáveis desta Igreja em *missão*»: Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 77; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 100; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 93; Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 75-76.

¹⁰³ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 138.

Contudo, a vida do ministro ordenado torna-se (n)um caminho em conjunto: com os outros ministros ordenados e com o Povo de Deus, procurando(-se) imitar a experiência única de proximidade que os discípulos fizeram com Jesus, o Filho de Deus¹⁰⁴.

«Quero ser próximo de todos, conhecer as terras e as gentes, sentir as alegrias e as esperanças e partilhar as tristezas e as dores de cada um. (...) O nosso viver e o nosso modo de servir (...) deve oferecer-nos um ponto de encontro das duas cidades: a Cidade de Deus e a Cidade dos homens. Quando convergem, tornam-se a cidade das bem-aventuranças, cidade que constrói a solidariedade e o progresso, com uma permanente solicitude pelo bem comum»¹⁰⁵.

1.4 A *Caritas Pastoralis*: da identidade à realidade de um ministério de serviço

O vínculo da perfeição sacerdotal que une a vida do sacerdote à sua ação na missão define-se como *caritas pastoralis*. A *caritas pastoralis*, apontada pelo II Concílio do Vaticano (1962-1965) como o elemento fundamental da espiritualidade sacerdotal¹⁰⁶, requer a capacidade humana para amar: um amor lúcido pelos outros, numa capacidade de doação na ação para com os demais. Amor este que corre, porque decorre da maturação humana de quem se ama na alteridade e que, pela mesma alteridade, se possibilita o próprio amor (cf. Lev. 19,17-18; Mt. 22, 37-39).

A maior e melhor concretização deste amor dado, recebido e agradecido torna-se presente em Jesus, Aquele que também é O modelo por excelência da *caritas pastoralis*:

«Encontramos, no percurso da paixão de Jesus, atitudes que redimem, gestos que salvam e lições de vida que nos ensinam caminhos de proximidade com os irmãos que sofrem. (...) Temos todos muito a aprender com Jesus, que precisou do cireneu, e muito também a aprender com Simão de Cirene, que compreender quando a ajuda oferecida dá valor ao gesto, para que Jesus cumprisse o seu caminho até ao fim. A disponibilidade de Simão de Cirene é modelo para nós»¹⁰⁷.

D'Ele, n'Ele e por Ele todos os cristãos, mas de modo particular os ministros ordenados, estão chamados a ser modelos de caridade pastoral, sinal da presença e de

¹⁰⁴ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 94-95.

¹⁰⁵ Intervenção no Jantar de acolhimento no Parque de Exposições de Aveiro (09/12/2006). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 46.

¹⁰⁶ Cf. IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n.º 14. *AAS*. 58 (1966) 1013.

¹⁰⁷ Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 104.

serviço, como Cristo, entre os homens e luzes de encontro pessoal com o Bom Pastor, mediante e mediados pela abertura de coração e plena confiança n'Ele:

«A eficácia da resposta que de nós espera o mundo não está em nós, está em Cristo, do mesmo modo que em Cristo reside o segredo da nossa vocação, a âncora da nossa fidelidade, e a beleza da nossa identidade como presbitério»¹⁰⁸.

«Os diáconos são chamados a serem portadores felizes dos tesouros da graça e do amor de Deus, no serviço da liturgia, da evangelização e da caridade. A missão dos discípulos de Jesus confiada aos que recebem o sacramento da Ordem não é uma invenção humana. É um dom divino que torna presente o mistério do amor de Deus pela Humanidade e atuante o ministério de Cristo na vida do Mundo»¹⁰⁹.

«Levo comigo o modo próximo de ser e de viver, a alegria convicta da fé e o desejo fraterno de a todos olhar com os olhos de Deus, para a todos servir como Deus quer e ama»¹¹⁰.

«Não trago comigo planos prévios ou antecipados programas de ação. Eles surgirão à medida do sonho de Deus e da sua vontade divina para esta Igreja do Porto. Estaremos atentos ao que o Espírito de Deus nos inspirar. Saberemos ajoelhar diante de Deus em oração, para servir de pé, com passos serenos mas decididos, a Igreja e o mundo»¹¹¹.

É desde a Eucaristia que podemos compreender a caridade pastoral. Nela, Eucaristia, é que se encontra a sua expressão plena e o seu alimento supremo¹¹². É evidente que em todas as ocasiões se deve refletir o rosto misericordioso de Cristo na pessoa do ministro; contudo:

«Neste tempo (...) cumpre-nos, à luz da mensagem de Jesus e da certeza da ressurreição, valorizar a vida como um dom e não apenas como um direito; ver a velhice como uma bênção de ternura e de sabedoria; descobrir a família como escola onde se acolhe e educa para a vida; compreender a dimensão redentora do sofrimento e da cruz e sentir que somos todos chamados nas situações mais frágeis e delicadas e dolorosas a assumir como desafio comum e como nobre tarefa cuidarmos de nós e cuidarmos dos outros até ao fim, porque a morte nunca pode ter a última palavra. (...) A Páscoa mantém-nos igualmente próximos de quem não crê em Deus e na ressurreição de Cristo, como aconteceu no tempo de Jesus, e faz-nos irmãos em humanidade de quem escolheu outros caminhos neste mundo que continua com serenidade intelectual e retidão moral a procurar a verdade, o amor, a beleza, o bem e a vida, valores que para nós cristãos nos são dados na Páscoa, como frutos abundantes desta árvore fecunda da cruz redentora de Cristo»¹¹³.

¹⁰⁸ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

¹⁰⁹ Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96.

¹¹⁰ Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

¹¹¹ Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 55.

¹¹² Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 23. AAS. 84, 691-694. A este propósito, tenha-se em conta o que se disse no ponto 1.3 deste mesmo capítulo.

¹¹³ Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 81-82; cf. Homilia da Páscoa da Ressurreição do Senhor (16/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 85.

Aqui, a capacidade de cultivar a “cultura do encontro” surge-se-nos como um elemento particularmente essencial na pastoral, algo que, de facto, D. António sintetiza nas próximas palavras: «urge promover uma cultura da proximidade»¹¹⁴. Na verdade, «ir ao encontro é a atitude que sentimos que mais nos deve interpretar»¹¹⁵. Afirma D. António que «o encontro com Jesus, vivo e ressuscitado, é fundamental, gerando em nós uma vida nova e um modo novo de ser humano, de estar na sociedade e de servir o bem comum»¹¹⁶. E continua D. António:

«As características maiores de uma vocação ao ministério sacerdotal ou à vida consagrada são a disponibilidade permanente para ir ao encontro de Deus que nos escolheu, a pobreza interior de quem se sente frágil, a docilidade para acolher a misericórdia divina, a procura atenta de um Deus que se faz próximo, a paixão pela missão, por mais exigente que seja e a certeza de se sentir sempre sustentado pela Palavra de Deus, alimentado pelos sacramentos e ancorado pela comunhão da Igreja.

A consequência lógica de ter encontrado Jesus Cristo é procurar que O encontrem e amem também os nossos familiares, amigos e vizinhos. Jesus serve-se, habitualmente do testemunho e da palavra dos cristãos para atrair a Si aqueles que chama para o ministério e para a missão»¹¹⁷.

Esta cultura, capaz de sair ao encontro, torna-se num elemento fundante para a compreensão de toda a vocação – em particular das vocações ordenadas – e de toda a missão a que ela (vocação) está ordenada:

¹¹⁴ Mensagem da Quaresma (13/02/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 285; cf. Domingo de Ramos – Jornada Diocesana da Juventude (12/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 406; Homilia das Jornadas de Teologia (04/02/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 85-88. Este ponto será desenvolvido de forma mais sistemática no ponto 2.2 deste mesmo capítulo. Todavia, a este propósito, conta D. António Francisco: «quando cheguei à Diocese do Porto e num dos primeiros momentos em que passava, calma e demoradamente, pelo Terreiro da Sé, entre a Casa Episcopal e a Igreja Catedral, dei de frente com um homem, sereno e sorridente, que vinha ao meu encontro. Identificou-se de imediato. Era natural da Sé. Em jovem foi escuteiro no Agrupamento da Sé e já adulto fez um Curso de Cristandade. Agora vive como cristão consciente e comprometido na Paróquia onde reside. Este homem vinha ao meu encontro para me contar um belo diálogo que teve com o senhor D. António Ferreira Gomes que, um dia naquele mesmo lugar, lhe perguntou: “*Donde és rapaz?*” “*Sou do Bairro da Sé. Vivo aqui mesmo ao lado, na rua de D. Hugo, à beira do Paço*”, respondeu ele. E o senhor D. António exclamou: “*Vivemos tão perto e estamos tão longe!*” Estanquei o passo e retive a respiração por momentos. Este diálogo espontâneo e esta exclamação inteligente e perspicaz do senhor D. António fizeram-me pensar. A partir daí e desde essa hora esta palavra do senhor D. António acompanhar-me-á sempre como permanente desafio pastoral, que sou chamado a converter diariamente em programa de vida e de missão. O bispo e o padre têm família, casa e terra – a família, a casa e a terra do seu berço. Mas têm também a família, a casa e a terra da sua missão. Têm irmãos e têm vizinhos. Devem ser bispos e padres para todos e devem ser vizinhos e irmãos próximos de todos. As paredes amplas e altas da Casa Episcopal não nos podem separar nem distanciar de ninguém! Devem aproximar-nos de todos! São paredes de janelas rasgadas para vermos melhor os que estão longe e para sentirmos mais próximos os que vivem perto»: Homilia de Início do Múnus de Párcos da Sé (31/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 172.

¹¹⁵ Mensagem – Dia da Missão (08/12/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 384.

¹¹⁶ Homilia da Páscoa da Ressurreição (20/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 81.

¹¹⁷ Homilia da Receção à Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima (10/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 152.

«A valorização de uma urgente cultura do encontro, da proximidade, da compaixão e da misericórdia (...), de uma pastoral próxima, atenta a todos e capaz de fazer chegar a cada pessoa esta certeza única de que Deus nos ama como Pai, rico de misericórdia. Deu a cada um de nós este gosto e esta coragem de sabermos que a porta da misericórdia está sempre aberta para nos conduzir a Deus na procura de reconciliação, de misericórdia, de perdão e de paz. (...) Incentivou-nos a sair ao encontro dos irmãos, renovados nas fontes da alegria. Acordou em todos nós e bem para além de nós o desejo e o dever de praticar as obras de misericórdia, com alegria»¹¹⁸.

«O serviço da vida, a procura do bem comum, o valor da dignidade humana, o respeito pela liberdade e o esforço da coesão social serão, entre tantos outros, espaços de encontro e caminhos de vida feliz para as gentes da nossa Terra. Que não haja entre nós nenhum momento em que o bem comum seja proibido ou não seja procurado»¹¹⁹.

Não se alcançando a compreensão do sacerdócio sem a realidade da caridade pastoral, podemos, num primeiro âmbito, compreender que a natureza da caridade pastoral se assenta numa relação de afetividade efetiva, consequência da terna e afetuosa revelação de Deus (cf. Is. 44, 1-2.49, 14-15; Jer. 2, 3; Ez. 16, 3-14.42; Os. 2, 4-7; Mt. 15, 32.17, 5; Mc. 1, 11.2, 15-17; Lc. 7, 13.22, 15; Jo. 11, 35.15, 15). Diz-nos D. António: «assumi [dirigindo-se aos leigos] o encontro com Cristo, a urgência de evangelização e o amor fraterno aos homens e mulheres do nosso tempo, sobretudo aos mais pobres, como imperativos prioritários de missão»¹²⁰.

Contudo, a caridade pastoral é bem mais do que a dedicação ao ministério, é mais do que a entrega pastoral, é mais do que a disponibilidade para se fazer o que se precisa; a caridade pastoral tem de ser compreendida como a entrega às *obras de pastoral sacerdotal*, como serviço aos demais sem nenhum tipo de reservas¹²¹, sinal de uma dedicação plena em total disponibilidade. Esta entrega, dedicação, ação caritativa é resultado da participação da caridade de Jesus Cristo, o Pastor; a caridade pastoral do sacerdote é participação na Sua caridade¹²².

¹¹⁸ Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 14:42 (2016) 119.

¹¹⁹ Homília de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 56.

¹²⁰ Homília no Encontro Nacional de Leigos (25/01/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 60; cf. Homília na Bênção das Pastas (07/05/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 61. Nesta linha de pensamento, Antonio Tagle apresenta os pobres como «uma grande escola de purificação»: TAGLE – *Aprendi com os últimos*, p. 101.

¹²¹ Cf. MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 72.

¹²² Cf. GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 311-312.

Assim, a caridade pastoral, para o sacerdote, é um dom e um dever, uma graça e uma (enorme) responsabilidade¹²³ – «não há verdadeira caridade que não seja uma morte, que não mate»¹²⁴:

«Quando vires, Senhor, pobres nas nossas cidades, vilas ou aldeias, gente sem pão nem abrigo, sem mesa e sem lar nas nossas terras...faz que as portas do nosso coração se abram, as nossas mãos se estendam e o nosso pão se reparta.

Quando encontrares, Senhor, multidões sem rumo e sem rosto, jovens sem horizonte e sem projetos, braços sem trabalho e sem emprego...faz que as nossas ruas ganhem vida com pessoas felizes, o nosso futuro recupere encanto e a terra que habitamos nos ofereça alegria, trabalho e esperança.

Quando sentires, Senhor, lágrimas tristes e magoadas de crianças sem família, sem saúde, sem escola ou sem terra ou de idosos, irmãos gémeos da solidão, do desânimo e do abandono...faz que a vida seja defendida e respeitada, como direito sagrado e valor eterno, as famílias cresçam em amor e em paz e os idosos e doentes recebam em afeto, carinho e respeito o que nos dão em sabedoria, exemplo e bênção.

Quando souberes, Senhor, que há Calvários levantados em lugares de gente abandonada e inocente, cruces de dor erguidas em holocaustos de sofrimento e corações rasgados em momentos de abandono, de violência ou de ódio...faz que encontremos coragem humana, decisão crente e determinação evangélica para percorrer caminhos com os que sofrem e partilhar as dores dos irmãos sem ninguém.

Quando ouvires, Senhor, orações de súplica, de gratidão e de louvor cristão em comunidades vivas de fé, de entusiasmo e de comunhão...faz que a vida, a fé, a esperança e a caridade e a missão desta Igreja (...) se centrem sempre em Ti e irradiem para o Mundo a partir de Ti, Senhor Santo Cristo.

Quando sentires a saudade e a tristeza de tantos emigrantes longe do seu berço, distantes da sua família e afastados do seu País...faz que eles possam regressar por livre decisão e reencontrar as suas raízes, a sua origem e os valores que decidem o rumo do seu futuro.

Quando baterem à porta do Teu Coração homens e mulheres de boa vontade, decididos a construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa, fraterna e solidária...Quando de olhar fixo em Ti vires jovens generosos que procuram um projeto de vida marcado pela dignidade e pelo desejo feliz de um horizonte com sentido...abre-lhes caminhos de doação e de resposta decidida ao Teu chamamento e à generosidade diante da vocação para a vida sacerdotal, religiosa ou missionária.

Olha, Senhor Santo Cristo, para os sacerdotes, diáconos e consagrados (...) e intensifica neles o ardor de missão e o encanto pelo ministério...

Ajuda, Senhor Santo Cristo, todos os batizados para que o amor à Igreja e o fascínio pela missão sejam campo aberto ao trabalho pastoral e ao anúncio da alegria do evangelho!»¹²⁵.

Compreende-se que, na própria participação da caridade pastoral do presbítero, Cristo se torne o molde, exemplo e modelo a imitar espiritualmente no serviço aos demais, em particular os que são colocados de parte pela sociedade. Pelo sacramento da Ordem,

¹²³ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 74. AAS. 84, 788-792.

¹²⁴ MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 32.

¹²⁵ Homilia da Vigília da festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (24/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 66-68; cf. Homilia da Paixão do Senhor (18/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 74-75.

leito da caridade pastoral sacerdotal¹²⁶, a caridade pastoral do presbítero tem a sua fonte na caridade pastoral de Cristo, que é transmitida pelo Espírito Santo a partir da ordenação¹²⁷.

Neste encontro primeiro – iminentemente cronológico – com a realidade pastoral e tal como já foi possível ver, surgem-se-nos no nosso horizonte os que são “colocados de parte” pela sociedade: os pobres, os doentes, os idosos; no fundo, os «santuários de Gratidão»¹²⁸. Na verdade, «ser padre é também ser companheiro próximo dos que sofrem, estar ao lado dos que buscam o sentido profundo da vida em Deus e indagam sobre a autenticidade do agir humano»¹²⁹. É neste sentido que, para D. António Francisco dos Santos, as pessoas que estão à margem do mundo tornaram-se verdadeiras prioridades, onde «a palavra de Deus (...) ajuda-nos neste propósito pastoral que aqui se faz compromisso de missão e ilumina-nos no caminho que (...) iniciamos»¹³⁰. Isto mesmo foi dito por D. António em diversas passagens dos textos por si escritos durante o seu episcopado:

«Serei irmão e presença junto dos doentes, dos pobres e dos que sofrem e com eles procurarei fazer caminho de bondade e de esperança na busca comum de um mundo melhor»¹³¹.

«Envio, através de cada um de vós, sacerdotes e diáconos, uma saudação de afeto e de presença a todos os presbíteros e diáconos da nossa Diocese, sobretudo aos idosos e doentes ou àqueles que vivem momentos de provação, para que nenhum deles fique privado deste gesto de bênção, que aqui celebramos, nem se sinta distante desta comunhão de irmãos no ministério ordenado, que a partir de agora vivenciamos e testemunhamos»¹³².

¹²⁶ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 23. AAS. 84, 691-694.

¹²⁷ Cf. *ibidem*, n.º 70. AAS. 84, 778-782.

¹²⁸ Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 147. A propósito da Casa Sacerdotal (na diocese de Aveiro), D. António refere que «mais do que casas valem as pessoas que as habitam. As casas e as instituições ganham sentido, razão de ser e sustentabilidade quando são pensadas, construídas e colocadas ao serviço das pessoas, da sua dignidade e do seu bem. (...) no horizonte da missão pastoral de cada membro da Comunidade diocesana está sempre a vontade de cumprir o Evangelho e de edificar a Igreja de Jesus Cristo»: Nota Pastoral – Casa Sacerdotal (20/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 167. Para uma melhor e mais ampla compreensão da importância que D. António coloca nesta temática, veja-se: IDEM – *In manus Tuas*, p. 167-192.

¹²⁹ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 61.

¹³⁰ Homília da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 42. Neste contexto, é-nos impossível passar ao lado da seguinte afirmação de D. António: «assim, sem em nada, espero eu, ter aliviado o meu dever ou diminuído a minha missão fui peregrino todas as semanas, e nos últimos seis meses todos os dias, de outra casa sacerdotal, em Lamego. Nestes milhares de quilómetros de peregrinação percorridos senti-me sempre compreendido por toda a Diocese e acompanhado por todos os sacerdotes. Ali tinha sido acolhido com a minha mãe, aquando do agravamento da sua doença, que se prolongara por dezanove anos. Ela aí permaneceu, depois da minha ordenação episcopal, rodeada de ternura e de afeto, de presença e de dedicação, durante mais cinco anos»: Homília de Inauguração da Casa Sacerdotal (07/06/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 182.

¹³¹ Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

¹³² Homília de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 54.

«Penso com mais afeto naqueles que de entre vós que estão fragilizados pela idade, pela doença ou por provações dolorosas. Que eles sintam que estão presentes no nosso coração e que estamos decididos a cuidar deles e a viver com eles numa proximidade fraterna. Na impossibilidade de a todos visitar e de me encontrar com cada um, de imediato, quis iniciar o meu caminho na Diocese pela visita à Casa Sacerdotal que tem como missão ser santuário de Gratidão para acolher e envolver de dedicação os nossos sacerdotes e pessoas que a eles se dedicaram»¹³³.

«Unimo-nos, igualmente, em oração insistente e em solicitude fraterna aos sacerdotes doentes e aos que vivem momentos de provação e de sofrimento, sem esquecer as pessoas que dedicadamente cuidam, as famílias em que se acolhem ou as instituições que os recebem. É pensando neles e em todos nós, que desejo olhar com particular sentido de presença e de proximidade a nossa Casa Sacerdotal, onde ontem celebrei, antecipando de certo modo com os sacerdotes, aí residentes, esta Missa Crismal. Quero dar passos novos para sublinhar o valor da minha missão de aproximar instituições e pessoas para servir, com acrescido carinho humano e permanente cuidado pastoral, os sacerdotes idosos e doentes e as pessoas que dedicadamente os acompanham durante a vida. A Casa Sacerdotal deve ser um verdadeiro santuário de gratidão aos sacerdotes e um lugar exemplar de amor fraterno para o presbitério diocesano»¹³⁴.

«Lembro, com afeto e dedicação, caríssimos padres, os pais, mães e familiares vossos que já partiram rumo à bem-aventurada e rezo por quantos se encontram doentes»¹³⁵.

«A Igreja olha com atenta solicitude para os sacerdotes e quer dedicar-se com particular afeto aos doentes, aos idosos e aos que vivem momentos dolorosos de provação»¹³⁶.

«“Façamo-nos ao largo”, neste oceano imenso do mistério santo de Deus e da urgência do Absoluto. Demos prioridade à incessante procura do essencial na vida e na missão de todos»¹³⁷:

«Somos chamados a ser sinal sacramental do dom que Deus faz da sua vida no seu Filho Jesus para a vida da humanidade. E este sinal sacramental que nós somos não é apenas uma carta de missão, um caderno de encargos ou um programa de quanto temos a fazer. É bem mais do que isso. Transportamos este sinal sacramental que nós somos na oferta diária da nossa vida. Ele está inscrito no nosso coração, no nosso espírito, na nossa afetividade,

¹³³ Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 140; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 146-147; Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 122; Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 83-85.

¹³⁴ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 99; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 106; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 140; Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 79.

¹³⁵ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 92; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 83; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 126; Homilia da Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 304; Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 16.

¹³⁶ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112.

¹³⁷ Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 42.

na nossa liberdade. O ministério sacerdotal tal como o recebemos, acolhemos e vivemos implica este dom total de nós mesmos, com alegria e com generosidade. Quando pensarmos que as exigências desta doação são desmedidas e excedem as nossas forças humanas saibamos que o nosso ministério é sinal da fidelidade de Deus ao seu povo, que nunca nos falta com a sua bênção»¹³⁸.

2. A Vi(d)a de Gratidão: um caminho de discernimento de (cor)ação

A ação de graças torna-se, na vivência ministerial, numa forma de reconhecimento das maravilhas de Deus em cada uma das ações próprias do ministério: «acreditamos que (a oração e) a gratidão são sempre bênção lançada no terreno fértil das nossas comunidades»¹³⁹. Para isso, torna-se de particular importância a compreensão da gratidão na Escritura e, desde aqui, do louvor como o encontro de Deus nos irmãos: «a Palavra é eterna. A missão de a proclamar, intemporal»¹⁴⁰.

A gratidão, no contexto da Revelação concretizada na Palavra de Deus, assume-se no reconhecimento das dádivas recebidas (cf. Slm. 103, 1-12) que vêm do alto (cf. Tg. 1, 17), tanto da parte de Deus como mérito da parte dos homens (cf. Col. 3, 15). A gratidão assume-se como o ensinamento do bem, sinal e presença do cumprimento da vontade de Deus, e que conduz a uma vida de paz, em busca do louvor perfeito (cf. Is. 12, 1; Slm. 103, 1-6.100, 4; Heb. 13, 15; Col. 1, 12.3, 15; 1Tes. 5, 18): «celebrai o Senhor, porque Ele é bom, / porque o seu amor é para sempre» (Slm. 136, 1; Slm. 50, 23.100, 1-5.106, 1.107, 1.118, 28-29).

É desde este cenário que se pode compreender a natureza da ação de graças a Deus e reconhecer que é desta que se pode conceber a gratidão aos outros; a melhor forma de dar graças a Deus é dar graças aos irmãos, sabendo que «só Deus nos faz irmãos»¹⁴¹:

«Há pessoas a quem devemos uma imensa gratidão: as que nos fazem nascer e crescer na vida; as que nos ajudam a ser felizes e a ser irmãos; as que nos ensinam a evoluir na qualidade da fé. Essas pessoas revelaram-nos desde crianças que Deus é grande; que Deus é pai; que Deus é bom; que Deus nos ama; que Deus nos perdoa; que Deus nos quer bem; que Deus está vivo, presente, atento e próximo de cada um de nós. Essas pessoas, dotadas de uma fé invulgar, ajudam-nos a encontrar coragem nas horas difíceis, a escutar Deus e a obedecer-Lhe sem reservas, sem medo, sem cálculos! (...)

A vida das pessoas que acreditam faz-se deste encontro obediente a Deus, que nos chama pelo nosso nome, como outrora chamou Abraão. A felicidade das pessoas que

¹³⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 103-104.

¹³⁹ Nota Pastoral – O exemplo, a gratidão e a memória da Igreja (20/09/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 115; cf. AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 90.

¹⁴⁰ Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 75.

¹⁴¹ Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade (31/05/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 53.

querem construir um mundo melhor à luz da fé faz-se do encontro com Jesus e da missão que daí nasce, como nos falava o evangelho da transfiguração, que acabamos de ouvir. É o conhecimento de Deus, a paixão pela justiça e o fascínio da santidade que estabelecem os paradigmas de diferença do testemunho cristão no mundo e que nos devem fazer confiar, olhar em frente e ser sinal de esperança, abrindo portas ao futuro»¹⁴².

Procuraremos então compreender a ação de graças que está na gênese da vocação, a ação de graças aos sacerdotes, à diocese – enquanto lugar profético de uma humanidade vida e de um mundo justo –, e, por fim, a Deus: Ele que é a origem e o fim de toda a ação de louvor do homem, e, de modo particular, do ministro. Autenticamente, «a gratidão é uma das melhores coisas da vida!»¹⁴³.

2.1 A Ação de Graças na gênese da vocação

Em D. António, a gratidão era uma marca que se constituía com uma enorme frequência em todas as suas intervenções: da saudação pela dedicação à gratidão¹⁴⁴. Consciente de que tudo se apresenta como sonhado por Deus e para Ele tudo é dirigido¹⁴⁵, D. António toma como ponto de partida que celebrar e viver é saber agradecer o dom da opção radical por Cristo e de ser fermento de um mundo novo¹⁴⁶.

Sinalizando que a gratidão deve partir sempre da realidade concreta e pessoal de cada um, ele não deixou nunca se referir que a vocação que se vive seja o reflexo autêntico de um contexto próprio e pessoal: «esta é também uma hora de gratidão para com todos os que estiveram na gênese e no percurso da vocação»¹⁴⁷. O mesmo, nas suas intervenções, procurava sempre atentar à necessidade de se agradecer a todos quantos, de modo direto ou indireto, contribuíam para a concretização da vocação do seu presbitério:

«Convido-vos (...) a agradecer-lhes (aos ordinandos) o dom da vida, a graça da fé, a surpresa da vocação, o encanto do sonho e o caminho percorrido desde a família, às comunidades cristãs, aos Seminários e à Universidade Católica. É uma hora de gratidão, que traduzo em oração, por vós, ao bom jeito de Paulo: “Bendito seja Deus porque vos

¹⁴² Homilia no Dia da Comunidade da Paróquia de Nossa Senhora da Areosa (01/03/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 86.87; cf. Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade (31/05/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 52.

¹⁴³ Homilia na Festa de S. João Bosco (30/01/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 62.

¹⁴⁴ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 89; Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 53; Homilia de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 129; Homilia de Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 122; Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 109.

¹⁴⁵ Cf. Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 119.

¹⁴⁶ Cf. Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 77.

¹⁴⁷ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 132; cf. Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

abençoou em Cristo. Ele vos escolheu antes da criação do mundo. Ele vos predestinou ... e deu-vos a conhecer o mistério da sua vontade” (Ef. 1, 3-10)»¹⁴⁸.

«Valorizar e celebrar este acontecimento eclesial (ordenações diaconais e sacerdotais) é dar graças a Deus pelas vocações que surgem neste terreno vocacionalmente fecundo e que vão sendo acompanhadas em diversas instâncias (...) que implica garantir às comunidades cristãs o necessário sustento espiritual e dinamismo apostólico para que continuem vivas e ativas através da Palavra de Deus e dos Sacramentos»¹⁴⁹.

Deus, para D. António, é sempre o autor e o consumidor de todas as coisas que acontecem na vida: «o nosso olhar confiante e o nosso gesto crente de gratidão eleva-nos até junto de Deus»¹⁵⁰.

2.2 Aos Sacerdotes: louvor, comunhão e gratidão

Da gratidão na realidade pessoal de cada um, circunscrita num tempo e num espaço concretos, D. António aponta, numa dimensão mais alargada, à ação de graças dirigida aos ministros ordenados, consciente de que «é a partir deste terreno, sempre fecundo da oração confiante e da gratidão permanente, que o nosso olhar se volta para o horizonte do futuro»¹⁵¹:

«Dou graças a Deus sem cessar pelos sacerdotes que vós sois: pela vossa vocação e fidelidade, pelo trabalho apostólico, pelo compromisso de vidas dadas a Deus e ao seu povo, pelo dom de vós mesmos à missão. Conheço a vossa delicadeza, simplicidade, dedicação e generosidade assim como a vossa disponibilidade sempre manifestada para o serviço do Reino. (...) Convido-vos a sentirem-se bem entre nós e membros deste presbitério vivo que os acolhe com alegria e gratidão»¹⁵².

«Sei e sinto que temos recebido muito como Diocese. São muitas as razões para agradecermos a Deus mas temos caminho pela frente e Deus continuará a ser generoso com o seu povo. Também em vocações, em alegria e em perseverança na vida sacerdotal»¹⁵³.

¹⁴⁸ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76; cf. Homilia do 60º Aniversário do Seminário (17/11/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 73; Mensagem à Diocese: Plano de Pastoral; Semana dos Seminários; Gratidão a D. João Lavrador. (28/10/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 112-113; Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

¹⁴⁹ Ordenações de diáconos e presbíteros: Sentinelas da madrugada onde brilha o rosto de Jesus e da Igreja (02/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 137.

¹⁵⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 82.

¹⁵¹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 92. Numa das homilias enquanto bispo do Porto, ele usa a expressão: «celebrar a gratidão aos sacerdotes»: Homilia na Paróquia de Cedofeita (06/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 125.

¹⁵² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 104; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98; Mensagem à Diocese: Plano de Pastoral; Semana dos Seminários; Gratidão a D. João Lavrador. (28/10/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 113-114.

¹⁵³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 146; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 67.

«Esta é a hora abençoada para vos dizer a vós, irmãos sacerdotes, todo o meu afeto. Ao longo do tempo (...) vamos encontrar-nos, rezar juntos, partilhar alegrias, experiências, preocupações, sonhos, esperanças e projetos. Viveremos conjuntamente decisões e caminhos de vida sacerdotal e planos e programas de ação pastoral ao serviço da Igreja no Porto e para bem de toda a Comunidade portugalense»¹⁵⁴.

«Em nome destes irmãos que hoje avançam, firmes e felizes, serenos e confiantes, para a ordenação; em nome dos seminaristas e dos jovens que em nós procuram um testemunho de verdade e de coerência, capaz de consolidar a comunhão e de suscitar a vocação para a vida sacerdotal; em nome de toda a nossa Diocese que é sustentada pelo nosso ministério ordenado, agradeço, caros sacerdotes, o vosso testemunho fraterno, a vossa comunhão afirmada e a vossa presença expressiva junto destes ordinandos»¹⁵⁵.

«Para recordar os nossos bispos que edificaram a Igreja viva que (...) somos e ajudaram a moldar a alma (...) e a cultura da nossa terra. Evocamos com acrecido afeto os mais recentes e por isso mais presentes, porque deles ouvimos a voz, sentimos a graça divina e recebemos os sacramentos. Abracemos a sua memória com o olhar agradecido do nosso coração, porque o seu nome tantas vezes por nós repetido na Eucaristia que celebramos ou em que participamos não era mero nome pronunciado mas era sinal de vidas dadas por inteiro a esta igreja, esposa de Cristo.

Esta iniciativa de memória e de gratidão é um cântico de ação de graças a Deus pela vida e pela missão dos bispos, presbíteros e diáconos que, pelo ministério ordenado, fizeram crescer a Igreja. Aprendemos com eles a acolher a novidade do Evangelho que dele eles se fizeram discípulos missionários, abrindo caminhos de dinamismo pastoral desde as mais pequenas aldeias do interior diocesano aos grandes espaços urbanos nascidos ao ritmo do tempo e das transformações sociais mais recentes. Queria ser a voz e o testemunho “em continuidade com tudo aquilo que os meus Antecessores vos deram”¹⁵⁶.

«É de louvor a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, e de comunhão com o Santo Padre a hora abençoada que celebramos. (...) Merecem-me uma palavra de particular e fraterna saudação os sacerdotes da Igreja do Porto, que hoje veem um irmão ser chamado por Deus para o ministério episcopal. Agradeço-vos, caríssimos irmãos sacerdotes, a vossa dedicação e a vossa comunhão. A vós se deve em muito esta hora»¹⁵⁷.

Por tudo isto, D. António remata: «dou graças a Deus pela Igreja e pelo presbitério que somos (...). Rezai por nós, (...) e abençoai-nos»¹⁵⁸.

¹⁵⁴ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66; cf. Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 104.

¹⁵⁵ Homilia de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 130; cf. Homilia da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 49.51.

¹⁵⁶ Homilia da Eucaristia de memória dos Bispos, Sacerdotes e Diáconos do Porto (29/09/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 62.

¹⁵⁷ Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 109.

¹⁵⁸ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 121; cf. Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 78-79. André Manaranche compreende que «só há um povo sacerdotal porque há um corpo presbiteral»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 45.

2.3 A Diocese: lugar de profecia de uma humanidade viva e de um mundo justo

Do presbitério, segue-se a diocese. É pela, e na, missão de cada um que se constitui a vida de cada diocese; missão que é o concretizar de uma vocação própria de cada um, mas que apenas se realiza no encontro com o(s) outro(s) tendo em vista a comunhão com Jesus¹⁵⁹. Por isso mesmo, D. António dá graças a Deus pelas dioceses, sinal de total e plena confiança em Deus e que apenas e só Ele é capaz de guiar os caminhos de cada comunidade:

«*“Vive esta hora, Igreja de Aveiro!”* como hora de graça sacramental (...), como hora de esperança renovada e de missão fortalecida para o povo de Deus e como hora de gratidão para todos os que estiveram na génese e no percurso da vocação (...) destes presbíteros da Igreja»¹⁶⁰.

«Com tudo o que se lembra, igualmente se agradece a Deus o que a magnífica Diocese do Porto foi, é e continuará a ser, para a glória de Deus, como lugar de profecia de uma humanidade viva e de um mundo justo. Também aqui a fé e o evangelho são a porta que nos abre para um caminho novo na Igreja e no mundo. Há uma conexão íntima entre a evangelização, a promoção humana e o desenvolvimento dos povos, de modo a que a verdadeira esperança cristã gere história, dê sentido à hora que vivemos e apresse um futuro melhor»¹⁶¹.

2.4 Deus, origem e fim da gratidão

Criados desde sempre e para sempre louvar a Deus (cf. Slm. 145, 10), Ele é a origem e o fim de toda a ação de graças por parte dos homens. Por isso mesmo é que se bem-diz o Senhor (cf. Slm. 103, 2) por tudo o que temos, de modo agradável, consciente e agradecido:

«Dou graças a Deus sem cessar pelos sacerdotes que vós sois: pela vossa vocação e fidelidade, pelo trabalho apostólico, pelo compromisso de vidas dadas a Deus e ao seu povo, pelo dom de vós mesmos à missão. Conheço a vossa delicadeza, simplicidade, dedicação e generosidade assim como a vossa disponibilidade sempre manifestada para o serviço do Reino. (...) Convido-vos a sentirem-se bem entre nós e membros deste presbitério vivo que os acolhe com alegria e gratidão»¹⁶².

«Gostava de agradecer a Deus, de olhos colocados na cruz de Cristo, os sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos da nossa Diocese do Porto, que são autênticos cireneus junto

¹⁵⁹ Cf. URÍBARRI BILBAO, Gabino – *La mística de Jesús: desafío y propuesta*. 2ª ed. Cantrabia: Editorial Sal Terrae, 2017, p. 255-256.

¹⁶⁰ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 162.

¹⁶¹ Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 57.

¹⁶² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 104; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

daqueles a quem a cruz da vida mais pesa. Na sua vida e nos seus gestos encontramos o valor redentor da cruz de Cristo, que hoje (...) contemplamos e adoramos»¹⁶³.

«Sei e sinto que temos recebido muito como Diocese. São muitas as razões para agradecermos a Deus mas temos caminho pela frente e Deus continuará a ser generoso com o seu povo. Também em vocações, em alegria e em perseverança na vida sacerdotal»¹⁶⁴.

«O tempo prologado de formação e as exigências que hoje se colocam à nossa missão dizem-nos que uma ordenação sendo uma celebração de um sacramento, fonte de graça e de bênção, é sempre uma hora de Deus, por Ele sonhada e para Ele dirigida»¹⁶⁵.

«Com tudo o que se lembra, igualmente se agradece a Deus o que a magnífica Diocese do Porto foi, é e continuará a ser, para a glória de Deus, como lugar de profecia de uma humanidade viva e de um mundo justo»¹⁶⁶.

Deus, origem e fim de toda a ação de graças, tem a sua máxima expressão e implicação no conjunto da dinâmica da Encarnação em todas as suas etapas. Por Cristo, Deus tornou-Se humanamente presente e, porque desse modo presente, implicado na vida e na ação de cada criatura de um modo total, verdadeiro e perfeito (cf. Jo. 3, 16). Portanto, cabe, segundo D. António, ao homem dar graças a Deus por meio de Cristo Jesus, Seu Filho:

«Dou-Te graças, Senhor Santo Cristo, por todos os que semeiam palavras de estímulo e de bondade no caminho dos homens, anunciam a alegria do evangelho e correm “ao encontro da esperança” (...).

Dou-Te graças, Senhor Santo Cristo, pelos que acreditam que o perdão é a força mais sublime do amor e, por isso, mandam acolher o filho, o marido, a esposa ou o irmão que regressam a casa de mãos cansadas pelas derrotas da vida mas de alma purificada pela abundância da divina misericórdia.

Dou-Te graças, Senhor Santo Cristo, pela Tua mãe e pelas nossas mães que não se afastam da cruz dos seus filhos doentes e nas vigílias dolorosas da noite velam por nós para que amanheçam em madrugadas de Páscoa novos dias da nossa vida.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, por quantos aliviam o peso que aflige os seus irmãos e fazem da pobreza de espírito, da pureza de coração, da misericórdia, da mansidão da justiça e da paz a alegria partilhada no adro do encontro com as bem-aventuranças do evangelho.

Dou-Te graças, Senhor Santo Cristo, porque em solene procissão percorreremos logo à tarde, Contigo, as ruas desta bela Cidade, neste recanto abençoado do nosso País, voltado para o Atlântico.

Dou-Te graças, Senhor Santo Cristo, porque vi (...) crianças e jovens das catequeses e das escolas a espalhar flores no chão sagrado da nossa Terra, para que passes em tapetes de vida acolhida no amor de tantas famílias, abençoadas pelo Teu olhar.

¹⁶³ Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 104.

¹⁶⁴ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 146; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 67.

¹⁶⁵ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 119.

¹⁶⁶ Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 57.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, por todos quantos (...) se sentem enviados em missão para anunciar por toda a parte a alegria da Tua ressurreição e a certeza da Tua misericórdia»¹⁶⁷.

3. A Fraternidade Presbiteral: do presbitério ao pastor

A espiritualidade da Igreja, sendo apenas uma, funda-se no Batismo e é alimentada pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos. No entanto, a autêntica espiritualidade do ministro ordenado, do presbítero, é vivida e alimentada mediante o pleno cumprimento do seu ministério¹⁶⁸. Se o ministro ordenado concretiza a plenitude da sua vocação na realidade mística do serviço¹⁶⁹, aparece-nos, por conseguinte, na Igreja, o *ícone* do «Bom Pastor» (Jo. 10, 11a) como aquele que conhece as suas ovelhas e é capaz de dar a vida por elas (cf. Jo. 10, 11b.14). O Bom Pastor é aquele que mostra o caminho às suas ovelhas, dando-lhes o alimento necessário (cf. Jo. 10, 3-4; Lc. 12, 42).

O presbítero é o «pastor da comunidade, servo da comunhão»¹⁷⁰: como irmão, caminha com a comunidade; como ministro, guiado pelo Espírito Santo, acompanha, auxilia a comunidade. Para isso, são várias as realidades que devem estar presentes na pessoa e na vida de cada pastor, como garantia da fidelidade à vocação e enquanto verdade que seja a concretização dessa mesma missão. A comunhão presbiteral é a resultante da comunhão do presbítero com o seu ministério da evangelização e com a relação no presbitério, encabeçado pelo bispo¹⁷¹; ele surge-se-nos definido enquanto «servo da comunhão eclesial»¹⁷².

Para perceber o presbítero como servo e como modelo de Cristo, O Bom Pastor, partiremos do estudo da realidade do seminário – enquanto sinal de formação e de comunhão de amor –, do presbitério, da Igreja, da Eucaristia e, por fim, do presbítero como o verdadeiro pastor da comunidade, servo de comunhão.

¹⁶⁷ Homilia da Festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (25/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 70. Na homilia do dia de Páscoa em 2015, D. António constrói uma outra ação de graças onde tem como esquema-base a oração anteriormente transcrita: cf. Homilia do Domingo de Páscoa (05/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 106.

¹⁶⁸ Cf. BIANCHI, Enzo – *A Los Presbíteros*. 5ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012, p. 11.

¹⁶⁹ Cf. URÍBARRI BILBAO – *La mística de Jesús*, p. 178-179.

¹⁷⁰ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 13.

¹⁷¹ Cf. Uma sessão centrada em três momentos essenciais (17/04/2017). Inauguração do restauro dos órgãos históricos da Sé do Porto (29/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 139.145; BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 49.

¹⁷² BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 49.

3.1 O Seminário: compromisso de formação, comunhão de amor

A família/comunidade, para D. António, adquire, como vimos anteriormente, um valor cimenteiro em todo o crescimento e desenvolvimento: «é na família e na comunidade (...) que se aprendem “os sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão e de paciência ... para que tudo o que fizermos, por palavras ou por obras, seja tudo em nome do Senhor Jesus” (Col. 3, 12-21)»¹⁷³. Durante a semana dos Consagrados, D. António Francisco sinalizou o ideal de vida em comunidade, assumindo os grandes valores que estão inerentes à realidade familiar/comunitária:

«Jesus foi apresentado no Templo pela sua Família: Maria e José. As grandes horas da nossa vida e os maiores acontecimentos devem ser celebrados também em família. (...) E hoje é, talvez, mais necessário do que nunca este sentido do viver comum e em comum, fazendo das comunidades (...) verdadeiras escolas de fraternidade humana e cristã. Que a Comunidade (...) seja família onde se sente o afeto do acolhimento, o espaço do diálogo, a alegria da proximidade.

Na comunidade [deve-se] procurar e encontrar a atenção de todas as horas, o sabor da amizade, a aprendizagem da gratidão, o valor suave da delicadeza, a mão que se estende, o sorriso que se entrelaça, o bem comum que se quer e se procura.

A Comunidade (...) é espaço da oração que se reza, tempo de encontro sereno, experiência da presença permanente de Deus. Ouvi através da Comunidade (...) o apelo à fidelidade (...) e o convite a um caminho exigente de santidade e perfeição. Senti (...) que no cuidado de uns pelos outros em comunidade se espelha o desvelo de Deus por cada um de vós»¹⁷⁴.

No dia diocesano da família, em 2015, D. António Francisco dos Santos dizia:

«Reavivai (...) neste encontro com a família que sois e com a casa que edificais, os valores sagrados da humilde casa de Nazaré, a casa de Maria, de Jesus e de José.

Casa de família, a exemplo da casa de Nazaré, é bálsamo de unção onde se curam tantas feridas, que pela vida os caminhos ásperos nos vão fazendo!

Casa de família é átrio do Cenáculo, onde Jesus nos serve, no lava-pés, e nos antecipa em promessa a certeza das bem-aventuranças!

Casa de família, de portas abertas à alegria do evangelho, é santuário onde se escuta a Palavra de Deus, se reza em comum e se partilha o banquete do pão repartido e da Eucaristia celebrada. (...)

As famílias precisam de ter no seu seio corações tocados pela ternura de Deus, capazes de gestos de perdão e decididos a viver a ousadia da misericórdia para que toda a família se transforme e seja feliz»¹⁷⁵.

¹⁷³ Homilia da Ordenação do diácono Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 97.

¹⁷⁴ Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 76-77; cf. Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 154.

¹⁷⁵ Homilia no Dia Diocesano da Família (31/05/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 57. A este propósito, diz-nos o cardeal Seán O'Malley que «no plano de Deus, a família constitui-se como uma escola do amor onde aprendemos a fazer dom de nós próprios a Deus e aos outros, tal como o amor sacrificial de Jesus na cruz que é fonte da nossa vida como discípulos»: O'MALLEY – *Gambiarras de luz*, p. 64.

Todavia, o seminário, como verdadeira comunidade, assume-se para D. António Francisco como o «coração da Igreja diocesana»¹⁷⁶, sinal da vivência autêntica de fé: «a comunidade continua a ser essencial para a vivência da fé e do ministério»¹⁷⁷. O seminário, «chamado à mesma missão que o tempo não esgota»¹⁷⁸, ultrapassa a dimensão puramente física, geográfica e por isso limitada, para se transpor para uma realidade humana, que tem na sua génese um dinamismo de crescimento pessoal e comunitário:

«O seminário (...) é mais do que o belo edifício que habitamos. É a comunidade. É também o ambiente eclesial onde a dimensão eclesial ganha sentido e valor e onde a vida comunitária interna e diocesana é comunhão no amor, nas perspetivas, nos propósitos e compromissos de formação. (...) Um seminarista que quer ser discípulo de Jesus o Mestre e se prepara para servir a Igreja como *pastor consagrado totalmente a Deus e ao seu povo*, tem de se preparar para esta missão no melhor ambiente eclesial possível. E o Seminário tem essa missão e constitui essa bênção. (...) Com o vosso saber e sabedoria, com o vosso trabalho persistente e confiante, com o vosso testemunho de vida e de fé, com a ousadia própria daqueles que trabalham sem cálculos nem fronteiras, porque sabem ver mais longe e acreditam que a hora de semear com alegria está no Seminário, que para isso mesmo antecede sempre a hora da colheita e esta nunca será possível sem oração persistente, a confiança serena, o trabalho contínuo e a paciência inesgotável dos semeadores»¹⁷⁹.

Mas não só: o seminário, enquanto comunidade formativa, vive e convive do testemunho dos seus presbíteros, sendo eles próprios a fonte de perseverança, fidelidade e autenticidade na vivência da vocação ordenada:

«O Seminário aprenderá no testemunho vivo e feliz dos sacerdotes que já formou ao longo do tempo a descobrir diariamente a sua verdade profunda e a sentir que o seu grande desafio do futuro será sempre o desafio da autenticidade e da perseverança que a missão de acompanhar os jovens no seu discernimento e a formar pastores na sua entrega a Cristo para servir o povo sempre exigente pressupõe»¹⁸⁰.

«O Seminário recebe o testemunho vivo e feliz dos sacerdotes, que formou ao longo do tempo, o rosto visível, a beleza do ministério sacerdotal. Este testemunho é essencial à

¹⁷⁶ Homilia do 60º Aniversário do Seminário (14/11/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 72; cf. Nota Pastoral – Uma aventura de amor pela Igreja (26/05/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 175; IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Optatam Totius*, n.º 5. *AAS*. 58 (1966) 717.

¹⁷⁷ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 123.

¹⁷⁸ Sessão solene na celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 141. Nesta mesma sessão, diz ainda D. António: «é sempre no coração do bispo que nascem os Seminários. No coração do bispo, o Seminário deve encontrar a dedicação de todas as horas, a oração permanente por quantos aí vivem, a comunhão eclesial que desenhe o caminho da formação para o ministério ordenado e a gratidão expressa a quantos aí diariamente trabalham»: *ibidem*, p. 142. Na mesma linha segue Luis Tagle, dizendo que «concebíamos [ele, enquanto reitor, os outros formadores e os alunos] o seminário como uma família»: TAGLE – *Aprendi com os últimos*, p. 55.

¹⁷⁹ Homilia do 60º Aniversário do Seminário (14/11/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 73; cf. Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 78; Sessão solene na celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 143.

¹⁸⁰ Homilia do 60º Aniversário do Seminário (14/11/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 74; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 67; Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 154.

missão de acompanhar os jovens no discernimento do seu caminho de vida e de vocação, em ordem a formar pastores segundo o coração de Cristo, o Bom Pastor. Os sacerdotes são, assim, para o Seminário a sua herança, a sua memória e a sua bênção»¹⁸¹.

3.2 O Presbitério: lugar dos “sacerdotes do Senhor” e dos “ministros de Deus”

Falando-se agora do presbitério, desde outra vertente distinta daquela que nos motivou anteriormente, torna-se necessário clarificar, em primeiro lugar, que o sacerdócio é puro dom de Deus, gratuidade de Si mesmo para o homem: «o sacerdócio não é uma invenção humana. É um dom que torna possível, presente e actuante na história do povo de Deus e na vida do mundo o ministério do amor de Deus e o ministério de Cristo, Bom Pastor»¹⁸². Dentro deste horizonte e partindo do testemunho de vida, da comunhão fraterna e da gratidão permanente, D. António aponta o exemplo de vida do presbitério como matriz vocacional: «é a partir do terreno, sempre fecundo da oração confiante, da comunhão fraterna e da gratidão permanente do presbitério diocesano, que o nosso olhar se volta para o futuro que nos dará, espero em Deus, em cada ano que se aproxima, novos sacerdotes»¹⁸³.

Tal como cada ser humano a seu modo, cada sacerdote transporta em si, desde o seu nascimento, «um tesouro em vaso de barro» (2Cor. 4, 7), que, para o mesmo, se poderá concretizar na co(m)-edificação de uma vocação sacerdotal. De facto, Jesus escolhe(u) homens simples e misericordiosos para serem construtores de um mundo novo, e isso manifesta-se de modo especial na vida sacerdotal:

«Jesus escolheu e escolhe homens simples, puros de coração, misericordiosos, pacíficos, justos, sonhadores, construtores de um mundo novo, nascidos na aldeia ou na cidade, voltados para a faina do mar e debruçados sobre as redes ou vindos do interior das nossas terras, de mãos habituadas ao trabalho. Quando lhe respondemos “*Sim*”, então Jesus diz-nos: “*Sê pescador de homens; sê pastor do meu rebanho; alimenta o povo com o amor e com o exemplo; sacia-o com a palavra divina e com o Pão da Vida*”»¹⁸⁴.

«Fragil e vulnerável como todo o ser humano, cada um dos sacerdotes sabe que “*transporta em si um tesouro em vaso de barro*” (2Cor. 4, 7). A consciência desta realidade apela para a necessidade e contínua formação ao longo do tempo e para a constante urgência de centralizar a vida espiritual e o exercício do ministério em Cristo, procurando “*reviver o dom de Deus que cada um recebeu*” (2Tim. 1, 6)»¹⁸⁵.

¹⁸¹ Homilia da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 50.

¹⁸² Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160.

¹⁸³ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 100.

¹⁸⁴ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160.

¹⁸⁵ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 110-111.

Por isso, a pergunta de D. António surge-se-nos como fundamental: «quem de nós não se sente, diante da missão a que Deus nos chama, pequeno e frágil, como barro quebradiço nas mãos do oleiro?»¹⁸⁶. Conscientes de que «não é possível estar ao serviço da comunhão na comunidade cristã sem exercitar-se continuamente esta arte na comunhão dentro do presbitério»¹⁸⁷, assumimos que a «união ministerial e fraternal [insere-se e afirma] a (...) missão pastoral ao serviço da Igreja diocesana»¹⁸⁸:

«Aprendemos a ser pastores no exercício do próprio ministério, mas também e muito a partir da nossa fraternidade presbiteral. A fraternidade presbiteral é uma exigência da caridade pastoral e a caridade pastoral alimenta-se do nosso encontro com Cristo, da nossa entrega ao ministério, porque é um amor cujo destinatário imediato é a comunidade eclesial. Por seu lado, a comunidade que servimos constitui outro elemento fundamental da nossa espiritualidade. Sabemo-nos discípulos e missionários para que as nossas comunidades tenham vida e a tenham em abundância»¹⁸⁹.

Respigando o capítulo primeiro do *Evangelho de João*, D. António sinaliza a importância da unidade presbiteral dentro da diocese:

«“Mestre onde moras?” (Jo. 1, 38), perguntavam os que mais tarde haviam de ser seus discípulos. “Vinde e vede” (Jo. 1, 39), respondera Jesus. Esse diálogo, iniciado há 2000 anos, continua nos dias de hoje. Continua no coração de cada um de nós padres e na alegria de sermos Presbitério (...) reunido. (...) A Missa Crismal (...) afirma a nossa unidade e exprime a nossa comunhão como “sacerdotes do Senhor” e “ministros do nosso Deus” (Is. 61, 8)»¹⁹⁰.

Todos os presbíteros pertencem a uma única comunidade presbiteral. Cada presbítero está unido aos demais presbíteros, sendo esta união evidenciada de modo mais autêntico na comunhão com o bispo¹⁹¹. Este laço de comunhão entre os presbíteros deve ser consequência de um discernimento pessoal, onde se compreendem cada um se contém dentro de um grupo concreto e singular: «existe uma especial fraternidade, elaborada

¹⁸⁶ Homilia nas Exéquias do Padre António Pereira da Silva Vieira (06/01/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 70.

¹⁸⁷ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 50.

¹⁸⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 81.

¹⁸⁹ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 138; Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 110.

¹⁹⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 89; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 97.

¹⁹¹ Cf. Visitas Pastorais na Diocese do Porto (09/09/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:42 (2016) 106.

sobre a fraternidade batismal, entre todos os presbíteros da Igreja»¹⁹². Contudo, existe o perigo de se tornar evidente o relativismo na vida dos ministros ordenados e, conseqüentemente, se reflita na vida do presbitério:

«Não permitamos, caríssimos padres, que o tempo que tudo envelhece, a rotina que tanto desgasta, o desânimo que fragiliza, a solidão que habita, o medo que anula tantos rasgos de generosidade ou o individualismo que nos isola dos outros e desmorona a comunhão, nos retirem a alegria da primeira hora, desvirtuem o encanto de sermos “sacerdotes do Senhor” ou anulem a beleza que se espelha no rosto ungido dos “ministros do nosso Deus”. Em cada um de nós deve transparecer a alegria, o encanto e a beleza do sacerdócio de Cristo»¹⁹³.

Apenas pelo Espírito de Deus, Espírito de Santidade porquanto Espírito que é Amor, se pode crescer na comunhão e na unidade, sendo este crescimento um reflexo da pregação da Palavra de Deus:

«Olhando as frentes vastíssimas da missão e as exigências prementes do ministério, sentido o peso excessivo das vossas tarefas e actividades pastorais e desejando em permanência estar próximo, ser irmão e fazer crescer a comunhão e a unidade (...) – constato que – só o Espírito de santidade (...) fará da nossa vida um exemplo para todos, da nossa pregação palavra do Evangelho a frutificar, do exercício quotidiano do ministério um modo e um sinal onde o povo se regenera, se reconcilia, se anima, se fortalece e se alimenta pelos sacramentos»¹⁹⁴.

«A santidade de vida sacerdotal é o nosso primeiro e imprescindível testemunho evangelizador. O importante da nossa vida sacerdotal não é contabilizar êxitos apostólicos ou sucessos humanos mas sim encontrar a alegria da vocação e a santidade do ministério que santifique igualmente aqueles a quem somos enviados e dê sentido e beleza às nossas comunidades»¹⁹⁵.

A verdadeira alegria de um presbitério, segundo D. António, reside no “jubileu sacerdotal”:

¹⁹² URIARTE GOIRICELAYA, Juan María – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 2016, p. 92. A título de curiosidade, diz-nos a este propósito André Manaranche: «não se trata pois, para um padre, de procurar através de uma nomeação agradável, *cortar contacto com o grosso do sacerdócio*, com os colegas que passam o tempo ao lado do rebanho fiel, ou mancham o coração com um silencioso compromisso. Haveria aí muito farisaísmo: “Senhor, dou-te graças por não ser como o resto do clero que... Eu, eu ...”. Sem falar deste fenómeno psicológico de repulsa pela imagem sacerdotal, projectada nos seus colegas: atitude de saúde muito duvidosa. (...) A profunda comparação sempre matou o amor... Não há um clero com as mãos limpas e um clero com as mãos sujas. Não há de um lado os aventureiros fanáticos, do outro a assistência pública eclesial, alimentando a massa dos batizados órfãos, encontrados nas fontes baptismas»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 174.

¹⁹³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 84; cf. Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 76-77.

¹⁹⁴ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 83-84.

¹⁹⁵ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 105; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 124.

«A alegria de um presbitério em comunhão manifesta-se (...) com particular encanto [com] os sacerdotes em jubileu sacerdotal»¹⁹⁶.

«A Missa Crismal tem (...) este sentido de júbilo pelos sacerdotes, pelo presbitério. O júbilo da unidade e da comunhão. O júbilo do nosso peregrinar como pastores no meio do povo. O júbilo que traz consigo a fraternidade sacerdotal. O júbilo da Eucaristia e dos sacramentos de quem sabe por experiência própria o sabor da fé e da bênção da graça divina, que a Deus pedimos, assim como o valor do perdão e a necessidade do pão eucarístico, que de Deus recebemos, para multiplicar e repartir. O júbilo de quem contempla e agradece o bem realizado por tantos agentes de pastoral que diariamente servem (...) as comunidades na evangelização, na liturgia e no serviço da caridade. O júbilo de quem caminha junto do povo decidido a unir, a reunir e a congregar. O júbilo da misericórdia tornada caminho de esperança para o mundo. O júbilo da “Alegria do Evangelho que é nossa missão” expressa nas bem-aventuranças e impressa nas obras de misericórdia»¹⁹⁷.

3.2.1 A essência constitutiva do presbitério

D. António, na celebração da missa crismal em 2010, apontou as características que devem fazer parte da matriz do “ser presbitério”:

«Somos um presbitério que, pela riqueza das suas origens e pela multiplicidade das suas diversidades, é chamado a experimentar a raiz comum de confiança entre irmãos, a viver uma amizade libertadora e a construir uma profunda e espiritual comunhão. Sempre preocupados com a busca do melhor, a rezar e a acolher que o Espírito suscite em cada momento o que a cada um é pedido para o bem de todos.

Vimos de origens diversas, servimos terras diferentes, assumimos responsabilidades variadas, mas tudo unimos na comunhão da Igreja e colocamos diariamente no altar da Eucaristia. Vemos mais longe do que nós mesmos e amamos para lá de todos, porque desvendamos com esperança o futuro, amamos a Igreja que servimos e damos o tudo da nossa pobreza para que Deus tudo transforme.

Somos um presbitério de coração aberto às comunidades, que se comove com os que sofrem, que sabe que na sociedade em que vivemos são mais os últimos do que os primeiros, os que pagam o preço da crise do que os que a ajudam a resolver e que infelizmente são muitos os ofendidos e os que ofendem.

E a todos estes, sem exceção, somos enviados. Somos chamados à compaixão que nos faz clamar em nome da justiça e perdoar em nome da misericórdia.

O segredo da nossa felicidade e da nossa comunhão nunca será apenas fruto do nosso esforço mas sim da bênção de Deus encontrada no jeito próprio da escuta de Deus, na celebração da Eucaristia e no diálogo fraterno entre nós.

(...) Viver unidos e em comunhão, numa cultura de fragmentação e numa sociedade de competitividade é já sinal de si um sinal do Reino Novo que há-de vir. Demos graças a Deus pela nossa unidade como Igreja e pela nossa comunhão como presbitério»¹⁹⁸.

¹⁹⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 91; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 99.

¹⁹⁷ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 121-122; cf. AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 205.

¹⁹⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 125; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76.

Tomados pelo excerto acima referido, elencamos algumas dimensões que, para D. António, perfazem a essência do presbitério:

- a. Deus é o elemento aglutinador e congregador¹⁹⁹.
- b. Apesar da diversidade, deve haver a capacidade de se confiar que leve a uma amizade libertadora e douradora e que seja construtora de uma profunda e espiritual comunhão e de diálogo.
- c. Preocupação com a procura do melhor para os irmãos: abertura às comunidades.
- d. Importância da oração e atenção à atuação do Espírito Santo.
- e. Unidade na celebração Eucarística e na escuta de Deus, como «aprendizagem feita na escola de Cristo, para que sejamos pastores segundo o seu Coração»²⁰⁰.
- f. Capacidade de amar a Igreja.
- g. Ideal de caridade: preocupação para com os mais desfavorecidos.
- h. Chamamento à misericórdia e à compaixão²⁰¹.

3.2.2 Da unidade ministerial à fraternidade presbiteral

A unidade do presbitério deve ser sinal da unidade entre os presbíteros entre si e em comunhão com o bispo, cabeça do presbitério: «quero estar junto de vós com a bondade de pai e servir-vos com a humildade de irmão»²⁰². Esta unidade constitui-se como a presença do Reino entre nós: «viver unidos e em comunhão, numa cultura de fragmentação e numa sociedade de competitividade é já sinal de si um sinal do Reino

¹⁹⁹ «Desejamos ser um presbitério que dá a Deus o primeiro lugar na vida e na missão, procurando a via espiritual e a familiaridade com Deus como fonte de alegria, de fortaleza e de inspiração para viver a paixão pelo serviço do mundo»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 124; «a eficácia da resposta que de nós espera o mundo não está em nós, está em Cristo, do mesmo modo que em Cristo reside o segredo da nossa vocação, a âncora da nossa fidelidade, e a beleza da nossa identidade como presbitério»: Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98. Curiosa expressão de André Manaranche: «Jesus não é um membro do clero; é o mais velho dos filhos de Deus»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 29.

²⁰⁰ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 112.

²⁰¹ A propósito da misericórdia, D. António refere: «a misericórdia não é apenas um atributo de Deus mas é também a chave da existência cristã. (...) A misericórdia, que consiste em saber voltar ao coação para os pobres, é a face mais bela do cuidado e do desvelo do “pastor” segundo o coração de Cristo, o bom e belo Pastor da Igreja. Esta tem sido uma preocupação constante da Igreja: ser rosto e protagonista das bem-aventuranças do reino, através da linguagem do exercício das vossas obras e misericórdia do evangelho. Essa é, também, a missão da Igreja de todos»: Homilia da Festa de Nossa Senhora da Misericórdia (11/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 59.

²⁰² Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 18.

Novo que há-de vir. Demos graças a Deus pela nossa unidade como Igreja e pela nossa comunhão como presbitério»²⁰³.

A grande comunidade presbiteral está essencialmente vinculada ao colégio episcopal; todavia, «todos os sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, estão associados ao corpo episcopal em razão da Ordem e do ministério (...). Em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que (...) se deve manifestar no auxílio mútuo»²⁰⁴. A participação dos presbíteros no colégio episcopal inclui, como (pre)suposto, uma estreita comunhão; comunhão esta que leva à partilha de objetivos, à vinculação de dependência e de mútua colaboração²⁰⁵.

A grande comunidade presbiteral é uma verdadeira “fraternidade presbiteral”. Se os batizados são, sacramentalmente, irmãos, os presbíteros são, de um modo muito particular, também irmãos²⁰⁶. Esta “fraternidade presbiteral”, apoiando-se no único sacramento da Ordem²⁰⁷, constitui-se como a única missão do presbitério enquanto comunidade. Um único sacramento para uma única missão²⁰⁸. Segundo a própria Escritura (cf. 2 Tim. 1, 6-14), a Teologia aponta o presbiterado como um carisma, ou seja, como um dom concedido a alguns para o bem de todos. É o Espírito quem incide e é desde ele que se pode falar no sacramento da ordem como «único sacramento, única missão ... e único Espírito»²⁰⁹.

A concretização da essência do presbítero, enquadrado no presbitério, reside no povo de Deus. É no sacerdócio comum dos fiéis que se torna verdadeira a vocação e missão do ministro ordenado:

«Este amor de Deus por nós sacerdotes, que na Igreja e pela Igreja se afirma no momento primeiro da ordenação segue-nos e acompanha-nos ao longo de toda a vida e deve tornar-se visível na comunhão permanente com o Bispo, na vida fraterna com o presbitério e no serviço generoso ao povo santo de Deus, que é a razão de ser do nosso ministério»²¹⁰.

²⁰³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 125; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76.

²⁰⁴ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n.º 28. *AAS*. 57 (1965) 35.

²⁰⁵ Cf. *ibidem*, n.º 28. *AAS*. 57, 33-36.

²⁰⁶ Cf. *ibidem*, n.º 28. *AAS*. 57, 33-36.

²⁰⁷ Cf. *ibidem*, n.º 28. *AAS*. 57, 33-34.

²⁰⁸ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 95; *Lumen Gentium*, n.º 28. *AAS*. 57, 33-36.

²⁰⁹ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 95-96.

²¹⁰ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 110.

«O sacerdócio é dom e mistério de amor recebido e entregue que se atualiza na Eucaristia, diariamente celebrada, e se afirma em cada gesto e em cada momento da dádiva da vida “até ao extremo” (Jo. 13, 1). É na fecundidade deste amor total a Deus e aos irmãos que tem sentido o acolhimento dos valores e dos conselhos evangélicos que fazem dos sacerdotes, homens de Deus e pastores por Ele dados por inteiro e para sempre ao Seu povo»²¹¹.

O presbitério, para D. António, assume-se como fundamental também para o sucesso da evangelização: «unidos no ministério e congregados na missão estaremos sempre na vanguarda da alegria do evangelho e da certeza da comunhão. Somos percussores e cireneus uns dos outros, seremos sempre irmãos. Sejamos sempre, também discípulo felizes de Jesus e por Ele enviados em missão para amar e servir»²¹². Na verdade, um presbitério unido entre si, na comunhão com o seu bispo, apresenta(-se) e representa(-se) como um bom testemunho para estimular a comunhão diocesana²¹³.

3.3 A Igreja: comunidade pastoral, rosto de misericórdia

A Igreja assume-se como comunhão: desde a íntima relação com Deus até à Eucaristia, fonte permanente e viva da unidade eclesial, «é imperioso que toda a acção pastoral e o cuidado concreto das vocações se enraízem em permanência no mistério da Igreja-Comunhão»²¹⁴. A Igreja, sinal de esperança no mundo e renovada na caridade desde a fé que nasce em Cristo Jesus²¹⁵, concretiza-se na Graça de Deus centrada na Páscoa do Senhor e orienta-se para o Pentecostes²¹⁶:

«A nossa fé cristã nasce da graça pela qual Deus nos faz conhecer o testemunho apostólico sobre Jesus de Nazaré, a sua vida, a sua missão recebida do Pai, por amor da humanidade, e por fim a sua ressurreição. Esta é a grande graça apostólica que nós devemos à Igreja, ela é a fonte da nossa alegria e a nossa fortaleza. Ela é a nossa esperança. Ela é a causa da nossa perseverança e da nossa constância através dos acontecimentos do mundo»²¹⁷.

«A Igreja vive da bondade de Deus, da acção de Cristo e da força do Espírito Santo Consolador, no meio de sentidas alegrias mas também por entre dramas humanos, dolorosas injustiças sociais e incertezas face ao futuro da humanidade. A Igreja existe para anunciar a boa nova do evangelho e para nos incentivar à bondade e à esperança. E nós, povo ungido pelo batismo, pelo crisma e pela ordenação queremos assumir este longo e

²¹¹ *Ibidem*, p. 110; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 159.

²¹² Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 54.

²¹³ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 96-97.

²¹⁴ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61.

²¹⁵ Cf. Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 117.

²¹⁶ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 136.

²¹⁷ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 135.

belo caminhar da fé da Igreja. O que nos ensina Deus, nesta hora? Ensina-nos a viver do essencial. Ensina-nos a viver do seu amor que nos faz verdadeiros, felizes e livres»²¹⁸.

Mas não só: enquanto comunidade, a Igreja está intimamente ligada ao Papa: «a Igreja que somos vincula-nos a todas as Igrejas unidas numa íntima comunhão com o Papa»²¹⁹.

Pois bem, a eclesiologia de comunhão²²⁰ torna-se assim presente, na conceção eclesiológica de D. António, num caminho que se faz de forma assumida, livre, determinada, e comunitariamente:

«A nossa vida é um caminho. Caminhar é escolha e valentia. Queremos, em cada passo do caminho, aprender a apoiarmo-nos uns aos outros, a tornamo-nos dom uns para os outros, a partilharmos as alegrias e as provações uns dos outros e a reconhecermos os dons que cada um recebeu, de modo a podermos edificar, todos, em comunhão e unidade, o Corpo de Cristo. Que as pessoas sintam, como sentem de Jesus, que através de nós podem oferecer ao Senhor os seus sacrifícios quotidianos, que tecem a sua vida de trabalho e de família, manifestando a Deus que O querem, que precisam d'Ele, que O adoram e O louvam»²²¹.

A lógica de *colegialidade* assume-se como o resultado de uma lógica de *sinodalidade*. Segundo Enzo Bianchi, «caminhar juntos, viver a sinodalidade, é o caminho certo que a Igreja está chamada a assumir (...) para viver autenticamente a comunhão. (...) Só uma Igreja “sinodal” será uma autêntica comunhão, à imagem da comunhão divina trinitária, em que a unidade e a diferença (...) são (...) essenciais a uma comunhão plural»²²². Na mesma linha segue o bispo António:

²¹⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 301.

²¹⁹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 83.

²²⁰ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 50.

²²¹ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160-161.

²²² BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 51. A temática da sinodalidade dentro da compreensão e da vivência eclesial tem aparecido com um destaque cada vez mais notório, tendo o Papa Francisco um papel decididamente imprescindível para tal desenvolvimento eclesiológico-pastoral: «caminhar juntos é a via constitutiva da Igreja; a peculiaridade que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus; a condição para seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida neste tempo ferido. Fôlego e passo sinodal revelam o que somos e o dinamismo de comunhão que anima as nossas decisões. Só neste horizonte podemos renovar deveras a nossa pastoral e adequá-la à missão da Igreja no mundo de hoje; somente assim podemos enfrentar a complexidade desta época, agradecidos pelo percurso realizado e decididos em continuá-lo com parrésia»: IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso por ocasião da Abertura da 70ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (22 de maio de 2017). http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papafrancesco_20170522_70a_ssemblea-cei.html (consultado a 20/04/2020 às 12h23min). A atualidade da proposta sinodal para o agir pastoral torna-se numa urgência e numa necessidade constitutiva do próprio “ser” Igreja. A sinodalidade traduz-se numa dinâmica que comporta e se faz porta de um conjunto de elementos fundamentais para a sua correta apreensão: um Povo que caminha em conjunto, numa Igreja que se coloca à escuta de Deus para ouvir com Ele o grito do povo e que escuta esse mesmo povo para entrever nele a vontade de Deus, reconhecendo que a sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja reforça e reafirma as suas notas fundamentais como lugar de comunhão, unidade e catolicidade e manifesta a acção do Espírito Santo que

«A experiência sinodal feita (...) pela ampla participação e diálogo aberto de pessoas, serviços e instituições, pela proposta e resposta e pela comunhão sentida na missão, indicam-nos a pedagogia mais adequada para o nosso agir pastoral. (...) Neste belo e bom caminho que queremos percorrer, todos somos necessários e todos nos devemos sentir envolvidos, abrindo o coração e a inteligência aos dons do Espírito, e tantos eles são, concedidos a cada um de nós para nos colocarmos e multiplicarmos ao serviço do bem de todos»²²³.

Como Igreja, «*domum scholamque communionis*»²²⁴, torna-se presente a necessidade e a capacidade de se viver intrinsecamente ligado à dimensão eclesial. Naturalmente que «ser cristão é ir aprendendo com Jesus a viver no meio dos irmãos e a transformar o mundo segundo os critérios do Seu Evangelho. Ser cristão é descobrir com Jesus a maneira mais humana e mais autêntica de viver feliz e ajudar os outros a viverem felizes, ao jeito e segundo o paradigma das bem-aventuranças do Evangelho»²²⁵. O mesmo se aplica ao “ser Igreja”:

«Não podemos ser cristãos sem [a] Igreja, sem esta Igreja conciliar, renovada e missionária. Percebemos (...) que não podemos ser cristãos sozinhos e fora do mundo que Deus ama. É esta a missão da Igreja, a que Deus nos chama e envia. Não deixemos encerrar a graça que recebemos: partilhemo-la. Não enterremos os talentos que nos foram confiados: façamo-los frutificar. Não permitamos que o medo ou o desânimo magoem a nossa vida: reavivemos a alegria»²²⁶.

Logo, a Igreja torna-se misericordiosa, fiel ao seu Senhor – «a Igreja é a comunidade pastoral que, fiel ao seu Senhor, o rosto de misericórdia do Pai, vive a realizar a misericórdia e para realizar a misericórdia. E vive esta vocação realizando as obras de

a alma e conduz. Neste sentido, situada a fonte da experiência sinodal no ministério da comunhão eucarística, a Igreja torna-se numa articulação dinâmica e harmónica da participação diversificada, organizada e orgânica de todos os membros do Povo de Deus que, segundo os seus ministérios e carismas, convidam a um aprofundamento da relação entre sinodalidade, colegialidade e primado; nesta ordem de ideias, a sinodalidade oferece a cada uma destas realidades uma verdadeira força transformadora para que a Igreja seja cada vez mais fiel à missão que lhe foi confiada.

²²³ Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 200.203; cf. Homilia da Solenidade de Cristo Rei (20/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 90. Numa outra intervenção, diz: «venho confiar a Nossa Senhora de Vandoma o sentido de acção pastoral para a nossa Cidade: uma pastoral marcada pela comunhão, pela sinodalidade e pela unidade das paróquias, das reitorias, das comunidades religiosas, dos serviços diocesanos e dos movimentos apostólicos presentes neste espaço urbano; uma acção pastoral desafiada a fazer uma diferenciação positiva e uma necessária complementaridade, decididos que estamos a procurar espaços onde o anúncio do evangelho ainda está ausente e a ir ao encontro de novas periferias da evangelização; uma pastoral construtiva de novos modelos de acolhimento aos que nos visitam»: Mensagem na celebração de abertura do Festival Internacional de Música de Órgão do Porto (11/10/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 107.

²²⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Inuente*, n.º 43. (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 296; cf. Visitas Pastorais na Diocese do Porto (09/09/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:42 (2016) 107.

²²⁵ Homilia na Paróquia de Cedofeita (06/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 127.

²²⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 303.

misericórdia»²²⁷ – e visível na harmonia entre os presbíteros e as comunidades, de modo a que se cultivem verdadeiras e autênticas vocações: «das comunidades (...) da nossa diocese espero o testemunho de comunhão fraterna com os presbíteros e de oração intensa pelas vocações, na certeza de que “nos campos espiritualmente trabalhados hão-de florescer as vocações” (Bento XVI)»²²⁸. Contudo, os sacerdotes não podem esquecer a dupla presença de entre o povo de Deus:

«Nós sacerdotes, que vivemos em estreita relação com todo o povo de batizados, porque somos cristãos com eles, e fomos constituídos em benefício de todo o povo de Deus, porque somos sacerdotes para eles. E isto compromete-nos a seguir Cristo mais de perto, na fidelidade aos compromissos sacerdotais e no gosto de vivermos plenamente a beleza e a bondade do nosso ministério»²²⁹.

Assim, a Igreja, enquanto (com)unidade eclesial, torna-se visibilidade e viabilidade no mundo através das suas atitudes e comportamentos, através dos seus membros e templos, sempre conscientes de que a Igreja, como projeto de Deus em Cristo, se torne lugar de encontro pessoal e comunitário com o Filho de Deus:

«A Igreja é chamada a ter esta visibilidade [ser no mundo sinal do esplendor do dom de Deus e instrumento do destino universal deste dom] e a manifestar esta beleza através da harmonia dos seus templos, do calor humano das suas assembleias, da qualidade das suas liturgias, mas principalmente através da vivência cristã dos seus membros e do testemunho vivo das suas comunidades, abrindo as portas da fé ao mundo que nos rodeia. O dinamismo das nossas comunidades e a sua vitalidade espiritual são a mais bela manifestação da beleza da Igreja. Não nos pertence conduzir o povo de Deus para um abrigo bem protegido mas sim guiar e conduzir a Igreja de portas abertas para um diálogo com o mundo, para aí anunciar a Boa Nova da salvação, para lhe abrir o tesouro da aliança e acolhê-lo com alegria. A nossa alegria consiste em anunciar o Evangelho ao mundo e em sermos testemunhas felizes do ardor missionário que nasce da Páscoa e do Pentecostes na textura humana e social da vida (...). O cristianismo tem direito de cidadania entre nós, tanto mais e quanto e melhor nós o vivamos e saibamos acolher, celebrar e viver o Evangelho e levar em nós como tesouro encontrado no campo da vida, da família, do trabalho e da missão a imagem de Cristo»²³⁰.

²²⁷ Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 156.

²²⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 93.

²²⁹ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 64.

²³⁰ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 458; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 99.

3.4 A Eucaristia como Refeição de família, Banquete de festa e Sinal de Páscoa

Segundo D. António Francisco, a Eucaristia assume-se como o vértice e centro do viver cristão: «para nós, a Eucaristia faz a Igreja, é centro e vértice do nosso viver, fonte do serviço incondicional às causas do homem e profecia desse mundo de fraternidade e de justiça»²³¹. A missão da Igreja-Comunhão, que se assume desde a harmonia fiel com Deus, encontra «na Eucaristia a fonte permanente e viva da unidade eclesial, [sendo] imperioso que toda a acção pastoral e o cuidado concreto das vocações se enraizem em permanência no mistério da Igreja-Comunhão»²³².

Da Eucaristia, alimento que torna forte a esperança e ativa na fé a caridade²³³, compreende-se a permanente atualização do sacerdócio: «o sacerdócio é dom e mistério de amor recebido e entregue que se atualiza na Eucaristia, diariamente celebrada, e se afirma em cada gesto e em cada momento da dádiva da vida “até ao extremo” (Jo. 13, 1)»²³⁴. Transcrevendo um excerto da homilia da Missa da Ceia do Senhor em 2016, podemos compreender o que D. António entende por Eucaristia, o que se celebra na Eucaristia e que frutos a mesma celebração produz e reproduz nos crentes:

«A Eucaristia é (...) memorial (...), desejada ardentemente por Jesus, a suscitar em nós uma vontade profunda de conhecer a história do amor libertador de Deus pelo seu povo e de mergulhar no mistério de amor redentor de Jesus Cristo pela humanidade.

O sinal mais visível da Ceia do Senhor (...) é o de uma refeição de família e de um banquete de festa. Refeição de família reunida à volta da mesa, onde o pão abundante se reparte e onde o cálice que passa de mão em mão é selo da nova e eterna aliança. Banquete de festa, em que o cordeiro pascal imolado, sinal da páscoa e da liberdade, nos recorda a ceia pascal do povo de Israel e nos faz sentir a alegria da festa mandada preparar com pormenor e oferecida com generosidade pelo pai de misericórdia ao filho pródigo, que regressava, vindo de longe, depois de ter malbaratado a fortuna e desgastado a vida.

A Ceia do Senhor é (...) memorial do sacrifício redentor, onde o cenáculo e o calvário, a ceia e a cruz, o holocausto e o sepulcro vazio constituem uma unidade sagrada e mistério admirável da nossa fé.

Pela Eucaristia passa o desafio da identificação da Igreja com Jesus Cristo, fonte da sua autenticidade, caminho de santidade e experiência da sua unidade. Não há Eucaristia que não seja celebrada como memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo e que não seja testemunho visível e sacramental da unidade e da comunhão da Igreja.

A Eucaristia é, também, convívio de Deus com o seu povo. O Senhor está connosco. Ele é um Deus connosco. O povo de Deus é um povo do qual Deus faz parte. Um povo que pertence a Deus e se sente acompanhado por Ele. E Deus é um Deus que fala aos profetas,

²³¹ Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 42.

²³² Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 61; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112.

²³³ Cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 159.

²³⁴ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 110; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 125; Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 159.

para que estes falem ao povo em Seu nome. Esta presença de Deus no meio do seu povo, seja no cansativo caminho do deserto seja já na terra prometida a Abraão e aos seus descendentes, é uma presença que cativa, alimenta e prende o coração do povo: “Saboreai e vede como o Senhor é bom!” (Slm. 34, 9)

À luz de Cristo, que na Eucaristia brilha, ilumina igualmente o coração da história do povo cristão e vem carregada de sugestões e de convites à prática das obras de misericórdia, que são gestos em que o povo, sobretudo os mais frágeis dentre o povo, se sentem atendidos e acompanhados por Deus nas mais diferentes situações de vida e da história.

A Ceia do Senhor é memorial mas igualmente escola, onde se ensina a pedagogia profética do lava-pés; onde se descobre o horizonte evangélico do mandamento novo de Jesus em tempos de medo, de violência e de ameaças terroristas; e onde se aprendem e recriam caminhos novos para viver a Doutrina Social da Igreja e para proclamar as bem-aventuranças do Evangelho.

Como podem os cristãos celebrar a Eucaristia e serem tão demorados, lentos e vencidos pela burocracia paralisante das leis humanas, a partilhar o pão com quem tem fome, a dar de beber a quem tem sede, a vestir os nus, a dar pousada aos peregrinos, a visitar os enfermos, a assistir os presos, a sepultar os mortos, a dar bons conselhos, a ensinar os ignorantes, a corrigir os que erram, a consolar os tristes, a perdoar as injúrias, a suportar com paciência as fraquezas do próximo e a rezar a Deus pelos vivos e defuntos?»²³⁵.

3.5 O Presbítero: pastor da comunidade, servo de comunhão

Conscientes de que o «diálogo entre a razão e a fé merece e exige da Igreja [um] lugar de escuta e tempo dado aos que procuram a Deus»²³⁶, e sendo «os tempos que vivemos são simultaneamente exigentes e apaixonantes, na preciosa tarefa de anunciar o Evangelho, (...) a nossa alegria de ser padre é elemento essencial da evangelização nos nossos dias e é um dos melhores estímulos da pastoral vocacional»²³⁷. Assim, na centralidade da oração, as ações de perdão e misericórdia e os gestos decorrentes da dor compassiva²³⁸ tornam-se dinamismos centrais na capacidade de testemunhar a alegria de

²³⁵ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 126-127; cf. Homilia da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (22/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 109-111.

²³⁶ Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 56.

²³⁷ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 139; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66; Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 79. A alegria, associada à vivência ministerial, tem particular incidência na obra literária de alguns autores contemporâneos; passando os olhos pela bibliografia, podemos constatar isto em algumas obras: RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría: Teología y espiritualidad del sacramento del Orden*. 3ª r. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018, vol. 12 e KASPER, Walter – *El Sacerdote: Servidor de la Alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009. Estes concedem um particular e, por conseguinte, importante relevo à alegria na vida do presbítero. Na mesma linha vai Gabino Uríbarri; diz ele: «o primeiro requisito para evangelizar (*Evangelii nuntiandi*, *Evangelii Gaudium*) é a alegria (*Gaudete in Domino, Gaudete et exsultate*)»: URÍBARRI BILBAO, Gabino – *Santidad misionera: Fuentes, marco y contenido de Gaudete et exsultate*. Cantabria: Sal Terrae, 2019, p. 169.

²³⁸ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111.

Deus por serviço a Cristo: «somos vasos fráglil a transportar a beleza de inauditos tesouros e mistérios»²³⁹.

Destas realidades, presentes na vida de Cristo e assumidos como ideário para a vida de cada ministro ordenado, cabe ao próprio pastor ser a voz «dada ao anúncio da esperança sempre renascida diante do ícone “do pastor bom e belo, que dá a vida pelos irmãos (Jo. 10, 11), que conhece os cristãos do seu rebanho (Jo. 10, 14), que caminha diante da sua comunidade peregrinante (Jo. 10, 13) e lhe dá o alimento necessário a seu tempo”»²⁴⁰. Assim, os pastores devem ser o rosto e as mãos misericordiosas de Deus diante dos mais pobres, dos abandonados, dos esquecidos, na certeza de que (cor)respondem aos desafios do mundo, sempre com a marca inextinguível de Cristo:

«Solidários com os mais pobres e com os marginalizados, integrando contemplação e ação, em tudo amando e servindo, os discípulos de Jesus transportam as marcas históricas de cada tempo e procuram responder aos desafios do mundo de hoje, um mundo sempre necessitado de purificação e de salvação. É este olhar de Deus que nos ilumina na contemplação e no amor da Igreja, mistério de comunhão, sacramento de salvação e povo sacerdotal. Povo de batizados, todos com igual dignidade, povo onde e a favor do qual surgem os ministérios a que Deus chama cada um de nós»²⁴¹.

3.5.1 O pastor, portador de tesouros da graça e do amor de Deus

A imagem do Pastor, do Bom Pastor, sob a qual Jesus apresenta a Sua missão (cf. Jo. 10), associa-se recorrentemente à imagem do presbítero, sinal da presença de Cristo no Mundo. De facto, o ministério ordenado, pura marca do amor bondoso de Deus²⁴², é tornado presente por meio de Cristo Jesus desde a Encarnação: «a espiritualidade do presbítero é [a] caridade do Bom Pastor. (...) É espiritualidade de serviço»²⁴³. É através da Graça de Deus, em Cristo, que os ministros ordenados exercem a sua missão de entre os filhos de Deus:

«O ministério ordenado é um dom que torna possível, presente e atuante na história da Igreja e na vida do Mundo os tesouros da graça divina e o mistério do amor misericordioso de Deus.

Jesus escolheu e escolhe homens simples, puros de coração, misericordiosos, pacíficos, justos e construtores da paz, debruçados sobre as redes ou vindos do coração da (...) cidade e do interior das (...) terras, de mãos habituadas ao trabalho e de coração livre e disponível

²³⁹ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 118.

²⁴⁰ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 111.

²⁴¹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112; cf. Homilia na Festa da Cidade e Concelho de Paredes (20/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 151; Homilia na Festa das Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora (11/06/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 78; Homilia da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção (15/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 118.

²⁴² Cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 101.

²⁴³ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 45; cf. *ibidem*, p. 80.

para novos desígnios de missão. Mas humanos, com limitações e fragilidades que a graça de Deus e a correspondência pessoal hão-de superar (Mt. 5, 1-12)»²⁴⁴.

Puro dom da liberalidade de Deus, os sacerdotes são, de modo particular, a imagem de Deus em Cristo, sinal da pertença por meio de um coração capaz – porque capacitado – de amar tal como Deus ama o Seu Povo em Cristo Jesus. Deus, que esculpiu no rosto deles a marca indelével do Evangelho, «neles moldou um coração de pastor, segundo o coração de Cristo, Bom Pastor. De entre as muitas imagens de Jesus, esta, a do Bom Pastor (...) é uma das que melhor expressa a proximidade de Jesus com os discípulos e a sua ternura com as multidões. É esta a missão da Igreja (...) e muito particularmente de todos nós pastores na Igreja»²⁴⁵.

3.5.1.1 Jesus Cristo: Modelo de Pastor

«No Antigo Testamento quando se fala do pastor, uma das imagens mais belas é a da ternura e da bondade encontradas em Isaías (Is. 40, 11). (...) Isaías fala-nos da raiz da sua missão. Um profeta só é profeta porque o Senhor o chama, o unge e o envia (Is. 61, 1-3).

Jesus haveria de iniciar o seu ministério lendo na sinagoga da sua terra, em Nazaré, este mesmo testemunho do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova.*” (cf. Lc. 4, 18-21) O Evangelho (...) apresenta-nos Jesus como o pastor que conhece o seu rebanho e dá a vida por ele. Nesse mesmo sentido Pedro (...) testemunha a sua fé em Cristo e convida os presbíteros da Igreja a apascentar o rebanho com zelo e bondade»²⁴⁶.

Desde o Antigo Testamento, Deus aparece como o pastor de Israel (cf. Slm. 23): «esta imagem plasmou profundamente a piedade de Israel e tornou-se uma mensagem de consolação e de confiança sobretudo nos períodos de calamidade de Israel»²⁴⁷. Deus procurará as suas ovelhas e ocupar-se-á delas:

«“Assim diz o Senhor: Eu mesmo vou procurar as minhas ovelhas. Como o pastor conta seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas que se haviam dispersado, Eu também contarei as minhas ovelhas e reuni-las-ei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros. Eu retirá-las-ei do meio dos povos e reuni-las-ei de todas as regiões, e fã-las-ei voltar à sua terra. Eu próprio cuidarei delas como pastor, nos montes de Israel, nos vales e em todos os lugares habitados do país. Vou apascentá-las nas melhores pastagens, os seus rediões serão nos altos montes de Israel. Poderão repousar num

²⁴⁴ Homilia de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 130; cf. Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 131.

²⁴⁵ Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 155; cf. Homilia na Ordenação de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 96; Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 98.

²⁴⁶ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 161.

²⁴⁷ RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré*. 3ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007, p. 342.

bom redil, e terão pastos abundantes sobre os montes de Israel. Eu mesmo conduzirei as minhas ovelhas para o pasto e fá-las-ei repousar – oráculo do Senhor. Procurarei aquela que se perder, reconduzirei aquela que se desgarrar, curarei a que se ferir, fortalecerei a que estiver fraca. Quanto à ovelha gorda e forte, Eu destruí-la-ei, pois cuidarei do meu rebanho conforme o direito”» (Ez. 34, 11-16).

Todavia, no Novo Testamento, Jesus Cristo é o Novo Pastor (cf. Jo. 10), a própria Esperança (cf. 1Tim. 1,1) e o fermento da Vida Nova (cf. 2Cor. 5, 17)²⁴⁸. Cristo, Eterno Pastor do Pai, torna-se como o modelo por excelência para os pastores da Igreja, sinal de Deus no cuidado e trato com o povo – «apenas quem serve com amor e ternura, que são as linhas do rosto de compaixão e de misericórdia de Deus, é capaz de cuidar, de proteger, de promover e de salvar o seu Povo, (...) de ser pastor ao jeito do coração de Deus e a seguir em todos os passos o exemplo de Cristo, o belo e bom Pastor»²⁴⁹ – tomando-O como «o melhor critério para sabermos se somos servidores e pastores ao jeito do coração de Cristo, o Bom Pastor, (...) [sabendo-se possuidor da] mansidão e (...) [da] humildade (...) de quem se sabe conduzido por Deus para guiar o Seu Povo»²⁵⁰.

Para D. António, seguir a Cristo, Bom Pastor, implica procurar, em cada dia e para cada ocasião, a capacidade de discernir com o coração do Mestre, como forma de passar e trespassar que Cristo habita nele e ele é obediente ao Mestre: «procuremos seguir sempre o Mestre bem de perto e digamos diariamente com alegria, com verdade e com fidelidade: “In manus tuas”»²⁵¹. Deveras, «aos pastores pede-se que nunca (...) faltem com estímulo e a alegria do Evangelho de Cristo e com a sua presença fraterna»²⁵². A alegria ministerial encontra em Cristo a sua fonte e a sua finalidade, sinal da plena adesão

²⁴⁸ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111.

²⁴⁹ Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 52.

²⁵⁰ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 120.

²⁵¹ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160.

Segundo Joseph Ratzinger / Bento XVI, podemos apontar quatro características que se compreendem em articulação mútua entre o Pastor, Cristo, Mestre e Guia do povo de Deus, e o rebanho, povo eleito: 1. Porta – Pastor (cf. Jo. 10, 7): apenas o verdadeiro pastor desempenha verdadeiramente o ministério de se entrar pela Porta, por Jesus. 2. Pastor dá a vida pelas ovelhas (cf. Jo. 10, 11): a oferta de vida pelas ovelhas é central no discurso do Pastor. 3. Reconhecimento recíproco (cf. Jo. 10, 3-4): entre Pastor-rebanho. Daqui, duas realidades evidenciam-se: a. A articulação entre conhecimento e pertença – a pertença advém do conhecimento; b. O mútuo conhecimento entre Pai-Filho é modelo do conhecimento entre Pastor-ovelhas. 4. Unidade (cf. Jo. 10, 16): o Deus pastor reúne num único povo o Israel dividido (cf. Ez. 17, 21-37, 15). Jesus retoma esta visão, mas alargando o âmbito da promessa (cf. Jo. 10, 16): cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré*, p. 314-357.

²⁵² Homilia de Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 54; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 77; Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 118; Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 79.

ao Seu projeto salvífico e, desde Ele, a Deus Pai: «o mistério da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus é lugar do encontro definitivo e redentor da Humanidade com Deus e certeza do encontro de Deus com quantos habitam a nossa Terra»²⁵³.

A capacidade de anunciar «a alegria do Evangelho e transmitir e celebrar a fé não é uma utopia ideológica ou uma opção pessoal. É um imperativo divino. É um ministério eclesial. Abre-nos caminho desta missão, recebida de Deus através do mandato da Igreja, a ousadia dos profetas, o testemunho dos apóstolos e o exemplo de Jesus»²⁵⁴. Desde Cristo Pastor, os sacerdotes devem ser «infatigáveis mensageiros e exemplares servidores. A Igreja é chamada a alimentar-se da Eucaristia para ser capaz de anunciar, celebrar e testemunhar esta capacidade de um amor sem fronteiras nem limites, sem cálculos nem medos»²⁵⁵: «sede (...) profetas de Deus, para falar sempre e só em nome d'Ele. Sois *voz de Deus*. Sois, também, *mãos de Deus*, trabalhadores insaciáveis deste encontro de Deus com o seu povo, *alavancas de Deus* que erguem o mundo e *mesas de Deus* que multiplicam a fraternidade sempre que repartem o pão dos pobres»²⁵⁶.

3.5.1.2 O “serviço de amor” como a essência do pastor

Nascidos desde Deus com uma missão concreta, os sacerdotes são chamados a multiplicar o amor divino em cada ação, para que, subtraindo-se a si próprios, se divida e multiplique o amor de Deus nas suas ações, penetrando no coração dos fiéis:

«Nascemos, como sacerdotes, do amor misericordioso de Deus e somos chamados por Cristo a multiplicar este amor em cada gesto, em cada palavra, em cada passo dado, em cada sacramento celebrado, em cada obra construída, em cada prece rezada, no trabalho e no descanso. Se perdêssemos esta consciência do amor misericordioso de Deus que nos habita e do chamamento que recebemos de Cristo, tornar-se-iam sem sentido a nossa vida e sem razão de ser o nosso ministério»²⁵⁷.

²⁵³ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 63; cf. Homilia da Páscoa da Ressurreição do Senhor (16/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 87. Para Ratzinger, torna-se deveras importante a mútua correlação entre *alegria* e *graça*; as duas palavras são formadas a partir da mesma raiz (*khar-*). Logo, *alegria* e *graça* andam juntas: cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*. Cascais: Princípia Editora, 2012, p. 30.

²⁵⁴ Homilia de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 131; cf. Homilia de Ordenações de diaconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 77.

²⁵⁵ Homilia da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 69.

²⁵⁶ Homilia de Ordenações de diaconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76; cf. Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96-97.

²⁵⁷ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

Arrogada a caridade pastoral como um elemento central da espiritualidade do pastor²⁵⁸, as comunidades cristãs assumem-se como que desejosas de ver refletido no rosto do pastor o ideário de Cristo Jesus, esperança para todos os povos²⁵⁹. Por isso, D. António atenta: «sinto no olhar das comunidades cristãs e do mundo que nos rodeia (...), o desejo de ver na Igreja o sinal de esperança que procuram naqueles que a servem. Todas as pessoas, sobretudo as que mais sofrem precisam de encontrar em nós o testemunho vivo do amor redentor de Jesus Cristo»²⁶⁰. Torna-se, portanto, necessária a comunhão com o Mestre e, desde Ele, com Ele e por Ele, a capacidade de servir os irmãos tal como Ele serve o Pai:

«O ministério apostólico a que Deus nos chama no sacerdócio é um serviço de amor, como já o afirmava S. Leão Magno. Serviço de amor a Cristo e aos irmãos. Para isso é necessária a comunhão com o mestre. Há que ser discípulos para poder ser apóstolos. Não se é sacerdote sem viver com Cristo, como sarmentos que levam consigo a vigorosa força da videira a que estão indelevelmente unidos.

A opção pelo Senhor é necessária e imprescindível para evangelizar e dar frutos, um fruto que permaneça (Jo. 15, 16). Segundo a mesma lógica da missão de Jesus. “Como o Pai me enviou também eu vos envio a vós” (Jo. 20, 21).

Acompanha-nos na vida e no ministério (...) um Deus presente nos corações de todos os homens e mulheres de boa vontade, onde exista um mínimo desejo ou um momento de bem.

Anunciamos um Deus que nos pede santidade, numa relação afetiva e real com Ele. Temos um Pai que nos ama infinitamente. (...) estamos ao serviço de comunidades cristãs, que se querem comunidades evangelizadas e evangelizadoras. A comunidade continua a ser essencial para a vivência da fé e do ministério. A fé foi-nos dada por alguém que já a vivia e nos disse palavras que encheram o coração»²⁶¹.

3.5.1.3 O dinamismo missionário do pastor

O “serviço de amor” do pastor tem a sua fundamentação na identidade pessoal²⁶² que se toma decididamente missionária; desta “missão particular”, conduz-se a missão para uma realidade comunitária como sinal de unidade da realidade salvífica das vocações que Deus empreende, em Cristo, para cada um dos seus pastores.

A dimensão missionária, segundo D. António, apresenta-se como uma noção desde bem cedo presente na vocação e missão de cada crente, tendo(-se) particular incidência nos ministros ordenados:

²⁵⁸ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, n.º 14. *AAS*. 58, 1013.

²⁵⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Spe Salvi*: n.º 3. (Carta Encíclica de 30 de novembro de 2007). *AAS*. 99 (2007) 986-988.

²⁶⁰ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65.

²⁶¹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 123.

²⁶² A este propósito, é curiosa expressão de André Manaranche: «Jesus torna-se a minha própria biografia»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 34.

«Vós, caríssimos irmãos, ides ser ordenados (...) para este tempo novo, tempo favorável aos colaboradores de Deus, investidos desta missão única, irrenunciável, e insubstituível na Igreja. Sede humildes, constantes e generosos. Sois semente de um tempo novo em que a abundância da colheita nos parece longínqua e distante. Semear ao bom jeito da parábola evangélica será sempre o nosso designio cristão indeclinável, o nosso paradigma pastoral permanente e a nossa tarefa apostólica irrecusável»²⁶³.

Esta dimensão pessoal de missão, intrínseca à própria pessoa, torna-se evidente na capacidade de amar a Deus e de servir (a)os irmãos, tendo em conta a plena consciência da grandeza da própria vocação e missão: «sei que é grande a missão (...), mas vou com alegria e generosidade ao vosso encontro para amar a Deus e vos servir»²⁶⁴. Os verdadeiros pastores, aqueles que vivem a vocação e a concretizam na missão em prol dos outros irmãos, assumem-se, para D. António, como os que vivem para os outros, na doação pela ação, sinal da vivência, isto é, interior adesão e configuração ao plano de Deus em Cristo: «[os] verdadeiros pastores (...) “não se apascentam a si mesmos, mas souberam esconder-se, diminuir-se, descentralizar-se, para alimentar de Cristo a família de Deus”. Pastores a “quem nunca faltou a coragem serena de confessar que ‘é preciso trabalhar (...) pelo alimento que perdura e dá a vida eterna’ (Jo. 6, 27)”»²⁶⁵.

Ao se responder positivamente à missão a que se é chamado desde antes do nascimento (cf. Jer. 1, 4-5; Ef. 1, 4-5), o homem equipara-se aos discípulos e assume-se como servidor da ação de Deus, em Cristo. É este o centro íntimo da vida sacerdotal²⁶⁶:

«Quando respondemos “Sim” ao chamamento divino, então Jesus diz-nos, como outrora pediu aos discípulos: “Faz-te ao largo; sê servidor do meu povo; sê pastor do meu rebanho; reparte os pães e os peixes, que o milagre multiplicou; cuida dos pobres e cura os doentes, que encontras no caminho; alimenta o povo com o teu trabalho; sacia-o com a Palavra de Deus e com o Pão da Vida”»²⁶⁷.

Todavia, neste caminho de discernimento e de crescimento vocacional, podem-se fazer soar e ressoar aos ouvidos do homem sinais de quebra, de queda, de desolamento; contudo, tudo o que de negativo pode acontecer na vida, não deve ser motivo de

²⁶³ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 117.

²⁶⁴ Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

²⁶⁵ Homilia da Eucaristia de memória dos Bispos, Sacerdotes e Diáconos do Porto (29/09/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 62-63.

²⁶⁶ Cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría: Teología y espiritualidad del sacramento del Orden*. 3ª r. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018, p. 734-742.

²⁶⁷ Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96.

desânimo. Deve ser, em sentido inverso, sempre a causa, a possibilidade e a certeza de um maior e melhor aprofundamento da fé em Cristo:

«A experiência do limite, da fragilidade e da ansiedade perante o excesso do trabalho, as exigências do tempo, os desafios da cultura, as incompreensões do mundo não nos lançam para fora da fé, mas inserem-nos mais profundamente no dinamismo do processo salvífico de Deus e tornam-nos participantes do mistério da cruz, fonte de salvação, certeza da Páscoa e caminho de vida. E do alto da cruz que se alargam os horizontes maiores da redenção da humanidade. E é de redenção que o mundo precisa. É de Deus que a humanidade carece. São profetas da esperança que o mundo aguarda»²⁶⁸.

Apesar de tudo e por tudo, «urge continuar a abrir caminhos na cultura do nosso tempo para este modo generoso de viver (...) nos mais diversos lugares de missão, que a Igreja vos [aos presbíteros] confiou»²⁶⁹.

A missão do pastor, do verdadeiro pastor, é “ir em missão”, ir ao encontro dos povos e inculturar a fé: «é nossa missão ir ao encontro das gentes (...) e partindo da sua abertura de alma, valorizando a sua cultura laboriosa e conhecendo o seu carácter único, (...) inculturar a fé»²⁷⁰.

Sinal belo da unção missionária do pastor é a alegria e a bondade sem limites:

«Somos ungidos com o óleo da alegria para fazer sentir nas comunidades e irromper no mundo a bondade, a ternura e a misericórdia de Deus. É o bálsamo desta unção de esperança, de bondade e de misericórdia que o mundo hoje mais precisa.

Fomos ungidos para andarmos com Jesus e como Jesus anda: fazendo o bem, desinstalando-se de comodismos vazios de sentido, desapagando-nos de seguranças efêmeras, aprendendo diariamente a fazermos-nos ao largo, a passarmos a novas margens, a subirmos à Galileia ou a descermos com Jesus a Jerusalém»²⁷¹.

«O segredo da missão consiste hoje em fazer dos evangelizados evangelizadores, dos chamados mensageiros e dos discípulos missionários. Só a missão recebida do Espírito de Deus, aprendida com Cristo e vivida em comunhão tem o poder mobilizador de unir toda a Igreja e de lhe dar novo rosto, acrescido encanto e garantida esperança. Anunciar a boa nova e transmitir a fé não é uma opção. É um imperativo. É um ministério a que todos somos chamados pela ousadia dos profetas e pela urgência evangelizadora recebida de Jesus»²⁷².

²⁶⁸ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 118.

²⁶⁹ Homilia no Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 154.

²⁷⁰ Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 112; cf. Homilia de Domingo de Ramos (29/03/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 94.

²⁷¹ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 120; cf. Homilia na Ordenação de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

²⁷² Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 161-162; cf. FERNÁNDEZ FARES, Diego Javier – *El Olor del Pastor: El ministerio pastoral en la visión del papa Francisco*. Cantabria: Sal Terrae, 2015, p. 82. Noutra passagem, D. António menciona que «quem evangeliza é o primeiro a ser evangelizado e quem anuncia a alegria da fé recebe, em recompensa, mais alegria e mais fé»: Mensagem à Diocese (28/07/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 341.

Os pastores, sob a ótica de D. António Francisco (e defendido também por Diego Fares²⁷³), são os unguídos para ungir; a unção não é para o pastor se perfumar a si próprio, mas para deixar que os outros respirem do mesmo ar que ele próprio respira: «o odor (...) adquire-se quando o pastor está no meio do seu povo»²⁷⁴. A Boa Nova necessita, conseqüentemente, de ser anunciada com uma urgência irresistível, resultado de uma confiança em Deus e concretizada no serviço aos outros:

«A Boa Nova tem de ser proclamada com um sentido de urgência irresistível, com uma profunda confiança em Deus e com uma incontida doação no serviço ao seu povo.

É neste contexto que somos unguídos para pregar, consolar, dar coragem e esperança a quantos estão subjugados pela dura realidade da vida presente. Também nós fomos unguídos para levar a Boa Nova aos pobres, a vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos. É-nos impossível concretizar, sozinhos, esta missão. Na nossa fraqueza e nas nossas limitações, conforta-os a certeza da audácia de Deus que nos chama a participar do seu sacerdócio e a sermos no meio deste povo sacerdotal portadores de tesouros da graça e do amor de Deus»²⁷⁵.

«A Missa Crismal, na qual o óleo nos é apresentado como linguagem da criação de Deus, fala-nos particularmente a nós sacerdotes. Fala-nos de Cristo que Deus ungiu como Rei e Sacerdote; d’Ele que nos torna participantes do seu sacerdócio, da sua unção, na nossa ordenação sacerdotal. O óleo consagrado é sempre sinal da misericórdia de Deus. Por isso, a unção para o sacerdote significa sempre a missão de levar a misericórdia de Deus aos homens: “Na lâmpada da nossa vida não devia faltar o óleo da misericórdia e o óleo da alegria”»²⁷⁶.

Com a capacidade de «ao mesmo tempo – recordar – a nós sacerdotes que vivemos em estreita relação com todo o povo de batizados porque somos cristãos com eles (...) e que além disso fomos constituídos em benefício de todo o povo de Deus. E isto comprometemo-nos a seguir Cristo mais de perto e com maior fidelidade. Com a nossa fidelidade aos compromissos sacerdotais e com o gosto de vivermos plenamente a beleza do nosso ministério, no seguimento de Cristo, alegremente dedicados ao serviço dos outros, podemos sustentar os nossos irmãos na fidelidade aos seus deveres»²⁷⁷.

²⁷³ Cf. FERNÁNDEZ FARES – *El Olor del Pastor*, p. 30-31.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 42; cf. Homilia na Peregrinação dos Frágeis (17/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 160-161.

²⁷⁵ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 130; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 161-162. A este propósito, diz-nos George Augustin: «o Evangelho é a Boa-Nova para os pobres. O anúncio do Evangelho é a tarefa primordial da Igreja»: AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 102. Numa outra obra, diz este mesmo autor: «nesse contexto [refere-se à tarefa missionária primordial], será de grande importância saber se o caminho de fé cristão é assumido como um genuíno caminho de libertação. (...) A fé tornar-se-á então atrativa e uma mais-valia existencial para a Humanidade. (...) Onde a nossa fé é viva e o nosso amor urgente iremos conseguir transmitir a mensagem da salvação com alegria e confiança»: AUGUSTIN, George – *Eu sou uma missão: Testemunho cristão da vida*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019, p. 131.

²⁷⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 137; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 64.

²⁷⁷ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 136.

Empreendendo(-se) que o testemunho missionário suscita vocações²⁷⁸, para D. António os presbíteros são chamados de «pastores e guias de uma humanidade que não parou no tempo, que não é estática e que não se pode fechar aos desafios da cultura. Somos chamados a compreender, acompanhar e iluminar este caminho de humanidade»²⁷⁹. É por tudo isto que, como continua D. António, o pastor só o é totalmente na medida em que tiver a capacidade de caminhar com o povo, sendo para ele mestre e guia, aprendiz:

«Caminhai com o povo (...) como profetas de Deus e como discípulos de Jesus, com simplicidade e com humildade. Deixai-vos trabalhar pela pedagogia pastoral que Jesus ensinou, agora renovada e continuada no horizonte alargado da missão. (...) O Senhor cuida de nós. Só Ele basta. Ele acalenta os nossos sonhos e alivia os nossos cansaços. Ele nem sequer recusa lavar os nossos pés, para que diariamente possamos caminhar com novas forças. O Senhor lava-nos e purifica-nos, se recorrermos também nós à sua misericórdia. Vivei sem medo e sem culpas para servirdes na alegria o povo que Ele vos confiará. Deus estará convosco sempre até ao fim dos tempos»²⁸⁰.

É desta capacidade de entrega aos irmãos que se pode mudar o mundo, mudar a forma de se (re)pensar e de se (re)viver a fé: «a este esforço da humanidade e de transformação do mundo (...) é imprescindível o testemunho da sobriedade, da justiça, da solidariedade e da limpidez da alma cristã, nesta matriz cultural onde o futuro da Europa se deve enraizar de novo»²⁸¹.

3.5.2 A beleza da fidelidade do pastor

Hodiernamente (de)marcados por uma cultura que está decididamente circunscrita pelo narcisismo, pela capacidade de tornar débil o sentido de pertença, por privilegiar a individualidade, por não consolidar a confiança e por ter Deus na margem da vida²⁸², a capacidade de se estabelecer um compromisso que seja e que dure para toda a vida torna-se numa realidade difícil de assumir, de crer para a vida, de ser acreditado para sempre.

²⁷⁸ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 127; Ordenações de diáconos e presbíteros (02/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 135.

²⁷⁹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 145.

²⁸⁰ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76-77. A este propósito, leia-se o excelente e pertinente texto de Diego Fares intitulado «pastores que caminan y conducen una Iglesia en salida»: FERNÁNDEZ FARES – *El Olor del Pastor*, p. 47-56.

²⁸¹ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 78.

²⁸² Cf. URIARTE GOIRICELAYA, Juan María; CORDOVILLA PÉREZ, Ángel; FERNÁNDEZ-MARTOS, José María – *Ser sacerdote en la cultura actual*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010, p. 20-48; URIARTE GOIRICELAYA, Juan María – *Servir como pastores: Claves de la espiritualidad sacerdotal*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 2019, p. 81-88.107-108; IDEM – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 138-139.143-146.

Compreendendo que estrutura da fidelidade pode ser assimilada em quatro grandes pilares – a confiança, o amor, a adesão perpétua e o compromisso definitivo²⁸³ – verifica-se que «o compromisso para toda a vida é uma das dimensões da existência presbiteral. Reclama uma fidelidade que, longe de ser uma obstinada perseverança²⁸⁴, é “o amor que resiste ao desgaste do tempo”»²⁸⁵.

«O mundo olha-nos com alguma surpresa, a estranha surpresa sentida diante de quem é chamado a ser testemunha e dispensador de uma vida diferente da terrena. Mas o mundo olha-nos igualmente com uma imensa gratidão quando nos sente modelados pela oração e pela palavra de Deus e portadores de uma anúncio esclarecido, acolhedor, fraterno e misericordioso da boa nova da salvação.

É este mesmo mundo que nos procura na ânsia de quem o ajude a descobrir sinais de orientação para o sentido da vida para a busca de felicidade e de bem-aventurança, para gestos de comunhão e de fraternidade e para o serviço generoso e solidário dos pobres e dos que sofrem.

Mas a eficácia da resposta que de nós espera o mundo está em Cristo, do mesmo modo que em Cristo reside o segredo da vocação, da fidelidade e da alegria do sacerdote»²⁸⁶.

Os sacerdotes, diante da realidade – e atualidade – do mundo são os «escolhidos por Deus para um ministério de serviço à Igreja para o bem de todos»²⁸⁷.

3.5.2.1 Da Fidelidade de Cristo à fidelidade do pastor

De Deus-Fidelidade, a fidelidade de Cristo é modelo da fidelidade do pastor²⁸⁸; do modelo perfeito de obediência, de fidelidade, o verdadeiro pastor deve ser imagem e semelhança (cf. Gen. 1, 26) do Filho de Deus. Diz-nos D. António: «tem particular sentido meditar a verdade das palavras do Mestre: “sem Mim nada podereis fazer” (Jo. 15, 5). É na fidelidade de Cristo ao Pai que o sacerdote apre(e)nde a razão da sua própria missão e alicerça o segredo da sua igual fidelidade»²⁸⁹. Todavia, esta fidelidade apenas se alcança quando se tem cuidado consigo próprio²⁹⁰, sabendo que da vivência pessoal se reflete a harmonia e simetria comunitária. Na escola dos discípulos do Mestre aprendemos que a

²⁸³ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 92-99.

²⁸⁴ Para Juan María Uriarte, a “fidelidade” distingue-se da “perseverança”: o homem é perseverante quando o tempo que passou não desgasta a adesão; a fidelidade vai mais além: é uma perseverança por amor: cf. *ibidem* – *Servir como pastores*, p. 94-95.

²⁸⁵ URIARTE GOIRICELAYA; CORDOVILLA PÉREZ; FERNÁNDEZ-MATOS – *Ser sacerdote en la cultura actual*, p. 27.

²⁸⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90-91; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

²⁸⁷ Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 155.

²⁸⁸ Cf. URIARTE GOIRICELAYA – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 140-142.149.

²⁸⁹ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 110.

²⁹⁰ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 58.

fidelidade se assume como um processo de discernimento no conhecimento progressivo entre o Mestre e os discípulos:

«A vocação é sempre um mistério de conversão e um milagre de perseverança. Para assim compreender a vocação basta reconduzirmo-nos à escola dos discípulos de Jesus. Para aceitar, importa olharmos para nós mesmos e reconhecermos com humildade, com confiança e com serenidade que a mão de Deus nos conduz e diariamente nos fascina o desejo de seguir o Mestre. Só o que é definitivo nos torna felizes e nos abre horizontes de doação sem limites e de entrega sem cálculos, “dando profeticamente testemunho de Cristo e da sua mensagem libertadora de salvação”»²⁹¹.

Perseverança e dedicação são as categorias a que a capacidade de se crescer e se assumir a fidelidade compreendem:

«Com alegria e vontade determinada, queremos renovar a nossa fidelidade sacerdotal e desejamos perseverar com coerência e dedicação no serviço pastoral de Cristo. Vejo nesse olhar das comunidades cristãs e do mundo que nos rodeia, nestes tempos difíceis que vivemos, o desejo de ver na Igreja o sinal de esperança que procuram naqueles que a servem e o testemunho vivo de Jesus Cristo a convidar-nos a firmar os nossos passos no que é verdadeiramente essencial»²⁹².

A fidelidade do verdadeiro pastor é fundada e está fundamentada em Cristo, sendo Ele o primeiro e o único modelo, como já dissemos, de obediência, de fidelidade e de configuração ao Pai (cf. Lc. 22, 42). Assim sendo, os sacerdotes, enquanto presbitério, devem-se comprometer em seguir a Cristo, o Bom Pastor, na beleza da caridade pastoral como a autêntica meta da própria vocação ordenada:

«A eficácia da resposta que de nós espera o mundo não está em nós, está em Cristo, do mesmo modo que em Cristo reside o segredo da nossa vocação, a âncora da nossa fidelidade, e a beleza da nossa identidade como presbitério»²⁹³.

«Compromete-nos a seguir a Cristo mais de perto e com maior fidelidade. Com a nossa fidelidade aos compromissos sacerdotais e com o gosto de vivermos plenamente a beleza do nosso ministério no seguimento de Cristo, alegremente dedicados ao serviço dos outros, podermos sustentar os nosso irmãos na fidelidade aos seus deveres humanos, familiares, profissionais e cristãos»²⁹⁴.

É desta vida de doação, de configuração até à comunhão com o Único Mestre que o pastor é chamado a viver, a cultivar e a fundamentar nas suas orações, no seu serviço pastoral e, em concreto, na relação com os irmãos: «a vida do homem é tempo de uma

²⁹¹ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 62-63.

²⁹² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 138.

²⁹³ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90-91.

²⁹⁴ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 136.

consagração, é o desdobramento de uma liturgia laboriosa feita à nossa custa»²⁹⁵. Verdadeiramente, o pastor é chamado, pela verdadeira fidelidade, a ser profeta da esperança do encontro com Cristo:

«Nesta vida e nesta vocação, com origem mas sem ocaso, encontra o sacerdote as razões da sua alegria e da sua fidelidade, sabendo que é sempre envolto em mistério toda a sua vida e feito de despojamento, muitas vezes heroico, o seu caminho de doação»²⁹⁶.

«Encontrar Deus significa saborear a alegria da descoberta deste tesouro escondido e olhar com fascínio a beleza desta pérola encontrada. (...) A descoberta do reino de Deus muda, também hoje, a vida de quem o descobre e justifica que se deixem todas as coisas para se adquirir aquela que basta. O reino de Deus está em Jesus, na sua vida, na sua mensagem, na sua cruz, de que a Igreja é sinal e presença»²⁹⁷.

«É do alto da cruz que se alargam os horizontes maiores da redenção da humanidade. É de redenção que o mundo precisa. É de Deus que a humanidade carece. São profetas da esperança que o mundo aguarda»²⁹⁸.

A fidelidade a Cristo torna o ministro num verdadeiro cristão, vendo-se nele um exemplo de crescente, ciente e confiante, amor a Deus na beleza da vivência quotidiana: «só pisando (...) o chão sagrado desta nossa terra somos capazes de compreender o sentido e a verdade de tantas palavras proféticas, de tantos gestos heroicos, de tantas vidas despojadas, do dom do ministério sacerdotal e da beleza do reino de Deus que vós fazeis crescer»²⁹⁹. Isto mesmo viveu Maria; ela que se nos surge como o mais feliz e conseguido modelo de discipulado que, na fi(d)el(i)dade de todos dos dias, se torna cada vez mais e melhor a imagem da Igreja³⁰⁰.

3.5.2.2 A fidelidade do pastor no testemunho da esperança

Conscientes de que o tempo exige perseverança³⁰¹, a plena e verdadeira vivência da fidelidade na vida sacerdotal torna-se incentivo para os pastores mais novos; assumindo que é Cristo o Eterno Pastor, o pastor é chamado a ser modelo da fidelidade que tem com Cristo na relação com os outros:

«As vocações que esperamos pedem-nos tempo, exigem-nos trabalho e perseverança e têm direito a encontrar em nós o exemplo da alegria e do testemunho da fidelidade»³⁰².

²⁹⁵ MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 37.

²⁹⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90.

²⁹⁷ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 462.

²⁹⁸ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 118.

²⁹⁹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 87.

³⁰⁰ Cf. Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 120.

³⁰¹ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 146.

³⁰² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 104.

«Que o exemplo da vocação, de fidelidade e de santidade de quem vive a alegria de ser padre se faça estímulo, incentivo e alento para quem agora inicia o caminho rumo ao horizonte. Nunca esqueçamos que é Cristo que chama, que convoca, que atrai, que seduz e que converte. Mas não ignoramos também que somos chamados a esta mediação de vocação com o nosso testemunho de pastores, sacramentos de Cristo, Bom Pastor»³⁰³.

A vivência do ministério sacerdotal na comunhão presbiteral torna-se mais fácil para o pastor: «queria que esta minha alegria pela Igreja que somos e pela unidade e comunhão que testemunhamos seja (...) fonte da vossa alegria e da vossa fidelidade»³⁰⁴.

Desta vivência e convivência presbiteral sustenta-se a esperança na fidelidade na missão:

«Demos prioridade ao testemunho de santidade onde a fidelidade se fortalece e o louvor a Deus pelos sacerdotes que nos envia encontra pleno sentido»³⁰⁵.

«Convosco, irmãos sacerdotes, quero viver a alegria da vossa fidelidade e do vosso testemunho e dou graças pelo dinamismo permanente que a missão de todos exige»³⁰⁶.

«Sois vós mesmos, testemunhas da autenticidade da Palavra e destinatários deste elogio de Jesus que bendiz o Pai porque Ele revelou grandes verdades aos pequenos e ofereceu tesouros imensos aos simples»³⁰⁷.

Percebendo que «urge dar testemunho de Cristo ressuscitado em todos os domínios da existência humana, como campo natural da missão dos cristãos»³⁰⁸, é da fidelidade alicerçada na comunhão presbiteral que a Igreja pode ser modelo de fidelidade à Cabeça, Cristo (cf. Rom. 16, 4.5.16; 1Cor. 1, 2.4, 17; 2Cor. 1, 1.8, 23; Gal. 1, 22; Ef. 1, 22.3, 21; Col. 1, 18.24; 1Tes. 1, 1; 2Tes. 1, 1), e sinal de esperança para os que procuram, nela, o coração de Cristo, o Bom e Eterno Pastor:

«Com alegria e vontade determinada, queremos renovar a nossa fidelidade sacerdotal e desejamos perseverar com coerência e dedicação no serviço pastoral de Cristo. Vejo nesse olhar das comunidades cristãs e do mundo que nos rodeia, nestes tempos difíceis que vivemos, o desejo de ver na Igreja o sinal de esperança que procuram naqueles que a servem e o testemunho vivo de Jesus Cristo a convidar-nos a firmar os nossos passos no que é verdadeiramente essencial»³⁰⁹.

³⁰³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 93; cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 100.

³⁰⁴ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 106.

³⁰⁵ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 111.

³⁰⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 147; cf. Homilia na Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 98.

³⁰⁷ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 97-98.

³⁰⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 303.

³⁰⁹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 138; cf. Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 121.

«Queremos viver a fidelidade a Deus com alegria e entusiasmo. A renovação das promessas e dos compromissos sacerdotais têm (...) esse sentido diante de Deus e assumem diariamente esse sinal visível diante da comunidade»³¹⁰.

«A Igreja pede-nos, a nós sacerdotes, que fixemos em Jesus o nosso olhar e renovemos as nossas promessas sacerdotais, que nos recordam o dia em que fomos constituídos pastores da Igreja ao serviço dos nossos irmãos. Com alegria e vontade determinada, queremos renovar a nossa fidelidade sacerdotal e desejamos perseverar com coerência e dedicação no serviço pastoral dos ministros de Cristo»³¹¹.

«Contemplamos e agradecemos a beleza da Igreja que somos e do ministério a que fomos chamados. A liturgia (...) permite-nos passar para lá da nossa consciência individual e une-nos ao povo de Deus, às famílias (...), às comunidades cristãs, aos consagrados(as), aos diáconos e ao presbitério desta Igreja»³¹².

A vivência da fidelidade a Cristo e aos irmãos torna-se testemunho de esperança na vida do pastor. Através da oração e da contemplação, o pastor alcança a autêntica vida fiel a Deus, em Cristo, nos irmãos: «sede perseverantes na oração e na contemplação de Deus, porque aí mora o segredo da vossa fidelidade. A oração é, sempre, a escola do amor que sentimos por Deus, pelos outros, pelo mundo»³¹³. Tal como nos sugere Juan María Uriarte, «a fidelidade é amor que resiste ao desgaste do tempo, às resistências interiores e aos embates exteriores»³¹⁴. Assim se pode compreender, nas palavras do papa Bento XVI, a oração como «escola da esperança»³¹⁵.

A propósito da celebração do dia do consagrado, D. António apontou algumas linhas sobre a ver(aci)dade do testemunho de esperança que também podem ser elucidativas para a vivência pastoral. De entre tudo o que se pode ler, sinaliza-se a pertença a Deus em Cristo, sinal de autenticidade e de veracidade na relação com os irmãos:

«O mundo necessita deste testemunho e a sociedade do nosso tempo procura sinais credíveis, ousados e luminosos do Evangelho. Pertence a todos os batizados dar este testemunho e revelar os sinais desta presença de Deus. Eles, tornam-se, porém, mais visíveis e explícitos, mais generosos e radicais, mais apelativos e transformadores no rosto e na vida, na vocação e na missão dos consagrados e consagradas.

³¹⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 124.

³¹¹ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65.

³¹² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 146; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 87.

³¹³ Homilia de Ordenação de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76. Por seu lado, Joseph Ratzinger usa a expressão “escola do amor” para se referir à Eucaristia: cf. RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Os Sacramentos: sinais de Deus no Mundo*. Cascais: Lucerna, 2020, p. 57.

³¹⁴ URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 8.

³¹⁵ Cf. *Spe Salvi*, n.º 32-34. *AAS*. 99, 1011-1013; cf. SARAH, Robert – *Deus ou nada: entrevista sobre a fé*. Cascais: Lucerna, 2016, p. 241.

Num reino de mediocridade e de vazio, num tempo de recusas fáceis e frequentes da verdade e da exigência e numa sociedade a braços com a falta de compromissos estáveis e de fidelidades fecundas, o seguimento de Cristo (...) abre caminhos felizes de radicalidade evangélica, de renúncia e de desapego, de liberdade e de encanto, de coragem e de dom.

Pertencer a Deus é ser totalmente de Cristo não é uma fuga ao mundo ou uma rutura com o humano. É sim uma autêntica profissão de fé n'Aquele "que se tornou para nós sabedoria por obra de Deus, bem como justiça, santificação e redenção" (1Cor. 1, 30). Deixemo-nos modelar por Ele que é vida por nós entregue e Sangue por nós derramado. (...)

Se rezamos com fervor e se estivermos atentos ao bem realizado pela Igreja no mundo, ao testemunho evangélico semeado ao longo dos séculos e às necessidades e urgências da sociedade contemporânea, facilmente nos apercebemos que nas cores da beleza e de bondade de tantas formas manifestadas e por tantas comunidades repartidas estão, em permanência, os tons da vida serena e fecunda dos contemplativos, da ousadia da vida (...) ativa e da doação evangelizadora (...) no meio do mundo. A radicalidade da entrega ensinanos que mais do que contabilizar o que se dá ou a avaliar o que se faz, importa dar tudo dando-nos a nós mesmos»³¹⁶.

3.5.3 O pastor, sentinela da esperança

Atendendo a toda a envolvimento contemporânea, a capacidade de formar um verdadeiro pastor torna-se num desafio permanente. Contudo, para que dessa mesma formação se advenha um pastor com a capacidade de ser "sentinela da esperança", torna-se particularmente importante que ele adquira a aptidão do conhecimento da situação, passe à interpretação da mesma situação para chegar a um verdadeiro e autêntico discernimento evangélico³¹⁷:

«Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático»³¹⁸.

Partiremos da esperança quotidiana, passando pelo presbitério como sinal de unidade de esperança até desaguar na Igreja, como a verdadeira porta(dora) da Esperança, da Salvação, isto é, de Cristo, sempre conscientes de que, como nos afirma D. António: «tempo de esperança é tempo de fidelidade renovada, de autenticidade generosa e de luz

³¹⁶ Dia do Consagrado (23/01/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 57-59; cf. Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 77. Aqui, tornam-se particularmente interessantes as palavras do padre George Augustin: «é mais fácil dar-mo-nos por satisfeitos com um minimalismo teológico do que praticar um humanitarismo maior e a transparência cristã»: AUGUSTIN – *Por uma Igreja "em saída"*, p. 89.

³¹⁷ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 10. AAS. 84, 671-673.

³¹⁸ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n.º 4. AAS. 58 (1966) 1027.

de santidade que a partir da vida dos discípulos missionários de Jesus e dos mensageiros da alegria do seu evangelho ilumina os caminhos daqueles que porventura se encontram longe da Igreja ou distantes da vida das comunidades»³¹⁹.

3.5.3.1 A esperança quotidiana

«Quando te sentes esmagado pelo sofrimento, levanta o olhar para a cruz, abraça-a, e fica em silêncio, como Maria»³²⁰. Nos nossos dias e diante dos nossos olhos, podemos verificar que, à cultura contemporânea, é-lhe intrínseco o medo, o medo de sofrer: «vivemos apreensivos diante dos riscos que pesam sobre o homem, sobre o ambiente, sobre a segurança dos cidadãos ou mesmo sobre a natureza»³²¹. Não obstante, a resposta de fé para todas estas questões advém-nos no Cristianismo: «o cristianismo deve oferecer-nos uma luz de esperança. O cristão não é uma pessoa estranha nem extraordinária mas simplesmente alguém que acolhe e respeita a vida como um dom, que acredita em Jesus de Nazaré e que interpreta os acontecimentos à luz da fé, com renovada esperança»³²².

³¹⁹ Homilia na Festa de S. Brás (03/02/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 74.

³²⁰ VAN THUAN, Francisco Xavier Nguyen – *O Caminho da Esperança: testemunhar com alegria a pertença a Cristo*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 148. A respeito da cruz, D. António atenta: «a cruz era a única resposta compatível com a sua vida [refere-se a Jesus], vértice da sua missão e chave dos seus ensinamentos. A cruz era a sua herança humana e o seu cálice de bênção para o mundo. A cruz é, para nós, o grande mistério e o lugar onde o sonho de Deus sobre a Humanidade se cumpre. Aqui se realiza a humana utopia de um Reino novo, onde o pecado é vencido e a morte é destruída para sempre. A partir daqui, Deus reinará para sempre pela cruz do Seu Filho. (...) É no mistério redentor da cruz que culmina na Páscoa que a Humanidade será salva. É através deste mistério redentor que a Igreja se sente enviada a proclamar a salvação a todos os povos e a libertação aos oprimidos e aos que sofrem. É de olhar voltado para a cruz de Cristo, que a Igreja é chamada a viver em permanente atitude profética, decidida a percorrer o seu caminho na pobreza e na humildade, no despojamento e na entrega, capaz de dar espaço alargado e ânimo consistente aos que se sentem pequenos e pecadores. (...) A cruz revela (...) o mistério da (...) redenção e aponta (...) o caminho da Igreja (...). A cruz é o estandarte da liberdade diante do medo do futuro; é um hino à libertação diante do mal; é a voz dos inocentes que finalmente são ouvidos. Do alto da cruz desponta esta contínua e libertadora Boa Nova que é a Boa Nova da vida, da liberdade e da comunhão feliz entre irmãos; a Boa Nova do perdão, da misericórdia e da ternura de Deus. A cruz é para muitos que sofrem o único “trono da graça”, onde encontram a serenidade e a paz, o conforto e a esperança. A cruz é (...) a síntese mais legível do Evangelho, porque nela se escrevem as bem-aventuranças do reino. Como poderiam ser felizes os pobres, os humildes, os simples, os misericordiosos, os puros de coração, os construtores da paz e os obreiros da justiça sem este mistério paradoxal e redentor da cruz de Cristo e da certeza da Páscoa? A cruz é a chave que abre a porta da Páscoa. O túmulo aberto do Ressuscitado diz-nos da certeza da vitória da vida sobre a morte e da graça sobre o pecado. A Páscoa cristã, que a morte de Cristo anuncia e aproxima, vivida e celebrada nestes tempos convulsos em que nos encontramos, traz-nos à lembrança aquela bela expressão que era recordada aos judeus por ocasião da Páscoa: “em tempos de opressão, não falte a esperança de liberdade! Em tempos de liberdade, não se apague a lembrança da escravidão”. A cruz do Bom Jesus fala-nos da beleza da identidade cristã e ensina-nos a ser cireneus aliviando o peso da dor de tantos irmãos e irmãs, para que não falte a esperança da liberdade aos que procuram Deus no rosto de Cristo Crucificado»: Homilia da Festa do Senhor de Matosinhos (10/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 85-86.

³²¹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 102.

³²² Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 102; cf. *Spe Salvi*, n.º 1-3. *AAS*. 99, 985-988; VAN THUAN – *O Caminho da Esperança*, p. 62.

Da atitude crente deve nascer a capacidade de se criar o “homem novo”:

«É tempo de não nos perdermos em grandes e muitas vezes inúteis e estéreis análises do que se vive e se passa no mundo. Todos conhecemos os malefícios da crise e os contextos das situações difíceis que o mundo vive, em famílias desempregadas, pobres às nossas portas, em ambientes de ansiedade e insegurança, em situações de medo do amanhã. Tudo isso nos é presente e consciente»³²³.

A missão do cristão, e em particular do pastor, tem como primeiro – e único – objetivo a partilha da alegria da esperança³²⁴:

«Temos um olhar novo sobre a vida e sobre a história. Fomos criados por Deus para a vida e para a felicidade. Convido-vos a distribuirmos as riquezas da graça impressas e expressas no acolhimento fraterno, na escuta orante da palavra de Deus, na celebração dos sacramentos, na aproximação de Deus e nos comportamentos éticos de uma vida coerente com a sua fé. Somos chamados a ser sentinelas vigilantes colocadas na aurora de um mundo novo, mais atentos aos valores novos que começam a germinar do que preocupados com os tempos de outrora que estão a ruir.

Não tenhamos medo das bem-aventuranças do Reino, por mais fáceis que sejam a dizer e por mais difíceis que sejam a realizar. Tenhamos a ousadia de acreditar que as bem-aventuranças são possíveis. Animam-nos sempre a preocupação pelo bem comum e a coragem da verdade mesmo quando um e outra se tornam sofridos e dolorosos»³²⁵.

3.5.3.2 O presbitério, unidade de esperança

A cada ano que se passa, as ordenações refletem a esperança de Deus a atuar em cada neo-presbítero. Este crescimento tem a sua base no Evento Pascal de Cristo, sendo (d’)Ele a concretização do sonho de se viver e a garantia de conviver com os outros irmãos no ministério ordenado, naquilo que é o «testemunhar a alegria da gratidão e da esperança»³²⁶:

«Uma ordenação sacerdotal aliada à missão e ao ministério de cada um de nós tem o poder mobilizador de unir toda a Igreja na mesma missão e de lhe dar o encanto da alegria e o sentido da esperança, através da renovação espiritual, da educação da fé, da formação cristã e da ação solidária a favor da justiça e da caridade»³²⁷.

«Estamos aqui hoje todos para darmos graças a Deus pela vossa alegria e fidelidade, pela vossa vocação e missão e para vos dizermos a vós que em vós se espelha este mistério que habita no coração do sacerdote, mistério de amor a que Cristo vos associou, mistério da fé a abrir as portas da fé, da palavra de Deus e dos sacramentos da Igreja a tanta gente.

³²³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 102-103; cf. VAN THUAN – *O Caminho da Esperança*, p. 143-147.

³²⁴ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 124.

³²⁵ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 102-103.

³²⁶ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 81.

³²⁷ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 133.

Sois hoje e para o futuro padres que o mesmo Deus continua a chamar para serdes padres na Igreja de Jesus Cristo»³²⁸.

«A ressurreição é um grito de esperança que levará sempre os que acreditam no valor do sagrado da vida a defender uma cultura de vida. A nossa sociedade está em condições de tudo fazer para garantir dignidade à vida e oferecer espaços a tudo o que é humano. Só servindo a vida em todos os momentos e circunstâncias se pode desenhar e se deve decidir o futuro da Humanidade.

Jesus Cristo, ao ser elevado na cruz e ao vencer para sempre o desígnio da morte atraiu a Si a nossa humanidade e todo o universo. A fé cristã brota desta certeza inconfundível e enraíza-se neste solo inabalável. Vamos buscar à Pascoa a força para o sonho de viver e a graça para a coragem de acreditar na vida. Aí nascem as fontes da nossa alegria. Aí têm raízes as razões da nossa esperança cristã»³²⁹.

O pastor deve ser, segundo D. António Francisco, o semeador e sentinela da esperança, sinal presente e atuante do Evangelho que encarna na sua própria vida e que tem como fundamento a própria manifestação de Cristo:

«Se, por vós, celebro e proclamo a alegria da gratidão, porque o Senhor nosso Deus nos chamou a sermos “seus sacerdotes”, quero convosco ser incansável semeador da esperança de que as novas vocações, generosas e decididas, hão-de surgir (...). Animado pela esperança cristã, convido-vos, irmãos sacerdotes, a revelardes ao mundo, como presença viva do Espírito, a graça, a alegria e a beleza que Deus inscreveu na nossa vida de padres; a anunciardes Jesus Cristo com uma fé ardente e com um infatigável entusiasmo; a encarardes sempre a vossa missão como um serviço; a procurardes uma perceção atenta e constante das verdadeiras prioridades pastorais; a respeitardes os ritmos de vivência cristã e do aprofundamento do sentido da fé das comunidades, dos grupos e das pessoas. (...)

A nossa missão consiste em falar de Deus ao mundo e não em queixarmo-nos do mundo a Deus. O padre que é homem de Deus dado à Igreja e ao mundo nunca pode ser paladino do lamento e do pessimismo mas uma sentinela de esperança, da fé e da vida.

Pertence-nos como dom e como missão oferecer à sociedade e ao mundo um olhar de esperança sobre os acontecimentos, realidade e situações, um sinal de luz sobre a alegria e sobre a dor, um gesto de perdão sobre o pecado e sobre o medo e palavras e sacramentos de amor, de acolhimento e de vida aos que procuram Cristo e a tantos que se sentem famintos de Deus. (...)

Importa sabermos testemunhar a urgência e a profundidade de uma vida de oração para que a nossa entrega ao anúncio do Evangelho sejam reflexo do Divino que nos habita»³³⁰.

Compreende-se, então, o papel do pastor como portador da esperança cristã dentro da vida e da espiritualidade da comunidade: como guia, modelo de encontro com Cristo, sinal de semente de esperança na generosidade, na doação, na comunhão. Cabe ao pastor viver atento à voz de Deus, na solicitude ao serviço do Mestre, Cristo, e na capacidade de discernir no mundo sob o olhar de Jesus, o Filho de Deus Encarnado:

³²⁸ Homilia no Jubileu Sacerdotal (10/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 150-151.

³²⁹ Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 82.

³³⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 85-86.

«Procuremos a lucidez da sabedoria e a coragem da humildade que nos coloca no coração do mundo para aí plantarmos a loucura da Cruz e a alegria da Páscoa. (...) Pensemos em tantos outros que estão no limiar do regresso à comunhão da Igreja à espera que lhe franqueemos as portas do nosso coração, que são sempre portas de verdade e de fidelidade mas também de compaixão e de perdão. Cumpre-nos, sermos nas nossas comunidades pontes que consolidam o diálogo fraterno e suavizam tensões»³³¹.

3.5.3.3 A Igreja, porta(dora) da esperança

No germen da vivência eclesial, D. António menciona o seminário como a nascente de esperança da comunhão presbiteral: «é uma caminhada exigente e delicada esta, que os nossos Seminários estão chamados a fazer em Igreja, em ordem à formação dos futuros sacerdotes. Sinto que é uma caminhada com sinais visíveis de muita esperança. Os seminaristas de hoje são a nossa esperança, o nosso projeto, o caminho do nosso futuro!»³³². Das instâncias formativas, «a esperança surge (...) na Igreja (...) como presença irradiante da renovação que se deseja e do serviço aos mais pobres que realizamos»³³³. A esperança na vida eclesial tem a sua meta na unidade: «para que todos sejam um» (Jo. 17, 21):

«A esperança que quero levar no horizonte dos caminhos da Igreja do Porto, que nos foram abertos por Jesus Cristo, é a forma que encontro de traduzir desde o Antuã ao Ave, desde o Mar ao Marão, “*as boas notícias de Deus*”»³³⁴.

Para o pastor, viver com esperança torna-se numa “obrigação”, tendo em conta a capacidade desta esperança mudar o mundo e o modo de se relacionar com Cristo, e, desde Ele, com Deus; contudo, «a meta do nosso esforço é ganhar os seres humanos para que entendam o seu caminho vital como uma caminhada em direção a Deus e para que concedam espaço a Deus na configuração da sua vida»³³⁵. A vivência da esperança possibilita o conhecimento de Cristo, sendo Ele mesmo a razão da esperança humana.

³³¹ Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 85.

³³² Homília da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 50. Na sua alocução à diocese de Aveiro, aquando da nomeação, ele apontava: «terei sempre um especial carinho pelos seminários»: Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 18.

³³³ Homília da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 41; cf. Homília da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 449.

³³⁴ Homília da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 53; cf. Homília de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 131; Homília da Ordenação do diácono dehoniano Antonio Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 97-98.

³³⁵ AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 127.

Esta esperança torna-se, na vivência do pastor, como a certeza da vinda da cidade santa, a nova Jerusalém, esposa de Cristo:

«Viver com esperança é colocar-se ao lado do dom sagrado e inviolável da vida e luta pelo bem, pela verdade e pela justiça e abrindo a razão humana à força salvífica e evangelizadora da fé.

Viver com esperança é antever (...) um novo céu e uma nova terra e ver, no horizonte que nos envolve, essa cidade santa que somos chamados a construir desde já.

Viver com esperança leva-nos (...) a conhecer Jesus Cristo e centrar n'Ele as razões da nossa esperança que nos fazem (...) deixar o superficial e o transitório para nos fixarmos no definitivo e no eterno.

Viver com esperança consiste em construir, com encanto e determinação, o futuro inscrito na vida de uma cidade (...), sustentado em instituições com paradigmas de excelência e afirmado em todo o espaço eclesial de uma diocese (...) onde crescem os dinamismos e os valores da vida e da fé que impulsionam processos e percursos de nova evangelização.

Viver com esperança significa compreender a opção do despojamento da humildade e da cruz (...). Renunciando ao fausto do palácio real e às glórias do reino para se entregar com generosidade, alegria e fidelidade ao serviço pleno do reino de Deus, numa vida simples e santa»³³⁶.

4. As bem-aventuranças: sinal visível do Reino de Deus na (consagr)ação do Ministério

As bem-aventuranças são para Jesus o caminho para subir rumo ao encontro com o Pai, rumo à perfeição: verdadeiramente, aquele que exercita estas oito³³⁷ atitudes, participa da totalidade, da perfeição de Deus³³⁸. Como nos expõe o Papa Francisco:

«Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (...). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão. (...) A palavra “feliz” ou “bem-aventurado” torna-se sinónimo de “santo”, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade»³³⁹.

³³⁶ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 440.

³³⁷ O número “8” tem um sentido simbólico profundo. Agostinho de Hipona interpreta o número oito a partir da música – a oitava retoma o tom da base: assim, as oito bem-aventuranças estabelecem o homem, de novo, originalmente, na criação. O oitavo dia é igualmente o dia da Ressurreição, aquele que não conhece o caso. Assim, as bem-aventuranças colocam o homem em contato com o Criador e com a felicidade original, que os homens puderam experimentar no paraíso. Pode-se ainda falar nos batistérios, nas igrejas primitivas, que eram octogonais. Oito é o número da “nova ordem”, do “novo começo” e da transcendência divina. Nas oito bem-aventuranças, Jesus indica ao homem o caminho para o cimo, onde Deus está presente: cf. SALGUERO, Guiseppe – *Bienaventuranças Evangélicas*. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. por Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1983, vol. 1, p. 254.

³³⁸ Cf. GUARDINI, Romano – *O Senhor: meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 79-87; CASTELLANO CERVERA, Jesús – *Bienaventurança*. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1983, vol. 1, p. 251; SALGUERO – *Bienaventuranças Evangélicas*, p. 255.

³³⁹ Papa Francisco – *Alegrai-vos e exultai*. Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* sobre o Chamamento à Santidade no Mundo Atual. Prior Velho: Paulinas Editora, 2018, n.º 63-64.

Conscientes de que as bem-aventuranças apresentam uma interpretação que tem na finalidade uma orientação para a existência (presente³⁴⁰) do homem, para a sua própria felicidade (e não uma interpretação exclusivamente moral), procura(re)mos compreender as bem-aventuranças como caminho de exercício para uma vida bem vivida, conseguida, como arte da vida sadia, como arte de ser feliz, à semelhança de Cristo³⁴¹:

«Nesta cidade de nobres pergaminhos na defesa da liberdade e de reconhecido prestígio no campo do ensino, da ciência e da investigação, as bem-aventuranças oferecem-nos, em linguagem que o tempo não desgasta e em paradigmas que os séculos não destroem, uma das mais belas sínteses do Evangelho e Carta Magna de um humanismo integral, como proposta de paz, anúncio de esperança e semente de renovação»³⁴².

Nas bem-aventuranças, exprime-se a aspiração à felicidade que não cai no vazio, mas antes tem a sua concretização no futuro com Deus em Cristo: as bem-aventuranças são janelas que libertam o nosso olhar para as nossas aspirações a essa realidade diferente. Realmente, como nos atenta José Serna Coelho, «as bem-aventuranças são a chave da felicidade evangélica oferecida por Cristo. São o salmo de todos os que se tornam vinho novo pelas bodas da nova aliança»³⁴³. E continua D. António: «uma coisa é certa: encontrar Deus e colocar o nosso coração no essencial é ter a imensa fortuna de possuir o que o ser humano mais anseia e procura, que é a felicidade e a bem-aventurança»³⁴⁴.

Jesus, ao dizer «sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está no Céu» (Mt. 5, 48), aponta para a certeza de que, se se realizarem as oito virtudes, se participará em Deus. Então, o homem é totalmente como Deus, feliz como Deus, perfeito como Deus, livre como Deus, é-o verdadeiramente *makários* (“abençoado”, “alegre”):

«Este é um verdadeiro caminho de formação humana e de iniciação cristã. Com Jesus entramos no caminho do ser humano, no caminho do mistério de Deus e no caminho do Povo de Deus, que é a Igreja. Agarrados à mão de Jesus e fiéis à Sua palavra, que de nós faz discípulos, mensageiros e missionários, prosseguimos com alegria renovada no caminho da missão da Igreja enviada ao mundo»³⁴⁵.

³⁴⁰ Cf. MAGGIONI, Bruno – Bem-Aventuranças. In *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2004, p. 113.

³⁴¹ Cf. COELHO, Francisco José Serna – *Rezar as Bem-Aventuranças*. 3ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2014, p. 7.

³⁴² Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 41; cf. SALGUERO – *Bienaventuranças Evangélicas*, p. 253. De entre os escritos de D. António, transcrevemos uma expressão que nos chamou à atenção: «a paz é bem-aventurança do Evangelho e tesouro do Mundo»: Homilia na Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, 50º Dia Mundial da Paz (01/01/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 65.

³⁴³ COELHO – *Rezar as Bem-Aventuranças*, p. 15.

³⁴⁴ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 461-462.

³⁴⁵ Apresentação – Caminhada das Bem-aventuranças (21/09/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 351.

Partindo das bem-aventuranças como um projeto de Deus para o ser humano, idealizado e já plenamente concretizado em Cristo, iremos compreendê-las como evangelho do nosso tempo, como padrão da vida ministerial, como uma (con)figuração real e dinâmica na vida do pastor:

«As bem-aventuranças são o código evangélico de santidade na qual se inspiram e ao qual permanecem fiéis até ao fim aqueles a quem a Igreja recorda com tanta veneração e amor”. Podemos concluir (...) que as bem-aventuranças são caminho de santidade pela identificação com Jesus de Nazaré, pois “as oito bem-aventuranças são o retrato mais perfeito de Jesus: pobre, manso, misericordioso, construtor da paz e perseguido por causa da justiça”»³⁴⁶.

4.1 As bem-aventuranças: projeto de Deus, ideário em Cristo, meta para o homem

As bem-aventuranças são a verdadeira e autêntica concretização do Decálogo (cf. Mt. 19, 17; Mc. 10, 19); todavia, o sermão da Montanha retoma os mandamentos da segunda tábua e aprofunda-os (cf. Mt. 5, 21-48)³⁴⁷. Segundo Joseph Ratzinger, podemos definir as “bem-aventuranças” como palavras que traduzem uma promessa e que contribuem para o discernimento do espírito³⁴⁸; para D. António:

«As bem-aventuranças são caminho da verdadeira sabedoria de viver e entoam uma nova melodia para que a esperança renasça no coração do Mundo e na missão da Igreja, no alvorecer de cada manhã. (...) As bem-aventuranças são uma janela de esperança para o mundo porque revelam pela alegria de viver, pelo testemunho de vida, pela beleza da fé e pela força da caridade, que nelas se inspiram, a amplidão do coração dos discípulos de Jesus e a capacidade renovadora da missão da Igreja»³⁴⁹.

A bem-aventurança (μαχαριώτης [μαχάριος, “alegre”])³⁵⁰ não é um fenómeno exclusivamente grego; também na Sagrada Escritura hebraica se encontram, repetidamente, as bem-aventuranças: «feliz o homem que não vai ao conselho dos injustos, não pára no caminho dos pecadores, nem se senta na roda dos zombadores. Pelo contrário: o seu prazer está na lei do Senhor, e medita a sua lei, dia e noite» (Slm. 1, 1-2)³⁵¹. Seja como for, apenas e só assim é que podemos viver, segundo D. António, «a boa nova e a beleza de um Cristianismo que não se cansa de proclamar as bem-aventuranças:

³⁴⁶ COELHO – *Rezar as Bem-Aventuranças*, p. 37.

³⁴⁷ Esta ideia é defendida, por exemplo, pelo Papa Bento XVI: cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*, p. 102.

³⁴⁸ Cf. *ibidem*, p. 107.

³⁴⁹ Apresentação – Caminhada das Bem-aventuranças (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 351.

³⁵⁰ Para uma compreensão mais aprofundada sobre o nome “bem-aventuranças”, veja-se: SALGUERO – *Bienaventuranças Evangélicas*, p. 253-254.

³⁵¹ Cf. ainda Slm. 106, 3.112, 1.119, 1-2.

com alegria, com perseverança e com misericórdia: “Feliz o povo que Ele escolheu para Sua herança”...»³⁵².

4.1.1 O caminho peregrinante dos bem-aventurados

Logo no início do sermão da Montanha, Jesus alude os destinatários especiais das bem-aventuranças: «levantando os olhos para os discípulos, Jesus disse» (Lc. 6, 20). Cada uma das afirmações das bem-aventuranças resulta do olhar para os discípulos; elas refletem «por assim dizer o estado real dos discípulos de Jesus: são pobres, famintos, lacrimejantes, odiados e perseguidos (Lc. 6, 20ss)»³⁵³ e refletem, previamente, «uma biografia interior oculta de Jesus»³⁵⁴: pobre, manso, puro de coração, obreiro de paz. Da Pessoa de Jesus, podemos dizer que, segundo D. António, «há gente decidida a fazer felizes os outros, porque sabem que as bem-aventuranças acontecem quando temos Deus no coração e O transportamos connosco em cada palavra e em cada gesto»³⁵⁵.

As bem-aventuranças exprimem paradoxos: nelas se reflete, de modo antagónico, a escala de valores de Deus e a escala de valores do homem (cf. 2Cor. 4, 8-9.6, 8-10). Contudo, apesar de a sua construção ser antagónica, a sua concretização dá-se no quotidiano da vida, vivida e convivida: «as bem-aventuranças estão ao nosso alcance já neste mundo e neste tempo. As bem-aventuranças não são apenas um sonho distante reservado para a eternidade»³⁵⁶. Elas são, acima de tudo, promessas de um mundo novo inaugurado (porque vivido³⁵⁷) por Jesus; apesar da tribulação, a novidade reside na alegria que a Encarnação do Filho de Deus traz aos homens:

«As bem-aventuranças são promessas, em que resplandece a nova imagem do mundo e do homem que Jesus inaugura, a “inversão de valores”. São promessas escatológicas; mas esta expressão não deve ser entendida como se a alegria que anunciam se encontre transferida para um futuro infinitamente distante ou exclusivamente para o além. Quando o homem começa a olhar e a viver a partir de Deus, quando caminha em companhia de Jesus, passa a viver segundo novos critérios e então um pouco de *eschaton*, daquilo que há-de vir, está presente já agora. A partir de Jesus, entra alegria na tribulação»³⁵⁸.

³⁵² Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 41.

³⁵³ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*, p. 107.

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 111. Diz-nos António Francisco dos Santos que «do belo sermão da montanha, Jesus fez a síntese do seu ensinamento e o paradigma da sua missão, logo no início da sua vida pública»: Homilia nas Exéquias do Padre Leonel Oliveira (03/11/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 69.

³⁵⁵ Mensagem de Natal: Com Maria e José sonhar a alegria do Natal (21/12/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 127-128.

³⁵⁶ Homilia nas Exéquias do Padre Joaquim Ferreira Casaca (19/12/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 101.

³⁵⁷ Cf. MAGGIONI – Bem-Aventuranças, p. 113-114.

³⁵⁸ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*, p. 108.

Assim sendo, podem-se sinalizar duas ideias centrais nas bem-aventuranças³⁵⁹, de onde se conclui que as bem-aventuranças também são a transposição da cruz³⁶⁰ e da ressurreição para a existência pessoal e comunitária dos discípulos: a. As bem-aventuranças são sinal do carácter cristológico (cf. Gal. 2, 20). b. As bem-aventuranças exprimem o discipulado.

O caminho das bem-aventuranças é o “caminho modelo” para a Igreja peregrinante na terra, sinal do Reino de Deus entre os homens, sinal da presença do Pai no Filho na realidade eclesial e na criação – «as bem-aventuranças do reino anunciam esta esperança de um mundo justo, solidário e feliz e as obras de misericórdia praticadas com alegria têm por missão concretizar esta esperança e colocá-la ao alcance de todos»³⁶¹ – tendo pela consciência da singular e relevante missão da Igreja no mundo:

«O mundo pós-moderno precisa de encontrar na Igreja palavras, gestos, atitudes e vidas inteiras que anunciem e revelem que ser cristão é ser feliz, coerente, compreensivo, verdadeiro, desprendido, puro de coração, livre, construtor da paz, justo e irmão.

Que esta Igreja (...) continue a ser ousada na caridade e criativa nas razões e nos conteúdos da nossa alegria cristã, procurando sempre – “amar a Deus e servir” –, contribuindo, assim, para a santidade de todos nós, para o bem da humanidade e para a beleza do mundo, onde o religioso reencontre lugar e cidadania»³⁶².

4.1.2 A montanha: lugar do sonho do homem

A montanha é o lugar da oração de Jesus, do seu encontro com o Pai face-a-face, sendo também o lugar de ensino do Mestre, que nasce e se reproduz desde o encontro com o Pai: «“a montanha” comprova, por si mesma, a própria identidade do novo, definitivo Sinai»³⁶³. É desde o encontro na montanha que nasce o sonho da felicidade do homem, da bem-aventurança:

³⁵⁹ Cf. *ibidem*, p. 110.

³⁶⁰ Cf. nota de rodapé n.º 320.

³⁶¹ Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 157; cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 78.

³⁶² Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 42. D. António Francisco dos Santos, numa outra altura, elenca três aspetos que são característicos de uma “Igreja”: 1. «As igrejas nasceram para serem (...) lugares de oração onde se ouvem vozes humanas carregadas de preces, se percebem gestos de louvor a Deus e se testemunham atitudes de gratidão pelos seus dons». 2. «Só se pode rezar a Deus e fazer dessa oração uma bênção a favor dos outros quem sabe acolher, acolher bem e acolher a todos, sem a ninguém discriminar ou excluir». 3. As Igrejas devem ser capazes de «oferecer espaço e tempo para incentivar e promover com clarividência intelectual e ousadia profética um permanente diálogo entre a Igreja e o Mundo, entre a fé e a razão, entre o culto e a cultura, entre o património religioso e a sua missão evangelizadora, entre o que aqui recebemos e a atenção que devemos dar aos pobres e aos que precisam, tendo sempre bem presente a intenção primeira e a finalidade maior: servir os clérigos na sua vida, formação, ministério e missão»: Homilia do Aniversário da Igreja dos Clérigos (12/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 83-85.

³⁶³ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*, p. 102.

«Sentado no Monte, diria de olhar voltado para a faina da pesca e para as lides do mar, Jesus proclama as bem-aventuranças (Mt. 5, 1-12). Inscreveu, assim, este sonho na alma da multidão que O seguia e imprimiu no coração dos discípulos este ideal nunca plenamente cumprido nem totalmente realizado, mas continuamente desejado e sempre procurado. Ser feliz é o sonho do homem»³⁶⁴.

Mateus, ao começar o sermão da Montanha com a frase «Jesus viu as multidões, subiu à montanha» (Mt. 5, 1) faz, certamente, referência ao monte Horeb. Mateus compreende Jesus como o novo Moisés: assim como Moisés no monte recebeu a Lei e a levou ao povo, assim também Jesus traz uma interpretação dessa Lei, a fim de que os homens cheguem à meta, para que sejam felizes, mediante o conhecimento e o seguimento desta instrução.

O monte tem, em todas as religiões, um sentido especial; ele aparece como o lugar da especial proximidade com Deus: é elo entre o céu e a terra e lugar privilegiado do encontro entre Deus e os homens. A subida ao cume de uma montanha sagrada é uma imagem do caminho interior de purificação das pessoas. Os montes são, muitas vezes, o lugar para os ritos de iniciação. Isto mesmo nos diz D. António: «Jesus subiu à montanha, reuniu discípulos e multidão e proclamou oito bem-aventuranças, como nos narrava o Evangelho que acabámos de escutar. Jesus disse-nos quem são os bem-aventurados deste “reino de misericórdia e de bondade”, disponíveis e prontos para realizarem o sonho de Deus a favor do Seu povo»³⁶⁵.

Entendendo, desde o sermão da Montanha, estas interpretações, podemos compreender as bem-aventuranças como caminho de iniciação no qual e ao qual cada um é chamado à inserção no Mistério do encontro pessoal e (com)unitário com Deus.

4.2 As bem-aventuranças, evangelho para o nosso tempo

D. António idealiza que, apesar da dificuldades³⁶⁶, se pode passar a mensagem da esperança e da alegria de vida para o mundo e para todos os que nele habitam, vivem e convivem através da vivência das bem-aventuranças: «as bem-aventuranças são uma janela de esperança para o mundo porque revelam pela alegria de viver, pelo testemunho

³⁶⁴ Homília de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 41.

³⁶⁵ Homília da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 106.

³⁶⁶ «Não tenhamos medo das bem-aventuranças do Reino, por mais fáceis que sejam a dizer e por mais difíceis que sejam a realizar»: Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 103.

de vida, pela beleza da fé e pela força da caridade, que nelas se inspiram, a amplidão do coração dos discípulos de Jesus e a capacidade renovadora da missão da Igreja»³⁶⁷.

Respigando e trespassando desde o Evangelho aquilo que nos é apresentado como o «padrão dos santos»³⁶⁸, D. António como que ensaia um modo concreto de aplicação das mesmas à vida quotidiana:

«Felizes os pobres em espírito, que têm o coração livre, cheio de prontidão para repartir, para multiplicar e para dar.

Felizes os que choram com quem chora e acolhem na concha do coração os sofrimentos, as lágrimas e as dores dos irmãos.

Felizes os mansos que trabalham em si a humanidade para que ela seja chão semeado de afeto, de concórdia e de paz, sem o joio da ira, da arrogância ou da violência.

Felizes os que têm fome e sede de justiça que, antes de pensarem em si, buscam e repartem o pão necessário que falta na mesa dos famintos, caminham ao lado dos abandonados, visitam os reclusos, amparam os marginalizados e fazem seu o clamor dos injustiçados, com a ousadia dos verdadeiros profetas do nosso tempo.

Felizes os misericordiosos que tocam de perto a bondade e a misericórdia de Deus multiplicadas e traduzidas em gestos humanos de compaixão e de perdão, que evangelizam, renovam a Igreja e transformam o Mundo.

Felizes os puros de coração que têm limpos os olhos do coração e livres os caminhos da alma. Só eles nos fazem ver a imagem de Deus e o rosto do Senhor Bom Jesus, esculpidos no rosto desfigurado dos irmãos doentes, dos sem abrigo, dos refugiados, dos idosos e das pessoas sós.

Felizes os pacíficos que constroem pontes humanas, unem corações desavindos, reúnem famílias separadas, aproximam pessoas distantes com as mãos pacientes dos cuidadores dos frágeis.

Felizes os que sofrem perseguição por amor da justiça e não se deixam corromper por nenhuma promessa vã ou ilusão ilícita nem se compram nem vendem por interesses mesquinhos, mesmo quando isso se paga com a vida dada até ao martírio por amor do Reino»³⁶⁹.

A atualidade da Palavra de Deus³⁷⁰, tornada modelo em Cristo³⁷¹, tem uma atualidade inegável, sinal da pertinência que «o pedagogo das bem-aventuranças»³⁷² adquire no mundo e forma de salvação a que Ele chama cada um dos crentes, sempre tomados pela alegria de viver e se ser feliz:

³⁶⁷ Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 351; cf. Homilia na Senhora do Castelinho (08/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 36.

³⁶⁸ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Os Sacramentos*, p. 76.

³⁶⁹ Homilia da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 106-107.

³⁷⁰ Cf. Homilia no Jubileu dos Catequistas no Porto (25/09/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 81-85.

³⁷¹ «É nesta proximidade espiritual com Jesus, vivo e ressuscitado, que desvendamos caminhos e abrimos clareiras, para que o anúncio do evangelho diariamente se transforme em proclamação de bem-aventurança. As bem-aventuranças, de que nos fala o evangelho (Mt. 5, 1-12), marcam um caminho novo e sobretudo apontam para o paradigma de um “homem novo”, que tem por modelo Jesus Cristo»: Homilia nas Exéquias de D. António Marcelino (11/10/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 154.

³⁷² Homilia da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 107.

«As bem-aventuranças do Reino, proclamadas por Jesus na encosta da montanha diante de uma multidão numerosa e com o mar à vista, não são anúncio feito para amanhã nem promessa recebida para cumprir à distância do tempo. São mensagem dirigida a cada um de nós. São palavra de Cristo para hoje. São evangelho para o nosso tempo.

Ser cristão é ser alegre e feliz. Precisamos, por isso, de proporcionar espaços que nos possibilitem viver esta realidade e afirmar este testemunho no mundo em que vivemos»³⁷³.

«Todos nós, homens e mulheres, idosos e crianças, jovens e adultos aspiramos à felicidade. Nisso está de acordo, desde sempre, toda a Humanidade, por mais diferentes que sejam os pontos de vista quando aos meios a utilizar ou aos caminhos a percorrer. No nosso tempo, marcado pelo individualismo, muitos consideram que a felicidade se pode “construir”, somando coisas materiais, procurando meios isoladamente, alcançando objetivos meramente pessoais. Uma coisa é certa: a felicidade não se pode comprar. Ela é expressão de vidas dadas, sobretudo aos mais pobres, aos mais frágeis e aos que mais sofrem. E neste caminho nunca vamos sozinhos e nunca caminhamos sós. Caminhamos como Povo de Deus peregrino e somos igreja de Jesus Cristo: “*Na barca da Igreja, eu sou...*”»³⁷⁴.

«A luz das bem-aventuranças espelhada na vida concreta de tantos discípulos de Jesus tem brilhado no Mundo e na nossa Terra (...) ao longo dos séculos»³⁷⁵.

«As bem-aventuranças mantêm vivo o amor de Deus pela Humanidade, tornam presente o Seu apelo à felicidade e traduzem, pela vida, voz e missão de Jesus, o convite a recriar, a redimir e a santificar o mundo para que ele seja espaço habitado pelo bem e animado pela certeza de que o Espírito de Deus está no meio de nós com os seus dons. A realização das bem-aventuranças torna o mundo mais humano e abre o nosso coração às possibilidades imensas que aí moram para construirmos um mundo melhor»³⁷⁶.

«Essa é a missão da Igreja e de todos os discípulos de Jesus e este é igualmente o desafio feito a homens e mulheres de boa vontade, possuidores de um coração sincero. Jesus confiou à Humanidade a mensagem das bem-aventuranças como pérola preciosa, tesouro inigualável e talento fecundo a repartir e a multiplicar. Com o anúncio das bem-aventuranças, Jesus semeia no coração dos discípulos o fascínio pela realização das atitudes propostas e a alegria de conseguir a felicidade aí anunciada: “*então seres perfeitos como é perfeito o nosso Pai celeste*” (Mt. 5, 48)»³⁷⁷.

Em toda esta realidade de evangelização e de felicidade, a Eucaristia adquire um particular mas importante sentido para a realização, autêntica e verdadeiramente, das bem-aventuranças:

«A Ceia do Senhor é memorial mas é igualmente escola, onde se ensina a pedagogia profética do lava-pés; onde se descobre o horizonte evangélico do mandamento novo de Jesus em tempos de medo, de violência e de ameaças terroristas; e onde se aprendem e

³⁷³ Mensagem à Diocese (28/07/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 340.

³⁷⁴ Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 350; cf. Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 121.

³⁷⁵ Homília nas Exéquias de D. António Marcelino (11/10/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 155.

³⁷⁶ Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 350.

³⁷⁷ *Ibidem*, p. 350.

recriam caminhos novos para viver (...) e proclamar as bem-aventuranças do Evangelho»³⁷⁸.

«Pela Eucaristia, memorial vivo e santo da Páscoa e memória abençoada de gratidão, passa sempre o caminho da Igreja. (...) este caminho da Igreja tem de aprender de Jesus o sentido e o sabor das bem-aventuranças, recordando-nos que dos simples, pobres, puros de coração, misericordiosos, humildes, justos e construtores da paz Jesus fez os bem-aventurados do Reino dos Céus»³⁷⁹.

4.3 O padrão das bem-aventuranças na vida ministerial

D. António Francisco dos Santos consagrou o seu ministério às bem-aventuranças:

«Quero ser apóstolo das bem-aventuranças nestes tempos difíceis que vivemos»³⁸⁰.

«Compreenderei, assim, que faça, também aqui, como fiz sempre e em todo o lado, das bem-aventuranças do Reino o padrão do meu viver e o paradigma do meu ministério. Convoco-vos para sermos mensageiros e protagonistas da Bem-Aventuranças numa linguagem serena, positiva e confiante, como expressão da voz de toda a Igreja»³⁸¹.

«O fio condutor do seu magistério episcopal foram as bem-aventuranças. (...) ele afirmava (...) que “o Evangelho é, todo ele, um poderoso convite às bem-aventuranças. Elas tipificam a felicidade oferecida por Jesus. Proclamam uma felicidade que não está subjugada à cultura do êxito, já que pode ser encontrada até nas situações sentidas como mais adversas como a pobreza, a perseguição, etc. Anunciam uma felicidade que não repousa no ‘ter’ ou no ‘lucrar’, mas que, pelo contrário, assenta no ‘dar’, no ‘oferecer’, no ‘servir’, no ‘entregar’»³⁸².

No pensamento do nosso bispo, as bem-aventuranças ocupam um lugar decididamente central em toda a vida; desde elas, trespassa-se um paradigma de uma vida feliz, em referência ao Evangelho:

«As bem-aventuranças constituem um texto incontornável do evangelho. São mensagem central da boa nova de Jesus. Apresentam uma proposta de paradigma para uma vida feliz e para um horizonte humano e social com sentido. Significam, para nós, (...) a

³⁷⁸ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 127.

³⁷⁹ Homilia da Eucaristia de memória dos Bispos, Sacerdotes e Diáconos do Porto (29/09/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 63; cf. Homilia da Páscoa da Ressurreição do Senhor (16/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 88.

³⁸⁰ Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

³⁸¹ Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 53. Contudo, já em 2006 ele afirmava: «não me cansarei de ser mensageiro das bem-aventuranças que Jesus (...) proclamou também para nós. É aqui que se compendia a fé da Igreja. É aqui que palpita o núcleo estruturante da pastoral. E é aqui que se desvela a beleza do amor eterno de Deus»: Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 19. Em 2017 voltaria a reforçar esta mesma ideia: «para construirmos “um reino de misericórdia e de bondade”, devemos reconduzir-nos às parábolas do Evangelho e ao belo sermão das bem-aventuranças. Fiz sempre desta síntese do Evangelho [as bem-aventuranças] o paradigma inspirador do meu ministério presbiteral e episcopal e o texto programático da minha missão pastoral»: Homilia da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 105.

³⁸² RAMOS, António Manuel Moiteiro – Prefácio. In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 3-4.

referência evangélica principal ao longo deste tempo de graça evangelizadora e de bênção renovada na ação pastoral da Igreja»³⁸³.

«Importa fazer das bem-aventuranças um caminho de discípulos, um programa de vida, um conteúdo de sabedoria inesgotável e um ideal que fascine e que contagie o mundo de hoje, dando à sociedade este suplemento de alma e este alento de esperança que tantas vezes lhe falta. A sociedade contemporânea precisa de servidores dos pobres, de obreiros da paz, de construtores da justiça, de corações compassivos e de olhos purificados para ver a Deus»³⁸⁴.

4.3.1 O ministério, caminho das bem-aventuranças

Como já sabemos, Cristo, o Bom Pastor, é o modelo da vivência das bem-aventuranças. D'Ele aprendemos e apreendemos o exemplo de caminho rumo ao Pai, de concretização plena e sem entraves da missão salvífica confiada por Deus em Cristo. De Jesus, segundo D. António Francisco, o homem deve apreender o verdadeiro caminho de formação na ação, de fidelidade, de discernimento e crescimento:

«Jesus não se limitou a dizer belas palavras para que discípulos e multidão as pusessem em prática. Ele próprio percorreu o caminho das bem-aventuranças que passou pelo despojamento da Cruz e conduziu à alegria plena da Ressurreição. E nós com Ele queremos percorrer este caminho de uma vida plena e feliz. As bem-aventuranças são caminho de verdadeira sabedoria de viver e entoam uma nova melodia para que a esperança renasça no coração do Mundo e na missão da Igreja, no alvorecer de cada manhã.

Este é um verdadeiro caminho de formação humana e de iniciação cristã. Com Jesus entramos no caminho do ser humano, no caminho do mistério de Deus e no caminho do Povo de Deus, que é a Igreja. Agarrados à mão de Jesus e fiéis à Sua palavra, que de nós faz discípulos, mensageiros e missionários, prosseguimos com alegria renovada no caminho da missão da Igreja enviada ao mundo. (...) como caminho proposto por Cristo, as bem-aventuranças estruturam e consolidam a coerência entre a fé e a vida e ajudam-nos a tornar visível e feliz nosso sentido de pertença a esta amada Igreja»³⁸⁵.

A alegria de se ser padre torna-se como um ponto central na capacidade de se viver um ministério à luz das bem-aventuranças segundo D. António:

«A nossa alegria de ser padre é elemento essencial da alegria do Evangelho. As bem-aventuranças do Evangelho são inesgotáveis. A cada leitura sentimos vontade de saber mais e de as vivermos melhor. Elas estão habitadas por uma mensagem divina que ilumina e faz feliz a vida humana, que é luz do mundo e sal da terra. Nelas encontramos horizonte de

³⁸³ Apresentação: Caminhada das Bem-aventuranças (21/09/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 349; cf. Mensagem à diocese (04/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 352.

³⁸⁴ Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 196; cf. Homilia na Festa de São Bento (11/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 90.

³⁸⁵ Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 351. D. António apresenta num dos seus escritos uma simples, mas lapidar, definição de Igreja: «a Igreja é Povo de Deus que encontra na Palavra de Deus, na celebração dos mistérios da fé e no serviço da ousadia da caridade o caminho diário da sua missão, onde todos são necessários e onde todos devem estar envolvidos. A Igreja é casa do Evangelho, mesa da Eucaristia, escola de comunhão fraterna e sacramento de salvação para o mundo»: A realidade do sonho na alegria da missão (25/10/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 158.

sentido para a vida, caminho para a missão e força contínua nas horas mais duras e nos momentos mais difíceis»³⁸⁶.

Desta inesgotável alegria, manifesta-se a capacidade de se ser discípulo de forma verdadeira e sincera, modelo do coração bondoso e misericordioso de Deus: «o evangelho das bem-aventuranças que tantas vezes proclamei e convosco vivi, de forma tão bela, diz-me que continuarei a ser na nova missão, como aqui sempre me senti, discípulo de Jesus Cristo se for simples, humilde, puro, dom de coração, misericordioso, construtor da justiça, servidor da paz e apóstolo da bondade»³⁸⁷.

4.3.2 O pastor, protagonista e modelo das bem-aventuranças

O pastor, enquanto um singular «protagonista das bem-aventuranças»³⁸⁸, deve ser, à imagem de Cristo, o modelo de vivência das beatitudes, sinal visível da alegria de Cristo e da plena configuração a Deus:

«Como servidor da alegria, da misericórdia e da esperança a desenhar o caminho de formação cristã e de renovação pastoral que [se quer implementar] na Igreja (...), como humilde mas firme serviço à evangelização e como singelo mas determinado contributo para a transformação do mundo, à luz das bem-aventuranças do evangelho. Sabemos que é no altar da cruz e no coração de Deus que se encontra o alicerce fundador do nosso ministério»³⁸⁹.

Assim sendo, desde D. António pode-se dizer que as bem-aventuranças adquirem um valor imprescindível para a compreensão da missão do sacerdote. Elas são, para o ministro ordenado, sinal da presença de Cristo e meio de configuração ao próprio Mestre.

A vivência de um ministério feliz, bem-aventurado, permite que não se esgote a interpretação da mesma felicidade aos olhos de Cristo, na certeza de que elas se apresentam como luz autêntica e marca inegável da presença divina no mundo, como sal para a terra, luz para o mundo, como horizonte de vida:

«As bem-aventuranças são inesgotáveis. A cada leitura sentimos vontade de saber mais e de as viver melhor.

Elas estão habitadas por uma mensagem divina que ilumina e faz feliz a vida humana, que é luz do mundo e sal da terra. Nelas encontramos horizonte de sentido para a vida,

³⁸⁶ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66-67.

³⁸⁷ Homilia da Eucaristia de Ação de Graças pelo (...) Ministério em Aveiro (09/03/2014). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 474-475. Segundo o bispo, «ser discípulo de Cristo, só pode ser assim: vivendo na simplicidade, na sabedoria e na caridade»: Homilia na Festa de Santo António (13/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 95.

³⁸⁸ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 119.

³⁸⁹ Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 112.

caminho para a missão e força contínua nas horas mais duras e nos momentos mais difíceis. Elas constituem um dos mais belos textos da humanidade.

É necessário reinventar as bem-aventuranças e aplicá-las, também, a nós, caríssimos sacerdotes:

Bem-aventurados seremos quando recebermos a vida como um dom e acolhermos o ministério com um graça divina a moldar este barro frágil de que todos somos feitos.

Bem-aventurados porque caminhamos, desde a nossa ordenação, há mais ou menos anos, na verdade de coração e na limpeza da alma, despojados de ambições, mas possuídos pela imensidão dos sonhos de Deus.

Bem-aventurados quando olharmos a vida como uma forma de hospitalidade e doação, que de nós faça irmãos e próximos de todos.

Bem-aventurados sempre que dermos tempo à oração e lugar ao encanto pela missão que através de nós se realiza.

Bem-aventurados porque seduzidos pela bondade e pela verdade que nos ensaiam a trazer notícias de Deus aos pequeninos e aos simples como o devemos fazer, com novo vigor e nova linguagem, aos sábios e poderosos.

Bem-aventurados ao ajoelharmos diante de Deus, porque o silêncio se torna o melhor diálogo, e ao servirmos a Humanidade como testemunhas da bondade e do perdão.

Bem-aventurados porque nos sabemos discípulos de Cristo e nos sentimos decididos, com acrescentado entusiasmo (...) a edificar esta Igreja que o Concílio trabalhou e que o Espírito do Senhor diariamente renova.

Bem-aventurados quando no sofrimento e na dor nos unimos mais à cruz de Cristo e antevemos e antecipamos o mistério redentor da Páscoa»³⁹⁰.

Verificamos que as bem-aventuranças proporcionam um caminho de santidade, dado que, o homem, criado para a (Eterna) Bem-Aventura e desejoso de a alcançar, pode tê-la, ainda que não em totalidade, na terra, aquando da prática da Mensagem do Evangelho, no progresso pessoal da própria vocação a que Deus o chama em Cristo, na expressão e expansão do Reino de Deus³⁹¹. Por meio do Espírito Santificador, a criatura torna-se vocacionada à felicidade, à bem-aventurança; bem-aventurança esta que é reflexo da santidade de Deus operada em Cristo e transportada a todos os crentes³⁹².

5. A Oração, escola do amor; Maria, escola e modelo de discipulado

Na vida do pastor, a vida de oração e a relação com Maria adquirem uma particular e importante dimensão formativa. Desta pedagogia relacional, o pastor torna-se num

³⁹⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 305-306; cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66.

³⁹¹ Diz-nos D. António: «e a santidade, procurada ao longo da nossa existência terrena, é a porta do Céu e o início da bem-aventurança marcado no calendário da vida pela hora do nosso regresso a Deus»: Homilia nas Exéquias do Padre António Carvalho de Oliveira (04/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 75.

³⁹² Cf. CASTELLANO CERVERA – *Bienaventuranza*, p. 251-253.

autêntico mestre espiritual para que, ao rebanho a ele confiado, se torne o modelo e o guia das almas.

5.1 A Oração: escola do amor por Deus, pelos outros e pelo mundo

D. António Francisco dos Santos define a oração como «a escola do amor que sentimos por Deus, pelos outros, pelo mundo»³⁹³. E efetivamente, a oração, enquanto «alma do culto cristão»³⁹⁴, resume-se na capacidade de se criar espaço para Deus e para tudo e todos os que à volta do homem procuram se ocupar e preocupar com os irmãos: a oração é desperdiçar tempo com Deus, é estar sozinho com Deus, é descer da mente ao coração, é a prática do momento presente³⁹⁵. Na vida de um cristão, a oração, encontro com Deus-Amor³⁹⁶, torna-se (n)uma realidade sempre presente no cultivo da vida espiritual: «orar é sempre possível (...). Orar é uma necessidade vital. Oração e vida cristã são inseparáveis»³⁹⁷.

A vivência do ministério ordenado não se compreende sem a oração³⁹⁸. O presbítero vive da Palavra que sai da boca de Deus, fazendo-se servo desta mesma Palavra

³⁹³ Homilia da Ordenação de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76.

³⁹⁴ Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 207.

³⁹⁵ Cf. NOUWEN, Henri – *Formação Espiritual: Seguindo os Movimentos do Espírito*. Braga: Editorial A.O., 2017, p. 52-60. A mesma ideia está substancialmente presente no pensamento do cardeal Schönborn: cf., por exemplo, SCHÖNBORN – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d' Ars*, p. 51-69.

³⁹⁶ D. António, a este propósito, sinaliza: «sabemos bem que não basta procurar Deus por fora: nos livros, nos debates, nas discussões. Uma coisa é discutir religião e outra coisa muito diferente é buscar Deus com coração sincero. Procurar Deus exige esforço. O encontro com Deus para quem O procura nunca é o resultado de um voluntarismo fanático ou duma ascese crispada. Deus é dádiva e o importante é procurá-lo na simplicidade de coração e na verdade da alma»: Homilia da Solenidade de Nossa Senhora de Vandoma, Padroeira da Cidade do Porto (11/10/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 81.

³⁹⁷ *CdIC*, n.º 2743-2745 [os itálicos estão no original]; cf. Mensagem à Diocese – Dia da Missão (03/12/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 372. O mesmo é-nos dito por George Augustin: «a oração e a missão estão inelutavelmente interligadas. (...) A oração (...) revela-se como a fonte da força da Igreja missionária. (...) Uma nova consciência missionária cresce quando os fiéis conseguem chegar a essa relação viva com Deus. (...) A vivência de Deus precede assim toda e qualquer iniciativa missionária que ganha forma na vitalidade da Igreja. Consequentemente, (...) só uma “Igreja espiritual” pode tornar-se uma Igreja missionária. A “mais-valia” da mensagem cristã só pode tornar-se visível através de uma espiritualidade vivida quando (...) conseguirmos que a transcendência entre em contacto com o quotidiano da realidade do mundo, para que assim o mundo seja novamente qualificado por Deus. Só uma Igreja mística pode tornar visível e experienciável o cerne da mensagem cristã»: AUGUSTIN – *Eu sou uma missão*, p. 123-124.

³⁹⁸ Cf. GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 279. A este propósito, segundo o cardeal Kurt Koch, podemos compreender 3 realidades que estão interligadas: a. Os discípulos de Jesus “aparecem” desde a oração – as suas vocações brotam da oração. b. A oração é não só início da vocação (à missão), como a sua autêntica e absoluta meta – evangelizar que assim dizer “ensinar as pessoas a rezar”. c. A experiência de oração – com Deus e com os irmãos – não é “objetivável” aos olhos da Igreja – ela, a experiência de oração, é um encontro pessoal e comunitário: cf. KOCH, Kurt – *¿Misión o des-misión de la Iglesia?*. In AUGUSTIN, George [ed. lit.] – *El desafío de la nueva evangelización: impulsos para la revitalización de la fe*. Santander: Sal Terrae, 2012, p. 63-64. Daqui resultaria, primariamente, a «vida

e se convertendo em seu anunciador por meio da comunidade: «todo isto apenas é possível e fecundo se o presbítero for um homem de oração»³⁹⁹. A oração não só está presente no *ser sacerdote*, como também está presente no *atuar do sacerdote* no seu ministério: na escuta, no discernimento e na interseção⁴⁰⁰; é da interseção diária que o pastor conhece as suas ovelhas e é capaz de apreciá-las na sua autêntica *caridade pastoral*.

A oração, enquanto encontro, está subentendida da dinâmica relacional. É deste encontro que se sustenta a vocação ministerial: «é desta conjunção da oração encontro e da relação própria de ser *sacramentum* de Cristo que se entende a oração como constitutiva da identidade do presbítero. A sacramentalidade inclui no seu ser a oração do presbítero»⁴⁰¹.

Tendo em conta toda a envolvência antropológica⁴⁰², a realidade da oração na vivência do ministério ordenado nasce na família, lugar de encontro primeiro com Deus⁴⁰³ fundamenta-se nas instituições formativas⁴⁰⁴ e torna-se visível sempre em Igreja, isto é, em comunidade⁴⁰⁵.

A oração é sempre um caminho para o próprio e, desde a vivência pessoal da fé, passá-la e trespassá-la aos outros; só assim se pode constituir uma educação na oração⁴⁰⁶: «as relações pessoais exigem uma oração pessoal»⁴⁰⁷. Assim sendo, a oração torna-se

apostólica com Jesus, como *communio apostolica*» e, conseqüentemente, o «envio apostólico (...), como *missio apostolica*»: *ibidem*, p. 65.

³⁹⁹ BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 31. Num outro livro, Enzo Bianchi diz que «é mais importante o serviço da oração e da palavra do que o serviço das mesas (Act. 6, 14)»: BIANCHI, Enzo – *Ser Presbíteros Hoy*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, p. 13. Verdadeiramente, a oração é importante na medida em que se apresenta como a “porta” de encontro com o Senhor dentro das relações e ações de cada um. O verdadeiro e real testemunho compreende-se a partir de um encontro pessoal e, por isso personalizado, com o Senhor; deste encontro pessoal, segue-se o autêntico e humilde serviço aos demais.

⁴⁰⁰ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 32-35.

⁴⁰¹ GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 274.

⁴⁰² Cf. *ibidem*, p. 258-263.

⁴⁰³ «Nesta caminhada somos convidados a descobrir a beleza do dom da vida, a felicidade da graça da fé e o fascínio da vocação. É no íntimo do coração humano, no seio da família e no espaço da comunidade que a oração se torna presente, a esperança se fortalece e a voz de Deus se faz ouvir»: Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 159.

⁴⁰⁴ «É a partir deste terreno [refere-se às instituições formativas], sempre fecundo da oração confiante e gratidão permanente, que o nosso olhar se volta para o horizonte do futuro»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 92-93.

⁴⁰⁵ «Uma ordenação presbiteral não é uma graça fácil. Exige oração confiante de toda a Igreja e implica uma permanente generosidade daqueles que colhem o chamamento e se decide livremente a seguir Jesus na alegria e na fidelidade»: Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 130; cf. Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

⁴⁰⁶ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, vol. 12, p. 458-466.

⁴⁰⁷ GRESHAKE, Gisbert – *Ser Sacerdote Hoy: Teología, praxis pastoral y espiritualidad*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010, p. 443. A propósito da centralidade da oração na vida do ministro,

decididamente (n)uma dimensão que importa sempre e cada vez mais cultivar na vida humana – «nada se conseguirá sem uma oração mais intensa e sem uma conversão espiritual permanente»⁴⁰⁸ – e, de forma muito particular, isto é, especial, na vida dos ministros ordenados⁴⁰⁹, de modo a que possam ser pessoas que deixam transparecer o encontro com Cristo nos irmãos, nas comunidades:

«O primeiro sinal da fé é a oração. (...) A oração abre-nos um caminho de fé e de sabedoria para a vida e constitui a fonte de toda a eficácia não apenas pastoral mas também noutras frentes de trabalho e de missão»⁴¹⁰.

«A oração será, pois, a prioridade da qual, como de uma nascente, brotará a missão (cf. Act. 13, 2-3)»⁴¹¹.

«A missão de Jesus funda a missão da Igreja. Descobrimo-lo na oração e testemunhamo-lo na ação. A oração não colide com a missão. A oração gera a missão»⁴¹².

«Nada se consegue (...) neste âmbito da ação pastoral, sem oração confiante e perseverante»⁴¹³.

«O mundo olha-nos (...) com imensa alegria e espontânea gratidão quando nos sente modelados pela oração, pela consagração a Deus e pelo amor da Igreja»⁴¹⁴.

A oração adquire uma centralidade fundamental em toda a criação, sinal de pertença e de frequência a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo: «a oração é a escuta da voz de Deus que – guiam – os passos dados (...) e – abrem – horizontes de esperança a todos quantos desde o início acreditaram»⁴¹⁵:

«É a partir do terreno da oração confiante, da comunhão fraterna e da gratidão dedicada ao presbitério diocesano, que o nosso olhar se volta para o futuro.

Peçamos a Deus sacerdotes que se sintam sempre enamorados por esta santa mãe, que é a Igreja.

Robert Sarah alerta que: a oração, na vida ministerial, exige tempo – é uma escola difícil; rezar é deixar-se amar e amar-se a si próprio; a alma é o lugar da oração, de uma oração que se permite pela virgindade de coração: cf. SARAH – *Deus ou nada*, p. 82-83.134.145-147.179. Ou seja, sem a oração não há verdadeira alegria: cf. *ibidem*, p. 242-243.

⁴⁰⁸ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 105. Diz-nos George Augustin que «a conversão de coração e a santidade de vida são a alma da Igreja. A oração faz parte imprescindível disso»: AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 85.

⁴⁰⁹ Cf. BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 38.

⁴¹⁰ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 458. Este mesmo propósito é defendido por Enzo Bianchi, tal como se pode ver em: cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 15-17.30-31.

⁴¹¹ Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 19.

⁴¹² Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 196.

⁴¹³ Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 118.

⁴¹⁴ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

⁴¹⁵ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 129; cf. BIANCHI – *Ser Presbíteros Hoy*, p. 20-21.

Peçamos a Deus sacerdotes que amem a Igreja como una e a mesma, seja nas grandes celebrações seja na humildade do viver discreto em paróquias isoladas, no silêncio da contemplação, no paciente atendimento do confessor e na porta sempre aberta aos que procuram Deus de coração sincero.

Peçamos a Deus sacerdotes de coração livre e aberto a todos e que se algum excesso de zelo e de atenção têm que seja com os pobres.

Peçamos a Deus sacerdotes que não permitam que se instale na sua vida a rotina, o desencanto ou o desalento»⁴¹⁶.

A oração, compreendida na celebração eucarística, requer fidelidade: «o combate da oração é o *amor* humilde, confiante e perseverante»⁴¹⁷:

«Unimo-nos e reunimo-nos, em oração e gratidão, à volta do altar da Eucaristia este tempo de dom e de bênção porque a alegria da vocação e da generosidade dos que vão ser ordenados e a alegria da fidelidade e da perseverança dos que celebram (...) anos de ordenação são, também, o júbilo de toda a Igreja»⁴¹⁸.

Por isso mesmo surge a necessidade da atenção na oração como meio e forma de se testemunhar a alegria do encontro com Cristo⁴¹⁹ – «centremo-nos na oração e no trabalho de semear e de cultivar o terreno da vocação»⁴²⁰ – na certeza de que, pela fidelidade e perseverança na oração, possa, da parte do presbítero, “mestre de oração”⁴²¹, haver mais frutos espirituais na vida do próprio e para a vida da Igreja: «pertence-nos semear, trabalhar a terra, cuidar da sementeira e esperar com paciência a hora da colheita, na certeza e que nos campos espiritualmente trabalhados hão de florescer novas vocações e há de frutificar a Alegria do Evangelho»⁴²². Pensar em Jesus como modelo de oração torna-se num aspeto decididamente fundante na vivência do ministério sacerdotal; a oração aparece como a força dos fracos diante das fragilidades do mundo, diante das adversidades de cada criatura na sua própria vida e na vida da comunidade:

«Jesus continua a rezar. A oração não foi só algo que Ele fez há dois mil anos. Hoje, reza de muitos modos e em muitos estados. No Céu, à direita do Pai, como Mediador e Pontífice. Reza na Eucaristia, sua ação de graças por excelência, a oração mais importante

⁴¹⁶ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 123.

⁴¹⁷ *CdIC*, n.º 2742.2582; cf. Homilia da Ordenação de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76; URIARTE GOIRICELAYA – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 148-149.

⁴¹⁸ Misericordiosos como o Pai: sobre as ordenações de diáconos e presbíteros (27/06/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 115.

⁴¹⁹ Cf. GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 274-279.

⁴²⁰ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111. A este propósito, leia-se a excelente e pertinente anotação de Simone Weil no seu livro *Attente de Dieu* (WEIL, Simone – *Attente de Dieu*. Paris: Edicions du Vieux Colombier, 1965, p. 71-80) ou de Gisbert Greshake (GRESHAKE – *Ser Sacerdote Hoy*, p. 444-446.450-454).

⁴²¹ Cf. GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 286-297.

⁴²² Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 123; cf. Ordenações de diáconos e presbíteros (02/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 135.

da Igreja. Reza silencioso em milhões de sacrários espalhados pelo mundo. Reza no coração da Igreja, como comunidade de crentes (...). Ele está no meio, rezando e estimulando a fé, a esperança e o amor. Reza no nosso interior, no íntimo de cada cristão, onde, pela ação do Espírito, é o Jesus Orante. Pensar neste Jesus, modelo da nossa oração, e abrir a alma e o coração ao sopro do Espírito de Jesus, e aprender com ele a rezar, imitá-Lo na sua vida orante»⁴²³.

5.2 Maria, escola e modelo de discipulado

Maria, a mãe da Nova Humanidade, é sinal da presença de Cristo em cada um dos crentes e da atuação pessoal e comunitária de Deus. Em Maria encontramos o verdadeiro ideal e exemplo do *ser discípulo*⁴²⁴, do fiel seguimento a Cristo Jesus⁴²⁵ em cada dia, na capacidade de anunciar novos tempos com «um novo céu e nova terra» (Ap. 21, 1)⁴²⁶:

«A falta que rompeu a harmonia da família humana e a sua comunhão com Deus não feriu a bondade divina. Deus anunciou-nos o Salvador, novo Adão, vencedor do pecado e da morte, e fala-nos de Maria, nova Eva, que, preservada de todo o pecado pela graça divina, será mãe de uma nova Humanidade»⁴²⁷.

«A maior alegria das mães é ver reunidos à sua volta todos os filhos! A maior alegria dos filhos, por seu lado, é estar ao redor da mãe. Fomos emanados pelas nossas mães no berço da vida e com elas crescemos e vivemos, aconchegados pela ternura e desvelo maternos. A mãe de Jesus acompanha-nos pelas estradas da vida e da missão: reacende em nós a chama do anúncio da Alegria do Evangelho; ilumina com a luz de Cristo as ruas das nossas aldeias, vilas e cidades e o coração dos habitantes»⁴²⁸.

A exemplaridade de Maria enquanto discípula do seu Filho é modelo a imitar por todo o cristão; da mãe encontramos o ideal para uma verdadeira, isto é autêntica, configuração a Cristo para Deus⁴²⁹: «o nosso mundo e os homens e mulheres que o habitam precisam de conhecer este dom materno que Jesus nos deixou e de ver esculpido o rosto terno de Maria no rosto materno da Igreja. A Igreja deve aprender na escola de Maria a colocar Deus no coração do homem e no centro do mundo»⁴³⁰.

⁴²³ PEDROSO – *A Arte do Essencial*, p. 73.

⁴²⁴ Cf. KASPER, Walter – *El Sacerdote: Servidor de la Alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009, p. 36-40.

⁴²⁵ Cf. AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 60.

⁴²⁶ Cf. Homilia do Dia do Consagrado (23/01/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 59.

⁴²⁷ Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenações de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 121.

⁴²⁸ Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 110; cf. FERREIRA, José – Um Tempo Marial. In AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017, p. 384.

⁴²⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Marialis Cultus*: n.º 57. (Exortação Apostólica de 2 de fevereiro de 1974). *AAS*. 66 (1974) 164.

⁴³⁰ Homilia na Festa de Nossa Senhora da Ajuda (21/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 58. Joseph Ratzinger atenta que «a escola da mãe é condição indispensável para se tornar filho, para reconhecer o Pai: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Por Amor*, p. 47.

5.2.1 A mãe, escola de vocação

D. António aponta à figura da mãe com uma sensibilidade notável, com um cuidado singular e, por consequência, com um toque sentimental: «a Maria, nossa mãe, Senhora da Conceição e da Glória (...) pedimos a força da fé e a alegria da confiança para amar a Deus e servir os nosso irmãos»⁴³¹. As mães são «o berço da vida, a escola de vocação»⁴³², a bênção preciosa:

«A maior alegria dos filhos, por seu lado, é estar ao redor da mãe. Fomos embalados pelas nossas mães no berço da vida e com elas crescemos, aconchegados pela sua ternura.

A mãe é silêncio que fala, presença que ninguém substitui, lugar que jamais alguém preenche, palavra que o tempo não desgasta, rosto que não envelhece e escola da vida e do bem. A mãe é o dom maior e mais belo do amor de Deus. Um dom de sempre e para sempre!

(...)

Maria transporta segredos de Deus no seu Imaculado Coração de mãe, e traz consigo as lágrimas silenciosas, os sofrimentos, as esperanças, as alegrias e os sonhos de quantos a invocam, com profundo amor e ternura filial. Quantos olhares, quantas preces, quantas súplicas, guardadas no seu coração, de mãe! Obrigado ó mãe! Obrigado, nossa mãe!»⁴³³.

«Pensamos (...) com particular afeto e sentida gratidão em todas as mães, as nossas mães e as mães em todo o mundo: mães felizes de filhos felizes; mães ansiosas em momentos de dúvidas e de interrogações face ao futuro dos filhos; mães feridas pela dor diante da doença ou da morte dos filhos; mães sem trabalho, sem terra e sem teto para os seus filhos; mães heroicas que vencem desânimos em horas de incerteza e de insegurança; mães discretas mas presentes, mesmo quando os filhos estão distantes. Se não respeitarmos as mães dificilmente teremos quem cuide da humanidade. Se não afirmarmos o valor sagrado e não defendermos a missão insubstituível da maternidade e da paternidade colocamos em risco a essência da vida e pomos em perigo o futuro da própria humanidade. As mães são berço e regaço; são abrigo e escola; são dom que não se retribui e bênção que nunca se esgota; são porta de casa aberta para nos acolher e mesa de família preparada para partilhar o pão, a alegria, a serenidade e a paz. Obrigado mães!»⁴³⁴.

Tal como para os homens, também para Jesus a figura e a presença da mãe tem um particular e especial sentido de carinho, de proteção e de meditação:

«O Evangelho (...) apresenta-nos Jesus que vai a Jerusalém com os pais para cumprir o que estava prescrito na lei. Aí se demora entre os doutores. A sua morada já não é a casa de Nazaré, mas sim a casa de Deus, seu Pai. Perante a humana advertência de Maria, sua Mãe, é aparentemente estranha a resposta de Jesus! “Maria, porém, guarda estes

⁴³¹ Homilia Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 306.

⁴³² «As mães são para nós o berço da vida, a escola de vocação e a bênção necessária de todas as horas. A mãe de um nosso irmão sacerdote dizia-me, em Janeiro passado, quando lhe perguntei em dia de festa jubilar do seu filho: “quando manifestou o seu filho o desejo de ser padre?” “Foi na escola senhor bispo, mas antes de ele sentir esse desejo já a vocação tinha nascido em mim.” Assim é certamente com a minha mãe, que tudo deu à Igreja porque se deu a si mesma e ao único filho que tem. (...) Obrigado mães!»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 107.

⁴³³ Homilia na Procissão de Velas na Cidade da Virgem (30/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 174-175; cf. Homilia na Bênção dos Finalistas (01/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 64.

⁴³⁴ Homilia da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus (01/01/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 65.

acontecimentos e estas palavras no silêncio do seu coração, enquanto Jesus ia crescendo em idade, sabedoria e graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc. 2, 41-52)»⁴³⁵.

5.2.2 Maria, mãe de Deus

«Em Maria, mãe de Deus e nossa mãe, vemos [segundo D. António] o rosto das bem-aventuranças acolhidas e realizadas»⁴³⁶. D. António Francisco apresenta-nos a figura de Maria como a mãe de Deus, ou seja, mãe de Cristo (cf. Lc. 1, 28.31-32) e mãe de todos os homens; guiado pela sua mão terna e delicada⁴³⁷, ela molda o coração do pastor ao jeito do coração do Mestre:

«Que Nossa Senhora da Assunção (...), mãe de Deus e nossa mãe, nos ensine, abençoe e proteja, para que saibamos que o seu exemplo, terno e materno, foi e será sempre nossa escola de vida, de fé e de missão. Ámen»⁴³⁸.

«Tudo isto é possível, porque Maria transportou para cada um de nós segredos de Deus no seu Imaculado Coração! Quantos olhares, quantas preces, quantas súplicas, guardadas no seu coração de mãe!

Nós precisamos da mãe de Deus. O Mundo necessita da ternura desta mãe, que nos conduz ao seu Filho, rosto de misericórdia do Pai. Só seu Coração Imaculado nos pode ensinar a edificar uma Igreja de rosto materno, para que seja “uma mãe de coração aberto” (*Evangelii Gaudium*, n.º 46-49).

Clamavam pela mãe de Jesus, por entre lágrimas de alegria, de emoção ou de dor, as gentes do mar, os alunos das escolas, os trabalhadores dos campos, os operários das fábricas, as gentes das aldeias e das cidades. (...) Há gelos que só as mães quebram como só elas sabem aproximar as pessoas, unir as famílias, trazer primaveras de esperança»⁴³⁹.

5.2.3 Maria, modelo de caridade da Igreja

Maria, mãe de Deus, torna-se, de modo mais firme, numa presença importante para o futuro sacerdote desde o seminário, sendo ela verdadeiramente um modelo de discipulado (naquilo que é a capacidade de escuta, a firme fidelidade e a autêntica ternura e cuidado), do peregrinar cristão na missão confiada à Igreja:

⁴³⁵ Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 97.

⁴³⁶ Apresentação do Missão Jubilar (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 352; cf. Homilia da Peregrinação vicarial de Felgueiras ao Santuário de Santa Quitéria (14/08/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 107.

⁴³⁷ Cf. Homilia no Jubileu Sacerdotal (10/05/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 151; Homilia de Ordenações (13/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 132; Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 113; Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 123.

⁴³⁸ Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 57; cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 113; Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 68; Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

⁴³⁹ Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 111.

«O Seminário é casa e escola dos discípulos de Jesus. Aí está presente a mãe de Jesus, como sempre esteve junto dos apóstolos. Esta presença de Maria, mãe de Jesus, Senhora da Conceição e Senhora das Dores, que nos foi dada como mãe, acompanha-nos sempre no itinerário da nossa vida e nas várias frentes da missão da Igreja»⁴⁴⁰.

«Foi sob o signo da presença materna de Maria que este Seminário [refere-se ao Seminário Maior do Porto] sempre viveu e quer continuar a viver. (...) Com a dedicação de sempre e com a alegria e a gratidão de hoje confio à mãe de Jesus o nosso seminário. Que a Senhora da Conceição o abençoe e proteja com desvelo e carinho de mãe!»⁴⁴¹.

Do seminário, gera-se a particular e singular devoção a Maria como a mãe de todos os ministros ordenados e, também desde eles e neles, da Igreja: «é sob o seu olhar materno que (...) sempre caminhou ao longo da história. É sob a bênção constante deste mesmo olhar que vamos caminhar»⁴⁴²; e desde o momento da Crucifixão que a Igreja tem Maria por mãe: «quando ao pé da cruz, Jesus viu sua mãe e João o discípulo ali presente, disse-lhe com este jeito profético de quem nos dá a garantia de que Maria será a nossa mãe e mãe da Igreja: “mãe, eis o teu filho”. Depois disse a João: “Eis a tua mãe” (Jo. 19, 26-27)»⁴⁴³. Estas palavras, escutadas junto à cruz, revelam-nos Maria como a mãe dos membros do Corpo de Cristo⁴⁴⁴:

«Unida na Paixão ao Senhor que por nós Se fez Servo obediente até à morte, a serva do Senhor tornou-se a mãe feliz dos muitos filhos que a pregação apostólica congregou no seio da Igreja, ao renascerem da água e do Espírito Santo (Slm. 113, 9).

A presença de Maria junto à Cruz do novo Adão, quando do seu lado aberto nasce a Igreja nova Eva, e depois, no Cenáculo, como orante (Act. 1, 14), sublinha a sua ligação com a Igreja nascente. Participante dos sofrimentos do seu Filho, Maria participa também da sua glória. (...)

No eterno silêncio de amor da comunhão trinitária, ela é aurora e a imagem da Igreja triunfante. Pela sua interseção, ela guia e sustenta a Igreja peregrina, como mãe solícita pelos seus filhos»⁴⁴⁵.

Maria, «mãe da Igreja»⁴⁴⁶, torna-se numa certeza que está intrinsecamente unida à vivência do ministério ordenado como sinal materno da vivência vocacional: «que

⁴⁴⁰ Homilia da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 50.

⁴⁴¹ *Ibidem*, 49.51.

⁴⁴² Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 43.

⁴⁴³ Homilia da Celebração da Paixão (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 103.

⁴⁴⁴ Cf. FERREIRA – Um Tempo Marial, p. 386.

⁴⁴⁵ MARCOS, João – Maria no mistério de Cristo. In AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*, p. 229.

⁴⁴⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 87; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 141; Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 84; Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 99-100.

Nossa Senhora, bênção materna da nossa Igreja diocesana (...), nos inspire neste zelo evangelizador e missionário da Igreja, aberta ao mundo, e nos faça compreender que a messe é cada vez maior e que pertence a cada um de nós tudo fazer em oração, confiança e missão para que haja trabalhadores para a messe»⁴⁴⁷.

A Igreja toma o rosto de Maria como (a)própria(da) identidade e finalidade de adesão: «também aqui e agora somos convidados a implorar a bênção de Maria que acompanha com solicitude materna a Igreja e os seus servidores, para que nos renove nas fontes da alegria, da confiança, da generosidade e da gratidão»⁴⁴⁸. A partir do pensamento de D. António, que «também a Igreja em Portugal confia “o caminho de preparação para o Sacerdócio à proteção materna de Maria Santíssima, cuja casa foi escola de bem e de graça”»⁴⁴⁹.

Maria é, realmente, protetora, guia e alegria da vivência da fidelidade no ministério sacerdotal: «que Nossa Senhora, mãe da Igreja e nossa mãe, nos dê o dom da fidelidade, a coragem da perseverança e o sentido da doação vivida no amor a Deus e aos irmãos»⁴⁵⁰. Além do mais, Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja, torna-se também intercessora entre os homens e Cristo, intercessora entre o Salvador e os pecadores, caminho e modelo de santidade⁴⁵¹:

«Acreditamos que todos eles [refere-se aos ordinandos] vão ser “sob a proteção de Maria, no mundo, sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e nos ajudarão a descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor” (Papa Francisco, Homilia, Fátima, 13/05/2017)»⁴⁵².

De Maria, pode-se apreender a capacidade de guardar os ensinamentos do Mestre, sinal da sua plena abertura ao Mistério de Cristo e à missão de Deus em si mesma: «Maria levou (...) para guardar sempre e para sempre no seu Coração de mãe os segredos, as

⁴⁴⁷ Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 155.

⁴⁴⁸ Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 119; cf. Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 80.

⁴⁴⁹ Mensagem para a Semana dos Seminários (18/10/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 70.

⁴⁵⁰ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 120; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). Ano Sacerdotal (11/06/2009). Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 87.127.141; Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

⁴⁵¹ Cf. FERREIRA, Pedro Lourenço – A Virgem Maria Modelo da Igreja em Oração. In AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*, p. 281; *CdIC*, n.º 2030.

⁴⁵² Ordenações de diáconos e presbíteros: Sentinelas da madrugada onde brilha o rosto de Jesus e da Igreja (02/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 137.

esperanças, as alegrias, as lágrimas silenciosas, os sofrimentos, os olhares e os sonhos de quando a encontraram»⁴⁵³.

Maria, mãe de todos os crentes, é exemplo de caridade para a Igreja, de educação para a vivência da fé e fundamento de esperança: «que Maria, a mãe do Bom Pastor (...) [ajude] a assumir esta missão com alegria e confiança para sermos uma Igreja renovada na caridade, educadora da fé e fundamento de esperança para o mundo»⁴⁵⁴. Com os olhos postos não só nos discípulos como também em Maria, a Igreja caminha como *discípula* do seu Mestre e Senhor, aprendendo com ela a missão da oração e da intercessão; Maria é, definitivamente, «modelo da Igreja»⁴⁵⁵: «a Igreja não pode ser outra coisa senão esta mesma mãe de rosto terno e de coração materno aberto ao mundo para a todos acolher»⁴⁵⁶. Maria é a figura e a imagem da Igreja peregrinante, dado que, pelo mistério da Encarnação que faz dela a mãe de Jesus, Este faz do homem filho daquela:

«Maria, mãe de Deus, abre-nos as portas do coração como só as mães sabem fazer ao abrirem as portas da casa para os seus filhos, para que a casa comum de toda a família seja berço de vida fecunda e escola de amor abençoado; casa de mesa única para todos os filhos, onde o pão se reparte por igual entre irmãos, a alegria se partilha por inteiro entre os mais idosos e os mais pequeninos e a paz se constrói no amor para com todos»⁴⁵⁷.

A mãe, Maria, é modelo firme de serviço e de ação de Graças para cada ministro; ela que é o ícone da Igreja eucarística⁴⁵⁸, ela que é o espelho de toda a santidade⁴⁵⁹. A profunda relação entre Maria e a Igreja, entre a eucaristia e Maria, conduz ao centro da vivência espiritual, marcadamente mariana, dos sacerdotes: «no processo para nos tornarmos conformes a Cristo podemos frequentar a escola de Maria e fazer com que ela nos ajude»⁴⁶⁰. Contemplando-se Maria, «mãe Igreja»⁴⁶¹, compreende-se a Revelação de

⁴⁵³ Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 112.

⁴⁵⁴ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 133; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 163. Tal ideia é também defendida em: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*, p. 104-105.

⁴⁵⁵ Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição (08/12/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 96; cf. PEDROSO – *A Arte do Essencial*, p. 123-125.

⁴⁵⁶ Homilia na Festa de Nossa Senhora das Dores (16/08/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 81.

⁴⁵⁷ Homilia na Festa de Nossa Senhora da Hora (14/05/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 43.

⁴⁵⁸ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ecclesia de Eucharistia*, n.º 53. (Carta Encíclica de 14 de abril de 2003). *AAS*. 95 (2003) 469.

⁴⁵⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Deus Caritas est*, n.º 41. (Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005). *AAS*. 98 (2006) 251.

⁴⁶⁰ AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 315.

⁴⁶¹ MARCOS, João – Maria no Mistério de Cristo e da Igreja. In AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*, p. 323.

Deus ao mundo: «que Nossa Senhora, mãe da Igreja, que acolheu incondicionalmente o dom de Deus e desta forma ficou associada à obra da salvação nos ajude a saber acolher a doação que Jesus fez de Si mesmo na Eucaristia. Amen»⁴⁶².

5.2.4 O canto do *Magnificat*

No *Magnificat* (cf. Lc. 1, 46-55) e segundo o padre carmelita Pedro Ferreira, Maria apresenta-se como a discípula orante por excelência: «a oração de Maria anuncia a oração da Igreja. Em Maria a Igreja iniciou a sua oração e em união com ela a perpetua»⁴⁶³. Neste hino, Maria resume o núcleo da mensagem do Antigo Testamento e antecipa, profeticamente, as bem-aventuranças dos pobres, dos pequenos e dos débeis (cf. Mt. 5, 3-10; Lc. 6, 20-22). Mas não só: no *Magnificat*, Maria «vela (...) pela verdade da (...) doação e pela fidelidade do (...) ministério»⁴⁶⁴. Nele, a missão torna-se como que eco da beleza da vocação a que cada um é chamado: «o cântico de Maria (...) é, ao mesmo tempo, o cântico da mãe de Deus e o da Igreja, cântico da Filha de Sião e do novo povo de Deus, cântico de ação de graças pela plenitude de graças derramadas na economia de salvação, cântico dos “pobres”, cuja esperança se vê satisfeita pelo cumprimento das promessas feitas aos nossos pais»⁴⁶⁵.

A vida de Maria revela-se-nos como um ideal de perfeito seguimento a Cristo:

«A partir da palavra do Anjo, dita em nome de Deus, a resposta de Maria não se fez esperar. Quando Maria descobriu com a lucidez da razão e com o milagre da graça qual era a vontade de Deus, a sua resposta humana não demorou: “Faça-se em mim segundo a vossa Palavra” (Lc. 1, 38).

Na vida de Maria, a Virgem de Nazaré, radica um exemplo vivo e um testemunho necessário para os nossos diálogos com Deus e para as respostas que a Deus se devem. Sempre que o bem da Humanidade e a esperança das pessoas e dos povos estão em causa devíamos ser mais rápidos, mais espontâneos e mais generosos nas nossas respostas para realizar os sonhos divinos e cumprir as suas promessas.

Maria aprendeu neste diálogo com o Anjo de Deus o significado do projeto divino, percorreu o trajeto do seu plano de salvação e deixou-se guiar pelos desígnios da missão que Deus lhe confiou. A partir daí guardou sempre no seu coração de mãe todas as confidências de Deus. É sempre no coração das mães que nos encontramos com as mais belas notícias de Deus!

⁴⁶² Homília da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 71.

⁴⁶³ FERREIRA, Pedro Lourenço – A Virgem Maria Modelo da Igreja em Oração. In AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*, p. 274.

⁴⁶⁴ Homília da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

⁴⁶⁵ *CdIC*, n.º 2619; cf. *ibidem*, n.º 2617.

Aprendamos com a Virgem de Nazaré que a disponibilidade humana diante da vontade de Deus é sempre fonte de alegria, caminho de serviço aos irmãos e hino de gratidão “pelas maravilhas por Deus realizadas na humildade dos seus servos” (Lc. 1, 46)»⁴⁶⁶.

Maria é, para os homens, sinal de presença na discricção, de presença que não anula a identidade de cada um, mas que complementa a vida e as obras de cada um rumo à bem-aventurança celeste, junto de Deus Pai:

«Acompanha-nos nesta proximidade com Jesus e neste regresso à missão, a mãe de Jesus, a nossa mãe. Ela está sempre connosco com o desvelo de todas as horas e com a presença próxima e terna de todos os momentos. No nascer de cada manhã de vida e de ministério consagramo-nos e confiamo-nos à mãe de Jesus»⁴⁶⁷.

A Maria não basta, apenas e só, rezar-lhe; é necessário olhá-la, contemplá-la, ver verdadeiramente como ela foi, viveu e conviveu; aprender a rezar como ela e com ela, a ser(-se) cuidadoso e humilde, a compadecer(-se) (n)um coração pobre e capaz de acreditar na vontade de Deus: «quanto mais a contemplarmos, mais seremos como Ela, pois a devoção levará à imitação. (...) Ela nos ajudará na caminhada de santidade, na vivência evangélica, no amor a Deus e ao próximo, na vivência das bem-aventuranças, na identificação com seu Filho, Redentor e Salvador. Não é verdade que Maria é um “catecismo vivo”?»⁴⁶⁸.

Maria é um “modelo mediado”; o único modelo de se “ser cristão” é Cristo, Ele que é a verdadeira plenitude do encontro com Deus-Pai, Ele que é o único mediador entre Deus e os homens, Ele que é o mais perfeito dos filhos dos homens (cf. Ef. 4, 13; Heb. 9, 11).

⁴⁶⁶ Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 121-122.

⁴⁶⁷ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 95; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 147; Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 101; Homilia da Ordenação de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 78.

⁴⁶⁸ PEDROSO – *A Arte do Essencial*, p. 134; cf. SCHÖNBORN – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d' Ars*, p. 121-124.

CAPÍTULO III – D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS: O SERVIÇO E A BONDADE COMO MARCAS DA SANTIDADE DO PASTOR MISSIONÁRIO

Assegurando-se que é «da santidade da (...) vida [que] depende substancialmente a fecundidade da (...) ação»⁴⁶⁹, pretende-se imbuir na vida dos ministros ordenados um ideal de ação santificadora que se traduza na relação com os demais irmãos que com ele vivem e convivem no mundo para que se tornem «modelos de atuação, na luta para ultrapassar a fraqueza e o pecado humanos e abraçar a vontade de Deus na nossa vida»⁴⁷⁰.

Verdadeiramente, para D. António Francisco «os santos apontam-nos um caminho, definem um rumo e indicam-nos uma meta. Este caminho, este rumo e esta meta orientam-nos para Cristo, porque na vida do santo reflete-se a santidade de Deus e espelha-se a mensagem do evangelho que de Cristo recebemos»⁴⁷¹. Porém, esta vivência da santidade – poderíamos dizer: “caminho de santificação” – torna-se e faz-se presente no cuidado amoroso que cada um tem para com o próximo. É isso que pede Deus a cada um dos crentes; é isso que Jesus nos mostra (cf. Jo. 15, 12-17); é isso que reflete George Augustin:

«A santidade cristã não é mais do que uma conduta sob a *promessa de Deus*, segundo o *ditame do Evangelho*. Embora a vocação à santidade seja feita obviamente a todos os cristãos porque é universal, o sacerdote deve servir de modelo; isto é, com a sua vida deve testemunhar que cada cristão pode tender para a perfeição. Um sacerdote é um mestre de santidade»⁴⁷².

Neste último ponto pretende(re)mos demonstrar como é que, tendo em conta tudo o que atrás se abordou, se pode ensaiar a vivência ministerial episcopal da santidade em

⁴⁶⁹ AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 309; cf. *Presbyterorum Ordinis*, n.º 12-13. AAS. 58, 1009-1013; *Pastor Dabo Vobis*, n.º 25. AAS. 84, 695-697.

⁴⁷⁰ O'MALLEY – *Gambiarra de luz*, p. 68.

⁴⁷¹ Homília na Vigília da Festa de S. Gonçalo de Amarante (10/01/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 46. Diz-nos Joseph Ratzinger que «os santos ajudam-nos (...) a não amar “com as palavras nem com a boca, mas com factos e com verdade” (1Jo. 3, 18). A vida dos santos é a interpretação autêntica das Escrituras. (...) A vida dos santos é o grande farol que nos mostra para onde ir, nas trevas das discussões. (...) Na escuridão da nossa história, há de facto luzeiros refulgentes, que brilham e nos permitem ver que a Luz existe e que o ser humano não é um acaso da Criação, podendo, antes pelo contrário, assemelhar-se a Deus. Eles [refere-se aos santos a que ele denomina de “luzeiros refulgentes”] encorajam-nos a prosseguir no caminho do amor, porque Deus é amor. E, na medida em que avançarmos na estrada do amor, seremos semelhantes a Deus»: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Por Amor*, p. 12.24. Numa outra obra, refere Ratzinger: «os santos são as paredes que nos envolvem. São eles, os que são estanques em relação ao espírito do mal, à mentira, à indisciplina, à falsidade e ao ódio. São eles, com a força do seu apelo que são permeáveis a tudo o que é bom, grande e nobre. Os santos são as paredes e, ao mesmo tempo, a porta e todos nós deveríamos, com toda a sobriedade, ser esses santos, isto é, homens que são muralhas para os outros, homens que impedem o que é contrário à existência humana e ao Senhor, e que se mantêm bem abertos a tudo o que em nós se chama procurar, questionar e esperar»: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Os Sacramentos*, p. 13.

⁴⁷² AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 310.

D. António Francisco dos Santos; como é que ele próprio, através do seu ministério, foi reflexo de um caminho especial – porque pessoal – de santidade. No fim de contas, verificar real e verdadeiramente que o seu ministério foi um ministério santo, tomado da certeza de que, tal como o próprio nos indicou e viveu, o anúncio da alegria do Evangelho é o primeiro e o maior legado da vida dos santos⁴⁷³.

Para isso, faremos uma sistematização de todos os temas que atrás foram tratados para que se possa concluir, autenticamente, que o seu ministério é digno de ser tido como que possuindo o atributo de santidade. Tendo isso assente, procuraremos falar de alguns aspetos próprios de uma «pedagogia de santidade»⁴⁷⁴: a santidade do pastor na doação de vida (aos demais), a bondade como espelho da santidade medi(a)da pela caridade pastoral e, por fim, a paixão evangelizadora como missão universal de santidade. É realmente por meio destes elementos anteriormente referidos que se pode pensar a santidade, no horizonte do caminho e da urgência pastoral, como a autêntica «medida alta da vida cristã»⁴⁷⁵.

A santidade ministerial, assumida desde a vivência da doação de vida e da compreensão da bondade torna-se verdadeiramente demarcada de santidade e, desde aqui, concretizada numa realidade eclesiológico-missionária caritativa que D. António nos apresenta e que aqui pretendemos, num último ponto, sublinhar e, de seguida, enquadrar⁴⁷⁶. Que a descrição que D. António procurou de “santo” seja o reflexo da sua santidade quer na vida pessoal, quer na vida social, quer, por fim, na sua vida ministerial:

«Os santos são como faróis. Eles indicam às pessoas e às comunidades as possibilidades de que o ser humano dispõe. Os santos traduzem o divino no humano e transportam o eterno para o tempo. Em épocas de crise, em períodos de desconfiança e em momentos de desconforto diante do futuro, mais necessária se afirma uma renovada atenção para com os santos na singularidade própria de existências com um sentido de vida a conhecer, a descobrir com interesse, a amar com devoção e a seguir como exemplo»⁴⁷⁷.

«É grande a força mobilizadora que os santos têm na vida das pessoas e das comunidades cristãs, porque eles incarnam nas suas vidas a Palavra de Deus e traduzem para a Igreja e para o mundo de hoje os sonhos divinos. (...) Sabemos todos que os santos

⁴⁷³ Cf. Homilia na Festa de Santo Tirso (20/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 127.

⁴⁷⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Inuente*: n.º 31. (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 288; AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 96.

⁴⁷⁵ *Novo Millennio Inuente*, n.º 31. *AAS*. 93, 288.

⁴⁷⁶ Diz-nos D. Pio Alves de Sousa, bispo-auxiliar do Porto: «[D. António] sintonizou (...) a sua espontânea bondade e gastou a sua vida – seminarista, sacerdote e bispo – percorrendo os caminhos abertos pelo Concílio Vaticano II»: SOUSA, Pio Alves – Homilia na Missa de 30º dia de D. António Francisco dos Santos (11/10/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 27.

⁴⁷⁷ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 456.

nos oferecem sinais de vida nova para a Igreja neste caminho sinodal que estamos a percorrer e iluminam o nosso olhar com a esperança de um mundo melhor»⁴⁷⁸.

1. A santidade do ministério do pastor na doação de vida

A vida ministerial tem sempre como pressuposto o encontro pessoal com Cristo para que, desta relação singular, se possa concretizar a verdadeira missão de cada cristão de um modo universal, mas de modo e forma muito particular dos ministros ordenados, dos verdadeiros pastores; aqui, para D. António, «a família é a primeira escola onde esta pedagogia da santidade deve acompanhar o despertar religioso da fé e o sentido cristão da vida»⁴⁷⁹.

Procuraremos compreender a santidade no ministério pastoral dos ministros ordenados que D. António Francisco propõe e que, como concretização da sua própria vocação – resultado do encontro com Cristo Vivo e Ressuscitado – viveu e deixou (de)marcado no coração de quem o viu viver e que com ele teve a alegria de conviver. Realmente, «com o mistério da vocação e da doação que o sacerdote transporta em si e nos é revelado a cada momento que ele participa de missão de Jesus»⁴⁸⁰.

Partiremos assim da essência do amor no ministério pastoral, passaremos do modelo de Pastor ao papel do próprio pastor dentro da comunidade, compreenderemos as bem-aventuranças enquanto identidade de santificação que se torna ação, a esperança do pastor como desejo de busca de santidade, atravessaremos a identidade e a respetiva atualidade da missão na vida do pastor e terminaremos na compreensão do presbitério como sinal santificador para os pastores, sempre conscientes de que a entrega de vida do ministro se toma como o mais autêntico testemunho de santidade⁴⁸¹: «a vida do sacerdote,

⁴⁷⁸ Nota Pastoral: A santidade, fonte de alegria e de bênção (19/01/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 95. Nesta linha, olhemos a curiosa expressão de Joseph Ratzinger, que em 1984, numa homilia no contexto da celebração de S. José, refere: «os santos são a catequese permanente que nos é dada por Deus no decurso da história; são, efetivamente, a tradução sempre renovada da Palavra de Deus na vida humana; nos santos a Palavra torna-se vida, carne e sangue; olhando para os santos podemos compreender as verdadeiras intenções da Palavra de Deus. (...) A fé destes crentes simples, silenciosos e imperturbáveis abre a porta a Cristo»: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Por Amor*, p. 49.

⁴⁷⁹ Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 441; cf. Homilia no Dia Diocesano da Família (24/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 172.

⁴⁸⁰ Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 109.

⁴⁸¹ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). Ano Sacerdotal (11/06/2009). Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 83.111.118.126.304; Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66; Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 100; Nota

concretamente, é sempre uma vida de entrega e de doação. A renúncia, o despojamento e a doação implicam esta capacidade de disponibilidade absoluta ao serviço do Reino de Deus»⁴⁸².

Em tudo assumimos como suposto e pressuposto o Verdadeiro Modelo do Pastor, Cristo Jesus: Ele é que é realmente determinante para o sucesso de evangelização, isto é, de santidade. De uma missão que se concretiza na fidelidade ao Mestre e, n'Ele, a Deus, a fonte da Santidade:

«A santidade de vida sacerdotal é o nosso primeiro e imprescindível testemunho evangelizador. O importante da nossa vida sacerdotal não é contabilizar êxitos apostólicos ou sucessos humanos mas sim encontrar a alegria da vocação e a santidade do ministério que santifique igualmente aqueles a quem somos enviados e dê sentido e beleza às nossas comunidades»⁴⁸³.

1.1 O serviço amoroso do pastor como caminho de santificação

Sendo o coração de Cristo, o Bom Pastor, o modelo de cada pastor⁴⁸⁴, a missão do verdadeiro pastor, à imagem de Cristo, o Eterno Pastor, é multiplicar o Amor de Deus no

Pastoral: A santidade, fonte de alegria e de bênção (19/01/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 91.

⁴⁸² Entrevista de D. António Francisco dos Santos ao *Diário do Minho* e à *Rádio Renascença* (07/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 31-32.

⁴⁸³ Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 105. Curioso que este mesmo propósito é assinalado pelo cardeal Seán O'Malley: «o (...) padre (...) é chamado a uma vida de santidade. A verdadeira santidade não é nunca uma abstração, um sonho irrealizável ou um estado angélico. (...) a santidade não se consegue nunca longe da trama do dia a dia das nossas vidas. Estamos sempre chamados a ser pacientes, generosos, atentos, cuidadosos, compassivos e a perdoar a cada momento, as pessoas que temos à nossa frente. A santidade tem sempre a ver com o agora e como respondemos às exigências do encontro presente (...). Santidade quer dizer dar-se a si próprio, oferecer-se a si próprio, servir sem egoísmo os outros a partir do exemplo de Jesus. A santidade cristã está sempre ligada à cruz, a gastar a nossa vida no amor e serviço ao próximo. A forma particular de santidade sacerdotal tem de ser encontrada precisamente no ministério sacerdotal e não separada dele. O ministério dá forma ao caminho de santidade do padre porque, pela ordenação, o ministério passa a ser uma parte essencial da sua identidade. O ministério e as atividades pastorais não são uma distração para a vida espiritual do padre. Pelo contrário, o ministério está no centro da espiritualidade do sacerdote. Um padre encontra a santidade nos desafios do dom de si próprio como pastor que é, segundo coração de Cristo. A santidade sacerdotal é formada por uma interação mutuamente enriquecedora entre oração e ministério. (...) A santidade é o que permite às pessoas entrever Deus no meio do mundo, a santidade torna a nossa mensagem credível, a santidade é o que torna o ministério verdadeiramente bem-sucedido. A oração permite que a santidade (...) dê cor a cada dia, quando arranjamos tempo e espaço para Deus»: O'MALLEY, Seán – *Procura-se Amigos e Lavadores de Pés*. 1ª r. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019, p. 193-195.

⁴⁸⁴ Cf. Homília da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 50. Dada a infinita referência a Cristo como o modelo perfeito de Pastor nas homilias de D. António, optamos por apenas indicar algumas referências onde o mesmo é sinalizado: cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90-93; Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 109-113; Homília na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 133; Homília na ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 98; Homília da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 113; Homília da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 120; Homília do

ministério para o qual vive; na verdade, «o nosso olhar só se pode voltar para Cristo, porque primeiro o olhar de Deus se voltou para nós»⁴⁸⁵:

«Somos, irmãos sacerdotes, sacramentalmente sinais do dom de Deus para a vida da Humanidade. E este sinal não se escreve em carta de missão onde o trabalho se define ou em pormenores de ação onde a missão se descreve, mas sim na oferta plena da nossa vida, no dom total de nós mesmos, feito com alegria e com esperança. Conhecemos as nossas fraquezas e limitações, mas nem isso nos intimida diante da grandeza da missão nem nos perturba perante a dimensão da responsabilidade. Deus, também aqui, transcende a nossa fragilidade pela beleza do seu amor. E deste amor de Deus em nós expresso e da permanente generosidade que o amor de Deus em nós inspira, irradia a beleza do serviço a que Deus nos chama e que a Igreja nos pede»⁴⁸⁶.

A caridade pastoral⁴⁸⁷ assume-se, portanto, como o principal elemento constitutivo do ministério pastoral do presbítero:

«Nascemos, como sacerdotes, do amor misericordioso de Deus e somos chamados por Cristo a multiplicar este amor em cada gesto, em cada palavra, em cada passo dado, em cada sacramento celebrado, em casa obra construída, em cada prece rezada, no trabalho e no descanso. Se perdêssemos esta consciência do amor misericordioso de Deus que nos habita e do chamamento que recebemos de Cristo, tornar-se-iam sem sentido a nossa vida e sem razão de ser o nosso ministério»⁴⁸⁸.

É na vida que o sacerdote deve encontrar a sua verdadeira razão de ser pastor, procurando que sempre tenha presente o ideal de doação, de caridade, como a concretização máxima e plena da promessa da vocação à qual Cristo o chamou⁴⁸⁹:

«Do amor primeiro para com Deus nasce este amor igual para com os irmãos, que nos leva a fazer do anúncio do evangelho uma missão e do amor aos irmãos uma urgência e um serviço. É um amor de doação de todos, em tudo e sempre, que faz de cada gesto um reforço do crescimento pessoal, uma bênção para a família e uma expressão de solidariedade fraterna no nosso mundo»⁴⁹⁰.

Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 155; Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 97.

⁴⁸⁵ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 121.

⁴⁸⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 144-145.

⁴⁸⁷ Chamamos a atenção para o facto de que este tema já foi abordado no ponto 1.4 do capítulo II e será novamente tido em conta no ponto 2 deste capítulo III.

⁴⁸⁸ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

⁴⁸⁹ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 90.

⁴⁹⁰ Homilia da Festa de Santa Rita (22/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 63; cf. Homilia da Solenidade de Pentecostes (08/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 82.

A necessidade de encontrar no pastor o testemunho vivo de Cristo⁴⁹¹ toma-se, como já vimos, na comunhão que se tem com o próprio Cristo⁴⁹² para servir, no amor dado, recebido e agradecido d'Ele mesmo, aos irmãos⁴⁹³. A alegria de ser padre torna-se assim como um dos elementos essenciais da evangelização⁴⁹⁴. Tal como vimos previamente⁴⁹⁵, no início da época patrística, a alegria era sinal de santidade, a vivência de uma vida alegre era sinónimo de santidade de vida. E realmente, tal como nos referencia André Manaranche, «a alegria do apóstolo não tem como base qualquer consideração tecnológica; é teologal; consiste em reconhecer-se amado pelo Pai, na companhia do Filho»⁴⁹⁶.

Esta vivência ministerial fundada e fundamentada na alegria tem, na ótica de D. António, três elementos que lhe são próprios e que devem demarcar a vivência santificadora do sacerdote: a centralidade da oração⁴⁹⁷, o perdão/misericórdia e a dor compassiva⁴⁹⁸. Ao verdadeiro pastor, cabe-lhe ser a voz do anúncio da esperança; para que isso aconteça, o pastor deve conhecer o rebanho, caminhar com ele e alimentá-lo⁴⁹⁹. O pastor deve ser o rosto misericordioso de Deus diante, por exemplo, dos marginalizados, dos pobres, dos sem-abrigo⁵⁰⁰, tendo consciência de, como alertava D. António, «só servindo a vida em todos os momentos e circunstâncias se pode desenhar e se deve decidir o futuro da Humanidade»⁵⁰¹.

É do amor primeiro de Deus, O verdadeiro afeto que molda o coração do pastor, que podemos compreender a santidade como possibilidade de realidade presente e como

⁴⁹¹ Cf. Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65.

⁴⁹² Em 2010, na missa crismal, D. António Francisco referia isso mesmos aos seus presbíteros: «anunciamos um Deus que nos pede a santidade, numa relação afetiva e real com Ele. Temos um Pai que nos ama infinitamente»: Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 123.

⁴⁹³ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 123; Homilia da Solenidade do Nascimento de São João Batista (24/06/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 113-116.

⁴⁹⁴ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 139; Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66; Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 79.

⁴⁹⁵ Cf. parte I, capítulo I, ponto 1.1.

⁴⁹⁶ MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 92-93.

⁴⁹⁷ Aqui, tenha-se em conta tudo o que se disse nesta mesma parte, no ponto 5.1, a propósito da oração como escola do amor que sentimos por Deus, pelos outros nossos irmãos e pelo mundo.

⁴⁹⁸ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111. Sobre este tema, veja-se: FERNÁNDEZ FARES, Diego Javier – *El Olor del Pastor*, todo; URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 197-200.

⁴⁹⁹ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111.

⁵⁰⁰ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 112.

⁵⁰¹ Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 82.

certeza da vocação celeste. D. António Francisco sabia-o muito bem; D. António Francisco compreendeu-o, na sua vida, de forma ainda mais completa: «a certeza do amor eterno de Deus por nós (...) abre-nos o horizonte da esperança e o caminho da santidade. E a santidade é a melhor porta da misericórdia divina, verdadeira porta do Céu e porta certa da bem-aventurança eterna»⁵⁰².

1.2 Do modelo de Bom Pastor ao sentido de pastoreio: um caminho de santificação pessoal

O Bom Pastor é a imagem do (perfeito) presbítero: «a caridade pastoral alimenta-se do nosso encontro com Cristo»⁵⁰³. Portanto, «a espiritualidade do presbítero é caridade do Bom Pastor. (...) É espiritualidade de serviço»⁵⁰⁴. Por meio dos pastores, a Graça de Deus toma-se e torna-se presente no mundo: Deus moldou nos pastores um coração segundo o coração de Cristo⁵⁰⁵:

«Compromete-nos a seguir Cristo mais de perto e com maior fidelidade. Com a nossa fidelidade aos compromissos sacerdotais e com o gosto de vivermos plenamente a beleza do nosso ministério, no seguimento de Cristo, alegremente dedicados ao serviço dos outros, podemos sustentar os nossos irmãos na fidelidade aos seus deveres humanos, familiares, profissionais e cristãos»⁵⁰⁶.

Jesus Cristo, o Bom pastor, é o modelo primordial para cada pastor; Ele, que deu, dá e continuará a dar a vida pelas suas ovelhas, ofereceu-se de uma vez para sempre pelo Seu rebanho⁵⁰⁷. Cristo é o Novo Pastor, o pastor que é semente de esperança e fermento para a vida nova⁵⁰⁸. Para D. António, o fundamental de se ser pastor está na capacidade de, em cada dia e em cada situação, saber discernir os acontecimentos do mundo com o coração e os olhos do Mestre: «procuremos seguir sempre o Mestre bem de perto e digamos diariamente com alegria, com verdade e com fidelidade: “In manus tuas”»⁵⁰⁹.

⁵⁰² Homilia nas Exéquias do Padre António Pereira da Silva Vieira (06/01/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 71.

⁵⁰³ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 6; cf. Homilia nas Exéquias de D. António Marcelino (11/10/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 153-157.

⁵⁰⁴ AZEVEDO – *Ser Padre*, p. 45; cf. *ibidem*, p. 80. Diz-nos o padre G. Augustin que «tal como a liturgia, também a caridade é um lugar de anúncio»: AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 110.

⁵⁰⁵ Homilia na Ordenação de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 96; cf. Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 155; Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 98.

⁵⁰⁶ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 136.

⁵⁰⁷ Cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 161.

⁵⁰⁸ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 111.

⁵⁰⁹ Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 160.

Cristo, fonte e finalidade da alegria ministerial, é O exemplo para todos os pastores; d’Ele nos advém a excelência caritativa em prol dos menosprezados aos olhos da sociedade, d’Ele nos advém a capacidade de amar verdadeiramente com o coração e de colocar de parte os preconceitos existentes; d’Ele nos advém o sentimento de amor recíproco que, com Ele o Pai teve e ao qual cada pastor é convidado a ser reflexo: «transportamos este sinal sacramental que nós somos na oferta diária da nossa vida. (...) Quando pesarmos que as exigências desta doação são desmedidas e excedem as nossas forças humanas saibamos que o nosso ministério é sinal da fidelidade de Deus ao seu povo, que nunca nos falta com a sua bênção»⁵¹⁰.

Por tudo isto, aponta D. António: «sede (...) profetas de Deus, para falar sempre e só em nome d’Ele. Sois *voz de Deus*. Sois, também, *mãos de Deus*, trabalhadores insaciáveis deste encontro de Deus com o seu povo, *alavancas de Deus* que erguem o mundo e *mesas de Deus* que multiplicam a fraternidade sempre que repartem o pão dos pobres»⁵¹¹. Verdadeiramente, «pela sacramentalidade do ministério, o sacerdote encontra em Cristo, de quem é discípulo, a paz e a santidade, cresce na fé e aprofunda a vida espiritual pelo exercício do seu ministério»⁵¹².

1.3 As bem-aventuranças: identidade de (santific)ação

D. António viveu, tal como as assumiu, as bem-aventuranças do Reino como propósito ministerial⁵¹³. Na vida e no ministério de D. António, as bem-aventuranças são sinal de alegria e felicidade; alegria e felicidade que se concretiza(va) na verdadeira – e única – possibilidade de se ser pastor ao modo e jeito de Jesus: no dar, no oferecer, no servir, no entregar a vida em prol dos outros. Tal era afirmado, como atrás vimos, por D. António Moiteiro, o seu sucessor na diocese de Aveiro:

«O fio condutor do seu magistério episcopal foram as bem-aventuranças. (...) ele afirmava (...) que “o Evangelho é, todo ele, um poderoso convite às bem-aventuranças. Elas tipificam a felicidade oferecida por Jesus. Proclamam uma felicidade que não está subjugada à cultura do êxito, já que pode ser encontrada até nas situações sentidas como mais adversas como a pobreza, a perseguição, etc. Anunciam uma felicidade que não

⁵¹⁰ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 103-104.

⁵¹¹ Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 76; cf. Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96-97.

⁵¹² Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 111.

⁵¹³ Cf. Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 53.

repousa no ‘ter’ ou no ‘lucrar’, mas que, pelo contrário, assenta no ‘dar’, no ‘oferecer’, no ‘servir’, no ‘entregar’”»⁵¹⁴.

De Cristo, o sacerdote que seja bom pastor apreende a totalidade da felicidade, da bem-aventurança, da beatitude:

«O Evangelho das bem-aventuranças (...) é um programa de vida cristã e um hino à missão dos sacerdotes. É a síntese do Evangelho que pregamos. É a bênção que connosco transportamos. As bem-aventuranças são o que de mais santo somos chamados a construir e a realizar. No mundo de hoje, a braços com dificuldades várias, com crises acrescidas e com problemas maiores, saibamos todos nós dizer esta palavra de bênção evangélica e viver este programa que Jesus nos confiou (Mt. 5, 1-12)»⁵¹⁵.

Por Ele, cada um dos crentes – e de modo mais particular cada pastor – é chamado a ser reflexo daquilo que Deus, por Cristo, provoca (no verdadeiro sentido etimológico da palavra⁵¹⁶) em cada um dos Seus pastores. Jesus é o modelo mais perfeito de ação, fidelidade, discernimento e crescimento; as bem-aventuranças são os caminhos de sabedoria e de esperança traçados por Cristo e que, continuamente, cada ministro deve ter gravado no coração: «a vida de um padre inscreve-se sobretudo naquilo que fica gravado no Livro da Vida e guardado no coração de Deus e no coração humano dos vivos, que é sempre o melhor sepulcro dos mortos»⁵¹⁷.

As bem-aventuranças tornam-se, para o verdadeiro e santo pastor, como a estrutura e a consolidação que permitem a coerência entre fé e vida: «evangelizar é semear as bem-aventuranças do Evangelho no coração da cidade, construindo um mundo melhor»⁵¹⁸. Elas marcam a pessoa e demarcam a vida da mesma a agir em conformidade com o que é crido por ela de modo mais autêntico e genuíno:

«Este é um verdadeiro caminho de formação humana e de iniciação cristã. Com Jesus entramos no caminho do ser humano, no caminho do mistério de Deus e no caminho do Povo de Deus, que é a Igreja. Agarrados à mão de Jesus e fiéis à Sua palavra, que de nós faz discípulos, mensageiros e missionários, prosseguimos com alegria renovada no caminho da missão da Igreja enviada ao mundo»⁵¹⁹.

⁵¹⁴ RAMOS, António Manuel Moiteiro – Prefácio. In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 3-4.

⁵¹⁵ Homília nas Exéquias de Monsenhor Alexandrino Alves Ferreira Brochado (20/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 70.

⁵¹⁶ Do latim “*prouocare*” (*pro* + *uocare*), pode-se traduzir como “chamar para fora, mandar sair, mandar vir, estimular, exortar, desafiar, apelar, provocar”.

⁵¹⁷ Homília nas Exéquias de Monsenhor Alexandrino Alves Ferreira Brochado (20/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 70.

⁵¹⁸ Homília na Paróquia da Sé (05/07/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 122.

⁵¹⁹ Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 351.

A alegria de ser padre, tal como já vimos anteriormente, têm a sua fonte nas bem-aventuranças: «nelas encontramos horizonte de sentido para a vida, caminho para a missão e força contínua nas horas mais duras e nos momentos mais difíceis»⁵²⁰. Evidentemente que «a radicalidade da entrega ensina-nos que mais do que contabilizar o que se dá ou avaliar o que se faz, importa dar tudo dando-nos a nós mesmos»⁵²¹.

Assim, o “evangelho da vida” (a vida vivida e convivida com os outros) é o sinal, o reflexo da adesão *ad intra* do Evangelho, da Boa Nova, de Cristo Jesus, Filho de Deus Encarnado. Esta adesão é compreendida na, pela e através da vivência da fidelidade ministerial⁵²²: «só o que é definitivo nos torna felizes e nos abre horizontes de doação sem limites e de entrega sem cálculos, “dando profeticamente testemunho de Cristo e da sua mensagem libertadora de salvação”»⁵²³. Eis porque o pastor, singular «protagonista das bem-aventuranças»⁵²⁴, assume nesta comunhão de vida ministerial a presença e a configuração a Cristo, o Sumo Pastor de Deus.

É necessário ter em conta que neste caminho de felicidade, de santidade proposto e vivido por D. António, a capacidade de se reinventar as bem-aventuranças para cada situação, para cada contexto próprio e, por isso mesmo, singular e que é tido, apreendido e compreendido como de muita importância para a vida ministerial. Na realidade, da prática das beatitudes, reflete-se um caminho de santidade com a marca de Cristo, a fonte por excelência de toda a santidade concretizada e atualizada no cuidado dos mais pobres, dos doentes e dos marginalizados; no fundo, na vivência prática e concreta da caridade pastoral: «quando nos aproximamos de Deus e dos pobres o caminho só pode ser o das bem-aventuranças, que nos leva sempre mais longe e nos dá força para praticarmos as obras de misericórdia com alegria»⁵²⁵. Esta bem-aventurança é reflexo da santidade de Deus operada em Cristo e transportada a todos os crentes⁵²⁶:

«As bem-aventuranças mantém vivo o amor de Deus pela Humanidade, tornam presente o Seu apelo à felicidade e traduzem, pela vida, voz e missão de Jesus, o convite a recriar, a redimir e a santificar o mundo para que ele seja espaço habitado pelo bem e animado pela certeza de que o Espírito de Deus está no meio de nós com os seus dons. A realização das bem-aventuranças torna o mundo mais humano e abre o nosso coração às

⁵²⁰ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 66-67.

⁵²¹ Dia do Consagrado (23/01/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 59.

⁵²² Para uma maior compreensão deste tema sob a perspetiva de D. António, veja-se o ponto 3.5.2 deste mesmo capítulo.

⁵²³ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 62

⁵²⁴ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 119.

⁵²⁵ Homilia nos 60 anos da morte do Padre Américo Monteiro de Aguiar (16/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 102.

⁵²⁶ Cf. CASTELLANO CERVERA – *Bienaventuranza*, p. 251-253.

possibilidades imensas que aí moram para construirmos um mundo melhor. Essa é a missão da Igreja e de todos os discípulos de Jesus e este é igualmente o desafio feito a homens e mulheres de boa vontade, possuidores de um coração sincero. (...) Com o anúncio das bem-aventuranças, Jesus semeia no coração dos discípulos o fascínio pela realização das atitudes propostas e a alegria de conseguir a felicidade aí anunciada: “*então sereis perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste*” (Mt. 5, 48)⁵²⁷.

1.4 A esperança do pastor como desejo de santidade

O verdadeiro pastor – tal como mostrou e consumou D. António –, tem de ter em conta, primeiramente, a aptidão para conhecer o contexto envolvente de si e, daí, ser capaz de interpretar a situação onde se encontra para que possa realizar um discernimento evangélico sob o olhar de Deus, por Cristo.

Se, como já tivemos oportunidade de apontar anteriormente, a cultura atual está identificada com o medo de sofrer, o medo de instabilidade e de falta de sensibilidade⁵²⁸, cabe ao Cristianismo ser a resposta e oferecer uma “luz de esperança” aos homens e mulheres que se cruzam com ele e que se deixam tocar pela Pessoa de Cristo Jesus: «o cristão não é uma pessoa estranha nem extraordinária mas simplesmente alguém que acolhe e respeita a vida como um dom, que acredita em Jesus de Nazaré e que interpreta os acontecimentos à luz da fé, com renovada esperança»⁵²⁹. Verdadeiramente, a sabedoria e a *razão de ser* cristão prende-se na capacidade de se dar e entregar aos outros, enquanto sinal da encarnação do Evangelho na própria vida «porque o Evangelho vivido pode comover verdadeiramente o coração das pessoas»⁵³⁰.

Tal como nos afirma Joseph Ratzinger, «ser cristão significa essencialmente passar do ser em prol de si mesmo para a o ser em prol dos outros. (...) Assim sendo, a opção fundamental do cristãos, ou seja, a aceitação da maneira cristã de ser, significa o abandono de uma atitude de centralização em si e a adopção da existência de Jesus, que se volta inteiramente para o todo»⁵³¹. A missão que D. António procurou passar assentasse na verdade de que, a missão de qualquer cristão⁵³² – mas particularmente do pastor –

⁵²⁷ Apresentação: Caminhada das Bem-aventuranças (21/09/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 350.

⁵²⁸ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 102.

⁵²⁹ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 102; cf. *Spe Salvi*, n.º 1-3. AAS. 99, 985-988.

⁵³⁰ AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 151.

⁵³¹ RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*. Cascais: Principia, 2005, p. 184.

⁵³² Os leigos, para D. António, têm um papel determinante na vida e na missão da Igreja: «os leigos devem ser protagonistas e não apenas destinatários desta missão da Igreja. São voluntários de Deus e servidores da Humanidade. São chamados a recolocar o homem no centro da sociedade e a edificar a unidade e a comunhão da Igreja nos lugares e nos tempos em que a vida se constrói e o futuro da sociedade

se assume na partilha da alegria da esperança, ou seja, na alegria da santidade que se concretiza na esperança pela qual procura viver com o outros. Dizia D. António ao seu presbitério em 2009:

«Somos chamados a ser sentinelas vigilantes colocadas na aurora de um mundo novo, mais atentos aos valores novos que começam a germinar do que preocupados com os tempos de outrora que estão a ruir. Não tenhamos medo das bem-aventuranças do Reino, por mais fáceis que sejam a dizer e por mais difíceis que sejam a realizar. Tenhamos a ousadia de acreditar que as bem-aventuranças são possíveis»⁵³³.

Esta vivência da esperança, assumida na fidelidade ao Mestre e concretizada no serviço pastoral aos irmãos, tem o seu ponto culminar no testemunho de esperança, de santidade que não desespera pela espera: «a fidelidade é amor que resiste ao desgaste do tempo, às resistências interiores e aos embates exteriores»⁵³⁴.

O seguimento de Cristo conduz o pastor – tal como conduziu D. António – a um caminho feliz, de bem-aventurança, que se toma realidade e torna radicalidade evangélica através do modo de vida: desde a renúncia e desapego, à autêntica vivência da liberdade, do encanto, da coragem, do dom de Cristo. No fundo, na capacidade de se deixar moldar por Deus em Cristo, na disponibilidade de ser tudo para todos (cf. 1Cor. 9, 22), de dar tudo a todos, de dar-se em tudo a todos de forma e de modo autêntico, sem reservas nem entraves⁵³⁵.

1.5 O dinamismo santificador da missão do pastor

O ministério de D. António concretiza-se no serviço de amor que é inerente ao ministério pastoral, a identidade missionária. Na verdade, da vocação particular de cada um dos pastores, chega-se à realidade comunitária de missão, de concretização do plano de Deus por Cristo em cada um dos homens. Esta realidade comunitária e missionária torna-se sinal de unidade da Bondade Divina, enquanto realidade salvífica, com a criatura humana, a sua imagem e semelhança (cf. Gen. 1, 26).

A identidade missionária do pastor concretiza-se através de algumas categorias que D. António referiu: ser colaborador de Deus, ser humilde, ser constante, ser generoso

se decide, para que o mundo possa ser pátria das bem-aventuranças do evangelho»: Homilia no Encontro Nacional de Leigos (25/01/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 59.

⁵³³ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 102-103.

⁵³⁴ URIARTE GOIRICELAYA – *Servir como pastores*, p. 8.

⁵³⁵ Cf. Dia do Consagrado (23/01/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 57-59; cf. Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 77.

e ser semeador (da presença de Cristo)⁵³⁶. Amar a Deus e servir aos irmãos⁵³⁷: é a missão de todo o cristão, mas acima de tudo deve ser a prioridade do verdadeiro pastor. Servir aos irmãos na certeza serena de que, ao servi-los, serve a Deus que neles se torna presente (cf. 1Jo. 4, 12-21). Os verdadeiros pastores «“não se apascentam a si mesmos, mas souberam esconder-se, diminuir-se, descentralizar-se, para alimentar de Cristo a família de Deus”»⁵³⁸.

O presbítero, o pastor, é um homem que é servidor da ação de Deus⁵³⁹. Assim o compreendeu D. António, assim o viveu como verdadeiro pastor; um pastor que procurou sempre ser próximo do seu rebanho, sempre na busca e na procura de caminhos que fossem ao encontro e de encontro ao caminho verdadeiro do Mestre (cf. Jo. 14, 6). Aquando da sua entrada na diocese do Porto, Ele traçava a sua prioridade de ação ministerial: «sejamos ousados, criativos e decididos sempre mas sobretudo quando e onde estiverem em causa os frágeis, os pobres e os que sofrem. Esses devem ser os primeiros porque os pobres não podem esperar»⁵⁴⁰.

O que o mundo espera do autêntico pastor, imagem de Cristo, é que seja profeta da esperança; profeta que tenha os olhos que vejam desde o coração de Cristo e que, desde

⁵³⁶ Cf. Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 117.

⁵³⁷ Cf. Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

⁵³⁸ Homilia da Eucaristia de memória dos Bispos, Sacerdotes e Diáconos do Porto (29/09/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 62.

⁵³⁹ Cf. Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96.

⁵⁴⁰ Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 56. Tal preocupação pelos pobres é denotada nos seus escritos. A título de exemplo, não raras vezes, D. António destinava parte da renúncia quaresmal «ao encontro dos mais pobres da nossa diocese, em tantas frentes de missão, onde a presença solícita e pronta da Igreja (...) continua imprescindível»: Homilia de Quarta-feira de Cinzas (18/02/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 82; cf. Homilia da Vigília Pascal (26/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 129-132. Numa outra iniciativa, D. António atenta que come(u) com os pobres e os sem abrigo: cf. Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 104; Homilia da Solenidade do Natal do Senhor (25/12/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 108. O seu cuidado para com a guerra na Ucrânia é de se ter em conta também: cf. Solidariedade com a Ucrânia (22/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 181. Ainda noutra altura, a atitude de cuidado e de ternura que D. António teve para com o padre Joaquim Pereira da Cunha é de se sinalizar em todo este aspeto: cf. Homilia no Dia da *Voz Portucalense* (04/06/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 72-73. Todavia, D. António orienta a sua pastoral na mesma linha daquilo que são as preocupações do papa Francisco; na *Evangelii Gaudium*, Francisco refere por duas vezes que os pobres devem uma opção preferencial da Igreja: cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – *Evangelii Gaudium*: n.º 199.200. (Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013). *AAS*. 105 (2013) 1104. Este enfoque teológico-pastoral do Papa Francisco tem as suas raízes naquilo que se compreende como a “teologia do povo”: a teologia argentina do povo, iniciada por Lúcio Gera (1924-2012), o teólogo do povo e desde o povo, mostra a certeza de uma forma de se falar de Deus a partir de uma fé inculturada dentro daquilo que é a realidade social, pastoral e teológica do povo e que se torna plena certeza de uma vivência crente dentro daquilo que é a religiosidade, a sabedoria e a teologia popular. Para um estudo mais cuidado desta temática, veja-se a bibliografia apontada na nota de rodapé n.º 699.

as suas chagas, possa ver o sofrimento que no mundo existe e que nele seja capaz de intervir e de olhar a todos de modo particular e cada um de forma pessoal, sob a lente misericordiosa de Deus (cf. Lc. 6, 36): «é do alto da cruz que se alargam os horizontes maiores da redenção da humanidade. É de redenção que o mundo precisa. É de Deus que a humanidade carece. São profetas da esperança que o mundo aguarda»⁵⁴¹.

A missão do verdadeiro pastor é decididamente e marcadamente missionária; diz D. António: «é nossa missão ir ao encontro das gentes (...) e partindo da sua abertura de alma, valorizando a sua cultura laboriosa e conhecendo o seu carácter único, (...) inculturar a fé»⁵⁴². O sinal da unção missionária do pastor torna-se visível na alegria e na bondade de servir aos outros sem limites⁵⁴³. A necessidade urgente de anunciar a Boa Nova como resultado da confiança no projeto salvífico de Deus concretiza-se, como sinaliza D. António, no serviço aos outros, na doação aos demais irmãos⁵⁴⁴, em particular aos mais pobres:

«O serviço aos mais pobres exige atenção demorada e criativa. Implica proximidade e escuta. Necessita de persistência e de aprendizagem. Procura respostas novas para problemas diferentes e para pessoas concretas, únicas e irrepetíveis. É necessário ir ao coração dos problemas sociais para proteger os mais frágeis e promover a sua dignidade.

A pobreza não é uma fatalidade nem pode ser uma tirania a subjugar os mais frágeis ou desprotegidos. A Igreja (...) nunca deixará esgotar na sua missão nem extinguir em cada um de nós a generosidade e a caridade ao serviço dos mais pobres»⁵⁴⁵.

Todo este carácter missionário é sinal de santidade: uma santidade que se concretiza na fidelidade aos outros e que nela se torna presente o amor de Deus, em Cristo, a cada uma das pessoas e que molda o coração de cada um à imagem e semelhança do coração de Cristo de modo a que, as pessoas genuinamente boas possam ser «um porto seguro de abrigo à vida humana»⁵⁴⁶.

O pastor, ministro de Deus, é portador de tesouros da graça e do amor de Deus a cada uma das pessoas que com ele vive e que com ele convive⁵⁴⁷; ele é, na sua essência,

⁵⁴¹ Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 118.

⁵⁴² Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira Azevedo (19/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 112.

⁵⁴³ Cf. MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 55.

⁵⁴⁴ Cf. Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 130; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 161-162.

⁵⁴⁵ Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 41.

⁵⁴⁶ Em homenagem e em gratidão ao Professor Doutor Daniel Serrão (09/01/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 122.

⁵⁴⁷ Cf. Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 130; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 161-162.

chamado a servir⁵⁴⁸: «o sacerdote bendiz os meninos na escola, bendiz os fiéis na santa Missa, bendiz os caminhantes que vão pelo monte ou que viajam sozinhos, bendiz os doentes e os moribundos nas horas de indignência e desse último abandono, onde só a bondosa mão de Deus é capaz de se abrir»⁵⁴⁹.

Mais: o pastor, modelo de encontro com Cristo, santifica-se na capacidade de caminhar com o povo, de ser mestre e guia de cada uma das “ovelhas” a si confiadas, na plena e firme certeza de que, por meio dele, Cristo atua em cada uma das pessoas – é este o grande desafio do santo serviço sacerdotal⁵⁵⁰. A entrega, a doação, o serviço aos irmãos entorna-se na capacidade de ser testemunho de sobriedade, de justiça, de solidariedade e de limpidez cristã⁵⁵¹. Assim compreendeu D. António Francisco o ministério missionário, assim o viveu enquanto pastor.

1.6 A fraternidade presbiteral: lugar de santidade

A exemplar vivência presbiteral, para D. António, é sinónimo de modelo de matriz vocacional: «é a partir do terreno, sempre fecundo da oração confiante, da comunhão fraterna e da gratidão permanente do presbitério diocesano, que o nosso olhar se volta para o futuro que nos dará, espero em Deus, em cada ano que se aproxima, novos sacerdotes»⁵⁵². Jesus escolheu para Si, para si homens simples⁵⁵³; desta escolha, toma-se a consciência de que, por parte de cada pastor de modo particular, nas suas mãos, se transporta um tesouro verdadeiramente frágil (cf. 2Cor. 4, 7), ou seja, uma missão pessoal e um mandato divino⁵⁵⁴. Os pastores, segundo o coração do mestre, são «constituídos pastores da Igreja ao serviço dos nossos irmãos»⁵⁵⁵ e devem ser «modelos de serviço generoso aos pobres e aos que sofrem»⁵⁵⁶.

A concretização da essência do presbítero é apenas e só compreendida no enquadramento da comunhão presbiteral; é daqui que se torna real a única missão do

⁵⁴⁸ Cf. Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 96-97.

⁵⁴⁹ RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, vol. 12, p. 643.

⁵⁵⁰ Cf. *ibidem*, p. 698-706.

⁵⁵¹ Cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 78.

⁵⁵² Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 100.

⁵⁵³ Cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160.

⁵⁵⁴ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 110-111.

⁵⁵⁵ Homilia da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 65.

⁵⁵⁶ Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 91.

sacerdote: conduzir o povo de Deus ao encontro de Cristo Jesus, o Verdadeiro Pastor⁵⁵⁷. Sendo assim e como já referimos desde outra vertente, é no presbitério, unidade de esperança⁵⁵⁸, que se encontra a chave do sucesso da evangelização⁵⁵⁹.

A comunhão presbiteral é assumida, para D. António, como serviço de comunhão em comunidade. A união presbiteral afirma a missão pastoral. Compreende-se assim que existe uma relação de complementaridade entre caridade pastoral e fraternidade presbiteral: a caridade pastoral (alimentada de Cristo e concretizada no serviço) depende da verdadeira fraternidade presbiteral tal como, do mesmo modo, a fraternidade presbiteral diz-se e realiza-se na caridade pastoral. Apesar de serem duas realidades “antagónicas” – na medida em que a fraternidade presbiteral coincide com a vivência ministerial dentro do presbitério e a caridade pastoral reporta para a vivência do ministério para fora dele –, elas (co)relacionam-se⁵⁶⁰: de um ministério ordenado (que toma forma na vida presbiteral) espera-se que se cumpra e que seja o que ele mesmo aquilo que significa, ou seja, «serviço da caridade»⁵⁶¹ na doação da vida por inteiro a Deus ao serviço da Igreja⁵⁶².

A comunidade torna-se num elemento decididamente estruturante para a compreensão e para a concretização da identidade presbiteral; na comunidade, os discípulos têm de ser obrigatoriamente agentes missionários e os missionários apenas o são realmente se são verdadeiros e autênticos discípulos⁵⁶³. Contudo, D. António alerta para o presente o perigo de se cair no relativismo dentro do “ser presbitério”:

«Não permitamos, caríssimos padres, que o tempo que tudo envelhece, a rotina que tanto desgasta, o desânimo que fragiliza, a solidão que habita, o medo que anula tantos rasgos de generosidade ou o individualismo que nos isola dos outros e desmorona a comunhão, nos retirem a alegria da primeira hora, desvirtuem o encanto de sermos

⁵⁵⁷ Cf. Ano Sacerdotal (11/06/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 110.

⁵⁵⁸ Cf. ponto 3.5.3.2 desta parte.

⁵⁵⁹ Cf. Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 54.

⁵⁶⁰ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 81; BIANCHI – *A Los Presbíteros*, p. 50.

⁵⁶¹ Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 121; cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 123; Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 110.

⁵⁶² Cf. Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 118.

⁵⁶³ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 138; Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 110; *Lumen Gentium*, n.º 28. *AAS*. 57, 33-36; KASPER – *El Sacerdote*, p. 70.

“sacerdotes do Senhor” ou anulem a beleza que se espelha no rosto unguado dos “ministros do nosso Deus”»⁵⁶⁴.

O Espírito de Deus, Espírito de Santidade, é o fermento para se crescer na unidade e na comunhão presbiteral: «só o Espírito de santidade (...) fará da nossa vida um exemplo para todos, da nossa pregação palavra do Evangelho a frutificar, do exercício quotidiano do ministério um modo e um sinal onde o povo se regenera, se reconcilia, se anima, se fortalece e se alimenta pelos sacramentos»⁵⁶⁵. A santidade de vida – vivida desde a unidade e da fraternidade presbiteral – torna-se então no primeiro testemunho evangelizador da qual o pastor deve ser sinal, deve ser presença⁵⁶⁶.

Por seu lado, a verdadeira alegria do presbitério, isto é, a verdadeira santidade do presbitério, reside no júbilo: júbilo compreendido enquanto comunhão e enquanto unidade. O júbilo do pastor⁵⁶⁷ reflete-se no peregrinar junto com o rebanho; o júbilo torna-se numa realidade presente e atuante na celebração dos sacramentos, e, de modo muito especial, da Eucaristia; júbilo é sinónimo de misericórdia; júbilo é realidade presente das bem-aventuranças e das Obras de Misericórdia; júbilo é sinal de verdadeira caridade pastoral; o júbilo é sinónimo de fraternidade presbiteral; a santidade é sinónimo de fraternidade presbiteral⁵⁶⁸.

D. António compreende como critérios de santidade, de entre alguns aspetos – desde o “sair de si”, ao «ser-se itinerante misericordioso»⁵⁶⁹ –, o amor à oração e à Palavra de Deus e a atenção aos pobres⁵⁷⁰: «os santos são quem melhor nos abre caminho para realizar e concretizar este sonho, que é sonho de Deus transformado em missão da Igreja»⁵⁷¹.

⁵⁶⁴ Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 84.

⁵⁶⁵ *Ibidem*, p. 83-84.

⁵⁶⁶ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 105.

⁵⁶⁷ Cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 99.

⁵⁶⁸ Cf. Homilia da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 121-122.

⁵⁶⁹ Cf. Homilia na Transladação da Venerável Sílvia Cardoso para a Igreja matriz de Paços de Ferreira (03/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 140-143.

⁵⁷⁰ Cf. Homilia na paróquia de Santo António de Corim (14/06/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:38 (2015) 69.

⁵⁷¹ Homilia na Transladação da Venerável Sílvia Cardoso para a Igreja matriz de Paços de Ferreira (03/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 143.

2. A bondade: espelho de santidade medi(a)da pela caridade

A bondade, compreendida autenticamente como caridade pastoral, torna-se, na vida do ministro, (n)uma dimensão extraordinariamente importante. Na realidade, é pela «bondade do (...) ministério»⁵⁷² que se dá a santificação do pastor, sinal de pertença e da presença de Deus, por Cristo, na sua vida e na vida da comunidade que ele procura guiar. Este cuidado pastoral concretiza-se no ideal de bondade na vida do pastor, assumido como a concretização do ideal de Deus, o Santo de Israel (cf. Is. 10, 17), na vida de cada um dos homens de modo geral, mas de maneira muito (a)própria(da) na vida dos pastores. Por isso mesmo, a bondade, como ideal de vivência da santidade caritativa, apresenta-se como uma adesão ao Evangelho e, posteriormente, no serviço misericordioso aos demais irmãos:

«A verdadeira pobreza é vocação, gratuidade. A pobreza do padre (...) é também a sua alegria, porque este despojamento não passa do Filho na sua Encarnação redentora; e é uma grande prova de amor da parte de Jesus quando conosco partilha esta caridade crucificada, que é o fervor da sua vida. Compreendemos uma vez mais que o sacerdócio é uma coordenação à santidade, esta santidade cuja ausência em nós é (...) a única tristeza»⁵⁷³.

A bondade é a “identidade” do cristão; é a “identidade” de quem se quer, progressivamente, identificar com Deus; é a unidade da “identidade” essencial de cada pastor:

«Nos evangelhos, os discípulos de Jesus aparecem como homens fortes, corajosos, trabalhadores, mas no seu íntimo sobressai uma grande ternura, que não é virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude e de compaixão.

Não devemos ter medo da bondade. Só pela bondade aprenderemos a fazer do poder um serviço, da autoridade uma proximidade e do ministério uma paixão pela missão de anunciar a alegria do evangelho.

O evangelho é tudo o que temos e somos»⁵⁷⁴.

Como dizia D. António Taipa, aquando da missa de 7º dia de D. António, «foi na bondade que fez do seu trabalho um serviço, um enorme serviço»⁵⁷⁵.

Para melhor se compreender o sentido da bondade como caridade pastoral na ótica de D. António Francisco, abordaremos o ministério da bondade como sinal de caridade,

⁵⁷² Homília da Missa Crismal (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 64.

⁵⁷³ MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 129.219.

⁵⁷⁴ Homília da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 52.

⁵⁷⁵ TAIPA, António Maria Bessa – Homília da Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 24.

a cultura do encontro enquanto teologia de um caminho de santidade (carit)ativa e, por fim, a Eucaristia como a real porta da santidade pela caridade pastoral.

2.1 O ministério da bondade como sinal de caridade

A vocação de todos os ministros assume-se na concretização da dimensão caritativa⁵⁷⁶; todavia, a missão do ministro apenas é perfeita, isto é, santa, se tiver unicamente como meta o serviço da boda⁵⁷⁷: «a caridade (...) tem o odor a ovelha: o odor do povo fiel de Deus»⁵⁷⁸. A doação de vida mediante a ação tem o seu expoente máximo no serviço aos outros, e de modo mais particular e importante, aos marginalizados, aos pobres: «a vida é o valor supremo que Deus nos dá e que devemos colocar ao serviço dos irmãos, dos outros»⁵⁷⁹.

Jesus é o modelo de doação aos demais: de doação na ação, Ele apresenta-se como O único mediador de vida para os ministros ordenados no modelo a imitar, enquanto consequência do (prévio) encontro com Ele e que, naturalmente, antecede toda a vocação (caritativa)⁵⁸⁰: «encontramos, no percurso da paixão de Jesus, atitudes que redimem, gestos que salvam e lições de vida que nos ensinam caminhos de proximidade com os irmãos que sofrem»⁵⁸¹. Esta entrega, esta dedicação caritativa torna-se evidente desde a participação da caridade de Cristo Jesus. A caridade pastoral do sacerdote é participação na Sua caridade⁵⁸². Assim o compreendeu D. António, assim o afirmou: «o evangelho das bem-aventuranças que tantas vezes proclamei e convosco vivi, de forma tão bela, diz-me que continuarei a ser na nova missão, como aqui sempre me senti, discípulo feliz de Jesus Cristo se for simples, humilde, puro, bom de coração, misericordioso, construtor da justiça, servidor da paz e apóstolo da bondade»⁵⁸³.

Realmente, a finalidade da *caritas pastoralis* é o *ser-para-o-outro*, o *ser-com-o-outro*⁵⁸⁴: «com Jesus, somos chamados a ser famílias missionárias e comunidades

⁵⁷⁶ Cf. capítulo II, ponto 1.

⁵⁷⁷ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, vol. 12, p. 613-618.

⁵⁷⁸ FERNÁNDEZ FARES – *El Olor del Pastor*, p. 36.

⁵⁷⁹ RAMOS, António Manuel Moiteiro – Prefácio. In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 4.

⁵⁸⁰ Cf. Homilia da Missa Crismal (02/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 98.

⁵⁸¹ Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:37 (2015) 104.

⁵⁸² Cf. GAMARRA MAYOR – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 311-312.

⁵⁸³ Homilia da Ação de Graças pelo (...) Ministério em Aveiro (09/03/2014). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 475.

⁵⁸⁴ Cf. MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 52-61.

evangelizadoras, onde todos tenham lugar, se sintam felizes e se reconheçam amados por Deus»⁵⁸⁵. Efetivamente, como já se disse anteriormente, na ótica de D. António, as pessoas que estão à margem do mundo tornaram-se verdadeiras prioridades, onde «a palavra de Deus (...) ajuda-nos neste propósito pastoral que aqui se faz compromisso de missão e ilumina-nos no caminho que (...) iniciamos»⁵⁸⁶. Daqui mesmo se pode compreender que a caridade pastoral é a autêntica beleza de um caminho de bondade⁵⁸⁷, de um caminho crescente de santidade, dado que «anunciar a alegria do Evangelho com novo ardor e entusiasmo é o primeiro e maior legado que recebemos da vida dos santos»⁵⁸⁸.

A prioridade que se assume aquando da procura do que é tido e compreendido como essencial na vida e na missão de cada crente torna-se notoriamente concretizado na doação de vida, na verdadeira e singular doação caritativa da (própria) vida em favor dos irmãos⁵⁸⁹: «não deixemos sós, esquecidos ou abandonados, aqueles que sofrem. Quando

⁵⁸⁵ Mensagem de Natal: Com Maria e José sonhar a alegria do Natal (21/12/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 128. Ángel Cordovilla compreende a *caritas pastoralis* como *potestas spiritualis*; para ele, o conteúdo da caridade pastoral é a entrega de si mesmo, não tanto quanto ao que se faz, mas enquanto doação própria e apropriada aos outros. Assim, a caridade pastoral expressa-se de forma plena na eucaristia, lugar de realização e fonte contínua para a vida ministerial. A caridade pastoral converte-se num princípio interior e dinâmico. A unidade existência-ministério pastoral está não tanto na ação, mas na realização da mesma desde a união com Cristo e com a caridade do Bom pastor. A busca da unidade de vida na caridade pastoral e da santidade pessoal no exercício do ministério não há de ser uma causa para se evocar um ativismo irreflexivo e irresponsável: desde o acumular de celebrações da eucaristia, o in(ter)romper um retiro espiritual que já estava previamente marcado para ir celebrar a uma comunidade cristã, entre muitas outras realidades. A prioridade deve ser compreendida e assumida no cuidado da vida interior e fraterna, porque na realidade ela é mais frágil do que a habitual celebração da eucaristia. O cultivo e o cuidado pessoal – assim como o das relações fraternas autênticas – melhoram exponencialmente a qualidade do serviço ministerial e pastoral, fazendo com que este mesmo serviço, aos poucos, não se torne num sem fim de atividades que, pouco a pouco, vão minando a moral do pastor e resfriando o próprio espírito: CORDOVILLA PÉREZ, Ángel – «Como el Padre me envió, así os envío yo»: *Teología y Espiritualidad del Ministerio Apostólico Presbiteral*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019, p. 237.239-240.

⁵⁸⁶ Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 42.

⁵⁸⁷ Cf. Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

⁵⁸⁸ Homilia na Festa de Santo Tirso (20/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 127.

⁵⁸⁹ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 103-104. Denote-se este testemunho de D. António: «celebrei, hoje, a Missa da meia-noite na Ala Pediátrica do Hospital de S. João. Reunimo-nos à volta do altar, construído sobre um berço de criança. Estava ali Jesus celebrado no seu berço de Natal e no seu altar de Páscoa, rodeado de crianças hospitalizadas, de mães e pais a sofrer com a dor e a doença dos seus filhinhos. Estavam presentes neste momento, tão significativo para todos nós, os Responsáveis do Centro Hospitalar e médicos, enfermeiros, funcionários e voluntários. Éramos muitos na sala maior preparada a gosto, com dignidade e beleza, para ser presépio diferente. Cantamos cânticos de Natal com a alegria dos pastores e acendemos a luz de Belém, que ilumina o caminho dos magos, vindos de longe. Adoramos Jesus ali presente no altar da Eucaristia e na vida cuidada das crianças, por entre um misto de ternura, de carinho, de alegria, de dor, de oração e de esperança de todos nós. Estes sinais ali encontrados, agradecidos e vividos à luz da fé, em tempo de Natal, dizem-nos que os milagres de Deus acontecem nos nossos dias, porque cada vez mais sabemos todos que: “há mais

a fome, a doença, o mal ou o sofrimento pesam sobre alguém, todos nós somos necessários e imprescindíveis como cireneos, mesmo que a nossa ajuda pareça insignificante perante a imensidão da dor»⁵⁹⁰. A plenitude da missão ministerial do pastor concretiza-se no assumir do ideal da missão de Jesus⁵⁹¹, mediante e mediada pela articulação entre a alegria e a Graça⁵⁹²; o sacerdote é o ungido do Senhor a anunciar a Boa Nova aos pobres (cf. Is. 11, 1-3.61, 1; Lc. 4, 18):

«O sinal mais belo da unção é a nossa alegria e a nossa bondade sem limites. Somos ungidos com o óleo da alegria para fazer sentir nas comunidades e irromper no mundo a bondade, a ternura e a misericórdia de Deus. É do bálsamo desta unção de esperança, de bondade e de misericórdia que o mundo hoje mais precisa. (...) daí brota igualmente a energia inesgotável da audácia apostólica e o zelo incansável que faz dos bispos e dos presbíteros pastores de coração paciente e bondoso»⁵⁹³.

2.2 A cultura do encontro: caminho de santidade (carit)ativa

Considerando que toda a vida cristã é comunitária, é em Igreja que todos são chamados ao caminho da verdadeira caridade pastoral, tornado autêntico, como afirma D. António, na capacidade de se cuidar dos outros, de se cuidar uns pelos outros⁵⁹⁴. Urge, por conseguinte, «a valorização de uma urgente cultura do encontro, da proximidade, da compaixão e da misericórdia (...), de uma pastoral próxima, atenta a todos e capaz de fazer chegar a cada pessoa esta certeza única de que Deus nos ama como Pai, rico de misericórdia»⁵⁹⁵. Na verdade, é apenas por meio da fé cristã que se gera, nos variados encontros, o verdadeiro e decidido encontro com Cristo Jesus na glória de Deus Pai: «a fé cristã dá um contributo indispensável à construção de uma cultura do amor»⁵⁹⁶.

alegria em dar(-se)»: Homília na Solenidade do Natal do Senhor (25/12/2015). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 13:39 (2015) 93.

⁵⁹⁰ Homília da Vigília da festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (24/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 66.

⁵⁹¹ Cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 101-102.103-105.

⁵⁹² Cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 106.

⁵⁹³ Homília da Missa Crismal (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 120.

⁵⁹⁴ Cf. Homília da Vigília Pascal (15/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 81-82; Homília no aniversário do Círculo Católico de Operários do Porto (19/06/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 84-85; FERNÁNDEZ FARES – *El Olor del Pastor*, p. 56.

⁵⁹⁵ Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 119; cf. Homília do Dia da Missão (08/12/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 376-377; *Evangelii Gaudium*, n.º 220. *AAS*. 105, 1110.

⁵⁹⁶ AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 133. Diz-nos Bento XVI: «a fé não é uma acumulação de ideias, mas uma aventura de vida, um caminho, um pôr-se a caminho ao encontro do Senhor, sendo que o caminho exterior que percorremos terá de ser ao mesmo tempo [e] sobretudo um caminho interior, uma saída de nós próprios, para irmos ao contro de Deus, em direção à verdadeira realidade, ao amor e ao próximo»: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Por Amor*, p. 23.

D. António Francisco empreende uma Igreja que se assume na categoria de “encontro”⁵⁹⁷; deste encontro com os outros e, por eles, com Deus, surge-se-nos o cuidado para com os pobres como a capacidade de se ousar no serviço caritativo⁵⁹⁸:

«A comunidade mostra que o Senhor é força atrativa, Palavra vitoriosa; revela que a cristalização da Igreja (...) é simplesmente a convergência daqueles que seguem uma Pessoa. (...) O grupo apostólico só se explica como conjunção da atração que vem da cruz e do movimento dos crentes para Jesus. (...) A partir de (...) cada um pode contemplar no seu irmão o poder da Palavra obedecida, a sedução do amor aceite, o dinamismo da voz que pronuncia os cinco verbos “vai, vende, dá, vem, segue-me”. Cada um é para o outro e para o grupo o resultado de um milagre de conversão»⁵⁹⁹.

Realmente, o testemunho caritativo apresenta-se como o verdadeiro e autêntico rosto visível da caridade pastoral, como a essência do ministério⁶⁰⁰; de um ministério que se compreende dentro do presbitério ao qual o presbítero pertence⁶⁰¹:

«O testemunho é a chave da credibilidade (...). O testemunho é a chave para que a Igreja possa ser uma mais-valia para a sociedade dos homens. O testemunho obriga-nos, como Igreja, a assumirmos a alegria do Evangelho como nossa missão. O testemunho é o rosto visível da caridade pastoral, essência do ministério, que os homens e mulheres do nosso tempo esperam de nós sacerdotes.

O Evangelho tem de ser o nosso manual de instruções. Ele é a grande escola de humanidade. Diante de uma aparente diluição do religioso num mundo secularizado, esconde-se a insuperável saudade de Deus, irrompe uma vital confiança em Cristo e afirma-se em sinais novos e belos o respeito pela missão insubstituível da Igreja na construção de um mundo melhor»⁶⁰².

É da vivência da unidade/fraternidade presbiteral que se compreende o ministério sacerdotal; tal como nos sugere George Augustin, «de todos os que participam no sacerdócio de Cristo brota uma fraternidade sacerdotal especial (...). Entrar no sacerdócio ministerial significa inserir-se num “nós”. A ideia sacramental fundada na eucaristia e simbolicamente representada no sacramento da Ordem é (...) por sua natureza, uma ideia comunitária»⁶⁰³.

⁵⁹⁷ Cf. Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 97.

⁵⁹⁸ Cf. Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenações de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

⁵⁹⁹ MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 95.

⁶⁰⁰ Cf. Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 77; cf. MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 62-63; AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 308.

⁶⁰¹ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 138.

⁶⁰² Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 77-78.

⁶⁰³ AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 203.

Tal como Jesus saiu ao encontro, os seus discípulos foram/são/serão eterna e ternamente chamados a imitar o Mestre: «Jesus foi ao encontro da cidade. (...) E encontrou gente disponível para O acompanhar neste regresso à cidade, neste reencontro com a cidade santa. (...) Muitas vezes as multidões foram ao Seu encontro (...). Hoje é Jesus que vem ao encontro da multidão»⁶⁰⁴. Podemos assim falar de uma “teologia do encontro” que, partindo do mandato de Jesus, se torna o ideal de caminho amoroso com os outros e, neles, com Deus em Cristo. De uma cultura que se ocupa e se preocupa pela relação, pelo diálogo e pela comunhão, gera-se um ideal de santidade, capaz – porque capacitado – de ser caminho de encontro verdadeiro e autêntico com Deus, por meio dos outros irmãos. Isto mesmo nos menciona D. António Francisco dos Santos:

«O chamamento à santidade de vida e à disponibilidade para a missão assume desde o nosso batismo muitas formas e diversos caminhos que realizam na beleza do amor divino o projeto de Deus para cada um de nós e para as instituições que servimos. Urge ir ao encontro de todos e a cada um convidar para a missão que Deus nos confia e sempre atentos às intuições do Espírito e às necessidades da comunidade, sobretudo dos mais pobres, praticando as obras de misericórdia, com alegria»⁶⁰⁵.

2.3 A Eucaristia: porta de santidade pela caridade pastoral

A Igreja, compreendida como Comunhão⁶⁰⁶, torna-se o lugar de encontro entre Cristo e o(s) ministro(s) ordenado(s) e entre o(s) respetivo(s) ministro(s), *in persona Christi*, e o povo de Deus⁶⁰⁷: «fundando-se a missão da Igreja na “comunhão íntima e fiel com Deus” e encontrando na Eucaristia a fonte permanente e viva da unidade eclesial, é imperioso que toda a ação pastoral e o cuidado concreto das vocações se enraizem em

⁶⁰⁴ Homília do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor (09/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 71.

⁶⁰⁵ Homília da Solenidade da Santíssima Trindade (22/05/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 75; cf. Homília nos 60 anos da morte do Padre Américo Monteiro de Aguiar (16/07/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:41 (2016) 103.

⁶⁰⁶ Cf. Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61; Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112.

⁶⁰⁷ Cf. RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, vol. 12, p. 77-99.546-548.772-778; FERNÁNDEZ FARES – *El Olor del Pastor*, p. 61. Para André Manaranche, «Jesus já não é “o primeiro padre” tal como a Cruz não é “a primeira missa”; a sua pessoa e o seu sacrifício, em unicidade rigorosa, transcendente a série»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 47. Na vida e no ministério de Jesus, podem-se-Lhe depreender que todas as Suas palavras e ações são únicas tendo em conta a universalidade da Sua missão. Por meio da Páscoa de Cristo, todas as realidades que se Lhe podem comparar apresentam-se como pequenos e residuais dados que pouco ou nada se podem exprimir. A verdade e a totalidade da novidade de Cristo assume-se na Sua própria Pessoa: desde a paixão, morte e ressurreição, Cristo deu-se de uma vez para sempre – os Seus atos são o próprio *dom* por meio do qual Deus-Pai dá aos homens na sua plenitude.

permanência no mistério da Igreja-Comunhão»⁶⁰⁸. De facto, «pela Eucaristia passa o desafio da identificação da Igreja com Jesus Cristo, fonte da sua autenticidade, caminho da sua santidade e experiência da sua unidade»⁶⁰⁹.

Tendo nós como pano de fundo a conceção eclesiológica de D. António, surge-nos particularmente elucidativo o que refere Ratzinger quando alude que:

«À comunhão com Deus, tem-se acesso por meio da comunhão de Deus com o homem, que é Cristo em pessoa; o encontro com Cristo cria comunhão com Ele próprio e, assim, com o Pai, no Espírito Santo; e, a partir daí une os homens entre si. Tudo isto tem por meta a alegria perfeita (...). A Eclesiologia da *communio* é, desde o seu íntimo, uma Eclesiologia eucarística»⁶¹⁰.

De uma Igreja-Comunhão que vive da Eucaristia, a caridade de Cristo, o Bom Pastor, assume-se como o ideal caritativo-pastoral do pastor⁶¹¹: «a Eucaristia é *expressão plena* da caridade pastoral de Cristo, já que na Eucaristia se faz de novo a entrega filial de Cristo ao Pai e a entrega de Cristo Pastor aos irmãos. Também compreendemos que a Eucaristia é *expressão plena e alimento supremo* da caridade pastoral do sacerdote»⁶¹². A celebração da Eucaristia é fonte de vida e alimento para os pobres⁶¹³; só assim se percebe a Eucaristia como uma refeição de família, um banquete de festa⁶¹⁴: «que esta Igreja (...) continue a ser ousada na caridade e criativa nas razões e nos conteúdos da nossa alegria cristã, procurando sempre – “amar a Deus e servir” –, contribuindo, assim, para a santidade de todos nós, para o bem da humanidade e para a beleza do mundo, onde o religioso reencontre lugar e cidadania»⁶¹⁵.

⁶⁰⁸ Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61; Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 112; Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 126-127.

⁶⁰⁹ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 126. Numa outra passagem, D. António diz o seguinte: «a eucaristia constitui (o) tesouro da Igreja e (a) herança preciosa que o Senhor nos deixou. E a Igreja guarda-a com o máximo respeito, celebrando-a, adorando-a e distribuindo-a a todos nos, como alimento para o caminho e força para a missão. No centro da vida de qualquer comunidade cristã está a Eucaristia. E nós, sacerdotes da nova Aliança, somos testemunhas desta verdade e ministros desta “epifania” de Jesus Cristo na Eucaristia»: Mensagem à Diocese (03/06/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 330.

⁶¹⁰ RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na Fé: a Igreja como «Comunhão»*. Braga: Editorial A.O., 2005, p. 127-128. Para uma melhor compreensão deste tema, veja-se: PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiologia: la sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, p. 75-98.

⁶¹¹ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 23. AAS. 84, 693-694.

⁶¹² GAMARRA MAYOR, Saturnino – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, p. 316 [o itálico é do autor citado]; cf. SCHÖNBORN – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d’ Ars*, p. 82.

⁶¹³ Cf. Homilia da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 70.

⁶¹⁴ Cf. Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 126-127.

⁶¹⁵ Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 42.

A Eucaristia surge-se-nos, assim, como a principal chave de leitura da caridade verdadeiramente vocacional e decididamente pastoral⁶¹⁶. Realmente, a Eucaristia apresenta-se como a fonte de vida ministerial; é por ela que o ministro se alimenta de Cristo e é a partir dela que se torna ministro da Graça de Deus em favor dos seus irmãos. Os ministros são instrumentos de Jesus para a santidade do Povo de Deus⁶¹⁷. Da mesma forma, da Eucaristia advém o alimento que conduz à santidade⁶¹⁸; da Eucaristia, cada um é enviado, no mundo, a ser «cooperador da alegria»⁶¹⁹.

Apesar de tudo o que disse, o que melhor D. António fez foi concretizar, como verdadeiro e autêntico discípulo, o Verdadeiro Evangelho, tornando-o presente em cada dia da sua vida. Na sua vida, procurou que a caridade fosse a pauta onde colocaria as notas sonoras que dariam a musicalidade do seu modo de viver:

«Há um ministério (...) de bondade que aqui vivi com todos e aqui deixo como desejo a cumprir e como memória abençoada. Nunca me faltaram percussores generosos a aplanar caminhos e cireneus dedicados a aliviar a cruz. Aqui encontrei irmãos, sobretudo em vós, sacerdotes. Não tenhais medo, vós também! Sede discípulos felizes de Jesus Cristo e mensageiros corajosos do seu evangelho. Deus vos basta e Cristo permanece convosco»⁶²⁰.

«Serei irmão e presença junto dos doentes, dos pobres e dos que sofrem e com eles procurarei fazer caminho de bondade e de esperança na busca comum de um mundo melhor»⁶²¹.

É este cuidado para com os doentes que se traduz em santidade; santidade que é assumida, pelo próprio bispo, no serviço caritativo: «em vós (...) deve brilhar “a caridade, a solicitude pelos doentes e pelos pobres, a autoridade modesta, a retidão e a docilidade espiritual” (do *Ritual de Ordenação*) – como – imperativo de santidade (...) e caminho de generosidade»⁶²². Assim o compreendeu D. António, assim o viveu como pastor, como verdadeiro pastor: «trazia a vida para a vida. Aquela vida que experimentava naqueles que visitava, que encontrava na rua, ou de qualquer modo se cruzavam no seu caminho

⁶¹⁶ Cf. *Pastor Dabo Vobis*, n.º 23. *AAS*. 84, 691-694. Diz-nos Manaranche: «celebremos a missa com o pão para poder celebrar depois a missa com as nossas vidas»: MANARANCHE – *Padres à maneira dos Apóstolos*, p. 41.

⁶¹⁷ Cf. SCHÖNBORN, Christoph – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d’ Ars*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010, p. 71-72.

⁶¹⁸ Cf. *Novo Millennio Inuente*, n.º 30. *AAS*. 93, 287; AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 313-314.

⁶¹⁹ Cf. AUGUSTIN – *Colaboradores da Vossa Alegria*, p. 345-355.

⁶²⁰ Homília da Ação de Graças pelo (...) Ministério em Aveiro (09/03/2014). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 475.

⁶²¹ Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:34 (2014) 50.

⁶²² Homília da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 123.

de pastor, de pastor atento, sensível e transbordante de caridade, de apóstolo»⁶²³. Isto é santidade. Isto é a verdadeira alma da santidade na Igreja⁶²⁴.

3. A paixão evangelizadora como missão universal de santidade

Conscientes de que a missão é o «diamante em bruto da Esposa de Cristo»⁶²⁵, a *nova evangelização* – enquanto desafio verdadeiramente e permanentemente pastoral, teológico e espiritual⁶²⁶ – assume-se mediante alguns caminhos e/ou dimensões que a permitem compreender enquanto a atual chave da pastoral: dimensão missionária, pastoral, litúrgica e profética⁶²⁷. Dispondo a vivência da santidade na doação de vida em favor dos outros e da bondade como sinónimo de uma santidade que é compreendida na plena atividade caritativa (pastoral), neste ponto pretendemos elencar alguns aspetos no que diz respeito ao modo de D. António pensar e, conseqüentemente, viver a realidade eclesial, onde, de entre as várias dimensões que lhe são intrínsecas, poderemos compreender a santidade como verdadeira urgência pastoral⁶²⁸.

Da conceção eclesiológica do nosso bispo, procuraremos, numa segunda fase, situar os antecedentes que serviram de fundamento eclesiológico ao pensamento ministerial-episcopal de D. António e, conseqüentemente, sistematizar uma proposta eclesiológica “contemporânea” que tem na sua génese os mesmos elementos identitários que D. António Francisco dos Santos apresenta e que permite, aos nossos dias, uma (re)nova(da) visão da vida e da atividade da Igreja, enquanto (com)unidade crente da vivência da fé.

⁶²³ TAIPA, António Maria Bessa – Homilia da Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 25.

⁶²⁴ Cf. *CdIC*, n.º 826.

⁶²⁵ SARAH – *Deus ou nada*, p. 160.

⁶²⁶ Cf. KASPER, Walter – *La nueva evangelización: un desafío pastoral, teológico y espiritual*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 19-37.

⁶²⁷ Cf. KOCH, Kurt – *¿Misión o des-misión de la Iglesia?*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 52-77. No *Evangelho de Mateus* compreendemos estas mesmas dimensões: «portanto, ide e fazei com que todos os povos, se tornem meus discípulos, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo»: Mt. 28, 29-20.

⁶²⁸ Cf. *Novo Millennio Inuente*, n.º 31. *AAS*. 93, 288.

3.1 Viver em Igreja a paixão evangelizadora

Diz-nos D. António que «o tempo que vivemos é este tempo inteiramente novo. Exige uma renovada evangelização, uma nova atitude, novos modelos de transmissão da Palavra de Deus, e mensageiros, ungidos por Cristo e abertos aos apelos do Espírito»⁶²⁹. Para isso, a Igreja, enquanto mistério e comunhão⁶³⁰, torna-se, aponta D. António, sinal de esperança e de uma renovada caridade desde o encontro com Cristo Jesus⁶³¹: «ajudar o homem a saciar a sua sede de Deus, e ajudar Deus a saciar a sua sede do homem. Se podemos falar assim. Deus e Homem, Jesus é, de facto, o espaço humano, humano/divino, de encontro da humanidade com o seu criador e salvador. O abraço da reconciliação. A paz»⁶³².

Na Igreja, derradeiramente, «celebramos (...) fora de portas dos nossos templos e para lá das habituais fronteiras das nossas comunidades, a alegria da fé»⁶³³. Verdadeiramente, isto é, autenticamente, D. António compreendia que «o coração da Mensagem é sempre Jesus Cristo, que nos ofereceu a Sua vida e nos deixou o Evangelho das bem-aventuranças. Urge começar sempre a partir de Cristo. Contemplar Cristo, vivo e ressuscitado, na Palavra e na Eucaristia é prioridade da Igreja e é fundamento de toda a evangelização»⁶³⁴.

D. António Taipa, na missa de 7º dia de D. António, referia que o seu programa pastoral consistiu em «levar aos homens a alegria e a beleza do Evangelho. Ajudá-los a encontrar em Jesus a fonte autêntica da verdade e da vida e por aí da verdadeira alegria,

⁶²⁹ Homilia da Missa Crismal (13/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 76.

⁶³⁰ Cf. Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 61.

⁶³¹ Cf. Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 117.

⁶³² TAIPA, António Maria Bessa – Homilia de na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 24.

⁶³³ Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 96.

⁶³⁴ Entrevista de D. António Francisco dos Santos ao *Correio do Vouga* (13/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 49. Numa outra ocasião, diz o bispo: «a missão da Igreja é esta: ser bênção de Deus para a cidade, vila ou aldeia onde vive, erguendo a tenda de Deus no coração desta casa que é o mundo. A missão da Igreja, que percorre os caminhos das nossas terras, é esta, também: abrir o coração humano à alegria do evangelho, ao sentido da festa e ao testemunho dos santos como modelos de vida e rostos de bem-aventurança para o nosso tempo. A alegria do evangelho, que queremos viver e anunciar, é um marco decisivo a indicar o rumo do nosso caminho e o sentido da nossa missão como Igreja. A missão da Igreja, que acolhe diariamente a novidade renovadora que o Espírito nos concede, é esta igualmente: ser missionária e mensageira da boa nova recebida de Jesus e fazer na diocese do Porto desta “alegria do evangelho a sua missão”»: Homilia na Festa de S. Cosme (06/10/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 73; cf. Homilia de Quarta-feira de Cinzas (01/03/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 69.

da alegria de viver. E a encontrarem-se n'Ele com o infinito amor do Pai»⁶³⁵. Pois bem, segundo D. António Francisco, a Igreja concretiza-se de forma autêntica e plena aquando da celebração da Páscoa, sempre orientada para a celebração do Pentecostes como a total concretização da Obra Salvífica de Deus na Encarnação⁶³⁶. A celebração da Páscoa constitui-se como o anúncio de Cristo Ressuscitado, enquanto que o imperativo para a vida da Igreja é a evangelização: «a tarefa de evangelizar não perdeu a sua urgência. Evangelizar é a graça e a missão da própria Igreja. A Igreja não pode fechar-se sobre si mesma. E esta missão empenha todos, tudo e sempre. O evangelho não é um bem exclusivo de quem o recebeu, mas constitui uma dádiva a partilhar, uma boa notícia a comunicar»⁶³⁷. Noutra passagem, compreende D. António:

«Lembro como particular imperativo pastoral o dever da Igreja de ir ao encontro dos que mais sofrem em momentos de doença ou de pobreza e de estar atenta e próxima dos que vivem situações de dor ou de provação.

Em horas de passos magoados pela dureza do caminho devemos lembrar a voz dos profetas e abraçar a missão da Igreja com renovada coragem e novo vigor. Os Santuários são oásis espirituais e escolas das bem-aventuranças do evangelho.

A pressa com que hoje se percorre a viagem da vida, que é a vida de cada um de nós, da família, do trabalho e da convivência social, da cultura e da fé quase não nos deixa tempo para parar, para rezar, para celebrar, para decidir o futuro, para contemplar o Teu rosto e para acolher o Teu olhar, Senhor!

É necessário parar neste Santuário. Aqui a pressa não tem lugar. Cruzam aqui os caminhos de Portugal, da sua história, da sua fé e do seu futuro!

No murmúrio dos silêncios calados e na atenção dada às palavras de Jesus no Calvário ouve-se a alma de todos os que vivem no nosso tempo, sente-se o coração de todos os que sofrem e percebe-se que Deus está perto de todos nós para nos mostrar que a vida reencontra sentido e recupera valor sagrado, à luz da ressurreição de Cristo.

O mundo precisa deste silêncio que nos fala de Deus, que nos traz Deus, através deste olhar de Jesus, o Senhor Santo Cristo.

Uma das missões primeiras da Igreja é trazer de volta a alegria e a esperança que o mundo perdeu. Em Cristo, vivo e ressuscitado, encontramos a esperança que salva, a força que redime, a palavra que ilumina e o alimento espiritual que fortalece»⁶³⁸.

⁶³⁵ TAIPA, António Maria Bessa – Homilia de na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 24. D. António Francisco diz a certa altura: «o anúncio da alegria do Evangelho é a missão primeira da Igreja. O ardor missionário é uma das páginas mais gloriosas do povo português. Que seja também este um caminho muito belo da Igreja do Porto e o meu itinerário de todos os dias»: Homilia na Paróquia da Sé (05/04/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 123.

⁶³⁶ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 136; cf. Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 458; Homilia da Solenidade de Pentecostes (04/06/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 65-68.

⁶³⁷ Homilia da Festa de Santa Rita (22/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 62-63; cf. Homilia na Senhora do Castelhinho (08/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 35; Homilia da Festa das Missões na Diocese do Porto (30/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 91; Homilia na Festa de São Mamede (17/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 122.

⁶³⁸ Homilia da Festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (25/05/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 71.

A vivência eclesiológica, na compreensão e existência ministerial de D. António Francisco, deve ter como característica primordial a sinodalidade, tal como o próprio nos menciona:

«A nossa vida é um caminho. Caminhar é escolha e valentia. Queremos, em cada passo do caminho, aprender a apoiarmo-nos uns aos outros, a tornamo-nos dom uns para os outros, a partilharmos as alegrias e as provações uns dos outros e a reconhecermos os dons que cada um recebeu, de modo a podermos edificar, todos, em comunhão e unidade, o Corpo de Cristo. Que as pessoas sintam, como sentem de Jesus, que através de nós podem oferecer ao Senhor os seus sacrifícios quotidianos, que tecem a sua vida de trabalho e de família, manifestando a Deus que O querem, que precisam d'Ele, que O adoram e O louvam»⁶³⁹.

«Somos discípulos e testemunhas de Jesus Cristo. Esta certeza (...) é âncora agarrada ao Céu e à qual nos ligamos para caminhar na Terra.

Não somos super-heróis nem lutadores solitários. Somos Igreja peregrina. Igreja conciliar. Que não esquece o seu caminho próprio, a sua história específica, o seu percurso sinodal!

Caminhamos com a audácia dos discípulos de Jesus. Sabemos que a nossa casa é o mundo, a nossa arma é o amor e o nosso tempo é agora.

Anunciar Jesus Cristo no contexto próprio do nosso tempo exige de nós liberdade e coragem para olhar horizontes maiores de missão, lançar as redes em águas mais profundas e gastar a vida ao serviço do evangelho. Animemo-nos uns aos outros a seguir Cristo de perto, colocando carismas e dons ao serviço da Igreja e do Mundo»⁶⁴⁰.

A verdadeira Igreja missionária, enquanto rosto da misericórdia do Pai⁶⁴¹, torna-se visível na comunidade, enquanto lugar de encontro com Cristo. Para isso, cabe aos pastores ter e manter a atitude de abertura ao mundo e, desde ele, procurar «guiar e conduzir a Igreja de portas abertas para um diálogo com o mundo, para aí anunciar a Boa Nova da salvação, para lhe abrir o tesouro da aliança e acolhê-lo com alegria»⁶⁴².

A verdadeira imagem da Igreja-Comunhão, na percepção de D. António Francisco dos Santos, é a dimensão missionária:

«O caminho pastoral não se encerra em nenhum lugar. Também a missão não termina aqui nem agora. Este é, apenas, o início de uma nova etapa de caminho nos desafios por Deus semeados no íntimo da vida de cada um de nós, na alma de cada comunidade cristã e na força dos testemunhos apostólicos que nos dizem que há por toda a diocese dinamismo e vigor, iniciativas e propostas de uma fé professada, celebrada, vivida, testemunhada e anunciada com alegria.

A certeza de que Deus nos ama e nos quer felizes, tantas vezes sentida e experimentada, multiplica-se agora em vidas disponíveis que Deus chama, em comunidades vivas que Deus modela e em caminhos aplanados que Deus percorre connosco. Daqui se vislumbram novos

⁶³⁹ Homília na ordenação presbiteral (17/11/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 160-161.

⁶⁴⁰ Homília do Dia da Peregrinação a Santa Joana (12/05/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 320-321.

⁶⁴¹ Cf. Homília de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 303; cf. AUGUSTIN – *Eu sou uma missão*, p. 99.

⁶⁴² Homília da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 458; cf. Homília da Solenidade de Cristo Rei (20/11/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:42 (2016) 88.

horizontes de missão ampliados à dimensão dos desafios, das exigências e da cultura do nosso tempo.

Procuremos escutar o mundo em que vivemos e prestemos mais atenção ao povo peregrino que somos, para no meio deste povo percebermos os sinais que a alegria do encontro com Cristo a todos oferece»⁶⁴³.

À dimensão missionária que é verdadeiramente identitária da eclesiologia de D. António, podemos compreender que nela, a esperança é, verdadeiramente, sinal de renovação e de fidelidade no serviço aos mais pobres⁶⁴⁴: «não podemos viver distantes dos dramas humanos nem ficar insensíveis aos seus clamores e indiferentes aos seus desafios. É preciso viver a imensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo. Temos de entrar em contacto com a vida concreta dos outros e manifestar a força da ternura e da bondade de Deus»⁶⁴⁵. Se assim foi o modo do bispo compreender a vivência eclesial, da mesma forma a viveu plenamente e totalmente:

«Partilhava problemas e preocupações. Trazia a vida para a vida. Aquela vida que experimentava naqueles que visitava, que encontrava na rua, ou de qualquer modo se cruzavam no seu caminho de pastor, de pastor atento, sensível e transbordante de caridade, de apóstolo.

Era um homem de oração e um homem pobre. Pobreza e oração, o segredo da sua força. Profundamente pobre, e livre. Livre. Livre em relação a tudo e a todos. Livre daquela liberdade dos apaixonados por Jesus. E foi por ser livre que deu e se deu todo, até ao fim»⁶⁴⁶.

No verdadeiro rosto da Igreja, para além da misericórdia e da esperança, torna-se visível o sinal de uma «pedagogia de serviço»⁶⁴⁷, concretizada no gesto do “lava-pés”: «o lava-pés (...) surge como sinal maior e mais expressivo do serviço e da dedicação de Jesus àqueles que com Ele sujaram os pés no percurso da missão e os magoaram na dureza do caminho»⁶⁴⁸. Evidentemente que, para D. António, «esta pedagogia do serviço aos que sofrem e aos que choram aprende-se na escola do Mestre, com Jesus, o Servo, para Quem

⁶⁴³ Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 96-97; cf. Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 200.

⁶⁴⁴ Cf. Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 41.

⁶⁴⁵ Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 97.

⁶⁴⁶ TAIPA, António Maria Bessa – Homilia de na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 25.

⁶⁴⁷ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (17/04/2014). *Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto*. 2ª série. 12:34 (2014) 71.

⁶⁴⁸ Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 125.

a primazia da divindade se revelou na radical obediência até à morte e morte de cruz»⁶⁴⁹. Numa conceção eclesiológica, torna-se particularmente importante, para D. António Francisco, a figura de Maria, como autêntico modelo de discipulado e de missão na Igreja⁶⁵⁰. Maria, mãe da Igreja⁶⁵¹, é, conseqüentemente, a mãe dos membros da Igreja e, por consequência, a mãe dos ministros ordenados⁶⁵².

Maria é, para a Igreja, a protetora e guia, é a certeza da alegria e da vivência da fidelidade do ministro, é pleno garante da esperança, é o sinal de felicidade, de bem-aventurança terrena⁶⁵³: «indelevelmente unidas a Cristo, Nossa Senhora e a Igreja são igualmente inseparáveis entre si. Em Cristo, a Igreja tem a sua origem, a sua fonte e o seu fundamento; em Maria, tem o seu paradigma e o seu modelo. A Virgem Imaculada configura a Igreja, acompanha-a e protege-a nos seus caminhos»⁶⁵⁴. Maria é o pleno caminho e modelo de santidade para a Igreja peregrinante no mundo⁶⁵⁵: «criatura de Deus, a primeira e a mais fiel dos discípulos, sinaliza caminhos de busca e de encontro com Jesus Cristo. Não é meta, nem é caminho: é companhia e vereda para o Caminho»⁶⁵⁶.

Para D. António, Maria é tida e compreendida, vivida e assumida como o auxílio de «uma Igreja renovada na caridade, educadora da fé e fundamento de esperança para o mundo»⁶⁵⁷. Com os olhos postos em Maria, a Igreja caminha como *discípula* do seu Mestre e Senhor, apre(e)ndendo com ela a missão da oração e da intercessão; Maria é, definitivamente, um possível modelo missionário da Igreja⁶⁵⁸: «caminhamos juntos a partir das nossas casas e comunidades a cantar a alegria da mesma fé e a proclamar esta

⁶⁴⁹ Homilia do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor (09/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 73; cf. Homilia da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 107.

⁶⁵⁰ Cf. Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenações de diáconos (08/12/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 121; Homilia da Festa das Missões na Diocese do Porto (30/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 91.

⁶⁵¹ Cf. Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (09/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 99-100.

⁶⁵² Cf. Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:35 (2014) 155.

⁶⁵³ Cf. Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007). Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009). Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 87.120.127.

⁶⁵⁴ Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 39.

⁶⁵⁵ Cf. Ordenações de diáconos e presbíteros: Sentinelas da madrugada onde brilha o rosto de Jesus e da Igreja (02/07/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:44 (2017) 137.

⁶⁵⁶ Homilia da Receção à Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima (10/04/2016). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 14:40 (2016) 154.

⁶⁵⁷ Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 133; cf. Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 163.

⁶⁵⁸ Cf. PEDROSO – *A Arte do Essencial*, p. 123-125.

bela experiência de sermos: “Com Maria, Igreja (do Porto), peregrina e missionária”⁶⁵⁹. Viver em Igreja, para D. António, torna-se (n)uma realidade que se constitui verdadeiramente desde a comunidade, sinal e rosto da misericórdia de Deus, por meio da esperança e da caridade. Denotar que, como é evidente, ainda que se saiba que Maria tem um papel determinante e singular em todo o caminho cristão, o máximo e verdadeiro expoente de tudo isto foi, é e sempre será a humanidade de Jesus, verdadeira Imagem do Deus invisível.

Tal como o compreendeu D. António, assim o concebeu verdadeiramente na sua vida eclesial. Tudo isto pode ser condensado naquilo a que D. Pio Alves denominou de «testamento espiritual no verso da memória»⁶⁶⁰ de D. António Francisco dos Santos: «igreja (do Porto): vive esta hora, que te chama, guiada pelas mãos de Maria, a ir ao encontro de Cristo e a partir de Cristo a anunciar com renovado vigor e acrescido encanto a beleza da fé e a alegria do Evangelho. Viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A vossa e a minha missão!»⁶⁶¹. É apenas e só mediante tudo isto que se

⁶⁵⁹ Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 95.

⁶⁶⁰ SOUSA, Pio Alves – Homilia na Missa de 30º dia de D. António Francisco dos Santos (11/10/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 28.

⁶⁶¹ Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 97. É importante referir que esta ideia já, como que vem sido limada, desde o seu ministério em Aveiro; por exemplo, na homilia da solenidade da Imaculada Conceição, em 2013, toca isto mesmo: «viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A minha e a vossa missão»: Homilia do Dia da Missão (08/12/2013). In SANTOS – *In manus Tuas*, p. 376. Na mensagem do Dia da Missão em 2013 repete a mesma ideia: «irmãos e irmãs, viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A minha e a vossa missão»: Mensagem – Dia da Missão (08/12/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 386. Também na homilia de memória da restauração da diocese de Aveiro, em 2013, assinalava a mesma ideia: «viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A minha e a vossa missão»: Homilia – Dia da Memória (11/12/2013). In IDEM – *In manus Tuas*, p. 393. Ainda na festa das missões na diocese do Porto (em 2017) referia isso mesmo: «viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A minha e a vossa missão. Somos Igreja que vive a alegria do encontro com Cristo, que é “o primeiro e maior evangelizador” (*Evangelii Gaudium*, n.º 12). Somos Igreja de rosto missionário, decidida a ser comunhão de pessoas e de famílias, de comunidades e de movimentos apostólicos, de instituições e de serviços pastorais. Somos Igreja disponível para fazer da evangelização prioridade, urgência e missão. Fascinados pelo exemplo dos discípulos de Emaús e evangelizadores em nome de Jesus ressuscitado queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhar a vida com todos, ouvir as suas preocupações, alegrar-nos com os que estão alegres, chorar com os que choram»: Homilia da Festa das Missões na Diocese do Porto (30/04/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:43 (2017) 91. Nesta mesma linha, diz-nos o padre Augustin que «a condição fundamental de toda a evangelização é uma espiritualidade missionária. Dessa espiritualidade missionária faz parte uma genuína disponibilidade para reconhecer a profundidade e a amplitude espiritual da Igreja, redescobrir e tornar visível o tesouro que transportamos em recipientes terrenos, e que também hoje consegue entusiasmar as pessoas»: AUGUSTIN – *Eu sou uma missão*, p. 134. Por isso mesmo, este autor (na mesma obra: cf. p. 135-159 [este tema já se encontrara explanado em AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 139-158]), apresenta doze passos para uma espiritualidade missionária: 1. Cultivar a relação pessoal com Deus. 2. Procurar ser semelhante a Cristo. 3. Estar aberto aos dons do Espírito. 4. Assumir com convicção a própria missão. 5. Assumir a solidariedade de companheiros de caminho na fé. 6. Ser grato pelo bem que há na Igreja. 7. Encontrar um novo estilo de relacionamento. 8. Viver o espírito de servir. 9. Encontrar Cristo nos pobres. 10. Distinguir os espíritos (de Deus e do mundo). 11. Resistir às

disse que se compreende verdadeiramente as palavras de D. António Taipa, o administrador diocesano do Porto na altura, aquando da celebração da missa de 7º dia de D. António:

«Deixou-nos um programa e deixou-nos um testemunho, o testemunho de uma vida em Jesus Cristo. De Pastor. De Pastor Bom.

Na sua alegria contagiante. Alegria que transparecia do seu rosto e do seu olhar meigo e profundo. A alegria com que envolvia o seu trabalho.

Refletia. Meditava. Calava-se e ouvir. Sabia ouvir, ver e apreciar o trabalho dos outros.

Viveu situações difíceis e muito duras, mas nunca o seu semblante significou perturbação ou angústia, nunca a sua voz se elevou.

Era um homem sereno. Muito bom. De paz.

Foi na bondade que fez do seu trabalho um serviço, um enorme serviço»⁶⁶².

3.2 Leituras contextualizadoras e propostas congregadoras para uma eclesiologia missionária

Depois de se ter compreendido o modo de ver e de se viver em Igreja segundo D. António Francisco dos Santos, o ponto que se segue pretende, de forma simples e sem entrar num grande aprofundamento sobre a temática, enquadrar a eclesiologia missionária que o bispo compreende como verdadeiro e essencial rosto eclesiológico⁶⁶³.

tentações. 12. Descobrir a força da oração de intercessão. Contudo, em 2011, já Augustin tinha elencado alguns caminhos para o êxito da nova evangelização; são eles: o caminho, hoje generalizado, da missão; a missão como o “fundamental” da vida para a Igreja; a pergunta por Deus, no centro da Igreja missionária; a singularidade de Jesus Cristo, como fundamento da missão; o redescobrimento da verdadeira forma da Igreja; a missão como participação no envio de Jesus Cristo; a liturgia como fonte da missão; o testemunho da fé na ação diaconal; a santidade dos crentes ao serviço da missão; o modelo protocristão da presença missionária; o princípio missionário da ação hoje; perspectivas para o êxito do ressurgimento missionário: cf. AUGUSTIN, George – *Caminos hacia el éxito de la nueva evangelización*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 137-165.

⁶⁶² TAIPA, António Maria Bessa – Homilia de na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 15:45 (2017) 24. Podemos, diretamente da mão de D. António Francisco, testemunhar isso mesmo: «venho confiar a Nossa Senhora de Vandoma o meu sonho de ação pastoral para a nossa Cidade: uma pastoral marcada pela comunhão, pela abertura, pela colaboração e pela unidade das paróquias, das reitorias, das comunidades religiosas, dos serviços diocesanos e dos movimentos apostólicos presentes neste espaço urbano; uma ação pastoral desafiada a fazer uma diferenciação positiva para que não sejamos todos a fazer o mesmo; uma pastoral capaz de consolidar uma necessária complementaridade, para que saibamos descobrir espaços onde o anúncio do evangelho ainda está ausente e nos sintamos decididos a ir ao encontro de novas periferias e a dar resposta a situações humanas e sociais até agora ignoradas ou esquecidas; uma pastoral construtiva de novos modelos de acolhimento aos que nos visitam: uma pastoral que integre o valiosíssimo património artístico e religioso da Cidade numa proposta que o transforme em livro aberto onde os crentes possam ler o evangelho e admirar a beleza sublime da fé e os não crentes se aproximem do pórtico da fé em Deus e do conhecimento e amor pela Igreja»: Homilia da Solenidade de Nossa Senhora de Vandoma, Padroeira da Cidade do Porto (11/10/2014). *Igreja Portucalense*. 2ª série. 12:36 (2014) 82.

⁶⁶³ Todavia, para um estudo mais profundo da realidade eclesiológico-missionária remetemos para a obra: AUGUSTIN, George – *Eu sou uma missão: Testemunho cristão da vida*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019. Para uma leitura da compreensão da comunicação da verdade do evangelho numa dimensão missionária, veja-se: CORDOVILLA PÉREZ – «*Como el Padre me envío, así os envío yo*», p. 202-210. Por seu lado, para melhor se assimilar a realidade, a atualidade e a pertinência do Pontifício Conselho para

Para isso, encontramos este mesmo ponto dividido em duas partes: num primeiro apartado, procuraremos compreender quais são as ideias que, desde o II Concílio do Vaticano, nos são apresentadas e, desde aí, esquematizar uma conceção teológico-ecclesiológica onde a realidade missionária está presente na vida da Igreja; num outro ponto, procuraremos, tendo como pressuposto o que D. António concebe, estudar uma proposta ecclesiológica contemporânea, de forma a que se possa compreender que, verdadeiramente, o que D. António procurou idealizar e realizar está devidamente enquadrado: tanto numa tradição que é anterior a ele, como se poderá comprovar que o seu modo de ver a Igreja é uma realidade bem presente aos nossos dias e que existem autores que pensam de forma similar uma ecclesiológica sob uma espiritualidade verdadeiramente missionária⁶⁶⁴.

3.2.1 A ecclesiológica missionária a partir do II Concílio do Vaticano

Da tríplice dimensão teológica da Igreja⁶⁶⁵, a missão constitui-se como raiz ontológica do próprio modo de se ver e, mais importante, se viver em Igreja⁶⁶⁶. A missão, tal como a diaconia da Igreja no mundo – radica da sua realidade misteriosa de «sacramento universal de salvação»⁶⁶⁷. Contendo que, à luz da ecclesiológica conciliar, «a Igreja peregrinante é por sua natureza missionária»⁶⁶⁸, é por meio dela que «todos somos chamados e na qual por graça de Deus alcançamos a santidade»⁶⁶⁹. Abarcar que toda a realidade eclesial é essencialmente, isto é, intrinsecamente, missionária, resulta, conseqüentemente, da percepção daquilo que a Igreja deve realizar por mandato de Deus, como continuadora da Sua missão e do Seu Espírito:

«A missão da Igreja realiza-se pois, mediante a atividade pela qual, obedecendo ao mandamento de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo, ela se torna actual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, liberdade

a Promoção da Nova Evangelização – que surge em 2010, aquando do pontificado de Bento XVI –, detenha-se à leitura da obra: FISICHELLA, Rino – *La nueva evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2019.

⁶⁶⁴ Cf. AUGUSTIN – *Por uma Igreja “em saída”*, p. 104.

⁶⁶⁵ Podemos empreender 3 dimensões à Igreja: 1. Dimensão purificadora (*gratia sanans*). 2. Dimensão elevatória (*gratia elevans*). 3. Dimensão de perfeição e plenitude (*gratia consumans*): cf. *Lumen Gentium*, n.º 17. *AAS*. 57, 20-21.

⁶⁶⁶ Cf. PIÉ-NINOT, Salvador – *Ecclesiológica: la sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, p. 577.

⁶⁶⁷ *Lumen Gentium*, n.º 48. *AAS*. 57, 53; cf. *ibidem*, n.º 1. *AAS*. 57, 5. Para uma melhor compreensão da noção ecclesiológica de “sacramento de salvação”, veja-se: CONGAR, Yves – *A Igreja, Sacramento da Salvação*. Camarate: Edições Paulistas, 1977 (em particular o primeiro capítulo: «A Igreja, sacramento de salvação»).

⁶⁶⁸ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Ad Gentes*, n.º 2. *AAS*. 58 (1966) 948.

⁶⁶⁹ *Lumen Gentium*, n.º 48. *AAS*. 57, 53.

e paz de Cristo, não só pelo exemplo de vida e pela pregação mas também pelos sacramentos e pelos restantes meios da graça, de tal forma que lhes fique bem aberto caminho livre e seguro para participarem plenamente no mistério de Cristo»⁶⁷⁰.

Jesus Cristo aparece(-nos) como a chave de compreensão da missão eclesiológica, dado que esta se pensa como evangelização⁶⁷¹, como testemunho, na prática e na vivência, dos sacramentos e dos demais sacramentais que à vida e à atividade da Igreja se torna(ra)m necessários. Podemos assim definir, segundo Pié-Ninot, toda a atividade da Igreja como «uma missão totalmente teológico-cristológica»⁶⁷². Para que aconteça este ideal missionário no mundo por parte da Igreja, segundo o II Concílio do Vaticano, tem de se pensar a realidade eclesiológica desde a categoria de “comunhão”, de «*comunio ecclesiarum*»⁶⁷³.

Ao pensarmos a Igreja como “comunhão”, temos necessariamente presente que o seu lugar teológico mais preciso, isto é, real, se encontra no binómio «*in et ex quibus*»⁶⁷⁴; ou seja, a “eclesiologia de comunhão” permite que se abram novos horizontes à missão dentro da mesma, da própria e da apropriada realidade eclesial. Verificamos portanto que o fim da missão da Igreja, tendo como pressuposto o que se disse, se pode resumir na seguinte expressão:

«A atividade missionária desenrola-se entre o primeiro e o segundo advento do Senhor, em que a Igreja há-de ser reunida dos quatro ventos como uma colheita, no reino de Deus. Mas antes de o Senhor vir, tem de ser pregado o Evangelho a todos os povos.

A atividade missionária não é outra coisa, nem mais nem menos, que a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na sua história, na qual Deus, pela missão, manifestamente vai tecendo a história da salvação. Pela palavra da pregação e pela celebração dos sacramentos de que a Eucaristia é o centro e a máxima expressão, torna presente a Cristo, autor da salvação»⁶⁷⁵.

Compreendendo o modo de se elaborar a eclesiologia missionária no II Concílio do Vaticano, em 1975, Paulo VI publicou a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975)⁶⁷⁶ onde, de entre várias coisas, fala da evangelização como o novo nome da missão da Igreja. Paulo VI, neste documento pontifício, ressalta algumas temáticas que são

⁶⁷⁰ *Ad Gentes*, n.º 5. *AAS*. 58, 952.

⁶⁷¹ PIÉ-NINOT – *Eclesiología*, p. 586.

⁶⁷² *Ibidem*, p. 586.

⁶⁷³ *Ad Gentes*, n.º 38. *AAS*. 58, 985.

⁶⁷⁴ *Lumen Gentium*, n.º 23. *AAS*. 57, 27. Com esta expressão, pretende-se explicar que a comunhão eclesial está intrinsecamente assumida dentro das igrejas locais e que é desde e por meio delas (*in et ex quibus*) que se dá a comunhão eclesial universal. Daí se falar da Igreja una e católica.

⁶⁷⁵ *Ad Gentes*, n.º 9. *AAS*. 58, 957-958.

⁶⁷⁶ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Evangelii Nuntiandi*: (Exortação Apostólica de 8 de dezembro de 1975). *AAS*. 68 (1976) 5-76.

curiosas: o novo conceito de evangelização, a relação entre evangelização-promoção-liberação humanas, a centralidade da Igreja local e a união entre o Espírito e a evangelização⁶⁷⁷. Para Paulo VI, a evangelização compreende-se como:

«[O] anúncio de Cristo àqueles que o desconhecem, de pregação, de catequese, de batismo e de outros sacramentos que hão de ser conferidos.

Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais»⁶⁷⁸.

Alcançando o que significa a evangelização, o Papa aponta um duplo momento de evangelização; assumido o testemunho⁶⁷⁹, o sumo pontífice arroga, num segundo momento, ao desenrolar consequente do respetivo testemunho que se concretiza no claro anúncio de Cristo Jesus, o Verdadeiro Filho de Deus que se fez homem para conduzir a humanidade até Deus:

«Esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. (...)

Entretanto isto permanecerá sempre insuficiente, pois ainda o mais belo testemunho virá a demonstrar-se impotente com o andar do tempo, se ele não vier a ser esclarecido, justificado, aquilo que São Pedro chamava dar “a razão da própria esperança”, explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus. Por conseguinte, a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»⁶⁸⁰.

Em 1990, João Paulo II, a propósito do 25º aniversário do decreto conciliar *Ad Gentes* (1965-1990) publica a encíclica *Redemptoris Missio*⁶⁸¹, onde procura relançar a missão *ad gentes*⁶⁸². João Paulo II defende que afirmar que toda a Igreja é, desde a sua essência, missionária, não exclui a especificidade da missão *ad gentes*, dado que «dizer que todos os católicos devem ser missionários não impede – pelo contrário, exige-o – que haja missionários *ad gentes*, dedicados por vocação específica à missão por toda a vida»⁶⁸³. Ao olharmos para este documento, podemos constatar que ele sugere uma

⁶⁷⁷ Cf. PIÉ-NINOT – *Eclesiologia*, p. 589.

⁶⁷⁸ *Evangelii Nuntiandi*, n.º 17. *AAS.* 68, 17.

⁶⁷⁹ Cf. *ibidem*, n.º 21. *AAS.* 68, 19-20.

⁶⁸⁰ *Ibidem*, n.º 21.22. *AAS.* 68, 19.20.

⁶⁸¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Redemptoris Missio*: (Encíclica de 7 de dezembro de 1990). *AAS.* 83 (1991) 249-340.

⁶⁸² Cf. *ibidem*, n.º 3. *AAS.* 83, 251-252.

⁶⁸³ *Ibidem*, n.º 32. *AAS.* 83, 278.

descrição, em três fases, de tipologias do Cristianismo atual, com as suas respetivas respostas por parte da missão da Igreja⁶⁸⁴:

<i>atividade pastoral</i>	Países com “comunidades cristãs solidamente formadas” e que vivem com fervor, onde nas quais se desenvolve a <i>atividade pastoral</i> como forma concreta de realizar a missão da Igreja.
<i>nova evangelização</i>	Países da “antiga cristandade” ou “Igrejas jovens” onde se perdeu o sentido da fé e as exigências do Evangelho; por esta razão, precisam de uma <i>nova evangelização</i> .
<i>missão “ad gentes”</i>	Países ou grupos onde Cristo e o Seu evangelho não são conhecidos ou onde faltam comunidades maduras para poderem encarnar e anunciar a fé aos outros.

Na carta apostólica *Novo Millennio Inuente* (2001)⁶⁸⁵, João Paulo II, o «profeta da nova evangelização»⁶⁸⁶, convida a Igreja a penetrar O Evangelho, Cristo, nas mais diversas culturas, e a trabalhar para que esse mesmo e único Evangelho seja o promotor de uma civilização onde a única regra de vida seja o amor; por isso mesmo, o Papa escreveu cinco exortações apostólicas para os cinco continentes⁶⁸⁷, procurando que a semente do Evangelho frutifique nos diversos países e que floresça em cada cultura, tornando assim a Igreja verdadeiramente presente e peregrinante no mundo: «estas cinco exortações pós-sinodais constituem uma ampla e articulada explicitação da missão da Igreja no horizonte do Vaticano II. (...) Destes cinco documentos (...) sobressai a necessidade que tem a missão da Igreja de ser *in-culturada* a partir das situações concretas dos habitantes de cada país»⁶⁸⁸.

Bento XVI, na sua carta encíclica *Deus Caritas est* (2006)⁶⁸⁹, refere que a missão brota por si apenas e só desde a dinâmica do Amor, na medida em que tem o seu lugar privilegiado na liturgia, mas desde ela penetra todas as dimensões e/ou realidades da vida pessoal de comunitária de cada crente. É aqui que o cristão é consciente de que o amor,

⁶⁸⁴ Cf. *ibidem*, n.º 3. AAS. 83, 278-379; PIÉ-NINOT – *Eclesiología*, p. 591; KASPER, Walter – *La nueva evangelización*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 30.

⁶⁸⁵ *Novo Millennio Inuente*. AAS. 93, 266-309.

⁶⁸⁶ AUGUSTIN – *Eu sou uma missão*, p. 71. Contudo, sinalizamos que a expressão “nova evangelização” aparece, pela primeira vez e a nível do magistério da Igreja, num documento da conferência episcopal latino-americana intitulado “Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da IIIª conferência geral do episcopado latino-americano”, realizado entre 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979, em Puebla de los Angeles, México: cf. FISICHELLA, Rino – *La nueva evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2019, p. 25-26.

⁶⁸⁷ São elas: *Ecclesia in Africa* (1995), *Ecclesia in America* (1999), *Ecclesia in Asia* (1999), *Ecclesia in Oceania* (2001), *Ecclesia in Europa* (2003).

⁶⁸⁸ PIÉ-NINOT – *Eclesiología*, p. 593.

⁶⁸⁹ *Deus Caritas est*. AAS. 98, 217-252.

na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho de Deus no qual se crê e que impulsiona a *ação de amar*:

«A força do cristianismo propaga-se muito para além das fronteiras da fé cristã. (...) Mas, então quais são os elementos constitutivos que formam a essência da caridade cristã e eclesial? a. Segundo o modelo oferecido pela parábola do bom Samaritano, a caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados para se curarem, os presos visitados, etc. (...) b. A atividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo de maneira ideológica, nem está ao serviço de estratégias mundanas, mas é atualização aqui e agora daquele amor de que o homem sempre tem necessidade. (...) c. Além disso, a caridade não deve ser um meio em função daquilo que hoje é indicado como proselitismo. O amor é gratuito; não é realizado para alcançar outros fins. Isto, porém, não significa que a acção caritativa deva, por assim dizer, deixar Deus e Cristo de lado. Sempre está em jogo o homem todo. Muitas vezes é precisamente a ausência de Deus a raiz mais profunda do sofrimento. Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1Jo. 4, 8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar. Sabe — voltando às questões anteriores — que o vilipêndio do amor é vilipêndio de Deus e do homem, é a tentativa de prescindir de Deus. Consequentemente, a melhor defesa de Deus e do homem consiste precisamente no amor»⁶⁹⁰.

Verifica-se assim que a missão não é um mero apêndice da realidade eclesiológica, mas verdadeiramente toma conta da essência da própria vida – e por inerência da identidade – da Igreja. Conforme referiu Franz Kamphaus, «o cristianismo só existe porque existe a missão; de contrário, não se teria ido mais além do judaísmo»⁶⁹¹. Enquanto que o judaísmo se lhe reconhecem várias missões, ao Cristianismo pertence a missão – como ocupação essencial da Igreja – de anunciar a Mensagem do Evangelho (cf. Mc. 16, 15-20): «mas só pode fazê-lo porque anuncia a Cristo crucificado e transfigurado na Páscoa, que é o proto-sacramento da Salvação do Mundo. A ressurreição de Cristo revela-se, por conseguinte, como o verdadeiro fundamento da missão da Igreja»⁶⁹². Salienta-se que a Igreja não tem missão; a missão antecede a Igreja; podemos, quando muito, dizer que há uma missão que foi confiada à Igreja.

⁶⁹⁰ *Ibidem*, n.º 41. AAS. 98, 251.

⁶⁹¹ KAMPHAUS, Franz – *Die Welt zusammenhalten. Reden gegen den Strom*. Freiburg: i.Br., 2008, p. 125. Apud KOCH, Kurt – *¿Misión o des-misión de la Iglesia?*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 57.

⁶⁹² KOCH, Kurt – *¿Misión o des-misión de la Iglesia?*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 57.

Em 2013, o Papa Francisco, na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*⁶⁹³, fala-nos da «experiência de pertencer a um povo»⁶⁹⁴ como o verdadeiro sentido de se ser evangelizador, evangelizador com espírito⁶⁹⁵. Deste documento pontifício, podemos, segundo Gabino Uríbarri⁶⁹⁶, elencar algumas notas que são identitárias da espiritualidade que constitui a *Evangelii Gaudium* e que refletem igualmente a eterna missão da Igreja: a nova evangelização (que reintegra tudo o que se procurou delinear no passado), o encontro com Cristo e o cultivo da vida interior⁶⁹⁷. O encontro com Cristo Jesus suscita uma alegria que é a base da nova evangelização, segundo nos atenta o Santo Padre.

Para Francisco, a articulação entre a evangelização da cultura e a inculturação do evangelho torna-se numa realidade decididamente importante para se compreender a vida e a missão da Igreja⁶⁹⁸. Olhando a exortação *Evangelii Gaudium*⁶⁹⁹, podemos sinalizar algumas dimensões que nos ajudam a compreender a realidade missionária na Igreja⁷⁰⁰:

- A evangelização não se pode plantar sem a análise cultural.
- O sujeito primário de evangelização é o povo.
- O binómio fundamental é cultura-graça.
- A teologia tem de servir à inculturação missionária do evangelho.

Apesar da crise do compromisso comunitário, o Papa concebe, para a Igreja, uma verdadeira “transformação missionária”⁷⁰¹, procurando que, desde a vivência do Evangelho, se encontre, de entre as múltiplas dimensões da vida, espaço onde o Evangelho possa verdadeiramente “morrer para (re)nascer”, sempre consciente de que a

⁶⁹³ *Evangelii Gaudium*. AAS. 105, 1019-1137. Uma leitura particularmente interessante (e que se teve em conta na escrita deste ponto [embora não seja citada]) sobre o “impacto” que a eleição papal do então cardeal Jorge Mario Bergoglio teve é-nos dada pelo cardeal Walter Kasper na sua obra *Papa Francisco, A revolução da misericórdia e do amor: Raízes teológicas e perspectivas pastorais* (Prior Velho: Paulinas Editoria, 2015).

⁶⁹⁴ *Ibidem*, n.º 270. AAS. 105, 1128.

⁶⁹⁵ Cf. *ibidem*, n.º 259-288. AAS. 105, 1123-1137.

⁶⁹⁶ Cf. URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 106-111.

⁶⁹⁷ Cf. *Evangelii Gaudium*, n.º 1-2. AAS. 105, 1019-1020.

⁶⁹⁸ Cf. URÍBARRI BILBAO, Gabino – *Teología de ojos abiertos: Doctrina, cultura y evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2018, p. 34-35.

⁶⁹⁹ Não pretendemos apresentar, nesta ocasião, os antecedentes que servem de fundamento ao modo de pensar do Papa Francisco. Contudo, para uma melhor compreensão dos temas e das áreas que servem de suporte ao pensamento teológico, social e pastoral do Papa Francisco, veja-se: URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 34-36; SCANNONE, Juan Carlos – *La teología del Pueblo: Raíces teológicas del papa Francisco*. 3ª ed. Cantabria: Sal Terrae, 2016 (Uríbarri apresenta-nos uma sistematização mais simplificada deste mesmo modo de se pensar a teologia: URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 77-96); URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 17-74.97-127.

⁷⁰⁰ Cf. URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 36-38. A este respeito, leiam-se as excelentes reflexões de George Augustin: *Por uma Igreja “em saída”*: Impulsos da Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015; *Eu sou uma missão: Testemunho cristão da vida*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

⁷⁰¹ Cf. CORDOVILLA PÉREZ – «*Como el Padre me envió, así os envío yo*», p. 61-64.

missão se encarna nas limitações do homem. Da dimensão social da evangelização, o crente deve procurar sempre anunciar o evangelho a todos os povos, consciente de que, é do encontro pessoal “com o Amor que nos salva”, que se pode ser, verdadeiramente e fielmente, evangelizador com espírito⁷⁰². O “sonho de Francisco” pode-se resumir neste pequeno ponto da *Evangelii Gaudium*:

«Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, “toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial”»⁷⁰³.

3.2.2 Da missão à santidade na vida da Igreja: a “Teologia de olhos Abertos”

Atentando aos vários e múltiplos desafios da *nova evangelização*⁷⁰⁴, a Igreja «ou é missionária ou deixa de ser Igreja»⁷⁰⁵. Não esquecendo algumas das motivações que se concretizam num renovado impulso missionário (desde o encontro pessoal com Cristo, à oração, entre outras dimensões⁷⁰⁶), para se compreender uma eclesiologia missionária, necessitar-se-á de se clarificar algumas alíneas que lhe são identitárias⁷⁰⁷: a. Afirmar-se na cultura sem perder a própria idiossincrasia (inculturação). b. Oferecer uma proposta que responda às demandadas religiosas que se geram na cultura. c. Gerar uma pertença e uma adesão eclesial (contrária à individualidade).

Na verdade, na inculturação dá-se sempre a inculturação do Evangelho. Isto (pres)supõe uma transformação cultural aquando da chegada do mesmo, devido à força que tem e que molda a cultura onde se insere; tal como nos atenta Gabino Uríbarri,

⁷⁰² Cf. *Evangelii Gaudium*, n.º 20-49.52-109.177-258.262-288. AAS. 105, 1028-1040.1041-1065.1094-1123.1124-1135. Para uma melhor compreensão da realidade social da Igreja sob a ótica do Papa Francisco, veja-se: SEGOVIA BERNABÉ, José Luis; ARANGUREN GONZALO, Luis A. – *No te olvides de los pobres: Notas para apuntar el giro social de la Iglesia*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2017.

⁷⁰³ *Evangelii Gaudium*, n.º 27. AAS. 105, 1031.

⁷⁰⁴ Desde o tríptico desafio – pastoral, teológico e espiritual –, passando pela questão da «Missão ou des-missão da Igreja?», pela evangelização hoje, pelo Evangelho do reinado de Deus onde se articula a predicação de Jesus e a missão dos discípulos e terminando nos vários e dispares caminhos até ao êxito da nova evangelização: cf. AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*.

⁷⁰⁵ KASPER, Walter – *La nueva evangelización*. In AUGUSTIN – *El desafío de la nueva evangelización*, p. 34.

⁷⁰⁶ Cf. URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 119-123.

⁷⁰⁷ Cf. IDEM – *Teología de ojos abiertos*, p. 105-106.111.137.

«certamente o evangelho é sempre “segundo”: segundo Mateus, Marcos, Lucas ou João, mas é o evangelho inteiro, não uma seleção de aspetos do mesmo. O mesmo se sucede quando o evangelho penetra na cultura e (a) transforma desde si mesma, desde as suas próprias chaves estruturais»⁷⁰⁸.

Arrogando tudo aquilo que é a identidade da Tradição eclesial⁷⁰⁹, Gabino Uríbarri Bilbao ensaia uma (re)nova(da) forma de se fazer teologia: a «teologia de olhos abertos»⁷¹⁰. Seguindo bem de perto este novo modo de se pensar a teologia à luz do referido teólogo jesuíta – que é o seu principal impulsionador –, podemos(-lhe) apresentar a seguinte definição:

«[A teologia de olhos abertos] combina de modo articulado como momentos inerentes ao seu tratado: o estudo da *doutrina*, dos seus fundamentos, das suas raízes na Escritura, na Tradição e no Magistério, da sua lógica e das suas consequências; propô-la desde o diálogo crítico com a situação *cultural* da mudança em que se move, com um marco *missionário* e uma intenção *pastoral* para ajudar os cristãos, as almas, a crer na vida e na doutrina cristã numa situação histórica, social e cultural determinada»⁷¹¹.

Segundo o autor, esta forma de se olhar para a teologia apreende-se desde algumas ideias centrais⁷¹²: a. A articulação entre *cultura-evangelho*, *cultura-graça*. b. A *verdade*, o *amor* e o *bem* não são dissociáveis. c. A *recepção cultural* forma parte da *revelação*.

Na “teologia de olhos abertos”, podemos compreender algumas tarefas fundamentais⁷¹³ que lhe estão intrinsecamente inerentes:

a. Nesta conceção teológica, aprecia-se aquilo que significa a cultura num forte sentido antropológico, como referência para o seu discurso. Sem se assimilar o que significa a cultura e a sua incidência sobre os sujeitos (sejam individuais, sejam coletivos), não se compreende nem o processo de adesão à fé nem em que consiste, realmente, crer, nem como se configura a identidade crente, nem a Igreja como realidade e pátria cultural. Sem entender o que é, essencialmente, a cultura, torna-se difícil a tarefa de evangelizar; e a evangelização é o objeto essencial e primário para uma teologia de olhos abertos.

⁷⁰⁸ *Ibidem*, p. 106; cf. *ibidem*, p. 132.

⁷⁰⁹ Cf. *ibidem*, p. 17-43.

⁷¹⁰ *Ibidem*, p. 43. Não pretendemos sistematizar de forma exaustiva a *teologia de olhos abertos*, mas apenas apontar algumas das ideias centrais a que a mesma reporta. Contudo, o autor (re)toma uma perspectiva teológica que, embora lhe seja anterior, se tornou celebrizada de Johann Baptist Metz: *mística de olhos abertos*. Para uma compreensão mais profunda, veja-se: METZ, Johann Baptist – *Por uma mística de olhos abertos: cuando irrumpe la espiritualidad*. Barcelona: Herder, 2013.

⁷¹¹ URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 43-44; cf. *ibidem*, p. 17.

⁷¹² Cf. *ibidem*, p. 44-50.

⁷¹³ Cf. IDEM – *Santidad misionera*, p. 51-53.

b. A “teologia de olhos abertos” inclui a análise cultural; esta teologia tem de incorporar a reflexão sobre a cultura e os dados culturais, os dados sociais e antropológicos. Sem esta “ferramenta”, não se entende qual o tipo de sociedade que se tem pela frente nem quais são as “aberturas” que possibilitam a evangelização.

c. Quando se fala da “teologia de olhos abertos”, tem-se como base convergente uma proposta pastoral, missionária, de doutrina em diálogo com a sociedade, a cultura e o povo a quem se pretende evangelizar. A proposta pastoral tem de ter em conta os limites e as chaves culturais, nunca esquecendo a capacidade de se potenciar os elementos essenciais da fé cristã.

d. Uma verdadeira “teologia de olhos abertos” realiza um discernimento, a partir do evangelho, da cultura em que vive, do modo de pensar da mesma e como lhe pode propor a fé. Este discernimento alude a formas concretas de (se) incidir desde/pela fé na cultura, a par da denúncia de aspetos desumanos, que fogem à realidade cultural que é apresentada e que são o modo de vida dos pobres, por exemplo.

e. A “teologia de olhos abertos” olha, conjugando, a cultura – com a simpatia da misericórdia que preside à ação salvífica de Deus – e a visão otimista da realidade – que parte da fé em Deus – sem que se caia numa ingenuidade que negaria a existência do pecado e a resistência humana ao plano divino.

f. Como pensamento aberto, uma “teologia de olhos abertos” procura uma conveniência de ajustes ou a inclusão de modificações nas fórmulas vigentes da doutrina, dado que a substância fundamental da doutrina se esclarece ao incidir sobre uma realidade cultural nova. A mesma variedade cultural na qual o evangelho penetra possibilita um conhecimento mais amplo da revelação, das suas implicações, das suas consequências.

Esta inculturação do Evangelho, de Cristo, na cultura requer uma fidelidade que se torne na matriz da adesão e da comunhão cristã. Aquando da pastoralidade, um primeiro princípio consiste na convicção de que o evangelho é universal, independentemente da situação de vida: a fé cristã é evangelho para todos os que (e)s(t)ão colocados de parte pela sociedade. Daqui, podemos compreender uma segunda ideia: os sacramentos, celebrados em Igreja, são apresentados como os remédios para todos os cristãos, mas de modo particular, apresentam-se como de singular importância para os

mais débeis. Para que isto aconteça, é necessário – e esta é a terceira ideia – que se adquira a capacidade de discernir as situações⁷¹⁴, numa perspectiva dinâmica e que se seja capaz de ser conclusiva para o(s) sujeito(s). Por fim, uma outra ideia é a de que a pastoralidade deve ser reflexo da fidelidade ao Evangelho, como sinal de verdade, como sinal de comunhão dada a adesão:

«Portanto, a atividade pastoral e a proposta missionária resultam fundamentalmente de algo que tocou a pessoa, alcançando o sonho profundo do sujeito, o sonho do desejo. Segundo a fé cristã, tal ação é obra do Espírito. Ora bem, enquanto estratégia pastoral, tudo o que se disse sobre a proposta espiritual encara-se aqui. Uma pastoral de mero mantimento dificilmente poderá atrair novos crentes»⁷¹⁵.

Assim, podemos apontar, segundo Gabino Uríbarri⁷¹⁶, cinco elementos que são identitários da transmissão da fé, da evangelização, da missionação:

a. Capacidade de (se) criar uma *memória amável e agradecida* para com os crentes que frequentam a Igreja, de forma e modo a que se proporcione uma regresso posterior.

b. Apresentar um espírito que esteja imbuído pela *vivência da fé* e que se concretize mediante a proposta cristã, totalizada em Cristo, O verdadeiro Evangelho; tal como referiu Joseph Ratzinger, «a figura de Cristo deve apresentar-se em toda a sua altura e profundidade. Não podemos conformarmo-nos com um Jesus da moda»⁷¹⁷.

c. A demonstração da vivência da fé deve ser *amável*, sem notas de arrogância nem de desprezo: «um perfil eclesial que se identifica muito com a reprimenda moral ou com o farisaísmo não ajuda em nada»⁷¹⁸.

d. Tornar a *proposta de fé atrativa*: é desde o encontro primeiro com Cristo que se deve funda(menta)r a proposta espiritual e pastoral na firme certeza de que «o

⁷¹⁴ O discernimento adquire, nos textos mais recentes do magistério papal, uma importância extrema; para isso, repare-se que no pontificado Papa Francisco todos os seus documentos terminam assinalando a ideia do discernimento: cf. *Laudato si'*, capítulo VI; cf. *Amoris Laetitia*, capítulo VIII-IX; *Gaudete et exsultate*, capítulo V; *Christus Vivit*, capítulo IX (aliás, de entre todos os documentos referidos anteriormente, este é o que de forma mais persistente aborda a questão).

⁷¹⁵ URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 135.

⁷¹⁶ Cf. *ibidem*, p. 138-140.

⁷¹⁷ RATZINGER, Joseph – *Un canto nuevo para el Señor: la fé en Jesucristo y la liturgia hoy*. 2ª Sígueme: Salamanca: 2005, p. 47-48. Apud *ibidem*, p. 139.

⁷¹⁸ URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 139.

estudante da escola da fé torna-se o professor que comunica, não a teologia dos livros, mas a sua experiência pessoal»⁷¹⁹.

e. A *alegria do Evangelho* deve ser um outro aspeto a ter em conta na profissão de fé e na evangelização que deve correr e decorrer dessa mesma profissão⁷²⁰.

A opção preferencial pelos pobres pertence, intrinsecamente, à essência da espiritualidade cristã: «uma espiritualidade verdadeira promove o compromisso social»⁷²¹. Na verdade, a “teologia de olhos abertos” (pres)supõe a inserção da fé como uma realidade cultural, transformando-a com a força da Graça, pela ação do Espírito Criador, santificador e inculturador⁷²².

Por seu lado, numa Igreja que se quer missionária, a santidade apresenta-se como a concretização do projeto missionário que nela mesma se reflete. Partindo de uma leitura teológico-pastoral do II Concílio do Vaticano⁷²³, podemos apontar alguns elementos que se tornam importantes para se empreender a santidade na missão da Igreja:

a. A conceção de uma Igreja em saída, formada por um povo fiel e santo, que tem como missão evangelizar a cultura. Na verdade, a missão constitui-se como uma das linhas-mestras do concílio⁷²⁴.

b. Esta Igreja em saída, descrita desde a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*, está formada por fiéis que são chamados à santidade⁷²⁵, de tal modo que a santidade

⁷¹⁹ COUTO, António – *A Misericórdia: lugar e modo*. Santa Maria da Feira: Letras e Coisas, 2016, p. 51.

⁷²⁰ A propósito da temática da alegria ministerial, diz-nos o então cardeal Ratzinger: «somos servidores da Tua alegria. Todos nós amamos a festa a alegria, mas isso não se regala, não é gratuito; só se pode dar ao preço de uma vida que está aí para isso. E assim se une o princípio e fim e, uma vez mais, se torna patente que este é o nosso velho assunto, pois não se pode pretender colher rapidamente em qualquer instante o fruto da festa, estando-se de braços cruzados»: RATZINGER / BENEDICTO XVI – *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría*, vol. 12, p. 668.

⁷²¹ URÍBARRI BILBAO – *Teología de ojos abiertos*, p. 125.

⁷²² Cf. *ibidem*, p. 143.

⁷²³ Cf. IDEM – *Santidad misionera*, p. 36-46.46-48.

⁷²⁴ Gabino Uríbarri traça, diaconicamente, uma linha de entre os documentos conciliares onde mostra que a missão é uma dimensão imprescindível ao renascimento eclesiológico (conciliar): «a missão (*Ad Gentes*) forma parte substancial do ser Igreja, por pressuposto também das Igrejas orientais católicas (*Orientalium Ecclesiarum*). A missão obriga os bispos (*Christus Dominus*), os presbíteros (*Presbyterorum Ordinis; Optatam Totius*), os religiosos (*Perfectae Caritatis*) e os leigos (*Apostolicam Actuositatem*), cada um a seu modo. A missão requer um ambiente de liberdade e de respeito (*Dignitatis Educationis*) e o emprego dos meios de comunicação (*Inter Mirifica*). A missão não deixa de lado os que pertencem a outras confissões religiosas (*Nostra Aetate*) nem a outras confissões cristãs (*Unitatis Redintegratio*). Se a missão tem êxito, a predicação da palavra de Deus (*Dei Verbum*) conduz à celebração dos sacramentos e à liturgia (*Sacrosanctum Concilium*)»: *ibidem*, p. 47.

⁷²⁵ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 39-42. *AAS*. 57, 44-49.

dos seus membros (da Igreja) é uma das notas essenciais de uma Igreja santa. Esta santidade da Igreja, sendo uma das expressões da sua sacramentalidade, possui uma dimensão missionária – a qualidade da santidade da Igreja reflete-se quando se verifica, no seu agir, a sua autenticidade e a sua fecundidade missionária.

c. Assim, traçam-se alguns rasgos de santidade no ministério missionário da Igreja como parte do programa pastoral conciliar.

A santidade é o fator que impulsiona a evangelização. Graças a ela é que se superam alguns problemas que aparecem (por exemplo, desilusões). A santidade produz alegria, dado que brota do encontro com a Misericórdia Divina, Deus, em Cristo Jesus, o rosto misericordioso e a transparência perfeita da misericórdia do Pai⁷²⁶. A santidade funciona como a fonte dinamizadora da alegria, da (nova) evangelização, da operatividade da obra salvífica de Deus, de modo mais particular na ação para com os irmãos mais pobres. Gabino Uríbarri recorre, para melhor se compreender este enquadramento, à figura do triângulo: na base situa-se a evangelização, a alegria e a misericórdia e no vértice está a santidade⁷²⁷. A santidade é o vértice que alimenta, que impulsiona de modo verdadeiro e autêntico esses três elementos que foram referidos, por meio de uma autêntica experiência de fé.

Constitui-se assim uma unidade (teológica) entre missão e santidade⁷²⁸: «a evangelização depende, fundamentalmente, do modo como a santidade da Igreja e dos seus membros se torna visível. Sem santidade, o sinal de Cristo no rosto da Igreja não pode irradiar»⁷²⁹. A forma e o modo da missão adquirem, desde o início, a tonalidade cristológica: Cristo é o modelo de missão e de espiritualidade, ou seja, de santidade. Por isto mesmo, tratamos radicalmente, quando falamos da Igreja enquanto missionária, de uma santidade missionária que lhe é, intrinsecamente, constitutiva. Condensando tudo isto, como menciona Uríbarri, realmente «*sem santidade não há evangelização*»⁷³⁰:

«Esta santidade apostólica, santidade missionária, para evangelizar a cultura e inculturar o evangelho é a que [se] formula para hoje em dia na *Evangelii Gaudium* como na *Gaudete et exultate*, propondo ao santo povo fiel de Deus, a todo o povo de Deus, um

⁷²⁶ Cf. COUTO – *A Misericórdia*, p. 55-81. Nesta ordem de ideias, «a misericórdia é (...) o lugar privilegiado da manifestação de Deus na história. A misericórdia é a essência de Deus, a sua atitude eterna no relacionamento com o homem»: *ibidem*, p. 18.

⁷²⁷ Cf. URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 74.

⁷²⁸ Cf. POTTERIE, Ignacio de la – *Teología del Sacerdocio: El ministerio y el corazon de Cristo*. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1983, p. 18-24.

⁷²⁹ AUGUSTIN – *Eu sou uma missão*, p. 122.

⁷³⁰ URÍBARRI BILBAO – *Santidad misionera*, p. 17.

estado de nova evangelização, mediante uma santidade missionária (apostólica) inculturadora e situada na vida quotidiana»⁷³¹.

⁷³¹ *Ibidem*, p. 194.

CONCLUSÃO

A reflexão que se acaba de apresentar está longe de ser, verdadeiramente, conclusiva. Todavia, a partir desta nossa investigação, encontramos alguns aspetos que, outrora desenvolvidos, são-nos apresentados como elementos a considerar e a sublinhar. Por isso mesmo, estamos convictos que daqui nos advêm assuntos que, encontrados no presente que vivemos, transmitem um sentido verdadeiramente inovador e incrivelmente relevante para todo o contexto em que vivemos: quer histórico, quer eclesial, quer social. É por tudo isto que dissemos que este tema tem, na atualidade, uma singular importância: quer pela sua vivência, quer pela sua “transmissão”, a santidade quer-se no verdadeiro desafio e ideal cristão que, percorrida e amadurecida na vida na terra, encontra no coração de Deus a sua eterna morada celeste.

Conscientes de que toda a criatura humana é, desde o nascimento, chamada a uma vocação celeste (cf. Heb. 3, 1), a santidade aparece-nos como a vocação universal a que toda a criatura é chamada por Deus (cf. 1Ped. 1, 15-16). A *santidade* apresenta-se como um imperativo *antropológico*: «sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev. 19, 2b).

Assim sendo, a santidade dos presbíteros emerge quando os próprios são capazes de edificar a comunidade enquanto lugar de confiança, de comunhão, lugar onde seja possível viver as relações de forma autêntica, de forma recíproca, sem juízos nem prejuízos. O caminho de santificação que se fundamenta desde a Palavra de Deus requer, exige e precisa de aplicação de tempo ao estudo da Sagrada Escritura (cf. 1Tim. 4, 13), para que, mediante a *santificação pessoal* de cada um dos crentes – e de modo muito particular dos pastores (cf. Act. 20, 28) – se alcance a *santificação universal em Cristo*.

Se na “família dos santos de Deus” se destacam alguns nomes que todos conhecem – tratam-se dos grandes santos, verdadeiras testemunhas da força da graça e da fé, incarnadas no amor, amor este que «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1Cor. 13, 7) – a maioria dos santos é desconhecida. Mas isso nada diz acerca da vida e do grande testemunho que cada um representou, representa e representará no mundo e que deixou, deixa e deixará (de)marcado no coração das pessoas que com eles viveram, que com eles conviveram. Estes, para a grande maioria dos homens, são desconhecidos, são anónimos, tal como quase todos aqueles que no “hoje” vivem o serão um dia mais tarde. Todavia, o que faz de cada um deles *ser santo* é justamente o facto de Deus os

conhecer intimamente (cf. Slm. 139; Jer. 1, 5) e de Se tornar presente no mundo por meio deles (cf. Jo. 15, 16) – é este o verdadeiro e derradeiro caminho para todos os homens se tornarem «concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus» (Ef. 2, 19). Nova cidadania; nova familiaridade; a mesma e única meta vocacional!

Naturalmente que no *coração de Deus* – lugar onde o tempo se transforma em Eternidade por meio do amor que se mede pela misericórdia do coração do Mestre – todos são verdadeiramente conhecidos, compreendidos, amados e santificados (cf. Is. 49, 15-16). É desta permanente e sempre atuante comunhão com o Senhor que se (en)caminha (n)a santidade de vida e se procura atingir, de um modo gradual e absolutamente essencial, a comunhão plena com a Glória do Pai, por meio do Espírito Santo, nas pegadas de Cristo.

O ensinamento da fidelidade e fiabilidade dos santos é o melhor *testemunho* que a Igreja tem para oferecer ao mundo e a plena certeza de que Deus ama cada um na sua condição. É isso que Cristo nos revela de Deus. É isso que os santos transportam no/do seu coração para a vida de cada dia: de um Deus que se *revela* em Jesus Cristo e se manifesta pelo Espírito nos Seus santos (cf. 1Cor. 2, 10); de um Deus que em Jesus *lava* os pés aos discípulos de todos os tempos (cf. Jo. 13, 4-5); de um Deus que se (*com*)*padece* diante da multidão exausta (cf. Mt. 9, 36); de um Deus paciente que *procura* a ovelha perdida do rebanho (cf. Lc. 15, 3-7); de um Deus que *chama* Zaqueu e que se digna a *entrar* na casa dos pecados (cf. Lc. 19, 5-6); de um Deus que *chama* os pecadores da Galileia e os publicanos para O seguirem (cf. Mt. 4, 18-22; Lc. 5, 27-28); de um Deus que *transubstancia* o pão e o vinho no Seu corpo e no Seu Sangue para se *dar* e *doar* em alimento para a salvação do mundo (cf. Jo. 10, 30; 1Cor. 11, 24-28).

Na *espiritualidade do presbítero*, elementos como a *caridade do pastor* – mediante a participação na verdadeira caridade do Bom Pastor – e a *espiritualidade do serviço* – enquanto entrega e doação aos irmãos –, compõem-se enquanto componentes basilares para a compreensão de um verdadeiro testemunho de perfeição, de progressivo e decisivo encontro com Deus, de uma plena vivência da santidade.

No *exercício da caridade pastoral*, o *vínculo da perfeição sacerdotal* integra-se como fundamental para tal meta. Por tudo isto, concluímos que os sacerdotes – verdadeiros e autênticos ministros da Palavra – devem ter a ousadia de *ser testemunhas de Cristo Crucificado e Ressuscitado*, devem ter a ousadia de *pautar a própria realidade mediante e mediada por Cristo* (cf. Ef. 1, 7-10), devem ter a ousadia de se

“(des)gastarem” pelos homens, pelos seus desejos e necessidades. Assim sendo, a *santidade do sacerdote* assume-se na plena comunhão entre um *coração puro* e a *fidelidade ao Espírito Santificador*.

Tendo como pressuposto tudo isto que acabámos de dizer, concluímos que D. António Francisco dos Santos se apresenta como um modelo de verdadeira adesão e de absoluta encarnação do Evangelho na quotidianidade da vida quer pessoal, quer eclesial e ainda social. Em toda a sua vida e obra, o verdadeiro mote e o autêntico modo de se viver ministerialmente se assenta no *ministério de serviço* e no *imperativo de santidade*. Esta vivência concretiza-se na verdadeira doação desinteressada do amor na relação com os outros. Os caminhos de santidade que alimentam a vida de um povo e que definem o rumo de uma sociedade partem sempre dos desígnios de Deus e da resposta do homem.

D. António sublinha que a caridade, enquanto *verdadeiro caminho de perfeição de vida* e que tem a santidade como meta, torna cada um verdadeiramente chamado a *ser sinal sacramental do dom de Deus* na totalidade da oferta de vida que, no quotidiano, é chamado a ser e a dar. Isto mesmo foi a vida de D. António: uma vida de doação quase sem descanso. Uma vida de entrega no essencial: ser pastor segundo o coração de Cristo, o Bom Pastor (cf. Jo. 10).

A vida e o ministério de D. António foram, são e serão um exemplo claro de várias virtudes humanas e sacerdotais, de proximidade a cada um, de uma alegre natureza pascal do ministério e de ânimo para prosseguir no peregrinar desta vida.

Da mesma forma que pensou a figura do pastor, na sua autenticidade e simplicidade, tentou que tais palavras ultrapassagem a umbreira da porta e que se tornassem num próprio e oportuno projeto e calendário de vida pessoal: ele conhecia os outros, acompanhava os outros. Conhecia-os pelo nome, pela terra e pela vida. A “proximidade” era uma melodia que a sua vida entoava; é esta “proximidade” que se torna, verdadeiramente, na marca mais cristã do exercício do ministério sacerdotal de Cristo. Ele era um homem de oração e um homem pobre. Pobreza e oração, o segredo da sua força. Por ser livre, fez da beleza da fidelidade uma doação até ao fim da sua vida. Evidentemente que isto requer insistência, perseverança e proximidade a todos os irmãos de um modo geral e, neles, a Cristo Jesus.

Foi isto que praticou D. António; é por tudo isto que, por meio dele, da sua vida e do seu ministério, se pode falar num autêntico modelo de caminho de perfeição. D. António Francisco torna-se, para os nossos dias, um verdadeiro exemplo de uma figura

pessoa, eclesial e social. Se grande era a sua capacidade para estar com outros, mais ainda para estar para os outros. Se os homens bons, dizemos nós, são a verdadeira garantia do mundo, os bons pastores são a mais perfeita glória da Igreja.

O exemplo de D. António Francisco dos Santos ficou, fica e ficará, enquanto marca que o tempo não apaga(rá) e eternidade que se perpetua(rá) na vida e no coração dos homens. Por meio do seu ministério, ele ensina que o *amor* verdadeiro vale a pena, que a *entrega total* vale a pena, que a *paixão* vale a pena, que a *ternura* vale sempre a pena. Enquanto verdadeira encarnação do Evangelho, ouvia e escutava bem mais do que falava. A humildade da sua presença fazia-se paixão do outro. Estava, apenas e só; fazia-se presente. A sua proximidade, resultante da interioridade, levava a que, por vezes, chegasse a ser interior. Nele, as *palavras* valiam verdadeiramente o que diziam e os *gestos* significavam o que realmente demonstravam.

Se olharmos ao historial dos bispos portuenses, verificamos que, a seu modo, foi, tal como muitos os seus antecessores, um “pastor de granito”: daqueles que marcam o tempo, demarcam as pessoas e que permanecem para a eternidade.

D. António Francisco, um “*bispo de granito*”, foi um “*bispo breve*”. Toda a afabilidade, a subtilidade, a palavra certa, meiga e cuidadosa conduzia sempre a um sorriso longo, que dura(rá) e que perdura(rá). D. António foi um bispo breve, mas de um sorriso longo. D. António Francisco foi um bispo discreto mas completo; D. António Francisco dos Santos foi um grande bispo precisamente no essencial: fazer da sua vida uma *entrega contínua* aos irmãos e da *bondade* a principal arma de serviço caritativo.

Concluimos que a grande figura e o frutífero ministério de D. António Francisco dos Santos – *profeta da Justiça, apóstolo das Bem-Aventuranças, servidor da Paz e apóstolo da Bondade* – é uma permanente lembrança de *gratidão* a Deus, um saudoso, deleitoso e harmonioso *memorial* da encarnação do Evangelho, um contínuo, um incessante e gratificante *convite ilustrativo* da essência do ministério do pastor enquanto ministro de Deus, um *modelo pedagógico* de vivência e convivência eclesial e missionária e um *exemplo* de perfeita santidade que abre as portas do Céu porque se tornou num verdadeiro calendário da vida.

Assumida que verdade da santidade é uma possibilidade de todos os dias, surge-nos a questão: qual a finalidade da nossa vida? Por que objetivos delimitamos a nossa vida? E os pastores, quais os ideais de vida que procuraram, procuram e procurarão seguir?

Tudo isto que refletimos e as perguntas que deixamos no ar servem de síntese daquilo que foram, ao longo de toda a nossa investigação, as dificuldades encontradas. Todavia, a principal dificuldade sentida durante a elaboração desta investigação foi o facto de não se encontrar nada estudado relativamente ao bispo António Francisco dos Santos. Se por um lado isto permitiu-nos estar em contato com as fontes, por outro tornou-se mais desafiante porque tudo o que se fizera seria único e novidade absoluta.

Admitimos também que alguns pontos poderiam ter sido mais e melhor desenvolvidos. De entre outros vários temas que poderíamos ter estudado, sublinhamos o da eclesiologia: embora tivéssemos estudado a proposta de eclesiologia missionária que D. António apresenta, acreditamos que se poderia(rá) estudar a eclesiologia de outras perspetivas: quer mariológica, quer sinodal e/ou ainda caritativa.

Se por um lado, a reflexão que apresentamos mostra elementos novos no que diz respeito ao modo de se compreender e de se viver a santidade no quotidiano, por outro lado, não podemos não admitir que desejaríamos poder regressar, num futuro, com um renovado sentido de investigação para que, os muitos assuntos que se apontaram, fossem explorados. Aqui fica expresso o nosso desejo; se o mesmo se der ou não, isso não depende de nós. Fica o desafio!

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Primárias

COUTO, António – *Homilia na celebração de homenagem a D. António Francisco dos Santos* (Tendais, 29 de fevereiro 2018)

<https://www.diocese-lamego.pt/noticias/304-d-antonio-francisco-o-amor-verdadeiro-esta-la-sempre-primeiro>

D'ALMEIDA, Bernardo Corrêa – *Caminhando com Dom António Francisco dos Santos: a propósito de um monumento em Tendais*. Tendais: Fundação D. António Francisco dos Santos, 2019.

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 12:34 (2014)

Mensagem à Diocese do Porto (21/02/2014)

Homilia da Entrada solene na Diocese do Porto (06/04/2014)

Homilia da Missa Crismal (17/04/2014)

Homilia da Missa da Ceia do Senhor (17/04/2014)

Homilia da Paixão do Senhor (18/04/2014)

Homilia da Páscoa da Ressurreição (20/04/2014)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 12:35 (2014)

Homilia na Paróquia da Sé (05/04/2014)

Homilia da Festa de Nossa Senhora da Misericórdia (11/05/2014)

Homilia da Festa de Santa Rita (22/05/2014)

Homilia da Vigília da festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (24/05/2014)

Homilia da Festa do Senhor Santo Cristo nos Açores (25/05/2014)

Homilia nas Exéquias do Padre António Carvalho de Oliveira (04/06/2014)

Homilia nas Exéquias do Padre Manuel Santos e Silva (05/06/2014)

Homilia da Solenidade de Pentecostes (08/06/2014)

Homilia da Festa do Senhor de Matosinhos (10/06/2014)

Homilia na Festa de Santo António (13/06/2014)

Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade e 13º Dia Diocesano da Família (15/06/2014)

Homilia da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (22/06/2014)

Homilia da Solenidade do Nascimento de São João Batista (24/06/2014)

Homilia na Paróquia da Sé (05/07/2014)

Homilia na Paróquia de Cedofeita (06/07/2014)

Homilia na Festa de São Bento (11/07/2014)

Homilia na Paróquia da Senhora do Porto (13/07/2014)

Homilia de Ordenações (13/07/2014)

Homilia nos 275 Anos da Igreja de Santo Ildefonso (20/07/2014)

Homilia na Festa da Cidade e Concelho de Paredes (20/07/2014)

Homilia do Jubileu Sacerdotal dos Padres Ordenados em 1964 (02/08/2014)

Homilia de Início do Múnus de Párcos da Sé (31/08/2014)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 12:36 (2014)

Homilia na Senhora do Castelinho (08/09/2014)

Homilia da Dedicção da Catedral e abertura do Ano Pastoral (09/09/2014)

Sessão solene na celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014)

Homilia da Celebração dos 150 anos do Seminário Maior do Porto (15/09/2014)

Homilia na Festa de Nossa Senhora da Ajuda (21/09/2014)

Homilia da Eucaristia de memória dos bispos, sacerdotes e diáconos do Porto (29/09/2014)

Homilia na Festa de S. Cosme (06/10/2014)

Homilia da Solenidade de Nossa Senhora de Vandoma, Padroeira da Cidade do Porto (11/10/2014)

Homilia nas Exéquias do Padre António Garrido (13/10/2014)

A realidade do sonho na alegria da missão (25/10/2014)

Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição e ordenação de diáconos (08/12/2014)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 13:37 (2015)

Homilia na Vigília da Festa de S. Gonçalo de Amarante (10/01/2015)

Homilia no Encontro Nacional de Leigos (25/01/2015)

Homilia na Festa de S. João Bosco (30/01/2015)

Homilia na Festa de S. Brás (03/02/2015)

Homilia de Quarta-feira de Cinzas (18/02/2015)

Homilia no Dia da Comunidade da Paróquia de Nossa Senhora da Areosa (01/03/2015)

Homilia de Domingo de Ramos (29/03/2015)

Homilia da Missa Crismal (02/04/2015)

Homilia da Celebração da Paixão do Senhor (03/04/2015)

Homilia do Domingo de Páscoa (05/04/2015)

Homilia da Missa de 7º dia por Manoel de Oliveira (07/04/2015)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 13:38 (2015)

Homilia do Cinquentenário da presença dos Padres Passionistas na Diocese do Porto (10/05/2015)

Homilia na Festa de Nossa Senhora da Hora (14/05/2015)

Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade (31/05/2015)

Homilia no Dia Diocesano da Família (31/05/2015)

Homilia da Solenidade do Corpo de Deus (07/06/2015)

Homilia na paróquia de Santo António de Corim (14/06/2015)

Homilia de Ordenações de diáconos e presbíteros (12/07/2015)

Homilia na Festa de Nossa Senhora das Dores (16/08/2015)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 13:39 (2015)

Homilia da Eucaristia de memória dos Bispos, Sacerdotes e Diáconos do Porto (29/09/2015)

Mensagem na celebração de abertura do Festival Internacional de Música de Órgão do Porto (11/10/2015)

Mensagem à Diocese: Plano de Pastoral; Semana dos Seminários; Gratidão a D. João Lavrador (28/10/2015)

Homilia nas Exéquias do Padre Leonel Oliveira (03/11/2015)

Homilia da Solenidade de Jesus Cristo Rei e Senhor do Universo (22/11/2015)

Homilia do Aniversário da Igreja dos Clérigos (12/12/2015)

Homilia na Solenidade do Natal do Senhor (25/12/2015)
Homilia da Ordenação do diácono dehoniano Antonino Sousa (27/12/2015)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 14:40 (2016)

Homilia da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus (01/01/2016)
Homilia nas Exéquias do Padre António Pereira da Silva Vieira (06/01/2016)
Homilia das Jornadas de Teologia (04/02/2016)
Homilia da Ordenação Episcopal de D. António Augusto de Oliveira

Azevedo (19/03/2016)

Homilia da Missa Crismal (24/03/2016)
Homilia da Missa da Ceia do Senhor (24/03/2016)
Homilia da Vigília Pascal (26/03/2016)

Homilia na Transladação da Venerável Sílvia Cardoso para a Igreja matriz de Paços de Ferreira (03/04/2016)

Homilia nos 150 anos das Irmãs Doroteias em Portugal (09/04/2016)

Homilia da Receção à Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima (10/04/2016)

Homilia do Domingo do Bom Pastor (16/04/2016)

Homilia na Peregrinação dos Frágeis (17/04/2016)

Solidariedade com a Ucrânia (22/04/2016)

Homilia no Dia Diocesano da Família (24/04/2016)

Homilia na Procissão de Velas na Cidade da Virgem (30/04/2016)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 14:41 (2016)

Homilia na Bênção dos Finalistas (01/05/2016)

Homilia nas Exéquias de Monsenhor Alexandrino Alves Ferreira Brochado (20/05/2016)

Homilia da Solenidade da Santíssima Trindade (22/05/2016)

Nota Pastoral: Visita da Imagem Peregrina – Um olhar de gratidão e um desafio de missão (31/05/2016)

Homilia na Festa das Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora (11/06/2016)

Homilia no aniversário do Círculo Católico de Operários do Porto (19/06/2016)

Misericordiosos como o Pai: sobre as ordenações de diáconos e presbíteros (27/06/2016)

Homilia na Festa da Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade – Porto (03/07/2016)

Homilia nos 60 anos da morte do Padre Américo Monteiro de Aguiar (16/07/2016)

Homilia de Ordenações de Diáconos e Presbíteros no Porto (10/07/2016)

Homilia da Peregrinação vicarial de Felgueiras ao Santuário de Santa Quitéria (14/08/2016)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 14:42 (2016)

Visitas Pastorais na Diocese do Porto (09/09/2016)

Nota Pastoral – O exemplo, a gratidão e a memória da Igreja (20/09/2016)

Homilia no Jubileu dos Catequistas no Porto (25/09/2016)

Semana dos Seminários, Conclusão do Ano Santo da Misericórdia e Caminhada de Advento-Natal (06/11/2016)

Homilia da Solenidade de Cristo Rei (20/11/2016)

Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição (08/12/2016)
 Homilia nas Exéquias do Padre Joaquim Ferreira Casaca (19/12/2016)
 Mensagem de Natal: Com Maria e José sonhar a alegria do Natal (21/12/2016)
 Homilia da Solenidade do Natal do Senhor (25/12/2016)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 15:43 (2017)
 Homilia na Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, 50º Dia Mundial da Paz (01/01/2017)
 Em homenagem e em gratidão ao Professor Doutor Daniel Serrão (09/01/2017)
 Nota Pastoral: A santidade, fonte de alegria e de bênção (19/01/2017)
 Homilia de Quarta-feira de Cinzas (01/03/2017)
 Homilia do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor (09/04/2017)
 Homilia da Missa Crismal (13/04/2017)
 Homilia da Vigília Pascal (15/04/2017)
 Homilia da Páscoa da Ressurreição do Senhor (16/04/2017)
 Carta Pastoral – Peregrinos com Maria pelas fontes da alegria pascal (16/04/2017)
 Homilia da Festa das Missões na Diocese do Porto (30/04/2017)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 15:44 (2017)
 Uma sessão centrada em três momentos essenciais (17/04/2017)
 Inauguração do restauro dos órgãos históricos da Sé do Porto (29/04/2017)
 Homilia na Bênção das Pastas (07/05/2017)
 Homilia no Dia Diocesano da Família (01/06/2017)
 Homilia no Dia da *Voz Portucalense* (04/06/2017)
 Homilia da Solenidade de Pentecostes (04/06/2017)
 Peregrinação Nacional da Sociedade Missionária da Boa Nova ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima (18/06/2017)
 Homilia no Dia do Apostolado de Oração (25/06/2017)
 Ordenações de diáconos e presbíteros: Sentinelas da madrugada onde brilha o rosto de Jesus e da Igreja (02/07/2017)
 Homilia de Ordenação de diáconos e presbíteros (09/07/2017)
 Homilia na Peregrinação da Família Comboniana ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima (22/07/2017)
 Homilia da Vigília da Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso (05/08/2017)
 Homilia da Dedicção da Igreja de Vila Verde e Homenagem a D. João Miranda (12/08/2017)
 Homilia da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção (15/08/2017)
 Homilia na Festa de São Mamede (17/08/2017)
 Homilia na Festa de Santo Tirso (20/08/2017)

Igreja Portucalense: Boletim da Diocese do Porto. 2ª série. 15:45 (2017)
 Homilia da Peregrinação da Diocese do Porto a Fátima (09/09/2017)
 Homilia na Missa Exequial de D. António Francisco dos Santos (11/09/2017)
 Homilia na Missa de 7º dia de D. António Francisco dos Santos (18/09/2017)
 Homilia na Missa de 30º dia de D. António Francisco dos Santos (11/10/2017)

IRMANDADE DOS CLÉRIGOS. *Obrigado: D. António Francisco dos Santos, Bispo do Porto*. Edição pontual. Porto: Irmandade dos Clérigos, 2017.

SANTOS, António Francisco dos – *In manus Tuas*. 2ª ed. Aveiro: Tempo Nova Edição, 2018.

Testemunho Vocacional de D. António Francisco dos Santos

Saudação do Bispo eleito à diocese de Aveiro (21/09/2006)

Entrevista de D. António Francisco dos Santos ao *Diário do Minho* e à *Rádio Renascença* (07/12/2006)

Homilia de Entrada na diocese de Aveiro (08/12/2006)

Intervenção no Jantar de acolhimento no Parque de Exposições de Aveiro (09/12/2006)

Entrevista de D. António Francisco dos Santos ao *Correio do Vouga* (13/12/2006)

Dia do Consagrado (23/01/2007)

Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2007)

Semana de Oração pelas Vocações (20/04/2007)

Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2007)

Domingo de Ramos – Jornada Diocesana da Juventude (12/03/2008)

Nota Pastoral – Casa Sacerdotal (20/03/2008)

Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/03/2008)

Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2008)

Homilia da Celebração dos 200 anos da proclamação de Santa Joana Princesa como protetora de Aveiro (05/08/2008)

Homilia do Dia da Missão (08/12/2013)

Homilia da Quinta-feira Santa – Missa Crismal (09/04/2009)

Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2009)

Ano Sacerdotal (11/06/2009)

Homilia na celebração das ordenações (12/07/2009)

Catequese – A Sociedade contemporânea e a Fé: questionamentos e desafios – Festival Jota (25/07/2009)

Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (01/04/2010)

Homilia na Ordenação Presbiteral (11/07/2010)

Mensagem para a Semana dos Seminários (18/10/2010)

Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (21/04/2011)

Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2011)

Homilia no 60º Aniversário do Seminário (14/11/2011)

Homilia de Quinta-feira Santa – Missa Crismal (05/04/2012)

Homilia no Jubileu Sacerdotal (10/05/2012)

Igreja de Aveiro em Missão Jubilar (12/05/2012)

Homilia da Solenidade de Santa Joana Princesa (12/05/2012)

Sessão/debate – Ação Social: Protagonistas (30/11/2012)

Mensagem da Quaresma (13/02/2013)

Mensagem Pascal (27/03/2013)

Homilia da Quinta-feira Santa – Missa Crismal (28/03/2013)

Homilia do Dia da Peregrinação a Santa Joana (12/05/2013)

Nota Pastoral – Uma aventura de amor pela Igreja (26/05/2013)

Mensagem à Diocese (03/06/2013)

Homilia de Inauguração da Casa Sacerdotal (07/06/2013)

Mensagem à Diocese (28/07/2013)

Apresentação – Caminhada das Bem-aventuranças (21/09/2013)
Apresentação da Missão Jubilar (21/09/2013)
Homilia nas Exéquias de D. António Marcelino (11/10/2013)
Mensagem à diocese (04/11/2013)
Homilia na ordenação presbiteral (17/11/2013)
Mensagem à Diocese – Dia da Missão (03/12/2013)
Mensagem – Dia da Missão (08/12/2013)
Homilia do Dia da Missão (08/12/2013)
Homilia – Dia da Memória (11/12/2013)
Homilia na semana dos consagrados (02/02/2014)
Homilia da Eucaristia de Ação de Graças pelo (...) Ministério em Aveiro (09/03/2014)

Secundárias

ANÓNIMO – *Les Odes de Salomon*. Présentation et traduction par *Éphrem Azar*. *Sagases Chrétiennes*. Paris: CERF, 1996.

Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. 8ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2012.

EUSÉBIO DE CESAREIA – *Historia Ecclesiastica*, SCh 31. Paris: CERF, 1986.

————— *Historia Ecclesiastica*, SCh 41. Paris: CERF, 1955.

GREGORIO DE NISA – *Sobre La Vocación Cristiana*. Introdução, tradução do grego e notas de Lucas F. Mateo Seco. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1992.

————— *Vida de Moisés*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.

HERMAS – *O Pastor*. Edição Bilingue. Tradução de M. Luís Marques. Introdução, revisão, notas e direção de Isidro P. Lamelas. Lisboa: Livraria Alcala, 2003.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1939-1958 (Pio XII) – *Menti Nostrae*: (Exortação Apostólica de 23 de setembro de 1950). *AAS*. 42 (1950) 657-702.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição *Sacrosanctum Concilium*. *AAS*. 56 (1964) 97-138.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. *AAS*. 57 (1965) 5-71.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Perfectae Caritatis*. *AAS*. 58 (1966) 702-712.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Optatam Totius*. *AAS*. 58 (1966) 713-727.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Dei Verbum*. *AAS*. 58 (1966) 817-830.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Ad Gentes*. *AAS*. 58 (1966) 947-990.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Presbyterorum Ordinis*. *AAS*. 58 (1966) 991-1024.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. *AAS*. 58 (1966) 1025-1115.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Marialis Cultus*: (Exortação Apostólica de 2 de fevereiro de 1974). *AAS*. 66 (1974) 113-168.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Evangelii Nuntiandi*: (Exortação Apostólica de 8 de dezembro de 1975). *AAS*. 68 (1976) 5-76.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Christifideles Laici*: (Exortação Apostólica de 30 de dezembro de 1988). *AAS*. 81 (1989) 393-521.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Redemptoris Missio*: (Encíclica de 7 de dezembro de 1990). *AAS*. 83 (1991) 249-340.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastor Dabo Vobis*: (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 25 de março de 1992). *AAS*. 84 (1992) 657-804.

IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO INTERDICASTRIAL PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica (CdIC)*. 2ª ed. portuguesa. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Inuente*: (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 266-309.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ecclesia de Eucharistia*: (Carta Encíclica de 14 de abril de 2003). *AAS*. 95 (2003) 433-475.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Deus Caritas est*: (Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005). *AAS*. 98 (2006) 217-252.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Spe Salvi*: (Carta Encíclica de 30 de novembro de 2007). *AAS*. 99 (2007) 985-1027.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Verbum Domini*: (Exortação Apostólica de 30 de setembro de 2010). *AAS*. 102 (2010) 681-787.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – *Evangelii Gaudium*: (Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013). *AAS*. 105 (2013) 1019-1137.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Carta do Papa Francisco ao cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (19 de março de 2016)

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso por ocasião da Abertura da 70ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana (22 de maio de 2017)

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170522_70assemblea-cei.html

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Carta ao Povo de Deus (20 de agosto de 2018)

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html

Papa Francisco – *Alegrai-vos e exultai*. Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* sobre o Chamamento à Santidade no Mundo Atual. Prior Velho: Paulinas Editora, 2018.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso à primeira Congregação geral da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (03 de outubro de 2018)

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013– (Francisco) – Discurso conclusivo do encontro sobre «*A proteção de menores na Igreja*» (24 de fevereiro de 2019)

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190224_incontro-protezioneminori-chiusura.html#_ftn17

IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO EPISCOPAL PORTUGUESA DAS VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS – *O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

Papa Francisco – *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos Jovens e a todo o Povo de Deus. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

Papa Francisco – *Querida Amazônia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.

ESTUDOS

ANÓNIMO [Gerardo Groote] – *Imitação de Cristo*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

AUGUSTIN, George [ed. lit.] – *El desafío de la nueva evangelización: impulsos para la revitalización de la fe*. Santander: Sal Terrae, 2012.

AUGUSTIN, George – *Colaboradores da Vossa Alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

————— *Por uma Igreja “em saída”: Impulsos da Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

————— *Eu sou uma missão: Testemunho cristão da vida*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

AA.VV. – *A Virgem Maria na Liturgia da Igreja*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

AZEVEDO, Carlos – *Ser Padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

BIANCHI, Enzo – *A Los Presbíteros*. 5ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012.

————— *Ser Presbíteros Hoy*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

BIFET, Juan Esquerda – *Teología del Sacerdocio: Historia de la Espiritualidad Sacerdotal*. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1985.

BRAVO, António – *A oração: dom e tarefa. Um caminho de plenitude e de ação comprometida do servidor do Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010.

COELHO, António – *A Importância da Cultura Litúrgica na Vida Espiritual*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

COELHO, Francisco José Serna – *Rezar as Bem-Aventuranças*. 3ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

CORDOVILLA, Ángel – «*Como el Padre me envío, así os envío yo*»: *teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019.

COUTO, António – *Pentateuco: caminho de Vida Agraciada*. 2ª ed. 1ª r. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

————— *A Misericórdia: lugar e modo*. Santa Maria da Feira: Letras e Coisas, 2016.

DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *Quando os Monges eram uma civilização... Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

EPICOCO, Luigi Maria – *Sal, não mel: para uma Fé que incendeie*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

FERNÁNDEZ FARES, Diego Javier – *El Olor del Pastor: El ministerio pastoral en la visión del papa Francisco*. Cantabria: Sal Terrae, 2015.

FISICHELLA, Rino – *La nueva evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2019.

GAMARRA MAYOR, Saturnino – *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*. 2ª r. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2015.

GUARDINI, Romano – *O Senhor: meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

————— *Fe, Amor e Santidad*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2017.

GRESHAKE, Gisbert – *Ser Sacerdote Hoy: Teología, praxis pastoral y espiritualidad*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

HAMMAN, Adalbert-G. – *Para Ler Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulus Editora, 1995.

KASPER, Walter – *El Sacerdote: Servidor de la Alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.

————— *Papa Francisco, A revolução da misericórdia e do amor: Raízes teológicas e perspectivas pastorais*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

LLANOS, Mário Óscar – *Servir as Vocações na Igreja: Pastoral Vocacional e Pedagogia da Vocação*. Porto: Edições Salesianas, 2009.

MANARANCHE, André – *Padres à maneira dos Apóstolos*. Lisboa: União Gráfica, 1970.

MARCOVITS, Paul-Dominique – *As pequenas Bem-Aventuranças*. Lisboa: Paulus Editora, 2008.

MARTINI, Carlo Maria – *La Vocación en la Biblia: De la vocación bautismal a la vocación presbiteral*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013.

————— *Os Verbos de Deus: com reflexões sobre os milagres de Jesus e sobre o sonho de uma existência alternativa*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

MENDONÇA, José Tolentino – *Uma Beleza que nos Pertence*. Lisboa: Quetzal, 2019.

NASCIMENTO, Ariosto dos Santos – *O Matrimónio Cristão como Sacramento da Fé: Uma leitura teológico-pastoral do pensamento de Walter Kasper*. Dissertação de Mestrado Integrado em Teologia. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2016.

NOUWEN, Henri – *Aqui e Agora: Vida no Espírito*. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2002.

————— *Formação Espiritual: Seguindo os Movimentos do Espírito*. Braga: Editorial A.O., 2017.

O'MALLEY, Seán – *Procura-se Amigos e Lavadores de Pés*. 1ª r. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

————— *Gambiarra de luz*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiología: la sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

PINHO, Arnaldo de – *Teologia e Interpretação*. Santa Maria da Feira: Letras e Coisas, 2012.

POTTERIE, Ignacio de la – *Teología del Sacerdocio: El ministerio y el corazón de Cristo*. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1983.

RATZINGER, Joseph; VON BALTHASAR, Hans – *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

RATZINGER, Joseph – *Caminhar juntos na Fé: a Igreja como «Comunhão»*. Braga: Editorial A.O., 2005.

————— *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*. Cascais: Principia, 2005.

————— *O Caminho Pascal*. 2ª ed. Cascais: Lucerna, 2019.

RATZINGER, Joseph / BENEDICTO XVI – *Jesus de Nazaré*. 3ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

————— *El credo, hoy*. Santander: Sal Terrae, 2012.

————— *Jesus de Nazaré: A Infância de Jesus*. Cascais: Principia Editora, 2012.

————— *Predicadores de la palabra y servidores de vuestra alegría: Teología y espiritualidad del sacramento del Orden*. 3ª r. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018, vol. 12.

- *Por Amor*. Cascais: Lucerna, 2019.
- *Os Sacramentos: sinais de Deus no Mundo*. Cascais: Lucerna, 2020.
- ROPERO, Alfonso (org.) – *Lo mejor de Juan Clímaco*. Barcelona: Editorial CLIE, 2001.
- RAMOS-LISSÓN, Domingo – *Patrología*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.
- SARAH, Robert – *Deus ou nada: entrevista sobre a fé*. Cascais: Lucerna, 2016.
- SCHÖNBORN, Christoph – *A Alegria de ser padre: A exemplo do Cura d’Ars*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010.
- SCQUIZZATO, Paolo – *O Elogio da Imperfeição: o caminho da fragilidade*. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017.
- TAGLE, Luis Antonio – *Aprender com os últimos: a minha vida, as minhas esperanças*. Lisboa: Paulus Editora, 2017.
- TRITSCH, Walther – *Introduzione Allla Mistica: fonti e documenti*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995.
- URIARTE GOIRICELAYA, Juan María; CORDOVILLA PÉREZ, Ángel; FERNÁNDEZ-MARTOS, José María – *Ser sacerdote en la cultura actual*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010.
- URIARTE GOIRICELAYA, Juan María – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 2016.
- *Servir como pastores: Claves de la espiritualidad sacerdotal*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 2019.
- URÍBARRI BILBAO, Gabino – *La mística de Jesús: desafío y propuesta*. 2ª ed. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2017.
- *Teología de ojos abiertos: Doctrina, cultura y evangelización*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2018.
- *Santidad misionera: Fuentes, marco y contenido de Gaudete et exsultate*. Cantabria: Sal Terrae, 2019.
- VAN THUAN, Francisco Xavier Nguyen – *O Caminho da Esperança: testemunhar com alegria a pertença a Cristo*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007.
- VANHOYE, Albert – *Sacerdotes Antiguos, Sacerdote Nuevo: Según el Nuevo Testamento*. 5ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.
- VON BALTHASAR, Hans Urs – Teología y santidad. In IDEM – *Ensayos teológicos*, vol. 1: *Verbum Caro*. Madrid: Encuentro, p. 195-208.
- Teologia e santidad. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. 4:6 (1987) 487-495.
- *Córdula ou o momento decisivo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

WILLIAMS, Rowan – *Ser Discípulo: rasgos esenciales de la vida cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019.

SUBSÍDIOS

ANCILLI, E. – Santidad Cristiana. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. por Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1984, vol. 3, p. 346-355.

BETTIOLO, Paolo – Perfecto. In *Diccionario de Orígenes: la cultura, el pensamiento, las obras*. Org. Adele Monaci Castagno. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003, p. 724-728.

CASTELLANO CERVERA, Jesús – Bienaventuranza. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. por Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1983, vol. 1, p. 251-253.

COUILLEAN, Gueric – Perfection: Pères et Premiers Moines. *DSp* 12.1, col. 1081-1118.

DATTRINO, Lorenzo – Padres da Igreja. In *Dicionário de Orientação Vocacional*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008, p. 1038-1044.

GENTILI, Antonio; GOFFI, Tullo – Vocação à Santidade. In *Dicionário de Orientação Vocacional*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008, p. 1457-1463.

HAAG, H.; VAN DER BORN, A.; AUSEJO, S. de. – *Diccionario de la biblia*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, col. 11-13.

KÖPF – Echelle spirituelle. In *Dictionnaire de la mystique*. Brepols: Informatique et Bible, 1993, p. 236-239.

MAGGIONI, Bruno – Bem-Aventuranças. In *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2004, p. 113-114.

SALGUERO, Guisepe – Bienaventuranças Evangélicas. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. por Ermanno Ancilli. Barcelona: Editorial Herder, 1983, vol. 1, p. 253-264.

Santo. In *Diccionario de la Biblia*. Org. de Serafín de Ausejo. Barcelona: Editorial Herder, 1967, col. 1799-1804.

Santo/Santidade. In *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Org. de Isidro Pereira. 8ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998, p. 5.

Santo, santidad, santificación. In *Diccionario de San Hilario de Poitiers*. Org. de Luis F. Ladaria. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2006, p. 295-296.

SCHILLING, Othmar – Abraão. In *Dicionário de teologia bíblica*. Dir. por Johannes B. Bauer. São Paulo: Edições Loyola, 1979, vol. 1, p. 1-4.

SCHRODT, Paul – Santos. In *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Org. de Allan D. Fitzgerald. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 1174-1177.

SPLETT, Jörg – Historia de los Santos. In *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1976, vol. 6, col. 256-266.

STRAW, Carole – Martirio. In *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Org. de Allan D. Fitzgerald. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 858-864.

ÍNDICE

EPÍGRAFE.....	1
RESUMO/ <i>ABSTRACT</i>	3
SIGLÁRIO	5
INTRODUÇÃO.....	7

PARTE I

A SANTIDADE: PORTA DO CÉU, CALENDÁRIO DA VIDA

CAPÍTULO I – «FALA, SENHOR, QUE O TEU SERVO ESCUTA» (1Sam. 3, 9d)

1. «Porque eu levava o teu Nome» (Jer. 15, 16c): a vocação na Escritura.....	19
1.1 Uma leitura vocacional da História Bíblico-Salvífica.....	21
1.1.1 Abraão: a instabilidade de uma chamada	21
1.1.2 Moisés: uma vocação em vários tempos	24
1.1.3 Samuel: a consciência de um povo.....	28
1.1.4 Jeremias: «a tua palavra era festa e alegria para o meu coração» (Jer. 15, 16b)	30
1.1.5 A vocação desde os Evangelhos Sinóticos.....	32
1.2 A Vocação no (per)curso Soteriológico Cristão.....	34
1.2.1 Os Evangelhos como escolas de Iniciação Cristã.....	34
1.2.2 Os Ministérios na Vida Cristã	36
1.2.3 A estrutura da Vocação Cristã.....	38
1.3 A Palavra de Deus: porta de encontro com Deus no caminho com os irmãos	38
1.3.1 Palavra de Deus como Palavra, Realidade e Dinamicidade	39
1.3.2 Ser ouvinte e fazer(-se) discípulo(s) da Palavra de Deus	42
1.3.2.1 Da escuta ao discipulado pela Palavra de Deus	43
1.3.2.2 Testemunhos (quali)ficados da Palavra de Deus	45
1.3.3 O Ministério da Palavra, <i>diakonia</i> da evangelização	47
1.3.4 A Palavra de Deus e a Santificação: um caminho de “servir o pão e a palavra”	48
1.3.4.1 O presbítero, modelo (humano) do rebanho	49

1.3.4.2 A santificação e a mundanidade.....	49
1.3.4.3 A santificação e a Palavra de Deus	50
2. A Santidade na Sagrada Escritura: uma vocação a partir da (Revel)ação	51
2.1 «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev. 19, 2b).....	52
2.2 A Santificação do Presbítero como a chave da essência do Sacramento da Ordem	56

CAPÍTULO II – A SANTIDADE NA PATRÍSTICA: UM CAMINHO DE PERFEIÇÃO

1. Das <i>Odes de Salomão</i> aos Padres Apostólicos.....	61
1.1 <i>Odes de Salomão</i> : a alegria da Santidade.....	61
1.2 Escatologia e Perfeição.....	63
1.3 Martírio e Perfeição	64
1.4 A Dinâmica das “duas vias” (<i>Didaché</i> 1,4.6,2).....	65
2. Perfeição e Gnose.....	66
2.1 Ireneu de Lyon (± 130-202).....	67
2.2 Clemente de Alexandria (± 150-215).....	69
2.3 Orígenes de Alexandria (± 185-254).....	73
2.4 A parábola do jovem rico (cf. Mt. 19, 16-22) segundo Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria.....	77
3. Monaquismo e Perfeição	79
3.1 Os antecedentes do Monaquismo: virgindade, gnose e monaquismo ..	80
3.2 Primeira geração monástica.....	81
3.3 Em redor do século V: o <i>livro Gradual</i> , Macário do Egípto (± 300-391), Gregório de Nissa (± 331-394), João Cassiano (± 360-435) e Evágrio Pôntico (± 345-399), Agostinho de Hipona (± 354-430)	83
3.4 Bento de Núrsia (± 480-547) e João Clímaco (± 525-606): da <i>Regra à Escada</i>	90
4 Outros marcos patrísticos sobre a santidade.....	95

CAPÍTULO III – A SANTIDADE NA VIVÊNCIA SACERDOTAL A PARTIR DO II CONCÍLIO DO VATICANO (1962-1965)

1. O Chamamento Universal à Santidade a partir da Vida Quotidiana	97
1.1 O Batismo: porta de santificação, caminho de caridade.....	98

1.2	Por Cristo ao Pai: a centralidade do Mistério como caminho santificador	101
1.3	A Santidade como realidade pessoal e (com)unitária.....	104
2.	Da “Santidade Comum dos Fiéis” à “Santidade Ministerial”	107
3.	Santidade Ministerial.....	110
3.1	<i>Character indelebilis</i> e Sinal de Humildade.....	116
3.2	<i>Imitamini quod tractatis</i>	117
3.3	A santidade como serviço aos outros	120
3.4	<i>De por vida</i>	121

PARTE II

O MINISTÉRIO EPISCOPAL DA SANTIDADE EM D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS (2006-2017)

CAPÍTULO I – BIOGRAFIA DE D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS (1948-2017): UMA VIDA DE ENTREGA COM A MARCA DO EVANGELHO

1.	O brilho feliz e o olhar complacente de ser padre	125
2.	<i>In Manus Tuas</i> : o chamamento a uma entrega maior.....	128
3.	O desejo de a todos servir como Deus quer e ama.....	129

CAPÍTULO II – MARCAS CONSTITUTIVAS DE UMA ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL EM D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS

1.	Da Vocação à Missão: a Caridade Pastoral como sinal de Cristo	137
1.1	A Vocação como (re)encontro do homem com Deus.....	138
1.2	A Igreja, Sinal Sacramental da Vocação Caritativa	139
1.3	A Eucaristia, porta da Caridade Pastoral	143
1.4	A <i>Caritas Pastoralis</i> : da identidade à realidade de um ministério de serviço.....	148
2.	A Vi(d)ja de Gratidão: um caminho de discernimento de (cor)ação	155
2.1	A Ação de Graças na génese da vocação.....	156
2.2	Aos Sacerdotes: louvor, comunhão e gratidão	157
2.3	A Diocese: lugar de profecia de uma humanidade viva e de um mundo justo	159

2.4 Deus, origem e fim da gratidão	159
3. A Fraternidade Presbiteral: do presbitério ao pastor	161
3.1 O Seminário: compromisso de formação, comunhão de amor.....	162
3.2 O Presbitério: lugar dos “sacerdotes do Senhor” e dos “ministros de Deus”	164
3.2.1 A essência constitutiva do presbitério	167
3.2.1 Da unidade ministerial à fraternidade presbiteral.....	168
3.3 A Igreja: comunidade pastoral, rosto de misericórdia.....	170
3.4 A Eucaristia como Refeição de família, Banquete da festa e Sinal de Páscoa	174
3.5 O presbítero: pastor da comunidade, servo de comunhão	175
3.5.1 O pastor, portador de tesouros da graça e do amor de Deus	176
3.5.1.1 Jesus Cristo: Modelo de Pastor	177
3.5.1.2 O “serviço de amor” como a essência do pastor	179
3.5.1.3 O dinamismo missionário do pastor.....	180
3.5.2 A beleza da fidelidade do pastor	184
3.5.2.1 Da Fidelidade de Cristo à fidelidade do pastor.....	185
3.5.2.2 A fidelidade do pastor no testemunho da esperança	187
3.5.3 O pastor, sentinela da esperança	190
3.5.3.1 A esperança quotidiana	191
3.5.3.2 O presbitério, unidade de esperança	192
3.5.3.3 A Igreja como porta(dora) da esperança.....	194
4. As bem-aventuranças: sinal visível do Reino de Deus na (consagr)ação do ministério	195
4.1 As bem-aventuranças: projeto de Deus, ideário em Cristo, meta para o homem	197
4.1.1 O caminho peregrinante dos bem-aventurados	198
4.1.2 A montanha: lugar do sonho do homem.....	199
4.2 As bem-aventuranças, evangelho para o nosso tempo	200
4.3 O padrão das bem-aventuranças na vida ministerial	203
4.3.1 O ministério, caminho das bem-aventuranças.....	204
4.3.2 O pastor, protagonista e modelo das bem-aventuraças.....	205
5. A Oração, escola do amor; Maria, escola e modelo de discipulado	206

5.1 A Oração: escola do amor por Deus, pelos outros e pelo mundo	207
5.2 Maria, escola e modelo de discipulado	211
5.2.1 A mãe, escola de vocação	212
5.2.2 Maria, mãe de Deus	213
5.2.3 Maria, modelo da caridade da Igreja	213
5.2.4 O canto do <i>Magnificat</i>	217

**CAPÍTULO III – D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS: O SERVIÇO E A BONDADE
COMO MARCAS DA SANTIDADE DO PASTOR MISSIONÁRIO**

1. A santidade do ministério do pastor na doação de vida	221
1.1 O serviço amoroso do pastor como caminho de santificação	222
1.2 Do modelo de Pastor ao sentido de pastoreio: um caminho de santificação pessoal	225
1.3 As bem-aventuranças: identidade de (santific)ação	226
1.4 A esperança do pastor como desejo de santidade	229
1.5 O dinamismo santificador da missão do pastor	230
1.6 A fraternidade presbiteral: lugar de santidade	233
2. A bondade: espelho de santidade medi(a)da pela caridade	236
2.1 O ministério da bondade como sinal de caridade	237
2.2 A cultura do encontro: caminho de santidade (carit)ativa	239
2.3 A Eucaristia: porta de santidade pela caridade pastoral	241
3. A paixão evangelizadora como missão universal de santidade	244
3.1 Viver em Igreja a paixão evangelizadora	245
3.2 Leituras contextualizadoras e propostas congregadoras para uma eclesiologia missionária	251
3.2.1 A eclesiologia missionária a partir do II Concílio do Vaticano	252
3.2.2 Da missão à santidade na vida da Igreja: a “Teologia de olhos abertos”	258
CONCLUSÃO	265
BIBLIOGRAFIA	271
ÍNDICE	285

